

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Patricia Nardelli Pinto Santana

Autoajuda e Divulgação Científica: Interseções

Porto Alegre
2014

Patricia Nardelli Pinto Santana

Autoajuda e Divulgação Científica: Interseções

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabíola Rohden

Porto Alegre
2014

Patricia Nardelli Pinto Santana

Autoajuda e Divulgação Científica: Interseções

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabíola Rohden

COMISSÃO AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Fabíola Rohden (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Heloísa Paim
Núcleo de Antropologia e Cidadania (UFRGS)

Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos
Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Paula Sandrine Machado
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS)

Porto Alegre
2014

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter me dado a oportunidade de retornar à antropologia. Agradeço também à minha orientadora, Fabíola Rohden, pelo interesse no tema e por ter aceitado o desafio de me colocar novamente nos rumos acadêmicos.

À Lia Zanotta Machado, por todos os ensinamentos passados sobre métodos de pesquisa, gênero e feminismo que me foram dados durante a minha graduação na Universidade de Brasília.

À minha orientadora, Fabíola Rohden, por ter aceito o desafio de me reintroduzir na pesquisa acadêmica.

Agradeço aos meus pais, por terem apoiado a minha decisão e terem sido fundamentais ao longo dos dois anos dedicados ao mestrado. Especialmente à minha mãe, quando me pergunta qual a serventia de se estudar algo que, à primeira vista, parece não ter nenhuma importância.

A todos os amigos e amigas que estiveram junto comigo, prometendo mimos para quando eu terminasse o trabalho que os privou tanto da minha presença. Agradeço especialmente ao Lucas e à Lara, pelos momentos compartilhados de desespero com a dissertação, pela cobrança de escrita dentro dos prazos, e os drinks no Capone. Também à Julia e ao Vítor, por fazerem de Porto Alegre um lugar melhor para morar.

RESUMO

A literatura de autoajuda é um fenômeno recente sobre o qual poucas considerações foram tecidas. Dentre seus muitos representantes, encontram-se aqueles que se utilizam amplamente de recursos científicos para demonstrar seu ponto e embasar suas orientações. Esta dissertação se debruça sobre a obra de dois autores de *best sellers* deste tipo, Allan e Barbara Pease, e possui o intuito de discuti-la enquanto material de divulgação científica. A partir da análise etnográfica, tentei contextualizar esta produção de autoajuda científica, buscando conecta-la com aspectos mais amplos da sociedade englobante, e investigar as noções de gênero, sexo e natureza contida neles. Esse esforço é realizado sob o viés da investigação sobre a divulgação científica, a saber, a relação entre expertise científica e público leigo. Assim, mobilizo referências que exploram a relação entre o conhecimento científico e o público leigo, de modo a não toma-la como relação de mão única. Através da análise do conteúdo dos livros dos autores são pensadas as categorias de autoajuda científica e o modo como são representadas as noções de sexo e gênero. Do mesmo modo, a investigação de algumas fontes científicas mobilizadas por Allan e Barbara Pease permitem pensar o que está em jogo neste tipo de produção literária. Por fim, busco compreender o fenômeno da autoajuda científica no contexto de uma biopolítica do século XXI.

Palavras-chave: Autoajuda; Gênero; Sexo; Ciência; Divulgação Científica.

ABSTRACT

Self-help literature is a recent phenomenon about which there have been few considerations. Among its many examples, there are those which greatly take from scientific resources in order to get their point across and base their orientations. This dissertation is about the works of two best-selling authors in this genre, Allan and Barbara Pease, intending to discuss them as scientific divulgation material. Through an ethnographic analysis I've tried to give context to this production of a scientific self-help literature, connecting it with wider social aspects and investigating the notions of gender, sex and nature in them. This effort is made under the studies of scientific divulgation which means it recognizes the question as a relation that goes both ways between scientific knowledge and common-sense. Thus, I raise a discussion about the content of the authors' books in relation to other materials written about this subject, and I also analyze the way in which their scientific sources are gathered. Finally, I intend to understand the phenomenon of scientific self-help literature in the biopolitical context of the 21st century.

Keywords: Self-help; Gender; Sex; Science; Scientific Divulgation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. Diretrizes Teóricas	14
2. Diretrizes Metodológicas	27
1. PENSANDO A AUTOAJUDA	34
1. O que é autoajuda	34
2. O mercado de autoajuda (o caso da Editora Sextante)	42
3. Allan e Barbara Pease	45
4. Os livros	50
4.1 O problema	50
4.2 A evolução	57
4.3 O cérebro e os hormônios: a diferença sexual	66
4.4 O sexo, o amor e o casamento	88
4.5 Orientação sexual	98
4.6 A solução (e algumas considerações preliminares)	99
5. Sexo X gênero (um adendo)	102
2. A CIÊNCIA REFERENCIADA NOS LIVROS DE AUTOAJUDA	106
1. Algumas Fontes de Referência	108
1.1 Anne Moir	108
1.2 Andreas Bartels e Semir Zeki	113
1.3 Bruce Ellis e Donald Symons	119
1.4 Daniel Nettles e Thomas Pollet	123
1.5 David Buss	129
1.6 Devendra Singh	134
1.7 Elaine Nocks Elizabeth Hill e Lucinda Garner	140

1.8 Gunter Dörner _____	144
1.9 Paul Ekman _____	148
2. Conectando _____	152
2.1 O ser humano é um animal _____	159
2.2 A verdade do sujeito _____	163
2.3 O sexo do cérebro _____	164
3. A OBRA DOS PEASE: UM PROJETO DE SOCIEDADE? _____	168
3.1 Como analisar os livros de autoajuda sob a luz de processos complexos da contemporaneidade? _____	172
3.2 Quem é a pessoa da autoajuda, discussão sobre o eu e considerações finais _____	177
REFERÊNCIAS ANALISADAS _____	181
BIBLIOGRAFIA _____	183
ANEXO I _____	187
ANEXO II _____	196

INTRODUÇÃO

A história dessa dissertação é movida por uma inquietação relacionada a estereótipos de gênero e minha própria vivência enquanto mulher. Chamo aqui de estereótipos de gênero certos comportamentos e aptidões que são considerados próprios de homens ou mulheres em função de serem, justamente, homens ou mulheres. O sentimento de não corresponder às expectativas colocadas sobre mim em função do sexo com o qual eu havia nascido me inquietava desde a infância, de modo que as leituras feministas apareceram como fonte de respostas às minhas inquietações. Eu me lembro de ter somente 13 anos de idade quando comecei a pedir que meu irmão alugasse livros clássicos do feminismo na biblioteca da universidade para que eu pudesse ler.

Dali em diante, o feminismo foi uma leitura que me acompanhou, de seus clássicos até os estudos de gênero. Estes, por sua vez, me levaram à antropologia, inspirada pela trajetória de uma prima, que fazia seu mestrado em Antropologia Social na Universidade de Brasília, na área de gênero. A antropologia me parecia o lugar ideal para que eu pudesse me aprofundar naquilo que me movia e me parecia uma questão tão central, tanto na organização social, quanto na definição da minha própria identidade: as diferenças entre os sexos, seus significados e suas possíveis hierarquizações.

Em 2006, o final do meu curso de graduação em Antropologia, na mesma Universidade de Brasília, se aproximava e, com ele, a necessidade de que eu escolhesse o meu próprio objeto de pesquisa para a monografia de conclusão de curso. Dentre as diversas opções que se apresentaram ao longo das matérias relativas a gênero e da minha participação no Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre a Mulher (NEPEM), estavam temas tais como saúde, família e violência. Contudo, optei por perseguir aquela inquietação que me levou ao início dessa trajetória: os diversos discursos de como mulheres são e como devem agir, de acordo com uma certa ideia de natureza que se apresentava.

Desde muito cedo eu havia questionado as diversas afirmações do modo como as mulheres são. Assim, enquanto uns me diziam que “mulheres são sensíveis e maternais”; “mulheres não gostam de futebol”; “mulheres não são boas em matemática”; “mulheres não gostam de *videogames*”; “mulheres são loucas por compras, sapatos, roupas e maquiagens”; eu convivía com um não reconhecimento de

todas essas afirmações em mim mesma. Eu servia como meu próprio exemplo de porque essas afirmações eram equivocadas, a um ponto tal que havia se tornado comum que meus amigos e amigas afirmassem constantemente que eu “não era mulher”.

Em 2006, então, comecei a buscar algumas possíveis fontes que estavam sendo mobilizadas como dando origem a esse tipo de afirmação e fornecendo sua legitimidade. À época, com o sucesso da rede de relacionamentos *Orkut*, era bastante comum que homens aparecessem em comunidades de temática feminista citando certos livros que afirmavam que o feminismo era uma falácia, pois as diferenças entre homens e mulheres seriam naturais. Foi assim que eu cheguei pela primeira vez à literatura de autoajuda, e descobri livros que tratavam de explicar essas diferenças com a finalidade de auxiliar as leitoras e leitores a terem relacionamentos amorosos satisfatórios. Minha então orientadora, Lia Zanotta Machado, aceitou o desafio, e em 2007 eu defendi a minha monografia de conclusão de curso sobre o sexismo na literatura de autoajuda.

A pesquisa que deu origem a essa monografia não satisfaz a minha curiosidade sobre o tema, em especial porque um dos livros de autoajuda analisados na ocasião trazia muito fortemente argumentos científicos, que atestavam as diferenças entre os sexos afirmadas nele. Por argumentos científicos quero me referir ao uso da citação de nomes de autores de áreas diversas do conhecimento, de nomes de institutos e algumas descrições de pesquisas. Esse livro era *Por que homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), de Allan e Barbara Pease. Através das inquietações que ele me despertou, fui apresentada pela minha orientadora a autores do campo dos estudos sociais da ciência e descobri a existência da psicologia evolucionista.

Entre 2007 e 2011 muitas coisas me afastaram da academia. Contudo, essas descobertas que não puderam ser exploradas com profundidade na ocasião da minha monografia de graduação ficaram guardadas em mim, esperando uma oportunidade. Foram elas que conduziram a minha escolha pelo tema da antropologia da ciência. Da mesma forma, não pude me esquecer de uma certa aula de métodos, ainda na minha graduação, em que o professor, ao falar sobre como a antropologia se debruçou sobre as margens da sociedade ocidental em seus estudos, nos lançou o desafio de pensar que os centros de poder dessa mesma sociedade também podem ser objetos de investigação antropológica.

Finalmente, em 2012 ingressei no mestrado acadêmico, sob a orientação da professora Fabíola Rohden, onde encontrei o incentivo e a oportunidade de dar continuidade à trajetória vivida e criada por mim mesma ao longo da minha vida, desde as primeiras inquietações até o momento em que estas se formalizam como interesse de pesquisa, passando pela reflexão provocada pelas leituras feministas as quais obtive acesso durante a minha adolescência. A história dessa dissertação é também a história de como vim a me tornar a pessoa que sou. Para essa continuidade, observei a importância da obra de Allan e Barbara Pease no contexto da autoajuda brasileira, atestada por sua grande tiragem de livros em listas de mais vendidos de jornais e revistas, assim como pela pertinência do tema de uma base na natureza para as diferenças de sexo/gênero. Assim, optei pela análise de seus livros publicados no Brasil.

Os livros de Allan e Barbara Pease são materiais de divulgação científica. Isso equivale a dizer que possuem o compromisso de trazer conhecimentos científicos para a esfera cotidiana de suas leitoras e leitores, a fim de que, através da compreensão da ciência sobre eles mesmos, possam alcançar uma vida melhor, mais satisfatória. A obra dos Pease possibilitou que meu interesse pela antropologia da ciência fosse contemplado através da investigação dos modos através dos quais ciência e cotidiano se articulam no tocante às alegadas diferenças existentes entre homens e mulheres. Assim, a análise não ficou presa unicamente aos livros dos Pease, mas expandiu-se para a investigação de algumas de suas fontes.

O que será apresentado nesta dissertação, portanto, parte da observação do crescimento da autoajuda no Brasil e em outros países, bem como da percepção de que cada vez mais se torna socialmente necessário que as opiniões públicas estejam embasadas em saberes da esfera da ciência. A essa capacidade da ciência de estruturar os debates cotidianos, Irwin e Wynne (1996) denominaram *framing*. Aqui, essa noção aparece para marcar a importância que a divulgação científica assume na contemporaneidade, uma vez que provê argumentos que fortalecem lados de debates que são travados nas esferas do cotidiano e do senso comum. Deste modo, os livros dos Pease, sendo expoentes de material de divulgação científica, adquirem sua relevância enquanto objeto de pesquisa.

A autoajuda aparece enquanto tema de pesquisa pertinente por possuir uma ampla tiragem, de modo que parece ter algo a nos dizer sobre a maneira como pensamos a nós mesmos, nossas agências e nosso estar no mundo. Os livros dos

Pease, em específico, foram publicados em 100 países, em mais de 52 idiomas. No Brasil tiveram cerca de 2.000.000 de exemplares vendidos, de acordo com informações retiradas das próprias “orelhas” dos livros analisados. Alguns de seus livros tiveram mais de uma edição brasileira, como *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor* (2000). Como poderemos averiguar, listas de livros mais vendidos atestam a popularidade de livros do gênero de autoajuda, e listas da própria editora Sextante, responsável pela publicação dos Pease no Brasil, mostram que seus livros continuam com vendas significantes.

É difícil precisar quem é o consumidor do livro de autoajuda. Em sua sociologia do amor, a socióloga israelense Eva Illouz (2009) sustenta que a ideia de relacionamentos baseados na comunicação é uma ideia chave para a classe média, que consome revistas femininas e livros de autoajuda. Os livros de autoajuda, de acordo com Illouz (2009), são parte do que ela chamou de discurso terapêutico, que se encontra diluído em diversas mídias que agem como ponte entre seus *experts* e o público geral. Heloísa Buarque de Almeida (2002) também chama a atenção para a associação midiática entre feminilidade, intimidade, relacionamentos e família, sendo as mulheres vistas como consumidoras, incluindo as mulheres de classes média e média alta. Se os livros aqui investigados tratam dessa concepção do amor entre parceiros baseada na comunicação, e da esfera do íntimo e do familiar, parece legítimo supor que o público que essa obra atinge seja de classe média e majoritariamente feminino. Essas características da obra dos Pease ficam mais visíveis no primeiro capítulo desta dissertação.

Aqui, pretendo mostrar que esse tipo de livro, de acordo com os Pease, tem como proposta servir de referencial a questões com as quais os sujeitos não estariam dando conta de lidar. Assim, apresenta um projeto de modo de ver e lidar com a diferença sexual, uma pedagogia, que traz ensinamentos de modos de estar no mundo de acordo com essa diferença. Um projeto e uma pedagogia ancorados na ciência, que estão em consonância com aquilo que Nikolas Rose (2011) chamou de biopolítica do século XXI, e que passa por questões como a da subjetivação (a ideia de que os indivíduos são responsáveis por seu próprio bem estar) e melhoramento (ênfase em que os indivíduos devem buscar ser mais e melhores).

A minha pesquisa teve como objetivos tentar demonstrar o que está em jogo na obra dos Pease, em que tipo de contexto ela pode ser produzida e compreendida, a que serve a ciência nela, que ciência é essa e de que modo essa ciência está sendo

mobilizada. Para tanto, também realizei uma análise das referências científicas dos Pease que pude acessar, a fim de buscar estabelecer semelhanças e diferenças entre o que está em jogo nelas e nos Pease. E também o modo como as premissas, processos de pesquisa e conclusões aparecem nos artigos científicos em comparação com o que está sendo trazido na obra analisada.

É importante ressaltar que esta dissertação não trata dos consumidores de autoajuda científica senão pela ótica do leitor pressuposto que se encontra no próprio texto dos livros. Se os materiais terapêuticos deste tipo falam menos sobre tecnologias de governo e mais sobre estratégias que funcionam no mundo, conforme afirma Eva Illouz (2009), é um fator do qual esse trabalho não pode dar conta. Deste modo, a análise aqui se dá em termos da tentativa de compreender a produção da autoajuda científica em relação aos processos mais amplos que se desenrolam nos séculos XX e XXI, que se encontram fortemente marcados pelas tecnologias de governo.

Tendo isso em mente, o processo de elaboração desse trabalho partiu da escolha dos livros a serem analisados, a obra dos Pease publicada no Brasil, e tomou por consideração o apelo do mercado de autoajuda, que vem crescendo no país. Seguiu-se leitura dos livros escolhidos e a elaboração de uma extensa anotação de campo com intuito de resenhar o conteúdo dos livros e catalogar as citações mais interessantes encontradas. Desse material decorreu a análise da obra dos Pease de forma independente da análise de suas referências científicas.

Posteriormente passou-se à catalogação das referências científicas que aparecem no corpo dos textos. Uma vez que os livros dos Pease, com exceção de um, não possuem bibliografia, essa catalogação foi realizada a partir do levantamento de todas as referências a nomes de cientistas e estudos que aparecem ao longo do texto em cada livro. Deste modo, foi possível saber quais os autores científicos mais citados pelos Pease em sua obra, bem como quais autores apareceram mais vezes em cada livro. Essa foi uma primeira triagem realizada para definir as referências que seriam escolhidas para análise.

A próxima etapa consistiu na busca pelo acesso aos trabalhos citados, a fim de compreender de que modo as referências científicas estão sendo mobilizadas e com que finalidade. Uma vez que, não havia citações diretas de artigos dos autores citados, optei por buscar conhecer a trajetória de trabalho deles através de pesquisas sobre seus nomes, que muitas vezes levaram a *websites* dos próprios, e buscar por suas

obras através do Portal de Periódicos da CAPES. Utilizando as descrições dadas pelos Pease, busquei identificar os artigos que poderiam ter servido como base da citação.

Também se mostrou necessário estabelecer paralelos entre o pensamento científico a respeito do tema da diferença entre os sexos e o discurso apresentado nos próprios livros de autoajuda, pois divulgar ciência é, também, fazer ciência, uma vez que a ciência não existe em separado do restante das esferas sociais e do pensamento corrente nelas. Por fim, realizo um esforço de tentar compreender essa produção sob a luz de processos que se desenrolam na contemporaneidade, espero que, com isso, seja possível levantar pistas acerca do que motiva a produção desse tipo de material e porque ele gera mobilização a ponto de estar entre listas de livros mais vendidos e encontrar grande apelo em meios midiáticos.

1. Quais as diretrizes teóricas desse trabalho: uma breve discussão sobre divulgação científica.

O tema da divulgação científica, entendida enquanto a relação entre a expertise científica e o público geral, pode ser estudado através de importantes autores incorporados ao campo da antropologia da ciência. Aqui, pretendo apresentar os referenciais norteadores dessa dissertação.

Ludwik Fleck, médico judeu-polonês, escreveu *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico* em 1935, apresentando uma concepção acerca do desenvolvimento científico que não era bem vinda à época. Nela, ele frisou o caráter social e coletivo da ciência, de modo que o coletivo das ações sociais conteria a estruturação do conhecimento científico. A ciência é aqui compreendida enquanto atividade organizada pelos pesquisadores. Tal percepção introduz uma quebra com relação à ideia de que a ciência seja qualquer coisa de algo em si, postulando que ela seja algo feito por. Fleck (2010) denominou “coletivos de pensamento” as estruturas sociais e psíquicas onde estão contidos os fatores e as normas destinados a explicar a ciência moderna. Sua obra apresenta uma ruptura importante com o pensamento corrente, por contrapor a figura do gênio, que ocupa lugar de destaque na produção científica até os dias atuais, a uma abordagem coletivista da mesma.

Sua investigação se deu no âmbito da medicina, já que, para ele, a medicina possui particularidades distintas às das demais ciências biológicas. Isso se daria devido ao interesse da medicina pela irregularidade e pelo patológico, bem como

peloo caráter pragmático do conhecimento médico, que seria orientado para o controle destes estados patológicos, não necessariamente para a ampliação do conhecimento. Deste modo, a medicina sofre constantemente uma pressão de gerar resultados.

Para Fleck (2010), há três fatores sociais implicados no conhecimento científico: a educação, que faz com que o conhecimento só possa se estabelecer através do conhecimento passado, de modo que a cada passagem de conhecimento seu conteúdo se desloca; a tradição, pois novos conhecimentos são predeterminados pelos antigos; a sequência do processo de conhecimento, pois quando algo é conceituado, as margens das novas concepções se restringem.

O modo de enxergar o objeto está contido na própria escolha deste, pois deriva da escolha do problema. Assim, o avanço do conhecimento transforma a realidade. Sujeito e objeto são dependentes do meio circundante, especialmente levando em consideração que os pressupostos sociais dos envolvidos no processo de conhecimento não estão excluídos dele.

Para pensar o conhecimento científico de modo coletivista, Fleck (2010) traz dois conceitos, o de coletivo de pensamento e o de estilo de pensamento:

O primeiro designa a unidade social da comunidade de cientistas de uma disciplina; o segundo, os pressupostos de pensamento sobre os quais o coletivo constrói seu edifício de saber (SCHAFER e SCHNELLE:2010:16)

Através desses conceitos, compreende-se que à observação científica subjaz à introdução teórico-prática, de modo que a percepção se torna dependente do estilo de pensamento. O fato científico tem sua gênese numa relação entre o objeto e o coletivo de pensadores.

O saber é social e histórico. O processo de amadurecimento histórico pelo qual passam as ideias influencia o saber científico. As protoideias, ideias anteriores ao conhecimento científico, persistem apesar das mudanças no estilo de pensamento. Deste modo, as teorias não podem ser vistas enquanto falsas ou verdadeiras, mas enquanto bem ou mal adaptadas a um sistema.

Fleck (2010) marcou a importância do papel da introdução de novos cientistas na estrutura da comunidade de pesquisadores. A introdução é compreendida enquanto uma doutrinação, no sentido de que se ensina um modo de ver. O círculo de

pesquisadores que se estabelece no núcleo da comunidade científica é denominado de círculo esotérico. Em volta dele encontra-se o círculo exotérico, composto também por leigos instruídos. As duas esferas se comunicam, de modo que o saber exotérico é fundamentado na confiança dos especialistas do saber esotérico e este, por sua vez, depende daquele para ser legitimado.

O livro trata do surgimento do conceito de sífilis e do estabelecimento da reação de Wasserman. Fleck (2010) explicita a influência da astrologia, da ciência dominante e da religião a fim de demonstrar que somente as relações que são explicadas pelo mesmo estilo permanecem e podem ser desenvolvidas. Deste modo, a sífilis ficaria associada ao pecado.

À época, duas concepções distintas de entidade nosológica (patologia) concorriam: a epidemia venérea e a empírico-terapêutica. Começou a se querer decompor a “doença venérea” em várias entidades nosológicas. Ambas posições concorrentes se baseavam em observações e experimentos, não podendo ser simplesmente declaradas falsas, de modo que suas histórias precisam ser compreendidas de outra forma. Assim, entende-se que o conceito é dependente de seu contexto cultural e histórico. Os estilos dos conceitos de uma época estão vinculados a sua própria influência mútua: “Por isso, pode-se falar num estilo de pensamento (*Denkstill*) que determina o estilo de todo conceito” (FLECK:2010:49). Fleck (2010) sugere que, ao invés de se pensar em escolhas livres e racionais, se fale em condições específicas sob as quais conceitos florescem.

O autor afirma que há ainda, no conhecimento científico, ideias que não se explicam pela psicologia, nem pela história ou pelo coletivo, de modo que passam a impressão de serem “reais”. A essas ideias, ele chamou acoplamentos passivos, ao passo que as outras seriam acoplamentos ativos:

Assim, na história da sífilis, a união de todas as doenças venéreas sob o conceito da ‘epidemia venérea’ representava um *acoplamento ativo dos fenômenos*, que se explica pela história cultural. Ao contrário disso, a descrição do efeito do mercúrio na frase citada acima, ‘em alguns casos, o mercúrio não cura a doença, mas chega a piora-la’, representa, em relação ao ato de conhecimento, um *acoplamento passivo*. É claro, ainda, que esse acoplamento passivo *sozinho*, sem o conceito da epidemia venérea, nem poderia ter sido formulado, assim como o próprio conceito ‘epidemia venérea’, ao lado dos elementos ativos, também contém elementos passivos (FLECK:2010:50)

O sangue sífilítico foi uma ideia que perdurou e foi exaustivamente testada até que se chegasse à reação de Wasserman, quando a sífilis é delimitada e a sorologia se estabelece enquanto ciência autônoma. A história de um domínio de saber é, portanto, composta por numerosas linhas que se cruzam e se influenciam mutuamente.

Os conceitos não surgem, são elaborados a partir de seus ancestrais. Assim como as ferramentas de observação, eles são resultados de desenvolvimento histórico, de modo que os vínculos entre o presente e passado são indissolúveis. A isso não equivale dizer, frisa Fleck (2010), que cada ideia científica se relacione a uma protoideia, mas muitas delas certamente sim, de modo que ele questiona se essa característica pode ser ignorada pela teoria do conhecimento. As protoideias são definidas:

como pré-disposições histórico evolutivas
(entwicklungsgeschichtliche) de teorias modernas e sua gênese deve
ser fundamentada na sociologia do pensamento (denksozial)
(FLECK:2010:66)

Veremos, mais adiante, com o trabalho de Odshoorn (1994), como as noções pré-científicas sobre virilidade e sexualidade tiveram um papel importante na descoberta e desenvolvimento dos hormônios sexuais. Assim, antes do conceito de hormônios sexuais, considerava-se que testículos de outros animais continham uma substância capaz de aumentar a virilidade dos homens. Quando do desenvolvimento do conceito, buscou-se nos testículos humanos a produção de substâncias responsáveis pelos sinais físicos de masculinidade, como os caracteres sexuais secundários.

Dentro de um estilo de pensamento, as coisas são explicadas com clareza, porém de modo que apenas os pertencentes aquele estilo são capazes de compreender. Fleck (2010) afirma que uma proposição pertence ao social, pois determina o que não pode ser pensado de outra maneira. Uma proposição, mesmo que combatida, traz problemáticas nas quais as pessoas se desenvolvem, tornando-se socialmente fortalecida, transformando-se numa realidade e gerando novos conhecimentos. Nesse processo, a origem lógica de alguns elementos se perde.

Deste modo, o conhecido influencia o novo e é revisitado por este. Equivalente seria dizer que alguém só conhece algo com base em algum estado de conhecimento, ou seja, enquanto membro de algum coletivo de pensamento. O

coletivo de pensamento é definido enquanto “*comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos*” (FLECK:2010:82, itálico do original). Cada membro de um coletivo de pensamento é portador de um estilo de pensamento. Conhecer, desta forma, não é descobrir, mas sim observar resultados esperados sob condições pré-determinadas. As condições são os acoplamentos ativos, ao passo que os resultados são acoplamentos passivos.

O indivíduo é, via de regra, não consciente do estilo do coletivo de pensamento do qual faz parte, de modo que este coletivo não é a soma de seus membros, mas algo que exerce uma coerção sobre ele. O indivíduo importa na medida em que cada um faz associações distintas no tocante ao conhecimento compartilhado. Embora ele possua importância em sua fisiologia e psicologia, o conhecimento só pode ser compreendido enquanto estável se visto a partir do coletivo. Para Fleck (2010), não há produção de conhecimento livre de sentimentos, uma vez que o pensamento só poderia ser livre se independente da atmosfera pessoal que decorre da atmosfera coletiva. Assim, o que é considerado isenção de sentimento nada mais é do que a congruência homogênea de sentimentos (FLECK:2010:93).

Quanto mais se adentra uma área científica, maior a quantidade de acoplamentos ativos do saber, pois os vínculos do pesquisador com a comunidade aumentam. Os elementos passivos também aumentam, pois correspondem aos ativos. Considerando isso, o fato científico, para Fleck (2010), fica definido enquanto

relação de conceitos conforme o estilo de pensamento, que, embora possa ser investigável por meio dos pontos de vista históricos e da psicologia individual e coletiva, nunca poderá ser simplesmente construída, em sua totalidade, por meio desses pontos de vista (FLECK:2010:132)

As descobertas empíricas, uma vez que decorrentes dos estilos de pensamento, são compreendidas enquanto complementos, desenvolvimentos ou transformações dele. Por serem decorrentes de processos históricos únicos, as descobertas ou invenções, não podem ser reproduzidas experimentalmente nem legitimadas logicamente (FLECK:2010:147). Não há experimento isolado que possa comprovar a reação de Wasserman, por exemplo.

O estilo de pensamento é uma atmosfera que possui duas condições de existência: a disposição para um sentir seletivo e para um agir que corresponda a ele.

A verdade é uma coerção do estilo de pensamento. Quando duas pessoas trocam opiniões há um coletivo de pensamento momentâneo. Há também os coletivos de pensamento estáveis, que são, principalmente, grupos sociais organizados. A estrutura do coletivo de pensamento se elabora através da formação de um pequeno círculo esotérico e um círculo exotérico maior. O coletivo de pensamento é a sobreposição de muitos desses círculos, em que o indivíduo pertence a vários círculos exotéricos e a alguns círculos esotéricos. Os iniciados dependem da opinião pública, a saber, da aprovação dos círculos exotéricos, ao passo que os círculos exotéricos depositam confiança nos esotéricos. Isso, aliado a uma solidariedade entre os pares que estão a serviço da mesma ideia, cria uma atmosfera específica.

O tráfego entre os estilos de pensamento é maior ou menor de acordo com a diferença entre eles. Quanto menor a diferença, maior o tráfego.

podemos dizer, portanto, que qualquer tráfego intercoletivo de pensamentos traz consigo um deslocamento ou uma alteração dos valores de pensamento (...) Essa alteração do estilo de pensamento – isto é, alteração na disposição à percepção direcionada – oferece novas possibilidades de descobertas e cria fatos novos. Esse é o significado epistemológico mais importante do tráfego intercoletivo de pensamento (FLECK:2010:161)

A repercussão do coletivo de saber está estruturada na oposição entre saber especializado e saber popular. Ao primeiro corresponderiam os círculos esotéricos e, ao segundo, os exotéricos. Contudo, mesmo dentro dos círculos esotéricos essa estrutura encontra reprodução. A ciência popular é uma ciência voltada para uma audiência de não especialistas, a saber, para “círculos amplos de leigos adultos com formação geral”. Deste modo, não é introdutória, pois os livros introdutórios são didáticos e não populares. (FLECK:2010:166). Esse tipo de ciência, popular, é caracterizada por se apresentar através da ausência de detalhes e de polêmicas, por uma execução esteticamente agradável e ilustrativa e pela avaliação apodítica, ou seja, pela aprovação ou reprovação de pontos de vista. Essas são as principais marcas do saber exotérico.

O saber popular tem como objetivo a visão de mundo, que pode ser compreendida enquanto a forma através da qual o mundo é percebido. Por mais insignificante que seja ao especialista, ela forma o pano de fundo que determina os traços gerais do estilo de pensamento. Assim, o saber popular exerce uma influência

retroativa no especialista e, conseqüentemente, no saber especializado. É através da comunicação que o saber se torna exotérico, e a cada comunicação o saber se torna mais popular. A ciência especializada é influenciada pela forma como o especialista, a partir da visão de mundo, compreende a ciência enquanto conjunto de valores. Deste modo, a ciência se apresenta com características de certeza, simplicidade e plasticidade. A plasticidade é mobilizada para tornar um pensamento mais compreensível, para ser um meio. Contudo, acaba por se tornar o objetivo do conhecimento. Quanto mais distante do círculo esotérico, mais plástico o conhecimento, de modo que “confere ao saber a segurança subjetiva da religiosidade ou do óbvio” (FLECK:2010:171).

A ciência dos periódicos científicos, por outro lado, exige um resumo crítico e não pode ser composta através da simples adição. Ela é um movimento próprio e pessoal. O pesquisador busca reivindicar o controle da adequação do seu trabalho ao estilo de pensamento, bem como o controle e processamento coletivos deste, de modo que é como se houvesse a consciência da importância do tráfego intercoletivo, que é o que pode levar o conhecimento da insegurança à certeza. A verificação universal nada mais é do que a verificação da adequação de um saber ao estilo ao qual pertence. Como os saberes são condicionados ao estilo de pensamento, os estilos de pensamento alheios parecerão fantasiosos àquele pesquisador pertencente a um outro estilo.

O trabalho de Fleck (2010), ao analisar as relações entre os círculos esotéricos e exotéricos, serve de inspiração principal, em especial por destacar a relação entre o saber especializado e o saber popular, frisando o papel que o saber popular possui na consolidação do saber especializado. Isso ocorre porque ao passar a integrar a visão de mundo, o saber popular torna-se capaz de retornar ao saber especializado. Este ponto é crucial para a presente pesquisa, uma vez que revela a importância que o saber popular tem para o fazer científico. Essa também é a conclusão do trabalho de Angela Cassidy (2006) sobre a psicologia evolutiva.

Através da investigação sobre o *boom* da psicologia evolucionista no Reino Unido nos anos 90, Cassidy (2006) analisa a relação entre a produção de conhecimento acadêmico e a produção de material destinado ao público leigo. O trabalho da autora leva em conta o papel que os experts desempenham em entrevistas e próprias produções deles de livros populares sobre ciência. Essa análise visa demonstrar que a ciência popular provê um espaço criativo que permite que sejam

atravessadas as fronteiras entre áreas de conhecimento distintas, especialmente por não ser uma produção sujeita aos constrangimentos acadêmicos habituais.

Cassidy (2006) aponta o fato de que cientistas não costumam expor suas controvérsias internas, de modo que elas aparecem somente em publicações científicas e conferências. De acordo com Cassidy (2006), esse processo corresponde ao que Latour identificou como “*Janus face*” (1997) da ciência, querendo argumentar que existe um lado, interno, que fala sobre a controvérsia e outro, externo, que fala sobre consenso e verdade científica. Para Latour (1997) o trabalho da sociologia seria o de investigar a face da controvérsia, a fim de buscar compreender como a ciência é feita. Cassidy (2006) afirma que por vezes a face da controvérsia é exposta, como em casos que demandam resposta rápida da ciência por afetarem questões públicas, como no caso da encefalopatia espongiforme bovina¹. Contudo, os cientistas se engajam em discussões públicas através de meios como a comunicação de massas em outras ocasiões, tal como ocorreu no tocante ao debate sobre a teoria da evolução nos anos 1970.

Ciência popular, no trabalho de Cassidy (2006), é entendida como sendo a discussão da ciência em meios de comunicação que atraem a atenção tanto de cientistas profissionais, quanto de leitores não profissionais que se interessam por ciência. Este processo se constitui enquanto uma faca de dois gumes: por um lado o cientista é valorizado por sua capacidade de comunicação clara e articulada, por desafiar seus oponentes e por ampliar o entendimento público da ciência. Por outro lado, esse movimento pode repercutir negativamente na ciência, mostrando os cientistas como arrogantes cheios de retórica, citações pomposas e insultos (CASSIDY:2006:176). Estes debates chamam a atenção para a ciência, mas também infringem regras da mesma, pois escapam ao processo de revisão dos argumentos científicos pelos pares, além de manchar a imagem da ciência como um conhecimento independente de posições pessoais e políticas. A questão que a autora busca responder é por que os cientistas continuam a se engajar neste tipo de produção se ela traz tantos pontos negativos à ciência.

Uma das maneiras de se responder a esta pergunta seria observando casos anteriores onde cientistas se engajaram em debates públicos sobre ciência. Cassidy (2006) aponta que se sugere que esta seria uma forma dos cientistas se estabelecerem

¹ Conhecida popularmente como doença da vaca louca

e manterem suas posições perante à sociedade, ou seja, que se trataria de uma forma de conseguir e manter a legitimidade da ciência. Um dos modos de se fazer isso seria através do trabalho de fronteira (*boundary work*), que demarcaria a ciência legítima, buscando diferencia-la de outras, menos legítimas. Este tipo de trabalho pode aparecer em diversos lugares tais como publicações acadêmicas, documentos políticos e mídia de massa, a depender da audiência presumida. O processo através do qual o conhecimento científico é trazido para esfera pública antes de ser debatido interiormente é denominado *deviation*. Em ambos os processos, encontram-se cientistas de áreas distintas engajados no debate. Nesse sentido a mídia de massa permite e facilita a comunicação entre eles, pois se encontra menos sujeita às fronteiras existentes nos meios acadêmicos.

O exemplo recente que é trazido pela autora é o da psicologia evolucionista, que aparece na mídia do Reino Unido entre os anos 1990 e 2000. A psicologia evolucionista trata do estudo da psicologia humana como tendo sua base no processo evolutivo. Versa sobre questões como a monogamia e estupro, levando em conta seus papéis evolutivos. Seus autores aparecem na mídia de massa menos sendo citados em matérias e mais escrevendo seus próprios livros destinados ao público leigo. Cassidy (2006) aponta também que vários destes livros são consideravelmente citados em publicações acadêmicas após seu aparecimento na mídia de massa.

Conforme já explicitado, o debate público ocupa um papel importante na discussão sobre a teoria evolutiva, incluindo o livro *Origem das Espécies* (1859), escrito em uma época em que a divisão entre ciência popular e técnica não era muito clara. Ao longo do século XX, com a institucionalização da ciência, os cientistas passam a se comunicar primordialmente através de meios internos. Contudo, no tocante à evolução, o debate público segue desempenhando um papel relevante.

Durante os anos 1980 e 1990 cresce o interesse pela ciência popular, abrindo um novo nicho de mercado para este gênero. Durante os anos 90, especificamente, houve uma tendência que apontava para livros de caráter biológico, evolutivo e sobre o cérebro, tendência esta onde a psicologia evolucionista se encaixou. Com o projeto Genoma, nos anos 2000, a psicologia evolucionista foi vista nas ciências populares como sendo a que mais se aproximava deste tipo de movimento científico. Parte deste *boom* da ciência popular inclui uma grande popularidade de debates e palestras entre autores, debates esses que foram performados perante o público. A autora frisa que este fato não é novo na ciência, contudo, afirma que durante os anos 90 estes eventos

alcançaram um novo nível de popularidade e frequência. Estes eventos eram por vezes patrocinados por editores de ciência popular, e nele, autores de novos livros eram vistos falando. A psicologia evolucionista e seus opositores participaram fortemente deste movimento (CASSIDY:2006:182). Outro campo importante de disseminação da psicologia evolutiva investigado pela autora tratou-se de comunicações do programa Darwin@LSE. Darwin@LSE foi um grupo de pesquisa baseado no Centro para Filosofia das Ciências Naturais e Sociais da *London School of Economics*, e também uma série de palestras e debates públicos organizados por um grupo de acadêmicos entre 1995 e 1998.

As respostas às abordagens da psicologia evolucionista vieram majoritariamente de feministas. Durante 1999 e 2000, o engajamento da psicologia evolucionista na ciência popular passa a não ser mais o de divulgação, configurando-se enquanto um debate público estruturado pela controvérsia. O lançamento de livros, assim como a atuação da Darwin@LSE, foram importantes principalmente por trazer atenção à psicologia evolucionista, permitindo que novos atores adentrassem a discussão. Deste modo, a autora afirma que a cobertura midiática é tão ou mais importante que o conteúdo dos livros, pois a audiência das discussões midiáticas era grande.

Muitos dos entrevistados de Cassidy (2006) respondem à pergunta acerca dos motivos pelos quais os autores continuariam a se engajar neste tipo de produção alegando uma espécie de compromisso democrático que teriam com o entendimento público da ciência. Esse compromisso evolveria o compartilhamento de conhecimento, o maior entendimento público da ciência, a ideia de um retorno à sociedade e a contribuição para debates políticos. Deve-se também considerar que o conteúdo da psicologia evolucionista têm apelo na mídia. Contudo, estes fatores não são capazes ainda de explicar inteiramente o que leva esses autores a se engajarem na produção de ciência popular, de modo que motivos institucionais também devem ser investigados.

Em seguida, Cassidy (2006) intenta analisar como a psicologia evolutiva desafiou e moldou fronteiras. Para tanto, utiliza o conceito de “*core-set*”², que seria o

² O primeiro grupo a escrever sobre psicologia evolutiva era composto por Leda Cosmides, John Tooby, Martin Daly, Margo Wilson, David Buss, Steven Pinker, Donald Symons

pequeno grupo central de cientistas diretamente envolvidos na teorização e prática de uma questão científica em particular, para demonstrar como este processo se deu.

A primeira dificuldade é a de conceitualizar a psicologia evolucionista. Por vezes a psicologia evolucionista é definida como uma abordagem, outras vezes, como um novo paradigma. Embora estas definições queiram dizer que a psicologia evolucionista nada mais é do que o estudo do humano a partir da abordagem evolutiva, existem maneiras de distingui-la de outras abordagens evolutivas sobre o humano. Importante enquanto símbolo do objeto de estudo da psicologia cognitiva e, conseqüentemente, da psicologia evolucionista (que tem muitos de seus autores provenientes desta área), é a imagem do cérebro exposto, mostrado conforme a noção da modularidade. Segundo essa noção, a mente é formada por diversas unidades independentes, cada uma responsável por uma função. O darwinismo também desempenha uma função importante, pois aproxima a psicologia evolucionista da biologia, de forma a poder se valer da autoridade científica desta, o que é importante ao levarmos em consideração que a psicologia evolucionista não é bem estabelecida academicamente. Outras áreas e autores utilizam um tipo de abordagem semelhante ao da psicologia evolutiva, sendo, contudo, mais bem estabelecidos.

A discussão sobre a sociobiologia aparece tendo importância no trabalho de Cassidy (2006), uma vez que ambas as abordagens são comumente aproximadas, quando não vistas como uma mesma coisa sob uma nova roupagem. O debate sobre a sociobiologia se deu durante os anos 70 e 80 e guarda muitas semelhanças com o debate sobre a psicologia evolucionista, uma vez que estas ciências carregam semelhanças marcantes entre si. Esta questão se mostra importante devido ao fato de a psicologia evolutiva precisar marcar sua diferença e se estabelecer enquanto algo novo. Esta distinção é marcada de muitas formas, seja com referência a versões amplas e restritas da psicologia evolucionista, seja através de uma separação que delegaria à sociobiologia o estudo evolutivo dos animais e à psicologia evolutiva o estudo evolutivo dos humanos. Contudo, estas distinções não são vistas enquanto importantes para o debate público, de modo que este tende a se concentrar em questões específicas (como gênero e sexo, por exemplo).

O *core-set* da psicologia evolucionista é composto por profissionais de áreas orientadas para o positivismo e as ciências naturais, porém os objetos de pesquisa sobre os quais se debruçam encontram-se presentes majoritariamente nas ciências sociais. Isso equivale a dizer que os profissionais da psicologia evolucionista elegem

temas de pesquisa que são tradicionalmente pertencentes às ciências sociais. Muitos dos profissionais das áreas relativas ao *core-set* da psicologia evolucionistas não desejam se identificar com ela, de modo que os psicólogos evolutivos acabam se encontrando em uma posição marginalizada. A psicologia evolucionista é proposta enquanto um novo paradigma para as ciências sociais. Diante das acusações de determinismo biológico, alguns de seus expoentes afirmam que não se trata de biologizar as ciências sociais, mas apenas de modificar a forma como são feitas.

Poucos cientistas sociais se interessaram em tomar parte do debate, este sendo levado a cabo principalmente por feministas. A psicologia evolucionista criou mecanismos através dos quais pôde não se envolver de maneira politicamente engajada com seus objetos, embora estes possuam fortes conteúdos políticos. Contudo, para fugir às críticas anteriormente dirigidas à sociobiologia, com a qual é constantemente associada, a psicologia evolucionista visa associar-se com agendas políticas liberais e de esquerda.

O que se pode concluir enquanto resultado do *boom* da psicologia evolucionista nos anos 90 é que passado ele o engajamento em comunicações com o público por parte dos cientistas passou a ser mais bem visto. Além disso, é importante o reconhecimento de que, por vezes, as ciências precisam se utilizar da ciência popular para proteger seu domínio de expertise. Com a investigação da constituição da psicologia evolucionista e o contexto do qual é herdeira, Cassidy (2006) espera ter mostrado como a psicologia evolucionista atuou e atua no processo de construção e reconstrução de fronteiras, de modo a salientar seu caráter interdisciplinar.

Acerca dos motivos pelos quais os autores continuariam a se engajar na produção de ciência popular, pode-se falar na possibilidade de comunicação com outros cientistas, de modo que a mensagem pública seria uma espécie de mensagem codificada. Outro fator importante seria o aspecto criativo da ciência popular e o reconhecimento de que o tipo de debate forjado ao redor da psicologia evolucionista não poderia se dar na academia. Deste modo a psicologia evolucionista aparece enquanto um processo desviante (*deviation process*).

O trabalho de Cassidy (2006), portanto, traz vários pontos a serem levados em conta que se conjugam com a discussão mais ampla sobre a própria categoria de autoajuda, que é aqui guiada pelo esforço de Tania Salem (1992) em listar as principais características deste tipo de literatura e explorar a noção de pessoa que se encontra presumida nesse tipo de material. Cassidy (2006) trata do contexto da

produção de obras de ciência popular, enquanto Salem tenta analisar o que seria a literatura de autoajuda. Uma vez que essa dissertação trata de materiais de autoajuda que são “ciência popular”, se faz pertinente levantar as possíveis interseções existentes entre ambas as análises.

Salem (1992), expõe analiticamente o conteúdo em comum dos materiais consultados por ela e publicados sob a rubrica da autoajuda. Ou seja, investiga de que modo nele aparecem o papel da mente individual e da sociedade, bem como por quais caminhos seguem as orientações encontradas nesses materiais. Através do trabalho da autora é possível pensar em como analisar de quem se fala nos livros de autoajuda³. Esse esforço permitirá integrar a produção de autoajuda analisada com as maneiras pelas quais a contemporaneidade compreende indivíduo, corpo e sociedade. A categoria autoajuda é recortada através da identificação de livros que tratam de determinados tipos de conteúdo sobre certos assuntos, conforme veremos adiante. Não apenas as editoras constroem essa categoria, como também os autores frequentemente identificam assim sua obra.

A autora salienta que os livros de autoajuda têm seu foco na ideia da mente enquanto uma entidade definidora do sujeito. Neles, o fracasso nas relações amorosas, na busca pela felicidade, no âmbito profissional, entre outros campos, aparece enquanto efeito de uma mente mal administrada. A realidade externa aparece tendo um efeito minimizado sobre estas questões, pois é através de uma mente bem organizada que o sujeito pode superar limitações e encontrar a satisfação, a felicidade e/ou o sucesso. Deste modo, o questionamento da estrutura social e sua possibilidade de mudança não estão em xeque. Ela frisa questões tais como a de que a pessoa que aparece na literatura de autoajuda aparece enquanto tendo uma dupla natureza, universal e particular, e que a categoria mente aparece enquanto dividida, em especial no tocante à localização das perturbações e da potencialidade de cura.

Outro eixo importante diz respeito à tentativa de localização dessa produção em um contexto histórico mais amplo. Para realizar essa tarefa é preciso levar em consideração o conteúdo dos livros e seu propósito. Deste modo, as noções de governamentalidade, biopolítica, disciplina e tecnologias de Nikolas Rose (2004, 2011) parecem adequadas quando se pensa na prescrição de comportamentos a

³ O trabalho de Salem (1992) será esmiuçado no capítulo 1, de modo que aqui está apresentado apenas de forma muito resumida.

indivíduos com base em verdades biológicas e com a finalidade de tornar suas vidas melhores.

A partir destes eixos, outros trabalhos se somarão a fim de que se torne possível realizar os objetivos propostos por esse projeto.

2. Quais as diretrizes metodológicas desse trabalho

Da temática da literatura de autoajuda até a antropologia da ciência, percorri uma trajetória sobre a qual algumas palavras devem ser escritas. Essa trajetória se inicia pelo fenômeno da autoajuda.

Os anos 90 viram florescer uma produção literária comprometida com o crescimento pessoal dos sujeitos humanos, através de conselhos e técnicas que lhes permitiriam alcançar objetivos que os transformariam em pessoas mais completas e felizes. A esse tipo de literatura se convencionou classificar enquanto autoajuda, pois é a partir de uma ajuda que somente o próprio sujeito pode dar a si mesmo, que o seu crescimento e melhoramento se faria possível. Alguns autores, tais como Oliveira e Mendes (2013), sustentam que a produção de autoajuda responde aos anseios da dita pós-modernidade, marcada pelo processo de individualização dos sujeitos e pela mudança nas dinâmicas sociais anteriormente conhecidas. Assim sendo, a autoajuda se apresentaria enquanto portadora de um referencial no qual os sujeitos poderiam se ancorar a fim de se inserirem da melhor maneira nos processos da pós-modernidade.

Uma das maneiras de se observar a literatura de autoajuda enquanto objeto de pesquisa é através de seu desmembramento em subcategorias que compartilham a mesma proposta de crescimento pessoal, mas diferem na área de foco. Assim, há as obras que se debruçam sobre questões financeiras, outras, sobre questões espirituais, psicológicas, ou ainda, sobre questões afetivas. Tania Salem (1992), propôs que a autoajuda ficasse dividida entre livros do tipo psicológico e do tipo esotérico. Aqui trago outras categorias.

Nesta dissertação, analiso a obra publicada em edição brasileira de dois autores *best sellers* da área, Allan e Barbara Pease. A partir da minha pesquisa de graduação, identifiquei que diversos livros dos referidos autores se faziam presentes nas listas de mais vendidos da revista *Veja*, analisada para definição do meu objeto naquela ocasião. Foi a partir dessa identificação que os Pease passaram a ser o foco da minha investigação. Busquei, então, os livros que haviam sido publicados em

português, todos pela mesma editora, a fim de observar seu conteúdo e o modo como são narrados. A escolha dos livros em edição destinada ao Brasil se deu em função não apenas da facilidade de acesso, mas também do interesse em verificar quais nomes estão sendo mobilizados na divulgação científica em contexto brasileiro, de modo que esta dissertação possa contribuir para outras investigações sobre o tema no Brasil.

Sustento que os livros de Allan e Barbara Pease podem ser compreendidos enquanto existindo na interface entre uma literatura de “autoajuda científica” (ROHDEN:2012) e de autoajuda voltada para relacionamentos heteroafetivos. Essa autoajuda voltada para relacionamentos heteroafetivos, como denominei em outra ocasião⁴, se caracteriza pela ideia central de que homens e mulheres enfrentariam problemas de relacionamento em função de suas diferenças. Alguns livros atribuem essa diferença diretamente a fatores biológicos, enquanto outros se furtam à questão da origem das diferenças, apoiando-se em suas vivências profissionais e observações cotidianas para orientarem seus leitores quanto a melhor forma de resolver esses conflitos. Esse tipo de material apresenta a ideia de uma diferença radical entre homens e mulheres que deve ser aceita e compreendida para que a convivência entre os sexos seja pacífica. Desse modo, metáforas que passem essa ideia da diferença (homens e mulheres teriam vindo de planetas distintos, por exemplo) e exemplos retirados do cotidiano são trazidos, a fim de demonstrar como essas diferenças atuam na geração dos conflitos entre casais.

A autoajuda científica, em termos breves, se caracteriza por trazer ao público conhecimentos científicos que embasam as orientações contidas nos livros⁵. Cabe ressaltar que este é um termo cunhado por Rohden (2012) e mobilizado aqui para dar conta de um tipo de publicação que editorialmente não se diferencia da categoria geral autoajuda. É possível estabelecer uma interseção na qual a autoajuda científica e a autoajuda para relacionamentos heteroafetivos se encontram. Nela, estão livros que propõem auxiliar os indivíduos a se relacionarem afetivamente através da divulgação de descobertas científicas sobre o comportamento de homens e mulheres. Essa é a ideia que subjaz à obra dos Pease. Em seus livros, é possível encontrar afirmações de

⁴ Ver SANTANA, P. Eu não sou de Vênus: uma análise do sexismo em livros de auto-ajuda. Monografia de conclusão de curso da Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2007.

⁵ Essa categoria será explicitada em maiores detalhes no capítulo 1.

que a ciência explica os diferentes comportamentos observados em homens e mulheres e que, portanto, através da compreensão desse conteúdo, homens e mulheres podem ter relacionamentos afetivos satisfatórios e duradouros. O que temos nesse tipo de afirmação é justamente a preocupação que alguns pesquisadores entrevistados por Cassidy (2006) relataram: de um compromisso com um entendimento público da ciência. Ou ainda, como aparece em Irwin e Wynne (1996), de que o entendimento da ciência é capaz de fazer com que os sujeitos leigos tomem decisões e formem opiniões mais acertadas.

Nos livros dos Pease, é possível perceber que seus autores afirmam trazer determinadas visões de corpos sexuados (masculinos e femininos), oriundas de ramos específicos de ciência, tais como o da psicologia evolucionista, e apresentam uma maneira específica de passar esse conhecimento para o público amplo. Ao partirem de uma diferença ancorada na biologia e no passado genético da espécie humana, explicam e cristalizam as diferenças entre homens e mulheres⁶ com o intuito de auxiliar os leitores e leitoras a compreenderem porque homens e mulheres são como são e quais as melhores maneiras de administrar os conflitos que surgem quando essas diferenças não são compreendidas. É característico deste tipo de material uma visão complementar no tocante aos sexos, onde homens seriam bons em coisas que mulheres não são e vice-versa, afirmando que a igualdade entre homens e mulheres seria uma falácia politicamente correta que prejudicaria os relacionamentos afetivos. A igualdade entre os sexos negaria uma verdade científica, a de que homens e mulheres possuem estruturas cerebrais diferentes. É, portanto, através das diferenças de gênero que o discurso sobre uma natureza se estabelece.

Nesta dissertação, identifiquei categorias que me pareceram centrais para o discurso dos Pease, tais como sexo, casamento, orientação sexual, evolução, entre outras. Essas categorias foram transformadas em grandes categorias de análise, com o

⁶ Eva Illouz (2009), apresenta uma visão diferente deste material, ao considerar que ele busca equilibrar as diferenças de gênero, incentivando a descoberta de um lado feminino nos homens e de um lado masculino nas mulheres. De acordo com ela, através da valorização da comunicação nos relacionamentos, esse material contribuiria para uma relação afetiva em termos mais igualitários. Acredito que ambos os movimentos sejam verdadeiros, que o incentivo a essa relação mais igualitária passe pela cristalização de identidades masculinas e femininas que precisam ser, por estarem no campo da natureza, compreendidas por ambos os parceiros.

intuito de facilitar a exposição do modo como aparecem e são compreendidas pelos meus “nativos”. Aqui, visio investigar não apenas o modo como a obra dos Pease explora temas como a sexualidade, as diferenças entre os sexos e a felicidade dos sujeitos, mas também os caminhos que a produção científica percorre do artigo científico ao livro de autoajuda. Com esse esforço, espero contribuir para a compreensão dos mecanismos que operam na divulgação científica, o que se perde, o que se ganha, como se dão estes processos e com que finalidade são mobilizados estes conhecimentos. Para isso, o método utilizado foi a etnografia.

A etnografia é reconhecidamente a metodologia de pesquisa antropológica por excelência. Ela consiste na observação direta de práticas e cotidianos sociais, de modo a inserir-se em uma realidade com a finalidade de melhor compreendê-la. Esta dissertação teve como compromisso levar a sério o material pesquisado, sem colocar em xeque as veracidades das informações, que estão sendo assumidas enquanto compromissadas com a realidade circundante. Deste modo, devem-se analisar os livros selecionados enquanto documentos representantes de uma época e de um tipo de pensamento específicos:

Como estudiosos da narrativa, os etnógrafos estão mais preocupados com os processos através dos quais os textos descrevem a ‘realidade’ do que se os textos contêm declarações verdadeiras ou falsas (SILVERMAN:2009:157)

Seguindo o exemplo de Vianna (2002:98), a etnografia de documentos enquanto técnica de análise textual implica em considerar os textos em si como *constructos* sociais, podendo, portanto, serem tomados enquanto objeto social. Para tanto, se faz necessário atentar às especificidades da narrativa do tipo de material em questão:

O que proponho aqui, antes de mais nada, é refletir sobre o tipo de realidade – ou o tipo de verdade – que pode ser acessada através dos processos, pensando- os ao mesmo tempo como *objetos* socialmente construídos, como foi dito acima, e também como *objetos* socialmente construtores de novas realidades (VIANNA:2002, pp 79)

Cabe enfatizar que neste tipo de análise, a de documentos, os documentos escolhidos são tomados enquanto fontes de informação, não servindo para fins de referência analítica. A análise etnográfica de documentos implica em um

compromisso com a organização social e com a compreensão do documento enquanto revelador de um processo social em um determinado contexto.

A partir da análise etnográfica, tentei contextualizar esta produção de autoajuda científica, buscando conecta-la com aspectos mais amplos da sociedade englobante, e investigar as noções de gênero, sexo e natureza contida neles. Esse esforço é realizado sob o viés da investigação sobre a divulgação científica, a saber, a relação entre expertise científica e público leigo. Tomo como base, referenciais teóricos tais como Ludwik Fleck (2010) e Angela Cassidy (2006), cujos trabalhos auxiliam a pensar as maneiras através das quais o conhecimento parte de um local legitimado de produção e chega a ao público amplo, com as perdas e ganhos que ocorrem nesse processo. Também trazem considerações acerca da relação entre o senso comum e o saber científico, frisando que as ideias presentes naquele são parte fundamental da construção deste. Deste modo, o impacto dos materiais de divulgação científica não se restringe somente ao público leigo, ocorrendo também na esfera do próprio saber científico.

São analisados, ainda, os discursos dos livros em sua relação com concepções científicas sobre sexo e gênero, tais como mostradas em genealogias como as de Laquer (2001), Schibiger (1987) e Oudshoorn (1994). Esses materiais de autoajuda são compreendidos não apenas enquanto divulgadores, mas co-produzindo⁷ ciências, uma vez que o movimento não se dá apenas no sentido academia – divulgação, mas também em sentido contrário. A necessidade de se investigar esse tema se faz presente na concepção das ciências enquanto formadoras de realidades. A análise das concepções científicas ajuda a compreender a cultura em que esta ciência se desenvolve, uma vez que as ciências são produtos culturais e, simultaneamente, produtoras de cultura.

A divulgação científica, nessa dissertação, está sendo pensada de acordo com a noção de coprodução de Jasanoff (2004), que diz respeito à ideia de que a divisão entre os domínios do conhecimento natural e o domínio cultural deve ser repensada nos termos segundo os quais uma esfera é codependente da outra para existir. O natural

⁷ A ideia de co-produção será elaborada um pouco mais a frente neste trabalho

necessita de uma maneira de pensar para apoiar-se, de um clima cultural, bem como o cultural é dependente das noções de natural existentes, nas palavras da autora:

Os meios pelos quais conhecemos e representamos o mundo (tanto a natureza quanto a sociedade) são inseparáveis dos meios que usamos para escolher viver nele. O conhecimento e seus desdobramentos materiais são de uma só vez produtos do trabalho social e construtivo de formas de vida social; a sociedade não pode funcionar sem conhecimento tal qual o conhecimento não pode existir sem os alicerces apropriados. (JASANOFF, 2004, pp 2-3)⁸

A ideia de coprodução auxilia a pensar a codependência das diversas esferas envolvidas nas ciências e tecnologias, auxiliando a compreender o processo como enquanto sendo produzido em várias esferas. Neste sentido Jasanoff (2004) afirma que a coprodução não deve ser compreendida enquanto uma teoria formada, com seus pressupostos unificados e coerência interna, mas como um idioma através do qual se torna possível interpretar e dar conta de fenômenos complexos evitando as omissões e erros de outras abordagens. Aqui se entende que a noção de coprodução pode ajudar a compreender o processo pelo qual a divulgação científica se constitui em uma comunicação de mão dupla: tanto o conhecimento produzindo, estruturando, a vida cotidiana, quanto o público leigo e esta mesma vida cotidiana produzindo conhecimento. Isso é patente no processo descrito por Fleck (2010), acima, segundo o qual o saber especializado ao ser comunicado passa a integrar a visão de mundo que, por sua vez, é condição de existência do próprio saber especializado.

O idioma da coprodução aparece enquanto válido para se pensar as relações que se estabelecem no tocante às noções de ciência e também para a tentativa de efetuar um recorte inteligível a partir do qual seja possível e legítimo estudá-las, uma vez que instâncias determinadas podem ser recortadas e interligadas através da produção de um tema (psicologia evolucionista, por exemplo). O idioma da coprodução pode permitir que se mantenha a atenção em um ponto da rede ao mesmo tempo que se reconhece sua interconexão com os demais, uma vez reconhecida a codependência entre eles. Deste modo, defendo que devemos falar de divulgação

⁸ No original: “*the ways in which we know and represent the world (both nature and society) are inseparable from the ways in which we choose to live in it. Knowledge and its material embodiments are at once products of social work and constitutive of forms of social life; society cannot function without knowledge any more than knowledge can exist without appropriate supports*”

científica em termos de coprodução, deixando clara que a relação entre saber especializado e saber popular não é de mão única. Essa concepção nega, tanto que haja somente uma influência do saber especializado nas maneiras como se estruturam os cotidianos, quanto que as ciências sejam meros produtos culturais sem valor em si.

Capítulo 1 - Pensando autoajuda

1. O que é autoajuda?

Para pensar a categoria autoajuda, evoco inicialmente o trabalho de Tânia Salem (1992). A autora realiza um esforço para caracterizar aquilo que vem se tornando conhecido enquanto literatura de autoajuda, em *Manuais modernos de autoajuda: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações* (1992). Seu trabalho trata de livros de autoajuda, um termo utilizado pelos próprios autores da área e que, de acordo com ela, têm como característica serem:

livros que se dispõem a oferecer um conjunto minucioso de receitas e exercícios por meio dos quais, garante-se, ‘qualquer um’ pode ‘tornar-se outra pessoa’, ‘curar seus males físicos e mentais’, alcançar ‘sucesso no trabalho e na vida afetiva’ e/ou encontrar ‘o caminho da felicidade (SALEM:1992:1)

O esforço de Salem (1992) é motivado pelo grande número de vendas deste tipo de material (aferido pelas listas de mais vendidos de periódicos e revistas nacionais), e considera a literatura enquanto produto cultural. Assim, a literatura de autoajuda é portadora de uma lógica cultural que nos diz algo sobre a compreensão das noções de pessoa, suas perturbações e superações delas. A análise de Salem (1992) se centrou em cinco manuais sugeridos pelo gerente de uma livraria que afirmou a alta vendagem dos mesmos.

Esse tipo de literatura enfoca a mente, que é tida como a entidade definidora dos sujeitos. Salem (1992) defende que existe uma heterogeneidade entre os livros, de modo que propõe uma divisão entre livros de autoajuda psicológica e esotéricos. Os primeiros se valendo de teorias psicológicas amplamente aceitas e tendo no controle da mente a cura das perturbações, e os segundos, trazendo o tema da subutilização da mente e o poder da mente como fonte de realização das vontades e desejos. Essa divisão não é clara, pois os livros da vertente esotérica por vezes se utilizam de premissas psicológicas e proclamam que o enfrentamento da subutilização da mente exige a superação de perturbações psicológicas. Da mesma forma, os manuais do tipo psicológicos também reconhecem o poder da mente, pois conferem a ela a capacidade de cura das perturbações individuais. Deste modo, os fracassos são tidos enquanto efeitos de uma mente mal administrada, podendo ser remediados através de um

trabalho interno que auxilie uma reordenação mental. A realidade externa aparece somente enquanto uma manifestação real da subjetividade dos sujeitos.

Posto isso, é possível considerar, tomando as duas vertentes conjuntamente, que o sujeito da literatura de autoajuda se encontra fundado na ideia de possuir a si mesmo livremente, sendo dotado de força de vontade, e cuja premissa pode ser resumida como: “sujeito da consciência e de suas qualidades correlatas: a vontade, o livre arbítrio e a responsabilidade” (SALEM:1992:3). Essa noção de pessoa é o ponto de partida e de chegada da literatura de autoajuda, sendo, ao mesmo tempo, o meio através do qual se pode atingir o fim.

Na tentativa de compreender o discurso da autoajuda, Salem (1992) busca referências em outros tipos de literatura que lancem mão do modelo de uma escrita sobre as perturbações e suas causas. Assim sendo, ela busca no tema do “médico de si mesmo” um começo para suas considerações, e afirma que, até o final do século XVIII, o que vigorava era uma ideia de uma medicina espontânea, ancorada no papel curativo da natureza. Contudo, no início do século XIX, esse modelo do “medico de si mesmo” se transforma na premissa de uma “medicina sem médicos”, em que se tem uma vasta literatura destinada ao público leigo, com fins de divulgar conhecimentos médicos. Essa literatura, tratada aqui enquanto manual, tinha como intuito auxiliar o indivíduo a retomar o controle de sua saúde. A grande diferença entre o manual do tipo “médico de si mesmo” e o do tipo “medicina sem médicos” está no fato de o primeiro partir do pressuposto de uma natureza englobante capaz de fazer chegar ao bem estar, enquanto o segundo parte da premissa iluminista de desmerecimento da natureza e enaltecimento da capacidade científica e racional humana em que o ser humano não é compreendido enquanto parte da natureza. Aqui já é possível ver também a tendência de se atribuir as perturbações a fatores internos ao sujeito.

Salem (1992) defende que a autoajuda moderna é uma variação da “medicina sem médicos”, compartilhando suas premissas e estando compromissados com a cientificidade, mesmo que não a citem diretamente através de fontes legitimadas. Característico dos manuais deste tipo são a evocação a mestres da ciência da mente e a alusão à eficácia dos métodos propostos através da comprovação de seus resultados nos próprios autores, em seus familiares e em suas clientelas. Nos manuais, a espontaneidade não tem lugar, eles são voltados para a aprendizagem, que exige o saber especializado, coisas que são compreendidas enquanto estando ao alcance de todos.

O modelo anterior aos manuais modernos, que Salem (1992) analisa, trata do plano físico-orgânico do indivíduo. Já os manuais modernos efetuam um deslocamento moralizante, retirando a fisicalidade e se focando na mente compreendida enquanto local dos pensamentos: “Além de conceberem essa instância como portadora de uma lógica própria e irreduzível, os manuais conferem uma *potência absoluta a seus conteúdos*” (SALEM:1992:6). Nos manuais esotéricos a capacidade transformadora da mente é literal, nos psicológicos ela é compreendida enquanto a noção de que a realidade é aquilo que a mente percebe dela, pois essa percepção está relacionada ao modo como o indivíduo se posiciona. Isso quer dizer que os fatores externos são responsabilidade do indivíduo e de sua mente, ocasionando o que a autora chama de uma confusão entre realidade externa e interna. É essa confusão que torna difícil delimitar as fronteiras entre a autoajuda psicológica e esotérica.

A mente pode se encontrar submetida a constrangimentos. Isso pode acontecer devido ao desconhecimento do sujeito, levando a subutilização da mente, ou a uma ideia da mente enquanto subdividida, de modo que há uma parte dela mesma que é capaz de levar o indivíduo a agir de modo não natural. Aqui a perturbação aparece claramente, na forma desses conteúdos mentais dos quais o sujeito deve se livrar:

longe de ser monolítica, a mente (e/ou o sujeito) é apresentada como uma instância agonística. Ela comporta ‘partes’ ou ‘planos’, entre os quais trava-se uma verdadeira ‘luta’ de cuja solução final depende todo o resto: a autotransformação, o assenhoreamento de si e do mundo (SALEM:1992:9)

A pessoa da autoajuda possui uma dupla natureza, universal e particular. Por um lado, há o reconhecimento da unicidade de cada sujeito, que aparece declaradamente ou através de exercícios que levam ao autoconhecimento. Por outro, há a assunção de algo anterior que circunscreve os sujeitos e oculta suas diferenças. Essa noção da humanidade como algo compartilhado é o que provê o substrato da literatura de autoajuda.

Aos atributos, sempre positivados, compartilhados dos sujeitos, a autora denomina “eu natural”. Natural porque, uma vez existindo em todos os sujeitos, necessita ser pré-social e infra-psicológico, ou seja, pertencente a uma essência do humano, à natureza humana. O indivíduo é mostrado enquanto sendo uma “tábula rasa”, no sentido de não sofrer constrangimentos iniciais. Nos livros esotéricos, tal

ideia poderia ser contraposta pela de uma transcendência denominada “inteligência superior”. Contudo, essa transcendência não constrange os sujeitos, sendo benevolente, e tem um efeito de igualdade sobre eles. A transcendência devolve os sujeitos a si mesmos, pois eles mesmos são transcendência. A noção da pessoa livre de constrangimentos *a priori*, é uma das noções chave dos manuais de autoajuda. É sendo livre de constrangimentos que o indivíduo natural pode ser possuidor de si mesmo, de suas vontades e seu livre arbítrio.

Conforme já explicitado, constrangimentos são impostos sobre os indivíduos, podendo esses constrangimentos serem morais (relativos à sociedade) ou psicológicos (as perturbações, causadas pela vida em sociedade e, principalmente, no núcleo familiar). O indivíduo é aqui composto de várias camadas, como em Geertz (1978), sendo a social a mais exterior, e a natural a mais interior. Esta, imutável e invariante. Essas características naturais instituem uma igualdade entre os sujeitos, e são um “patrimônio inalienável”:

Em suma, a crença na invariância e partilhamento universal de atributos ‘naturais’ conjugadas à convicção quanto à possibilidade de remoção das restrições morais afirma-se como a viga mestra da literatura. É ela que fornece sustentação a dois de seus pressupostos fundamentais. Em primeiro lugar, ao de que a ‘cura’ é possível e acessível a todos indistintamente (...) Em segundo lugar, ao da absoluta irredutibilidade que a categoria de responsabilidade individual cumpre nesses ideários (SALEM:1992:13, grifos de Salem)

Os constrangimentos aos quais a mente se encontra submetida atrapalham a livre posse de si, que está presente no “indivíduo natural”. Deste modo, a autoajuda busca a supressão desses constrangimentos para que o sujeito se assenhore de si e, conseqüentemente, do mundo.

A fim de resolver os problemas do sujeito, recorre-se à subdivisão da mente. No caso da subutilização da mente, a divisão tende a se dar em termos de consciente/inconsciente. No caso da perturbação, a divisão tende a ser entre inconsciente/consciente-ego. Essa divisão da mente permite que se pense que a parte responsável pelo insucesso seja uma, ao passo que outra parte permanece pura, sendo esta a que deve ser mobilizada para a cura. Essas partes da mente estão relacionadas a camadas que são espacialmente dispostas e, na literatura psicológica, também são temporalmente dispostas.

Os padrões mentais ruins estão associados a uma contaminação moral, a saber, que vem da sociedade, incluindo os “males da civilização” (Caprio:1980:27). Contudo, o passado, especialmente o familiar, apresenta papel preponderante na localização das perturbações: “Decorre daí que a *situação do sujeito no presente tende a explicar-se pelo seu passado remoto*” (SALEM:1992:16, grifos de Salem). Infância e passado se tornam, então, termos intercambiáveis com o inconsciente. Deles, podem ser destacadas três características. Primeiro:

estão localizados em um espaço ‘mais profundo’ da mente relativamente àqueles oriundos das relações sociais em geral; são, comparativamente aos últimos, mais ‘arcaicos’, mais totalizantes e mais renitentes à mudança (SALEM:1992:16)

Em segundo lugar, há uma tendência a categorizar seus conteúdos como sujeira ou poluição, de modo que se fala em faxina mental. Por fim, há uma ênfase no fato de que esses conteúdos não ocorrem de modo consciente, que seria a sua falha mais grave e lhes conferiria o caráter de perturbação.

As marcas morais e psicológicas, ao contrário das marcas genéticas, ainda estão associadas ao polo da vontade. O sujeito acaba por como que consentir com as manifestações desses conteúdos, já que é o único responsável por seus pensamentos, ainda que sofra influências externas. Dessa forma, compreende-se que o sujeito nunca está realmente despossuído de si, de sua vontade e de sua liberdade, pois estes atributos estão em sua natureza humana, sobre a qual os conteúdos externos se sedimentam. Esses atributos naturais permanecem intactos e podem ser acionados a qualquer momento. O inconsciente precisa ser limpo através do consciente, que deve domina-lo. Pelo simples ato de trazer à consciência hábitos inconscientes, o sujeito é capaz de libertar-se deles. Os recursos necessários e suficientes para a cura são, portanto, o saber, a decisão da vontade e a libertação (SALEM:1992:29).

O controle da mente, que se traduz nessa tentativa do consciente de expurgar as perturbações que se encontram alocadas em outra parte da mente. Essa é a mente agonística, como que composta por dois “eus”. Deste modo, o sujeito deve adotar uma postura imperativa consigo mesmo, tal qual a postura que os manuais adotam para com ele, podendo chegar ao extremo da punição física. Esse processo de cura se associa ao de remoção de camadas, de modo que, através dessa remoção, encontra-se o eu natural e verdadeiro. A autora avança no pensamento de que seria possível

considerar que, através desse processo, o sujeito pode vir a tornar-se a tábula rasa que era desde o início, livre de constrangimentos e, por consequência, reencontra um saber que sempre deteve (SALEM:1992:22).

O poder da mente é traduzido pela ideia de que os pensamentos positivos são capazes de gerar realidades, dentro e fora do sujeito. Na autoajuda psicológica isso se dá através da transformação da percepção de si do sujeito, que modifica o modo como ele se coloca em suas relações:

Nesse registro, a transformação da realidade que transcende o sujeito está intimamente atrelada – e à primeira vista limita-se – a *uma reversão nas representações* que ele faz acerca de si e do mundo (SALEM:1992:24, grifos de Salem)

O poder da mente está no mundo interno, mas, uma vez que ele é o parâmetro do sujeito, pode ultrapassá-lo. Ainda na autoajuda psicológica, muitas vezes confunde-se a separação entre representação e fato, de modo que é possível considerar que a crença gera o fato.

Nos manuais esotéricos o tema do poder da mente é explorado de maneira muito mais radical. A principal diferença entre a autoajuda psicológica e esotérica é que esta apresenta uma exacerbação dos pressupostos que também estão contidos naquela. Há aqui uma ideia de um poder infinito da mente, de modo que o mundo é apenas uma extensão da maneira como o sujeito o enxerga. Assim, a realidade se encontra reduzida ao pensamento. Para se atingir o poder absoluto da mente é preciso primeiramente livrar-se das perturbações através da “faxina mental”. Outra condição é o conhecimento do funcionamento da mente, que, assim como nos manuais psicológicos, também é uma mente subdividida. No caso, entre consciente e subconsciente. O subconsciente é compreendido enquanto poderoso, porém sem vontade e determinação. Deste modo, assim como o consciente precisa ser governado por pensamentos positivos, o subconsciente precisa ser governado pelo consciente. A mente consciente deve domar o inconsciente. Mente consciente significa, nesses contextos dos manuais de ambos os tipos, o mesmo que “você”:

Em suma, os manuais - tanto os ‘psicológicos’ quanto os ‘esotéricos’, desaguam no seu ponto de partida: o império da mente consciente, da vontade, da autodeterminação e da liberdade do sujeito constitui simultaneamente a base insofismável sobre a qual

operam (o 'indivíduo natural'), os recursos de cura e o fim último almejado (SALEM:1992:29)

Conforme já dito, a autoajuda é lida por alguns enquanto uma resposta aos processos de desintegração do sujeito vivido na pós-modernidade⁹. Pretendo me manter à parte desse debate, embora considere que seja importante pensar a autoajuda enquanto um mecanismo que propõe respostas. Na obra dos Pease é persistente essa assunção de que está sendo oferecida uma resposta a uma situação com a qual a sociedade supostamente não sabe mais ser capaz de lidar, a saber, a diferença entre homens e mulheres. Com o movimento feminista e a crescente conquista de direitos por parte das mulheres, o mito da divisão sexual do trabalho¹⁰, que associa a mulher ao cuidado e à família e o homem à esfera pública, vem perdendo espaço, à medida que as mulheres começam a adentrar a esfera pública e demandam participação dos homens na esfera do privado. Considero que a obra dos Pease, assim como demais livros de autoajuda voltados para relacionamentos heteroafetivos, parte em resgate desse modo anterior de lidar com a diferença sexual, ainda que busque de alguma forma remodela-la e positiva-la para que se adeque melhor às novas demandas.

Pode-se perceber, a partir dos anos 1990, o surgimento e popularização de uma vasta produção de literatura classificada como de autoajuda, aliada a um aparecimento cada vez mais frequente nas mídias populares de informações acerca do comportamento humano provenientes de fontes ditas cientificamente legitimadas. Dentre os materiais de autoajuda, a popularização da ciência é um fenômeno que também aparece, gerando aquilo que está sendo denominado atualmente por Fabíola Rohden (2012) como autoajuda científica. De acordo com Rohden (2012), a autoajuda de caráter científico se caracteriza pela exposição de argumentos de ordem científica: pesquisas, autores e universidades, com a finalidade não apenas de aumentar o conhecimento científico de um público leigo, mas também de auxiliar no aprimoramento e na resolução de conflitos e problemas enfrentados cotidianamente pelos indivíduos:

⁹ Sobre esse assunto, ver o trabalho de Mendes e Oliveira (2013), que se encontra nas referências bibliográficas.

¹⁰ Com o uso do termo mito não pretendo negar a existência dessa divisão, nem minimizar seus efeitos simbólicos no imaginário social, mas me referir às contestações às quais essa teoria foi submetida. Especialmente no tocante ao recorte de classe e raça.

Os dois livros [*analisados pela autora no artigo em questão*] atestam a existência deste discurso centrado em argumentos supostamente embasados na ciência que se transformam em guias de orientação para cada indivíduo isoladamente e, se possível, para a sociedade como um todo. Essa combinação de recursos que atestariam a legitimidade científica, como a menção a todas as especialidades, obras e pesquisadores citados como fonte, e a retórica do esclarecimento e da ajuda fazem desses trabalhos uma ilustração exemplar desse novo tipo de produção que se pode chamar de autoajuda científica ou de disseminação do conhecimento científico com fins de orientação pessoal (ROHDEN: 2012:236)

Rohden (2012:241) organizou o que chamou de uma estrutura básica que os materiais de autoajuda científica relativos a questões de gênero reproduziriam, a saber:

- a. A constatação ou indicação de um problema ou ‘sofrimento’ (que pode ser uma disfunção ou doença, baixo desempenho ou as dificuldades de lidar com as diferenças);
- b. O fornecimento das explicações científicas, de base biológica, a respeito de suas causas;
- c. O uso de dados numéricos, de preferencia estatísticas que indicariam sua importância na população;
- d. A utilização de recursos gráficos como quadros e esquemas que simplificariam ou sintetizariam as informações mais importantes;
- e. O recurso aos especialistas ou experts, em geral pesquisadores ou médicos integrados em instituições de renome;
- f. O depoimento de ‘pessoas comuns’ ou a referência a casos clínicos que atestam como tais condições ou problemas afetam suas vidas;
- g. A reprodução de testes autoaplicativos para que o leitor possa fazer o primeiro enquadramento de sua situação pessoal a respeito de tal problema;
- h. A indicação, principalmente através de quadros em destaque, das principais soluções ou recursos disponíveis, recomendados pelos especialistas.

Veremos, ao longo desse trabalho que os livros aqui analisados se encaixam nessa categoria, cumprindo as condições listadas acima. Também discutiremos no que se aproximam e se diferenciam no tocante à discussão de Tania Salem (1992). Deste modo, ficam de lado as especificidades existentes entre os livros de autoajuda e também dentro da própria obra dos Pease. Embora constituam um objeto pertinente de

investigação, o esforço realizado nesta dissertação vai no sentido de mostrar de que modo a obra dos Pease aparece enquanto pertencente a categorias mais amplas, tais como a de autoajuda e de autoajuda científica. No esforço de compreender a obra completa, são perdidas as diferenças entre os livros, inclusive com suas marcas temporais, que pedem uma análise em outra ocasião. Posto isso, cabe uma breve contextualização sobre a obra a ser analisada nessa dissertação.

2. O mercado de autoajuda (o caso da editora Sextante)

O mercado de autoajuda no Brasil vem crescendo e conquistando muito espaço. Prova disso são as listas de mais vendidos encontradas em grandes veículos de comunicação, como jornais e revistas de ampla tiragem, que possuem uma sessão específica para livros de autoajuda. Outras, embora não a possuam, contém livros assim categorizados ocupando o *ranking*. Ainda sobre esse mercado, Mendes e Oliveira (2013) citam:

A recorrência da literatura de autoajuda é um fenômeno em expansão. Conforme dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o segmento de autoajuda cresceu, em nosso país, de 5% a 10% ao ano entre 1996 e 2006. De acordo com os dados da CBL, em 2006 cerca de 600 livros do gênero foram lançados, compreendendo desde o universo corporativo até obras de autoajuda infantil (*apud* FREIRE FILHO, 2010, p. 16) (MENDES e OLIVEIRA:2013:6)

Dentro desse contexto, temos o caso da editora Sextante, que tem em seu catálogo livros de famosos escritores do gênero, tais como: Brian Weiss, James Van Praagh, James Hunter, Augusto Cury, Allan e Barbara Pease, Mark W. Baker e Hugh Prather, de acordo com o *website* da editora.

A Editora Sextante foi fundada em 1998, e sua página no site de *microbloggin twitter*¹¹ tem como descrição: “Publicar livros que ajudem as pessoas a encontrar paz, felicidade, harmonia, espiritualidade e crescimento profissional”. Essa descrição por si só explicita a relação que a editora possui com a categoria de autoajuda. O caso dessa editora é emblemático do crescimento do mercado de autoajuda no Brasil, por se tratar de uma editora especializada nesse tipo de publicação. O *website* da editora

¹¹ Disponível em <https://twitter.com/sextante>, acessado em 26/12/2013

Sextante traz um breve texto explicativo a respeito da escolha do nome e da proposta filosófica e política da editora:

Numa época em que o homem só dispunha do céu e das estrelas para se orientar, o Sextante era uma ferramenta fundamental para se atingir o destino desejado. Observando através do Sextante, o navegador se norteava, medindo a distância entre os astros e o horizonte.

Foi por essa razão que escolhemos o nome **Sextante** para nossa editora. Vivemos, nesse início do terceiro milênio, um momento de inquietação e ansiedade, em que a aparente perda de valores essenciais convive com uma intensa busca da felicidade. Conscientes dessa realidade, investimos para que cada produto da **Sextante** seja um instrumento precioso para alcançar a paz interior, a espiritualidade e o crescimento pessoal, tratando sempre de temas importantes para a plena realização humana.

Tendo por denominador comum a busca da felicidade e da realização pessoal, nossos livros abrangem temas que vão do desenvolvimento espiritual à descoberta da vocação profissional, passando pela conquista da própria identidade e do amor que se deseja.¹²(grifos do original)

Aqui, fica clara a associação da literatura de autoajuda com a ideia de uma perda de valores norteadores que a (pós)modernidade trouxe. A proposta da editora, bem como a da autoajuda dos Pease, passa a ser a de prover esse norte segundo o qual os sujeitos conseguirão encontrar a paz, a segurança e a satisfação que a vida intensa e veloz da contemporaneidade não é capaz de prover.

De acordo com a wikipedia¹³, a Sextante é fruto de uma família de editores, tendo sido fundada por Geraldo João Pereira, filho do também editor, José Olympio, e hoje em dia pertence aos filhos do primeiro, Marcos e Tomás Pereira. Em 2011 foi lançado um novo selo da editora, o “Arqueiro”, sob o qual serão publicadas as obras de ficção, deixando a Sextante livre para manter o foco do catálogo nas publicações de autoajuda.

No blog da Editora é possível acessar as listas de livros mais vendidos onde as publicações da editora se fizeram presente. Essas listas são da revista *Veja* e *Época* e dos jornais *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*. Além disso, há também a lista dos 40 livros mais vendidos da própria Editora. Foram consultadas todas as listas referentes ao ano de 2012 (não havia atualizações de 2013), que vão de

¹² Disponível em <http://www.esextante.com.br/>, acessado 26/12/2013

¹³ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Sextante_%28editora%29, acessado em 26/12/2013

02/01/2012 a 03/07/2012, e, embora não haja livros de Allan e Barbara Pease na lista das mídias citadas acima, eles estão presentes em todas as listas de mais vendidos da própria editora¹⁴, de modo que seus números de venda seguem sendo significativos. Há também uma lista de mais vendidos no *website* da editora, onde estão presentes vários livros dos Pease.

Com a finalidade de levantar mais informações sobre a editora Sextante, sua organização e filosofia, busquei entrar em contato com a sede da editora, localizada no Rio de Janeiro. Após alguns meses de insistência, consegui estabelecer contato com uma assessora de imprensa, que buscou me responder às seguintes perguntas:

- 1) Qual o público consumidor desses livros? Seja especificamente os de Allan e Barbara Pease, seja dos livros da Sextante em geral?
- 2) Como foi a decisão de publicar esses livros no Brasil?
- 3) Como a editora Sextante decidiu se focar nas publicações de livros de autoajuda?
- 4) Como são categorizados os livros da editora?

De acordo com as respostas que me foram fornecidas, descobri que a editora Sextante não faz pesquisa de *marketing* para delimitar seu público alvo, de modo que não é possível precisar seu alcance de público em termos de sexo, etnia e classe social. Tal fato me causou estranhamento, pois devido ao alto número de vendas, era esperado que a Editora mantivesse uma maior controle do seu público alvo. As vendas da Sextante parecem não se resumir a um público com acesso à internet e a livrarias, pois muitos livros são vendidos através da Avon¹⁵. A Avon atinge cidades pequenas que sequer possuem livrarias, onde tampouco haveria o hábito de se fazer compras por internet. A Avon é uma grande ferramenta na venda dos livros da

¹⁴ As tabelas de mais vendidos da Editora Sextante se encontram em anexo.

¹⁵ A Avon é uma empresa que atua no mercado há 127 anos e tem mulheres como público alvo. Seus produtos são comercializados em mais de 100 países por mais de seis milhões de revendedoras autônomas. De acordo com o website da empresa, a Avon vende produtos de beleza, de moda e também para a casa. Tem como um de seus princípios: “Daremos às pessoas oportunidades de desenvolvimento e ganhos para promover seu bem-estar e felicidade”. Os livros são vendidos através do folheto Avon moda&casa, que é considerado o maior vendedor de livros do Brasil. No Brasil, atua há 60 anos, e 60% dos funcionários são mulheres. As informações foram retiradas do website da empresa: http://www.br.avon.com/PRSuite/home_page.page, acessado no dia 20/01/2014.

Sextante. Desse modo, é possível questionar a assunção de que o público consumidor de autoajuda seja majoritariamente de classe média. Cabe frisar também que a Avon é uma empresa de produtos voltados para mulheres.

Quando indagada sobre o processo através do qual a Sextante toma a decisão de lançar livros de determinados autores ou temas no Brasil, a assessora explicou que há um departamento de aquisições, composto por quatro pessoas, que analisam materiais enviados por agentes literários. As pessoas do departamento de aquisições também estabelecem contatos em feiras literárias, como a de Frankfurt, que é o maior encontro do setor editorial e vem abrindo muito espaço para a literatura brasileira¹⁶. Essas pessoas analisam as tendências do mercado literário mundial e buscam pelos assuntos e autores que façam sucesso, estejam na moda, ou que tratem de temáticas ainda não exploradas no Brasil.

A decisão de publicar livros de Allan e Barbara Pease se deu, então, por eles se encaixarem dentro da proposta da editora, por tratarem de uma temática que, num momento inicial, foi considerada ainda não expressiva no mercado brasileiro e por serem uma literatura “acessível, fácil de ler e leve”, nas palavras da assessora. Os primeiros livros se provaram bem sucedidos e demais publicações dos autores foram lançadas.

Os livros dos Pease são categorizados, do ponto de vista da editora, enquanto na temática de comportamento e relacionamento, dentro da grande categoria de autoajuda. São autoajuda porque trazem “dicas de como conquistar as pessoas”, tomando novamente emprestadas as palavras da assessora, e entram na subárea de comportamento e relacionamento devido a uma compreensão de que sua temática principal é a relação entre pessoas.

3. Allan e Barbara Pease

Allan e Barbara Pease são ditos especialistas em relacionamento humano e linguagem corporal e trabalham no ramo empresarial. Reconhecidos *best sellers* na área de autoajuda, tendo cinco de seus livros entre os mais vendidos atualmente de

¹⁶ Sobre a feira de Frankfurt:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Feira_do_Livro_de_Frankfurt

acordo com o site da editora Sextante¹⁷. São casados e possuem uma empresa, a *Pease International*, da qual Barbara é diretora executiva. Barbara é responsável por controlar a distribuição, a publicidade e a venda dos livros, DVD's e programas de treinamento de empresas. Ela é considerada uma das mais bem sucedidas escritoras¹⁸ do mundo. O *website* da *Pease Internacional* traz a seguinte informação sobre Allan e Barbara e sua trajetória:

Allan & Barbara Pease são a equipe editorial de maior sucesso na Austrália. Seus produtos inspiracionais estimulam crescimento pessoal e organizacional por todo o mundo.

A Pease International Pty Ltd organiza os seminários de Allan e garante a venda dos livros, CDs, DVDs e programas de treinamento nas áreas de comunicação, linguagem corporal, vendas, motivação, liderança e trabalho em equipe de autoria de Allan & Barbara.

10 Bestsellers

10 #1 Bestsellers

Traduzidos para 54 línguas

Vendidos em mais de 100 países

Mais de 27 milhões de cópias vendidas

Seminários em 68 países¹⁹

Allan é conhecido pelo seu trabalho relativo à linguagem corporal, possuindo a alcunha de “*Mr. Body Language*” (Senhor Linguagem Corporal). Allan fornece palestras e treinamento sobre o assunto para empresas, órgãos governamentais e pessoas físicas. Ele e Barbara são reconhecidos pelo uso do recurso do humor ao tratar de seus temas. Assim, de modo um pouco contraditório com o que em sua obra aparece enquanto habilidades femininas e masculinas, Allan executa as funções mais

¹⁷ A lista, disponível em <http://www.esextante.com.br> foi acessada no dia 6/10/2012

¹⁸ http://www.peaseinternational.com/index.php?route=information/information&information_id=8, fonte acessado 6/10/2012

¹⁹ No original: “**Allan & Barbara Pease** are Australia's most successful publishing team. Their inspirational products boost personal and organizational growth around the globe. **Pease International Pty Ltd** facilitates Allan's seminars and provides Allan & Barbara's books, CDs, DVDs and training programs in the areas of communication, body language, sales, motivation, leadership and teamwork.

18 Bestsellers

10 #1 Bestsellers

Translated into 54 languages

Sold in over 100 countries

Over 27 million copies sold

Seminars in 68 countries¹⁹” (grifos do original)

sociais do trabalho, lidando diretamente com o público, enquanto Barbara parece atuar mais fortemente na área organizacional.

As informações conseguidas sobre os autores são oriundas dos próprios livros escritos por eles e do *website* da *Pease International*, não tendo sido possível obter informações mais detalhadas sobre suas carreiras. Busquei um contato por *e-mail* a fim de conseguir uma entrevista por escrito ou maiores informações sobre os currículos dos mesmos. A equipe responsável pela assessoria de comunicação informou que não havia disponibilidade para responder perguntas e que as informações sobre os autores podiam ser encontradas no próprio *website*.

Os livros de Allan e Barbara Pease aqui analisados têm, em sua maioria, a diferença sexual como tema principal. Conforme já foi mostrado, a motivação de sua escrita é propiciar uma melhor convivência entre homens e mulheres através do entendimento de suas diferenças. Embora essa questão seja abordada em diversos contextos, ela se faz presente principalmente no afetivo e sexual, de modo que boa parte dos livros dos Pease se configura enquanto livros para ajudar as pessoas a manterem relacionamentos amorosos mais satisfatórios. Deste modo, são apresentados comportamentos e modos de estar no mundo atribuídos a homens e a mulheres, bem como são mobilizados argumentos de ordem científica para explicar e justificar estas diferenças.

Outro mote presente é o da linguagem corporal, havendo um livro voltado para este tema como o principal, e outro para a conexão entre os dois temas (linguagem corporal e relacionamentos afetivos/sexuais entre homens e mulheres). Assim, a ideia de que nossa linguagem corporal é a maior responsável por transmitir mensagens, sendo assim balizadora da comunicação, também está presente. Portanto, técnicas para se sair melhor em situações determinadas se utilizando dessa linguagem são ensinadas, inclusive no tocante a relacionamentos afetivos/sexuais. Aqui também são mobilizados argumentos de ordem científica para explicar as afirmações feitas e os conselhos dados ao leitor:

Um outro estudo foi feito com bibliotecários, que, ao entregar um livro a um usuário, acariciavam-lhe muito ligeiramente a mão. Do lado de fora da biblioteca, os usuários eram solicitados a responder perguntas a respeito de suas impressões sobre o serviço dispensado. Os que haviam sido tocados responderam mais favoravelmente a todas as perguntas e lembravam mais do nome do bibliotecário ou bibliotecária (...) Da próxima vez que você for apertar a mão de uma

pessoa a quem estiver sendo apresentado, estenda o braço esquerdo, dê um leve toque em sua mão ou cotovelo durante o cumprimento, repita o nome dela para confirmar que você o entendeu corretamente observe a sua reação. Isto não apenas faz com que a pessoa se sinta importante como o ajuda a lembrar o nome dela por causa da repetição (PEASE:2005:84)²⁰

O humor é colocado como uma marca dos autores e enquanto um recurso que torna suas mensagens mais acessíveis. Por vezes os recursos humorísticos aparecem enquanto trechos destacados do texto, como em: “Quantos homens são necessários para trocar um rolo de papel higiênico? Não se sabe, isso nunca aconteceu” (PEASE:200:11)

Embora o humor esteja presente em toda a obra, o livro *Como viver a dois* (2011) é composto por frases retiradas de outros livros e acompanhadas por ilustrações humorísticas como a de um casal num jantar romântico, onde ela fala sobre os planos de viajar para um chalé, enquanto ele só pensa na parte em que o sexo entra na história. Nele, são encontradas frases como: Por que Moisés passou 40 anos vagando no deserto? Porque se recusava a pedir informações (PEASE:2011:20) e Adão e Eva formavam o casal mais feliz do mundo, pois nenhum dos dois tinha sogra” (PEASE:2011:105).

Situações do cotidiano real são evocadas com alguma frequência, trata-se de casais ou pessoas solteiras experienciando as situações tratadas nos livros, tal com aparece aqui:

Em uma tranquila e ensolarada tarde de domingo, Bob, Sue e suas três filhas adolescentes tomaram o caminho da praia. Bob ia ao volante, e Sue, ao seu lado, a todo momento se voltava para trás, participando da animada conversa das garotas. Bob tinha a impressão de que todas falavam ao mesmo tempo, criando uma balbúrdia danada. Até que não aguentou:
- Dá pra vocês ficarem quietas?
Todas pararam de falar, surpresas.
- Por quê? – Sue perguntou.
- Porque eu estou tentando dirigir!
Elas se entreolharam, confusas.
- Tentando dirigir? – se perguntaram.
Não conseguiam entender porque a conversa atrapalhava.
E ele não entendia como podiam falar todas ao mesmo tempo, às vezes sobre assuntos diferentes, parecendo que ninguém ouvia

²⁰ Para fins de organização, os excertos retirados da obra de Allan e Barbara Pease serão apresentados de forma diferenciada das citações das referências bibliográficas

ninguém. Por que não se calavam e deixavam que se concentrasse em dirigir o carro? Por causa do barulho, tinha deixado passar a última saída da estrada (PEASE:2000:7)

Outra forma através da qual o cotidiano e a experiência de pessoas reais aparece na obra dos Pease é através de comunicações de leitores com eles. Desse modo há capítulos estruturados em perguntas de leitores e/ou participantes de seminários, tal como o que gira em torno das “40 perguntas mais frequentes de leitores de todo o mundo e procuramos responde-las usando nossa experiência e bom-senso, além de informações científicas atualizadas” (PEASE:2003:7).

A experiência dos próprios autores é um recurso muito utilizado também, como quando afirmam terem viajado mais de 30 países e asseguram que as histórias retratadas no livro são reais: “o que expomos nesse livro vai além da nossa pesquisa e abrange também nossas experiências pessoais, observações e estratégias, além das impressões de outras pessoas que encontramos nessa jornada”(PEASE:2009:13). Também trazem sua experiência a fim de legitimar sua obra, explicando que são “muito bem casados, pais de quatro lindos filhos, amantes fiéis e grandes amigos um do outro”(PEASE:2003:11).

Seus livros, cujos títulos podem ser encontrados no *website*, são: *Why Men Don't Listen and Women Can't Read Maps* (1999), *Why men want sex and women need love* (2000); *Why Men Lie And Women Cry* (2002), *Why men don't have a clue and women always need more shoes* (2003), *Why Men Can Only Do One Thing at a Time Women Never Stop Talking* (2003), *Are You Made for Each Other?: The Relationship Quiz Book* (2004), *The Little Book Of Men And Women* (2004), *Why Men Don't Have a Clue & Why Men Don't Listen* (2004), *How Compatible Are You?* (2005), *Easy Peasey - People Skills For Life* (2006), *The definitive book of body language* (2006); *Why He's So Last Minute And She's Got It All Wrapped Up* (2007), *How To Remember Names, Faces And Lists* (2008), *The Mating Game* (2010), *Body Language in the Workplace* (2011), *The Body Language of Love* (2012)²¹.

Foram escolhidos os livros dos autores até então publicados pela Editora Sextante. Um novo livro foi publicado no ano de 2013, quando essa dissertação já estava sendo elaborada, e não pôde integrar este trabalho. O livro em questão se

²¹ Esses títulos e datas foram obtidos pesquisando o *website* dos autores, o *website goodreads*: <http://www.goodreads.com> e o *website* da loja online Amazon: <http://www.amazon.co.uk>

chama *A Linguagem Corporal no Trabalho*. A escolha dos livros se deu com o intuito de buscar uma conexão da obra com a situação do mercado brasileiro de autoajuda. Embora essa dissertação não se aprofunde nesse tema, espera-se que, com isso, seja possível contribuir com pistas acerca de quais temas e trabalhos têm sido escolhidos para publicação no Brasil.

Os livros utilizados para análise nesse trabalho são: *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (2003), *Desvendando os Segredos da Linguagem Corporal* (2005), *Como Conquistar as Pessoas* (2006), *Será que a Gente Combina?* (2006), *Desvendando os Segredos da Atração Sexual* (2010), *Como Viver a Dois* (2011) e *A Linguagem Corporal do Amor* (2012).

Nesta dissertação trato os Pease como um só para enfatizar que, em seus livros, raramente é possível saber quem fala. Ainda que haja algum uso eventual da primeira pessoa, não sabemos se essa pessoa é Allan ou Barbara. Excetuando algum prefácio ou posfácio assinado por um deles, o texto é tido como de autoria de ambos, como se falassem através de uma só voz.

Posto tudo isso, cabe agora expor o conteúdo dos livros de Allan e Barbara Pease tendo em mente as categorias identificadas por Salem (1992), bem como por Rohden (2012), e também sob a luz das considerações trazidas pelos trabalhos de Fleck (2010) e Cassidy (2006).

4. Os livros

4.1 O Problema

Para fins de organização, tomarei como ponto de partida da análise dos livros dos Pease a identificação de uma situação problemática. Pretendo mostrar que problema é esse e como isso ocorre tanto na maior parte dos livros, que versam sobre a questão da diferença sexual, quanto no tocante à linguagem corporal. Com isso, tentarei compreender também como são impostos os constrangimentos, para utilizar uma terminologia que Salem (1992) utiliza para se referir aos fatores que impedem o pleno desenvolvimento do sujeito e de que modo eles estão ou não conectados com o exterior e/ou o interior do sujeito e com a categoria do passado.

Vimos em Rohden (2012), que um dos motes dos livros de autoajuda científica é a constatação ou indicação de um problema cujas causas serão explicadas

em termos de visões científicas de base biológica. O problema principal na obra de Allan e Barbara Pease é o não entendimento das diferenças entre os sexos, sendo esse o motivo pelo qual os casais se desentendem. É a não compreensão dessas diferenças, juntamente com as expectativas equivocadas que decorrem dela, que causam os problemas que a obra dos Pease busca retratar. Mas por que as diferenças entre homens e mulheres são um problema?

Os Pease alegam, ao longo de sua obra, que a assunção da diferença entre os sexos é problemática no mundo em que vivemos, ainda que aceita em termos científicos:

Cientistas, antropólogos e sociobiólogos sabem disso há anos, mas têm também a dolorosa certeza de que afirmar publicamente suas conclusões em um mundo politicamente correto como o nosso poderia transformá-los em verdadeiros párias de uma sociedade determinada a acreditar que homens e mulheres têm as mesmas habilidades, aptidões e potenciais – justamente quando a ciência começa a provar o contrário (PEASE:2000:8)

Essa alegação de que os conhecimentos trazidos estariam indo contra uma direção moral equivocada percorre toda a obra. Em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), os autores afirmam terem passado três anos pesquisando ao redor do mundo para reunir as informações contidas no livro, e várias vezes fazem referência a um caráter transgressor que ele teria. Um exemplo dado é o da recepção das pessoas às suas perguntas de pesquisa:

muitos [funcionários de empresas aéreas] se negaram a opinar, com medo de serem acusados de sexistas ou antifeministas.

A ideia é que o discurso acerca das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres atentaria contra uma concepção politicamente correta da sociedade, de modo que não seria bem visto dizer que homens e mulheres são diferentes.

Uma outra maneira de pensar a polaridade que os Pease visam estabelecer enquanto ciência X politicamente correto, é através da polaridade entre ciências exatas (duras) X ciências sociais. O que os livros de Allan e Barbara estão nos dizendo é que as ciências (em geral as ciências biológicas, utilizando-se de métodos estatísticos, duras) já desvendaram a verdade sobre os seres humanos e as diferenças

entre os sexos, mas que existem agendas de cunho moral que visam contrapor essas verdades (ainda que a antropologia apareça citada com frequência, é uma antropologia biológica, não social). Talvez esteja em jogo aqui, também, a legitimidade do saber social perante os saberes científicos considerados mais exatos.

Essa ideia parece ser característica desse tipo de material de divulgação científica, que trata das diferenças entre homens e mulheres, pois pode ser verificado em outros estudos sobre o assunto.

Rohden (2010), em seu trabalho sobre a diferença sexual cerebral, analisa o modo através do qual a ciência se empenhou em demarcar a diferença sexual no campo da natureza. Para isso, apresenta o contraste entre trabalhos médicos do século 19 e artigos de divulgação científica contemporâneos. A autora analisa um volume do periódico *Viver – Mente e Cérebro*, que trata precisamente das diferenças entre homens e mulheres. Desde o título, o volume em questão traz a ideia de que para além da cultura, existem as diferenças inatas. Os artigos presentes no volume alegam que a diferença essencial entre homens e mulheres é pequena e decorrente das diferenças entre seus cérebros. Há, no material analisado por Rohden (2010), a influência de uma suposta censura do politicamente correto, a saber:

A censura do politicamente correto faz com que se reafirme a idéia de que é apenas uma pequena diferença, mas que é o tempo todo qualificada como inata e essencial. Além disso, tem-se o cuidado de tentar valorizar as qualidades que seriam específicas de cada sexo (ROHDEN:2010:422)

Também na sua análise acerca da autoajuda científica, Rohden (2012) investiga o livro *Como as mulheres pensam*, da Dra. Louanna Brizendine (2006), uma neuropsiquiatra, pesquisadora e professora. O livro de Brizendine (2006) traz informações neurológicas atuais que explicam comportamentos femininos e masculinos diversos. Brizendine (2006) afirma que seu trabalho é resultado de muitos anos de pesquisa e que seu interesse pela neurociência veio da vontade de ajudar meninas e mulheres. Tendo sido ela uma feminista, constatou que apenas o patriarcalismo ocidental e as diferenças culturais não explicavam as diferenças entre homens e mulheres, de modo que deveria haver algo de mais básico, ou seja, biológico.

Brizendine (2006) apresenta seu livro enquanto um “manual de usuário” (ROHDEN:2010:234) e afirma que sua missão é a de educar profissionais que possam

auxiliar mulheres e meninas. Deste modo, fingir que as diferenças entre homens e mulheres inexitem seria um desserviço às mulheres. Brizendine (2006) faz uma crítica ao feminismo e ao politicamente correto, como podemos ver no trabalho de Rohden (2010:235-6):

Durante os anos 90 e no início desse milênio, novas ideias e fatos científicos sobre o cérebro feminino estão sendo descobertos. Essas verdades biológicas se tornaram um estímulo poderoso para reconsiderarmos o contrato social de uma mulher. Ao escrever esse livro, tive duas vozes lutando em minha cabeça – uma, **a verdade científica**, a outra, **o politicamente correto**. Entre ambas, preferi a verdade científica ao politicamente correto, mesmo sabendo que as verdades científicas nem sempre são bem recebidas (BRIZENDINE:2006:170-1, grifos de Rohden)

Na obra dos Pease há uma separação entre moral e ciência. Desse modo, compreende-se que as descobertas científicas acerca das diferenças de habilidades e preferências de homens e mulheres não implicam no tratamento social desigual. Ou seja, diferença não é igual à desigualdade, o que sugere que é possível fazer do fato, a diferença, o que quisermos. A diferença poderia significar outras coisas que não a desigualdade. Uma afirmação frequente dos autores é que cada sexo é distinto, sem julgamento de valor.

A problemática está ligada à evocação de um momento passado da espécie humana, que chamarei aqui de um passado idílico, em que homens e mulheres reconheciam suas diferenças e dividiam suas tarefas de forma adequada. Esse passado idílico é uma espécie de mito de origem da história evolutiva humana e será analisado em detalhes mais adiante neste trabalho. O ponto ao qual devemos nos ater agora, é que em algum momento do passado as coisas saíram do eixo, através de uma mudança que parece estar associada ao movimento feminista e à liberação sexual das mulheres. Em *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (2003), os autores frisam que ao longo de 30 anos de pesquisa continuam constatando desentendimentos entre os sexos e aludem ao movimento feminista como gerador de uma situação social insatisfatória, tanto para homens, como para mulheres:

Desde que, na década de 1960, as feministas passaram a ter mais voz e mais êxitos, a taxa de suicídio entre as mulheres diminuiu mais de 34%, enquanto que entre os homens aumentou 16%, mesmo assim, as mulheres continuam falando da cruz que carregam nessa vida (...) As mulheres estão superatarefadas, estressadas e

cada vez mais solitárias (...) Trata-se de uma situação antinatural, em total desacordo com nossas necessidades básicas (PEASE:2003:9)

O movimento feminista é evocado diversas vezes ao longo da obra dos Pease, sempre em contraponto com o que está sendo apresentado pelos autores. Assim, as feministas estariam perseguindo apenas seus próprios interesses individuais e almejando poder, ou construindo uma relação de oposição com as mulheres não feministas. Assim, afirmam que os homens se atraem por “imagens e sinais de saúde, fertilidade e juventude da mulher”, enquanto as mulheres buscam nos homens:

sinais de poder, de status, do nível de compromisso e dos recursos materiais que eles possam lhes oferecer (...) Essa ideia talvez não caiba muito bem em um mundo politicamente correto em que é moda dizer que homens e mulheres buscam os mesmos objetivos e têm motivações, preferências e anseios iguais (...) Este mito é perpetuado por pessoas que almejam o poder, como burocratas, líderes espirituais, feministas e outros indivíduos com interesses políticos (PEASE:2009:16)

O que gera relacionamentos infelizes, de acordo com Allan e Barbara Pease, é uma sociedade equivocada, que perdeu seus referenciais a partir dos quais homens e mulheres aprendiam a lidar um com o outro. Nesse contexto, as alterações do mundo contemporâneo contribuem significativamente, pois oferece uma série de inovações que fazem com que os indivíduos sejam: “confrontados com circunstâncias e questões na área sexual com as quais nossos ancestrais nunca tiveram que lidar” (PEASE:2009:7). Essa perda de referenciais também é explicada em termos da falência da família enquanto instituição. Através dos exemplos familiares, homens e mulheres aprendiam a lidar com suas diferenças, observando o modo como suas avós lidavam com seus avôs

Ainda de acordo com os Pease, o cinema e a mídia, fatores fortemente presentes na vida das pessoas na contemporaneidade, proveem distorções para homens e mulheres. Devido a sua influência, as mulheres buscariam ser deusas perfeitas, enquanto os homens “são pressionados a ser mais excitantes, empolgantes, românticos” (PEASE:2009:50). Esses seriam efeitos dos “níveis de irrealidade com que a mídia contemporânea nos sufoca a todo momento e que constituem o tipo de pressão que homens e mulheres sofrem e ao qual devem responder” (PEASE:2009:50). São citados ainda outros fatores contemporâneos que agravam o problema dos

relacionamentos entre homens e mulheres, tais como: a manipulação de imagens de corpos femininos, a pornografia e a medicalização da sexualidade. Fatores esses, que levariam ao aumento do número de infidelidades.

Por fim, a mensagem que a obra analisada em sua totalidade passa é a de que, embora a sociedade tenha passado por drásticas modificações, as necessidades humanas ainda seriam as mesmas de milhares de anos atrás. O descompasso entre as necessidades e motivações humanas e a sociedade é que configura o problema central à obra.

E a linguagem corporal? Nos livros voltados para a temática da linguagem corporal, o problema pode ser definido enquanto uma necessidade de melhoramento das habilidades sociais do indivíduo, sem a assunção inicial de que ele não seja bem sucedido. Allan Pease afirma na introdução de *A linguagem corporal do amor* (2012): “aprendi a ler a linguagem corporal dos meus clientes e usa-la para descobrir se a pessoa iria ou não comprar o meu produto” (PEASE:2012:9). De modo que a habilidade da leitura corporal presta um poderoso auxílio aos sujeitos tanto no campo pessoal, quanto profissional. Também aqui a obra dos Pease se veste de um “caráter transgressor”, pois:

Sempre haverá aqueles que, horrorizados, erguerão as mãos para o céu e dirão que o estudo da linguagem corporal é apenas mais uma forma de se usar o conhecimento científico para explorar e dominar as pessoas, lendo seus segredos e pensamentos (PEASE:2004:14-15)

A leitura corporal também está ligada a uma ideia de passado da humanidade, pois é um conhecimento inato, do campo do biológico, do qual o sujeito não possui conhecimento *a priori*. Essa é a interseção existente entre os dois grandes temas dos Pease: a leitura corporal auxilia os indivíduos a encontrarem parceiros afetivos e sexuais, com base nas características e gostos oriundos do processo evolutivo dos seres humanos. Assim, a leitura da linguagem corporal aparece enquanto uma ferramenta poderosa nos relacionamentos. Barbara Pease chama a atenção para o alto número de divórcios e as condições únicas que as pessoas enfrentam na atualidade e afirma que: “Ainda não se sabe ao certo como esses sinais são aprendidos, mas pesquisas recentes revelam que muitos deles são inatos” (PEASE:2012:10). O conteúdo sobre linguagem corporal parece ser menos “duro” do que o conteúdo focado nos relacionamentos amorosos, no sentido de que se apresenta enquanto mais

aberto à modificação e aprendizado. Este conteúdo também traz mais uma ideia de que os constrangimentos, os fatores que impedem a realização do potencial máximo do sujeito, são adquiridos ao longo de sua vida:

Afora os nossos instintos naturais, nascemos sem nenhum conhecimento e tudo o que fazemos e pensamos é resultado do que nos transmitem os nossos 'adestradores': nosso país, irmãos, amigos, professores e a televisão (...) Embora um pouco desse condicionamento sirva para a nossa segurança, grande parte dele, no entanto, prejudica o crescimento pessoal, nos aprisionando por correntes mentais e emocionais (PEASE:2006:118)

Na obra analisada aqui, a relação que se estabelece entre os indivíduos e a sociedade é de antagonismo. A sociedade apresenta um ambiente que contradiz a natureza dos sujeitos, que contém valores e ideais que impedem o aproveitamento de suas potencialidades. Assim sendo, a sociedade é a fonte de constrangimentos ao indivíduo, e, por conseguinte, a sua natureza. Pois, como veremos, o indivíduo é, antes de tudo, natureza, a qual são superpostos fatores sociais que, neste caso, se apresentam como contraproducentes. Nos termos de Salem (1992), o que temos aqui é um constrangimento de ordem moral. O movimento feminista aparece na obra dos Pease como o motor dessa situação social inadequada. Através da liberação sexual e da luta por incluir mulheres em espaços políticos, ele teria criado uma situação na qual homens e mulheres se viram confusos diante dos seus papéis na ordem social.

A igualdade seria falaciosa, pois, apesar da consolidação de que as mulheres teriam tanto interesse sexual quanto homens e, por isso, se engajariam em comportamentos como a prática do sexo casual e o apreço por pornografia, tal fato não seria empiricamente verificável. Tampouco as mulheres estariam demonstrando interesse em ocupar posições de poder, tais como cargos políticos, a despeito das demandas feministas. Essa espécie de “debate de um lado só”, que é evocado pelos Pease, corrobora a ligação entre essa obra e a psicologia evolucionista. De acordo com Cassidy (2006), poucos grupos oriundos da área das ciências sociais se interessaram pelo debate proposto pela psicologia evolucionista, sendo que este teria sido conduzido primordialmente por feministas.

A noção de que o fator generativo do “caos emocional” estaria na perda de referenciais, coloca o problema mais no tempo presente do que no tempo passado. Contudo, a ideia de que “em algum momento” não preciso, esses referenciais foram

perdidos, coloca em algum ponto do passado menos distante o início do problema. Salem (1992) considera que, na autoajuda analisada por ela, o passado remoto é explicativo da condição atual do sujeito. Contudo, passado remoto aparece como conceito intercambiável com o de infância.

É possível pensar o passado nos Pease de duas maneiras. Uma diz respeito a considerar que o passado idílico evocado pelos Pease seja visto apenas como a infância da espécie humana. Essa infância não é a fonte do problema, pelo contrário, ela é positivada. Contudo, em algum momento de seu desenvolvimento algo deu errado, de modo que a situação se tornou desfavorável no presente. Seguindo outra linha de raciocínio, podemos pensar o passado remoto em termos do indivíduo que compõe a espécie humana, sendo o passado a infância de cada indivíduo. Além dessa infância, cada um seria possuidor, ainda, de um passado remotíssimo compartilhado com os demais sujeitos. Em sua infância, o indivíduo teria sido vítima de constrangimentos que se sedimentaram no seu eu, tais como as exposições aos fatores negativos da contemporaneidade e a criação materna equivocada.

No tocante à linguagem corporal, o passado também aparece enquanto passado evolutivo responsável por dotar o sujeito da solução para os problemas enfrentados atualmente. Contudo, aqui é mais explícita a ideia de um constrangimento social advindo da sua criação e vivência familiar e em sociedade. A infância do sujeito, não da espécie, é aqui claramente uma fonte de perturbações.

Salem (1992) afirma que o ponto de chegada da literatura de autoajuda, que pode ser compreendido enquanto seu objetivo final e solução do problema, é também o seu ponto de partida. Deste modo, se a resolução está no conhecimento de potencialidades e/ou características que já se encontram presentes no sujeito, o próximo passo é buscar compreender de onde vem esse sujeito, quem ele é e como é. Para isso, é necessário avançar a discussão em direção a outros temas da obra.

4.2. A Evolução (O passado idílico)

O campo em que nossos ancestrais praticavam o amor era muito mais igualitário e verdadeiro (PEASE:2009:96)

Se considerarmos, tal qual os Pease, que a sociedade está em dissonância com o modo através do qual a natureza preparou homens e mulheres para se relacionar, é preciso compreender de que tipo de natureza estamos falando. A base explicativa dos livros de Allan e Barbara Pease é a evolução, conforme eles mesmos asseguram:

os seres humanos estão sendo cada vez mais estudados com base em uma abordagem evolucionista, usada por pesquisadores do comportamento animal. As especialidades envolvidas nesses estudos incluem psicologia evolucionista, biologia evolucionista, ecologia comportamental humana e biossociologia humana. Chamamos o conjunto de todas essas áreas de “psicologia evolucionista” (PE) porque elas compartilham o objetivo de usar o ponto de vista evolutivo para compreender porque somos da maneira que somos considerando o lugar de onde viemos. A PE parte do princípio que o comportamento humano evoluiu nos mesmos moldes que todos os comportamentos animais (PEASE:2009:43)

Assim sendo, a diferença entre os sexos ocorreria devido a homens e mulheres terem enfrentado problemas evolutivos distintos. Eles e elas teriam enfrentado problemas evolutivos diferentes em função dos investimentos na atividade reprodutiva, que não seriam os mesmos para cada um dos sexos. O cerne da questão é que os homens, enquanto machos, precisam de apenas de uma fêmea receptora onde possam, em poucos minutos, depositar seus espermatozoides para perpetuar a espécie. Em seguida, podem ir em busca de outra. As mulheres, por sua vez, precisam arcar com pelo menos nove meses de comprometimento em função de sua atividade reprodutiva. Comumente esse período se estende para o período no qual a criança ainda não é capaz de se cuidar por conta própria. Dessa maneira:

Homens e mulheres evoluíram de modos diferentes, porque tinha de ser assim. Os homens caçavam, as mulheres ficavam com o grupo. Os homens protegiam, as mulheres cuidavam. Como resultado, seus corpos e cérebros tomaram rumos diversos no processo de evolução e se transformaram para se adaptarem melhor às suas funções específicas (PEASE:2000:12)

Deste modo, a narrativa do livro considera que, num período pré-histórico da humanidade, os seres humanos viviam em bandos onde os homens caçavam e as mulheres coletavam e cuidavam das crianças. Essa divisão sexual do trabalho funcionava desta forma porque as mulheres necessitavam de alguém que pudesse prover alimento e abrigo durante os meses de gestação e seus meses subsequentes.

Assim, os cérebros dos homens teria se configurado para executar o tipo de tarefa demandada a eles, bem como para responder ao estímulo de procriação com o maior número de mulheres possíveis, a fim de beneficiar a espécie. Do mesmo modo, o cérebro feminino teria sido configurado para responder aos apelos das crianças, comunicar-se e responder ao estímulo de procriação, a saber, encontrar um parceiro capaz de provê-la e protegê-la.

Essa espécie de herança seria responsável pelas diferenças entre os sexos passíveis de serem observadas no presente, embora apareçam adaptadas às novas condições ambientais e tecnológicas. Há a afirmação de que essas diferenças são atualmente compreendidas pelos cientistas em termos de sua origem evolutiva, de modo que essa questão é trazida enquanto um ponto pacífico. Homens e mulheres têm cérebros programados de modos diferentes, devido à evolução. Este fato, de acordo com os autores, é comprovado através de ressonâncias magnéticas.

Isso equivale a dizer que os sujeitos possuem em si uma natureza que os constituiria em um nível básico. Com ela nascem e com ela permanecem:

Os ancestrais signos biológicos de gênero que iremos explicar operam no nível do subconsciente, razão pela qual não podemos deixar de reagir a eles. Trata-se aqui de uma linha de psicologia evolucionária que diz que no cérebro de cada um de nós existem padrões residuais de comportamento construído pelas necessidades de nossos ancestrais (PEASE:2003:156)

Veremos que, apesar do fato dessas características serem inatas, é possível trabalha-las a partir da tomada de consciência sobre elas. Desse modo, é possível tornar-se mais atraente para o sexo oposto, comunicar-se melhor com seu parceiro e ser mais bem sucedido nos negócios. Assim, a natureza não é destino, ela é maleável e recebe influências do meio externo.

Para fins comparativos, evoco a análise de textos médicos do século XIX, realizada por Rohden (2003), que discute a insistência da medicina na marcação da diferença sexual no campo da natureza. De acordo com a autora, está em jogo, além da dicotomia natureza/cultura, outra característica dessa produção científica:

Trata-se da noção de instabilidade, traduzida, por exemplo, na idéia de que a puberdade é um momento que precisa ser muito bem administrado para que o processo de diferenciação se realize a contento (ROHDEN:2003:2)

O material analisado por Rohden (2003) explicita uma noção da existência de uma diferença sexual ancorada na natureza, mas sujeita às influências do meio, capazes de impedir seu estabelecimento. A autora recupera o trabalho de Jordanova (1989), que mostra um anseio na sociedade a respeito de áreas tidas problemáticas, tais como o domínio da natureza/cultura e o binômio homem/mulher. Essas áreas despertam interesse da ciência justamente devido à possibilidade de que seus limites se tornem vagos ou fluidos²².

Nos Pease, a linguagem corporal também possui um componente inato e evolutivo. Considerando que a fala é recente na história humana, a linguagem corporal desempenha um papel muito importante na comunicação. Os corpos já vêm programados para se comunicarem, de modo que são capazes de emitir e interpretar mensagens, ainda que o próprio sujeito não tenha consciência disso. Como exemplos de linguagem corporal evolutivamente adquirida podem ser citados o gesto das mãos espalmadas para cima e o aperto de mãos. As mãos espalmadas seriam sinal de sinceridade, por indicar evolutivamente que a pessoa se encontra desarmada. O aperto de mão passaria a mesma mensagem.

Ao passo que as questões relativas às diferenças sexuais são maleáveis, no sentido em que é possível lidar com elas através da tomada de consciência, as questões relacionadas à linguagem corporal parecem ser mais fluidas. De modo que se torna possível aprender a controlar boa parte delas a fim de emitir somente os sinais desejados e de facilitar as próprias interações dos sujeitos através da habilidade de “ler” o outro. Ou seja, além de lidáveis, elas são manipuláveis. Outro fator importante aqui é que o caminho inverso da linguagem corporal é possível, ou seja: do mesmo modo que o corpo expressa uma realidade interna do sujeito, a execução consciente de determinados atos é capaz de alterar o estado interior dele. Esse fenômeno é chamado pelos autores de fenômeno da causa e efeito, e “determina que, ao executar *deliberadamente* certos movimentos de linguagem corporal, você começa a experimentar as emoções a eles associadas” (PEASE:2004:170, itálico do original).

No tocante à evolução, temos um claro alinhamento dos autores com a perspectiva da psicologia evolucionista, o que nos livros anteriores a 2009 não pode ser verificado, muito embora sua leitura possibilite inferi-lo. A psicologia

²² Este tema retornará ainda ao longo deste trabalho

evolucionista, como vimos em Cassidy (2006), floresceu grandemente no Reino Unido nos anos 90 e se insere nas noções de *deviation process* e *boundary work*. Ou seja, está profundamente ligada ao debate público, quando não tão bem estabelecida nos círculos internos da ciência, e se insere em uma disputa de legitimidade. Embora Allan e Barbara Pease não sejam psicólogos evolucionistas, algumas de suas fontes científicas citadas o são e estão em evidência na mídia, produzindo seus próprios materiais de divulgação científica²³.

Vimos que uma característica da psicologia evolutiva enquanto ciência é o debate público, que se mostra importante em toda a história do conceito de evolução, desde Darwin. No trabalho de Allan e Barbara Pease é possível observar de que modo a psicologia evolucionista aparece não apenas enquanto divulgação, mas enquanto um debate público possuindo a controvérsia como estrutura. Isso fica claro na oposição que é construída na obra entre as explicações evolutivas e as oposições de feministas e outros setores, chamados de “politicamente corretos”. Nos livros mais especificamente voltados para a questão da linguagem corporal, as citações que envolvem mais diretamente conceitos de origem darwiniana sobre seleção natural e seleção sexual aparecem com mais frequência, embora estejam presentes em toda a obra.

Um ponto importante que a questão da psicologia evolutiva evoca é a relação entre humanos e animais e o modo como ela é compreendida e apresentada ao longo da obra dos Pease. No decorrer da leitura é possível verificar, várias vezes, que há um esforço na direção de uma aproximação entre humanos e animais, o que aparece claramente já na perspectiva de muitas de suas fontes utilizadas, que tratam da etologia²⁴ aplicada ao estudo do humano. As referências ao ser humano enquanto compartilhando de comportamentos animais, de uma mesma natureza que os demais representantes do reino animal, são várias. Desse modo, é dito, por exemplo, que os homens possuem melhor habilidade espacial, o que é verificável também em outros mamíferos machos, como ratos de laboratório. Ou ainda, que macacos e chimpanzés também cruzam os braços em sinal de defesa e que o casamento é contrário à evolução masculina, pois “Um homem é como um galo, impelido a espalhar sua

²³ Saberemos mais sobre esse assunto no capítulo 2

²⁴ A etologia é o estudo do comportamento animal, preferencialmente em seu *habitat* natural.

mente genética da maneira mais ampla e com a maior frequência possível” (PEASE:2005:67).

Explica-se também desse modo a alegação de que as mulheres são capazes de “farejar” os potenciais parceiros: “Esse fenômeno [*das mulheres se sentirem atraídas pelo suor dos homens com sistema imunológico mais distinto do delas*] é observado em outros mamíferos” (PEASE:2009:49). A atração de pessoas com sistemas imunológicos distintos aparece enquanto benéfica para a espécie, pois propiciaria a variabilidade genética. O corpo já estaria pronto para a interação sexual afetiva. Há, inclusive, uma sessão intitulada “As aves fazem, as abelhas fazem...e você faz” (PEASE:2012:14), atestando a ligação entre seres humanos e leis gerais da natureza (bem como o caráter inato da linguagem corporal do amor).

No sentido de estabelecer uma raiz biológica para os comportamentos humanos, são também evocados estudos e afirmativas que dizem respeito a contextos culturais outros que não o dos autores, que é descrito como o mundo ocidental. Essas referências se dão de duas maneiras, sendo uma ilustrativa. Esta, visa mostrar que determinado traço e/ou comportamento humano é encontrado em diferentes contextos culturais, sendo, portanto, supra cultural:

O cientista norte americano Dr. D. Wechsler criou uma série de testes de QI testando desde membros de culturas primitivas até o pessoal sofisticado das cidades grandes em todo o mundo e chegou à mesma conclusão que outros pesquisadores de diferentes países: a mulher é cerca de três por cento superior ao homem em inteligência, apesar de ter o cérebro um pouquinho menor. Mas, quando se trata de resolver quebra-cabeças, a supremacia masculina é indiscutível. Entre os que alcançaram pontuação máxima, 92 por cento eram homens – independente da cultura (PEASE:2000:83)

A outra forma pela qual essas referências aparecem é estabelecendo uma espécie de evolucionismo cultural, em que determinadas localidades aparecem enquanto remanescentes do passado evolutivo da humanidade, podendo ilustrar a origem passada de determinados traços e/ou comportamentos. Assim, culturas indígenas, aborígenes e autóctones (na obra dos Pease sendo chamadas “civilizações primitivas”) são citadas como resquícios da época em que a divisão sexual do trabalho operava de forma harmônica:

A observação de povos caçadores-coletores que ainda existem na Amazônia, em Bornéu e na África nos permite compreender um

pouco melhor esse aspecto. As mulheres dessas sociedades exigem presentes em troca do sexo casual (PEASE:2009:116)

Os argumentos de ordem cultural são trazidos à tona para comprovar a origem biológica das características comportamentais humanas, não para discuti-las ou estabelecer um contraponto. Nessa aproximação do ser humano com o biológico, estabelece-se uma polaridade entre consciente e animal-inconsciente, na qual aquele pode dominar este. Afinal, seres humanos ainda mantêm alguma peculiaridade sobre os demais animais. Deste modo, Em determinados momentos, especialmente em conclusões dos livros, ocorre um distanciamento entre humanos e animais, posto que humanos são possuidores de uma condição: a racionalidade.

Sobre a separação entre humanos e animais, cabe evocar brevemente o trabalho realizado por Schiebinger (1997). A autora se debruça sobre a questão da taxonomia de Lineu, em especial com relação aos fatores envolvidos na escolha do termo *Mammalia* para a classe da qual os humanos participam. Ela questiona as consequências sociais deste termo, bem como a política de gênero contida nele. Schiebinger (1997) afirma que há um ato político por nessa escolha, uma vez que Lineu poderia ter frisado outras características únicas dessa classe, tal como a posse de pelos ou a existência de buracos nos ouvidos.

Através da genealogia do termo *Mammalia*, a taxonomia é apresentada enquanto um campo em disputa. A autora conta a história da evolução do sistema taxonômico desde Aristóteles, no qual os mamíferos, juntamente com outros animais, se encontravam na categoria quadrúpedes. Quando Lineu manteve os humanos sob essa rubrica, houve forte oposição dos que problematizaram a categoria, e também daqueles que o consideraram um herege. Ainda de acordo com a autora, Lineu teria observado que todos haveriam de concordar que os homens foram nutridos pelo leite de suas mães. É nesse sentido que se compreende que Lineu criou o termo *Mammalia* em função do problema do lugar dos humanos na natureza. Schiebinger (1997) ressalta que, antes de Lineu, os seios femininos já eram símbolos poderosos nas culturas ocidentais. Se murchos, simbolizavam o pecado, os prazeres da luxúria e da tentação. Já os seios firmes e esféricos, como os de Afrodite, simbolizavam uma beleza divina e a virgindade.

Lineu escolheu o seio feminino para fazer a ligação entre humanos e animais. Contudo, no mesmo volume em que introduz o termo *Mammalia*, ele também

introduz o termo *Homo sapiens* para diferenciar os humanos dos outros primatas. *Homo sapiens* vem de “homens de sabedoria”:

De um ponto de vista histórico, a escolha do termo *sapiens* é altamente significativa. O homem tem sido tradicionalmente distinguido dos animais por sua razão; a oposição medieval, *animal rationale*, proclamava seu caráter único. Assim, na terminologia de Lineu, uma característica feminina (as mamas lactantes) liga os humanos aos seres brutos, enquanto uma característica masculina (a razão) marca nossa separação deles (SCHIEBINGER:1997:227)

O que vemos nos Pease é que a racionalidade continua sendo a característica que separa a espécie humana das demais, e que ela continua sendo colocada no polo masculino, como poderá ser visto ao longo desta dissertação.

Na autoajuda de Allan e Barbara Pease, essa condição racional permitiria aos humanos controlar e direcionar seus impulsos e tomar decisões mais acertadas, de modo que não sejam meras vítimas deles. Esse direcionamento dependeria da compreensão das características inatas. Aqui há uma divisão do cérebro entre primitivo/ilógico e racional/lógico:

Os sentimentos vêm de uma área do cérebro considerada primitiva, o córtex cerebral ou massa cinzenta, que normalmente tem predominância sobre a parte racional, fazendo com que os apaixonados se comportem de modo ilógico (PEASE:2009:24)

O primitivo possui primazia. Mas é possível compreendê-lo e, talvez, modificá-lo, controlá-lo? No tocante aos sentimentos, para seguir no exemplo, os Pease afirmam que para escolher um parceiro, o bom senso deve ser mais importante do que as emoções e sentimentos:

A abordagem mais inteligente para encontrar um parceiro para toda a vida é se comportar como se você estivesse em uma importante entrevista de emprego. Por que deixar um estranho mudar sua vida só porque você experimentou uma overdose de hormônios? (PEASE:2009:153)

Aqui temos a resposta à pergunta acima: a mente racional possui ação sobre a parte primitiva biológica. Os autores afirmam que a sociedade atual é distinta da sociedade pré-histórica, exigindo diferentes maneiras de lidar com estes impulsos biológicos. A sociedade e a capacidade de pensamento aparecem aqui enquanto

redirecionadoras de impulsos biológicos que poderiam vir a ser nocivos no contexto moderno. Há a sugestão de que o controle possa mudar os rumos e explorar as potencialidades dessa parte autônoma, biológica, da mente. Bem como de que as “outras forças em cena” podem ser tão importantes quanto o aspecto biológico:

O fato de que grande parte dos nossos desejos sexuais e das nossas preferências em relação a parceiros é inata, ou está programada no cérebro, não nos condena a ser controlados pela biologia (PEASE:2009:251)

Temos aqui, portanto, a ideia de uma consciência capaz de controlar um inconsciente poderoso, conforme nos fala Salem (1992), evocando a noção de que a mente do sujeito da autoajuda é compartimentada e agonística²⁵.

Apresentadas essas características, já é possível verificar que os temas seguem um eixo que identifica a obra claramente enquanto divulgação científica, conforme pode ser atestado na maneira clara, assertiva e livre de dúvidas através da qual são colocadas as questões relativas às origens humanas e os desdobramentos dessa evolução. Também segue trazendo elementos que a categorizam enquanto autoajuda científica como a recorrência a citações de especialistas e a tecnologias modernas.

Cabe tratar de dois elementos que aparecem ao longo deste texto e não receberam ainda a devida atenção. O primeiro diz respeito à constituição do sujeito em Allan e Barbara Pease. Salem (1992) afirma que o sujeito da autoajuda é um sujeito duplo, universal e particular, que vem ao mundo como uma “tábula rasa”, ou seja, livre de constrangimentos. Nos Pease, o sujeito é também uma tábula rasa nesse sentido de um sujeito livre de constrangimentos que impediriam a livre manifestação de sua subjetividade, mas não de conteúdos. Esse sujeito vem dotado de uma natureza que, ao mesmo tempo em que o singulariza por pertencer ao seu interior, também é o que o faz parte da humanidade como um todo, já que essa natureza constitui todos os seres humanos. Aquilo que caracteriza todos os seres humanos precisa, portanto, estar

²⁵ Essa questão seguirá sendo aprofundada no próximo tópico, quando o tema do cérebro será tratado de forma mais profunda.

na essência humana. Aqui, a natureza humana é, literalmente, natureza. Se liberto dos constrangimentos, o que resta é sua essência, de modo que o sujeito é de fato visto em camadas, como chama a atenção Salem (1992) quando traz a metáfora de Geertz (1978).

A outra questão que cabe abordar diz respeito ao poder da mente. Fica claro que a mente possui poder tanto em sua parte inconsciente/animal/irracional, quanto na sua porção consciente/humana/racional. No primeiro caso, porque dotada de impulsos irresistíveis aos quais o sujeito não pode escapar. No segundo, porque capaz de controlar a parte irracional e lidar com suas urgências e impulsos, de modo a não ser vítima delas, e a maximizar suas capacidades. No tocante à linguagem corporal, a mente parece ser ainda mais poderosa, tal qual a autoajuda esotérica mostrada por Salem (1992). Aqui, o poder da mente não está apenas na alteração de percepção do sujeito e, conseqüentemente, de sua visão de mundo. Através do conhecimento e controle de suas habilidades, o sujeito provoca no mundo os efeitos que deseja interiormente. Ou seja, ao portar-se como alguém bem sucedido e seguro numa entrevista de emprego, o sujeito pode se tornar bem sucedido e seguro conquistando o emprego. Mais ainda, o sujeito provoca em si mesmo os efeitos que deseja através de sua ação. E é a isso que os autores chamam fenômeno de causa e efeito, ou seja, se manter os braços cruzados dificulta a assimilação do conteúdo que está sendo ensinando, ao conscientemente evitar esse gesto, o sujeito está se tornando mais interessado no que está sendo dito.

Discutido o papel da evolução na obra dos Pease, cabe agora explorar como ela age nos organismos humanos e quais as conseqüências dessa ação.

4.3 O Cérebro e os Hormônios: A diferença Sexual

A pergunta a ser respondida agora é como a evolução imprime suas marcas sobre os seres humanos. A resposta é: através do cérebro. O cérebro é o órgão que governa o desenvolvimento do corpo humano e é também considerado o *locus* de sua consciência. Tania Salem (1992) considera a mente como uma categoria chave da literatura de autoajuda. Contudo, em Allan e Barbara Pease, a palavra mente não aparece, nem são feitas referências a ela. Salem (1992) reconhece que a mente, na autoajuda, é o que define os sujeitos, podendo ser considerada um sinônimo de “você”. É essa mesma mente que possui a natureza agonística que venho mostrando

desde o início dessa análise. Uma mente que se encontrar sujeita a constrangimentos que a impedem de exercer suas potencialidades de forma plena. Essa mente, em Allan e Barbara Pease, é apresentada como o cérebro. É no cérebro que se encontra o “eu natural”, aquele presente no sujeito desde seu nascimento e existente em todos os sujeitos. É também do cérebro que vêm as ações do inconsciente animal, ao mesmo tempo em que se localiza nele a parte racional consciente, aquela capaz de domar o inconsciente através do conhecimento.

Veremos mais adiante que o cérebro é não só o local dos pensamentos e do governo das ações e habilidades, como também é o local dos sentimentos e emoções. A ideia da redução da mente ao cérebro é explicada por Nikolas Rose (2011), em sua *Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital*, através da noção de “sujeito neurológico”, que consiste em um modo de compreender-se no mundo que implica que os neurônios, sinapses e neuroquímicos são explicativos de modos de agir.

O cérebro nos Pease é visto através da metáfora do cérebro-máquina, que é característica da psicologia evolutiva, conforme é possível verificar no trabalho de DePaula (2005):

A concepção de que a mente é composta de diferentes mecanismos de atuação decorre da aproximação entre a psicologia evolucionista e a ciência cognitiva. Uma ideia clássica da ciência cognitiva concebe a mente como um conjunto de *softwares* computacionais implementados em um *hardware* neural. Ou seja, o cérebro é pensado como uma máquina, a parte física de um computador, onde atuam diferentes programas – conjuntos de informações e instruções concatenadas, organizadas de forma que o computador possa executar-las para produzir um resultado específico. Para a psicologia evolucionista, esta abordagem em termos de processamento de informação é ideal para a descrição dos caracteres evoluídos da mente, pois possibilita a delimitação de diferentes mecanismos psicológicos em virtude de sua função. E ‘função’ é justamente o tema da teoria da seleção natural (DePAULA:2005:11-12)

Se considerarmos, como na obra dos Pease, que a evolução fez com que homens e mulheres fossem diferentes, e também que seus corpos são governados por seus cérebros; parece ser um passo lógico que haja a consideração de que o cérebro humano pode ser dividido entre masculino e feminino. Ou seja, o cérebro é possuidor de um sexo, podendo ser feminino ou masculino de acordo com as características que possui. Este sexo cerebral é constituído durante o período gestacional: inicialmente, o

feto é possuidor de características femininas, o feminino aparece enquanto matriz a partir da qual se forma o corpo humano. De acordo com a dose de testosterona recebida durante a gestação este feto pode se transformar em masculino, o que ocorre não como um salto, mas em níveis. É possível ser mais masculino e menos masculino:

Digamos que um feto do sexo masculino (XY) precise de uma certa quantidade de hormônio para formar os genitais e o triplo desta para configurar o cérebro com um sistema operacional correspondente, mas, por motivos que vamos discutir adiante, não seja aplicada a dosagem necessária. Digamos que precise de quatro doses e só receba três. A primeira dose forma os órgãos genitais masculinos, sobrando duas para o cérebro, que fica dois terços masculino e um terço feminino. Vai nascer um menino que, quando adulto, terá um cérebro masculino na essência, porém com algumas capacidades e padrões de pensamento tipicamente femininos. Se esse mesmo feto recebesse apenas duas doses de hormônio masculino, uma iria para a formação dos testículos e outra para a configuração do cérebro. Nesse caso, o bebê teria um cérebro com estrutura e pensamento essencialmente femininos em um corpo geneticamente masculino. Ao chegar a adolescência, é provável que viesse a se revelar homossexual

(...)

Quando o feto é uma menina (XX), a presença do hormônio masculino é muito pouca ou nenhuma. Assim, o corpo forma os genitais e o modelo do cérebro continua feminino, recebendo mais tarde a configuração dada pelos hormônios femininos e desenvolvendo os atributos de guardiã da cria, inclusive os centros para decodificação de sinais verbais e não-verbais. A criança, ao nascer, apresenta aparência e comportamento femininos, como resultado da estrutura feminina de seu cérebro. Às vezes, porém, em geral por acidente, o feto de sexo feminino recebe uma dose significativa de hormônio masculino. Resulta daí uma menina com o cérebro até certo ponto masculino (PEASE:2000:48)

No livro de Brizendine (2006), há a afirmação de que o feto é feminino até determinado período embrionário (8 semanas), quando é inundado por testosterona, que modifica desde seus genitais até o cérebro. A quantidade recebida de testosterona institui uma diferença permanente entre os cérebros iniciais (femininos) e os que receberam testosterona (masculinos) (ROHDEN:2013:233).

Wjingaard (1997) discute o modo através do qual a biomedicina estabeleceu a diferença sexual ao longo dos tempos, tomando como objeto a neuroendocrinologia do comportamento, em seu conhecimento sobre a diferenciação cerebral entre traços femininos e masculinos. Nesse processo estão envolvidos médicos, psiquiatras, cientistas, psicólogos, jornalistas, antropólogas, sociólogas e feministas. Foi em 1959 que os pesquisadores começaram a descrever como o embrião é banhado por

hormônios, de modo a obter um cérebro masculino ou feminino. Essa é a ideia base da teoria organizacional, nascida nesse mesmo ano.

De acordo com a autora, a teoria cerebral organizacional é atribuída a Charles Phoenix, Robert Goy, Arnold Gerall e Willian Young. Sendo este, professor universitário. O pensamento científico de Young é uma união de seus *backgrounds* profissionais, a embriologia e a psicologia. A teoria organizacional diferencia os efeitos iniciais do hormônio no tecido cerebral (imediatamente após o nascimento ou poucos dias após) dos efeitos de ativação (efeitos em mecanismo completamente desenvolvidos de indivíduos adultos). Antes da hipótese organizacional, admitia-se que os hormônios produziam efeitos nos cérebros de adultos plenamente desenvolvidos. A ideia de que teriam efeitos também em cérebros em desenvolvimento é advinda de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento dos órgãos reprodutores. Nos anos 1930 a possibilidade dos hormônios exercerem efeitos estruturais no cérebro havia sido aventada, mas não pôde ir além porque se acreditava que androgênios e estrogênio teriam esse efeito. Em 1959, a teoria propunha que apenas androgênios teriam efeito.

A teoria organizacional foi estendida, e seus proponentes, que realizavam experimentos em ratos, passaram a realizar experimentos com macacos, a fim de pensar as implicações da teoria em humanos. Foram John Money, professor de psicologia e pediatria, e Ehrhardt, professor de psiquiatria, que estenderam a teoria ao comportamento humano. Ambos trabalhavam, desde 1950, com crianças possuidoras de genitália ambígua. Esse fenômeno havia sido explicado pelo experimento de Jost, que compreendia a formação genital em relação à ação hormonal. A existência dessas pessoas permitiu que se investigasse se seus cérebros teriam sido influenciados por algum distúrbio nos hormônios pré-natais recebidos.

As investigações de Money e Ehrhardt incluíram seus achados sobre garotas com CAH (Congenital Adrenal Hyperplasia)²⁶, cujo procedimento médico envolvia a cirurgia de correção da genitália para feminina. Eles observaram que essas garotas gostavam de brincar com garotos, tinham mais energia, preferiam roupas práticas, demonstravam interesses em carreira e não em maternidade, desenvolviam maior QI (Quociente de Inteligência) e apresentavam tendência para uma orientação sexual lésbica ou bissexual:

²⁶ Uma desordem congênita das glândulas adrenais.

Essas investigações reproduziam a imagem social da masculinidade (e dos homens) e associava masculinidade a um comportamento, carreira e inteligência ativos, enquanto a feminilidade (e o comportamento feminino) estava associado à passividade, maternidade e a um nível de inteligência inferior ao dos (WJINGAARD:1997:32)²⁷

Ao mesmo tempo, a teoria organizacional construiu a imagem de um *background* biológico formador das bases da masculinidade e da feminilidade, atribuído ao resultado das ações hormonais no cérebro fetal. A homossexualidade também foi ligada a essa ação hormonal no desenvolvimento cerebral.

Um dos pré-requisitos para a aceitação da teoria organizacional foi a aceitação prévia da existência de hormônios sexuais específicos, ou seja, de que androgênios seriam hormônios masculinos e estrogênio, femininos. Embora alguns críticos tenham aventado a possibilidade de que outros hormônios estivessem envolvidos no processo de configuração cerebral pré-natal, e de que estrogênios também poderiam masculinizar o cérebro, o modelo dualista com base em hormônios sexuais específicos prevaleceu.

Marina Nucci (2010) recupera essa discussão em seu trabalho de análise de artigos científicos sobre o sexo do cérebro. A autora analisou as publicações encontradas na base de dados Pubmed, acessada através do Portal Periódico CAPES, publicadas entre os anos de 1995 e 2009. Nucci (2010) observa que essas pesquisas se dão em torno de três pontos centrais, a saber, o comportamento dimórfico, o cérebro e a testosterona pré-natal. Ela frisa que, uma vez que as implicações éticas não possibilitam a experimentação de aplicação e retirada de hormônios em seres humanos, a ligação de determinados comportamentos à ação de determinados hormônios é especulativa e segue uma lógica circular: os hormônios determinam as características que são usadas como prova de sua ação.

A teoria organizacional conforme exposta nos Pease, desemboca na possibilidade de que haja indivíduos cuja identidade de gênero cerebral é distinta do seu sexo genital. Também é possível a existência de indivíduos com cérebros bissexuais, configurados com capacidades correspondentes àquelas das mulheres e às

²⁷ No original: “These investigations *reproduced* the social image of masculinity (and males) and associated masculinity with active behavior, career, and intelligence, whereas femininity (and female behavior) was associated with passivity, motherhood, and a lower intelligence level than males”

dos homens. Assim, devemos considerar que as configurações de diferenças entre os sexos se estabelecem por todo o corpo, tendo, contudo, um órgão que acaba por ser constituído enquanto *locus* principal da diferença: o cérebro. Os Pease frisam o papel central da neurologia em seu trabalho, afirmando que os anos 2000 marcam a entrada no milênio da mente. O cérebro é, então, formado através da ação do hormônio testosterona, aqui chamado de hormônio masculino.

Entretanto, afirmam os autores, os comportamentos inatos não são determinantes, de modo que se alega a existência de uma interação entre eles e o ambiente. Evoca-se a metáfora do cérebro máquina:

Imagine que em seu cérebro há um sistema operacional complicado como o de um computador. Você nasceu com ele, e esse sistema tem posições-padrão (ou default) às quais retrocede quando está sobre estresse – é a nossa parte natural. O lado relacionado à criação se refere ao nosso ambiente, que corresponde ao software que roda em nosso hardware (PEASE:2009:9)

Desse modo, fatores do ambiente externo são considerados gatilhos que ativam determinadas programações cerebrais inatas. Wjinggaard (1997) afirma que Money e Ehrhardt se consideraram interacionistas, de modo a mostrar que acreditavam que tanto o ambiente, quanto a biologia eram fatores importantes para explicar as diferenças entre homens e mulheres. Muito embora suas pesquisas e pressupostos assumisse uma primazia da biologia sobre a cultura²⁸.

O funcionamento diferente dos cérebros está ligado à forma como são utilizados os hemisférios direito e esquerdo e à relação de comunicação que se estabelece entre eles. Muito é dito sobre as áreas do cérebro relacionadas a certas atividades, como, por exemplo, a fala: as mulheres possuiriam uma área do cérebro específica para a fala. A análise de Rohden (2010) dos artigos do periódico *Viver – Mente e Cérebro* revela podem ser encontradas afirmações de que as mulheres possuem melhor capacidade comunicativa, e os homens, melhor capacidade de localização. Também é frisado que a quantidade supostamente menor de neurônios no

²⁸ Do mesmo modo, Fausto-Sterling (2001) chama a atenção para o interacionismo de membros da *loveweb*, uma lista de discussões: “Mas sua versão do interacionismo (significando que o corpo e o ambiente interagem para produzir padrões de comportamento) demanda grande dose de corpo e apenas algum borribo de ambiente, ‘A verdadeira questão’, diz um dos mais firmes e articulados entre os interacionistas, ‘é saber como o corpo gera o comportamento’” (FAUSTO-STERLING:2001:22)

cérebro feminino não é o assunto mais relevante, mas sim o uso das áreas cerebrais. Nas mulheres, os hemisférios cerebrais se comunicariam melhor e seriam mais semelhantes.

Em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (PEASE:2000) há um teste para que a/o leitora/leitor avalie o gênero/sexo de seu cérebro, cujo método de avaliação teria sido o mesmo de um teste elaborado pela geneticista Anne Moir, com o mesmo intuito:

A finalidade do teste é apontar a masculinidade ou a feminilidade dos padrões do seu cérebro (...) O resultado é simplesmente uma indicação do nível provável de hormônio masculino que seu cérebro recebeu, ou não (...) Isso se reflete em seus valores, estilo, comportamento, orientação e escolhas (PEASE:2000:49)

Os resultados possíveis para o teste são: masculino, feminino e interseção.

Assim, pessoas com o cérebro masculino

Demonstram grande talento para atividades que exijam raciocínio lógico e analítico e articulação verbal. Tendem a ser disciplinadas e organizadas. Lidam facilmente com a previsão de custos e o planejamento com base em dados estatísticos, raramente se deixando levar pela emoção (PEASE:2000:58)

Em mulheres esse resultado apontaria para uma tendência ao lesbianismo. Já as pessoas com o cérebro feminino podem desenvolver:

grande criatividade e talento artístico e musical. A maior parte de suas decisões é tomada com base na intuição. Os problemas são identificados a partir de poucas informações e solucionados com inteligência e criatividade (PEASE:2000:58)

Em homens, esse resultado apontaria uma tendência à homossexualidade.

É com base nessas diferenças que são providas orientações aos leitores e leitoras. De acordo com eles mesmos, a finalidade dos livros de Allan e Barbara Pease, afinal, é de auxiliar as pessoas a lidarem melhor com o sexo oposto. Essas orientações têm como premissa a aceitação de que os cérebros masculino e feminino são diferentes e determinados pelos hormônios recebidos pelo feto durante o período gestacional. Assim, temos como exemplo a seguinte orientação: “Apresente aos

homens uma coisa de cada vez, pois o cérebro masculino é compartimentado” (PEASE:2006:67).

Os hormônios ocupam papel de destaque, pois são tidos enquanto elementos que governam o eu, por serem os responsáveis pela diferenciação sexual cerebral. Tudo é explicado em termos físico-químico, de modo que as emoções também são buscadas no cérebro e explicadas em termos de ações hormonais.

Os hormônios femininos ganham três subseções, em que são explicadas primeiramente a função do estrogênio, causador de uma sensação de bem-estar, e da progesterona, que “desperta o instinto materno e protetor para estimular a mulher a cumprir com eficiência seu papel de guardiã da cria” (PEASE:2000:106). A segunda subseção trata da tensão pré-menstrual enquanto um fenômeno moderno, pois na antiguidade as mulheres estariam sempre grávidas; e explica que o desejo sexual da mulher aumenta durante o período fértil. A terceira subseção versa acerca de uma “tristeza química” ligada também ao ciclo menstrual, no período em que ocorre uma queda hormonal. Temos aqui uma definição cíclica da mulher. Os ovários são citados como “órgãos vitais” das mulheres.

A testosterona aparece enquanto “hormônio da agressão” e o cérebro feminino não seria programado para reagir à testosterona. É ela quem torna os homens brigões, competitivos, com interesse em atividades físicas. De acordo com os Pease, os homens mais bem sucedidos em suas áreas de trabalho possuem altos níveis de testosterona, a partir do que os autores inferem que as mulheres bem sucedidas no mundo dos negócios também possuem mais testosterona do que as demais. A testosterona também é a responsável pela superioridade masculina em habilidades espaciais, e pela semelhança de interesses encontrada entre lésbicas e homens. De acordo com o livro, homens possuem maior desejo sexual porque possuem maior quantidade de testosterona.

No livro da Dra. Brizendine (2006), analisado por Rohden (2012), os hormônios são apresentados enquanto personagens, assim, o estrogênio é a rainha; a progesterona, a personagem secundária; e a testosterona, o polo masculino. De acordo com Brizendine (2006), os hormônios podem determinar o que o cérebro se interessa em fazer. Também aqui os hormônios são apresentados enquanto sexo-específicos e estabelecendo uma ligação entre a masculinidade e a agressividade, e a feminilidade e a maternidade.

Rohden (2008) trata da importância dos hormônios na constituição do corpo dos sujeitos, em especial das mulheres, vistas em termos das instabilidades de seus ciclos menstruais. Os hormônios são a base para uma série de intervenções médicas, desde os tratamentos para tensão pré-menstrual e a menopausa, passando pelo tratamento da andropausa e da administração de testosterona para aumentar a libido de homens e mulheres. As diferenças intelectuais entre homens e mulheres também são explicadas e entendidas com base na ação hormonal.

Através da análise de artigos científicos e teses de medicina no Brasil do século XIX, Rohden (2008) mostra como os ovários e as secreções ovarianas foram ligadas às atividades mentais da mulher. Essa discussão se deu em torno das vantagens ou desvantagens de se manter ou extirpar os ovários. Uma vez que, após a extirpação dos ovários, as mulheres começavam a sofrer da falta das substâncias por eles secretadas, uma série de medicamentos de reposição eram indicados. Esses medicamentos eram feitos das secreções ovarianas de outras fêmeas, tais como vacas. Nelly Oudshoorn (1994) discute detalhadamente como essas ideias desempenham um papel importante na descoberta/criação dos hormônios sexuais e da pílula anticoncepcional²⁹. Os ovários passariam a ser considerados os detentores da feminilidade: da expressão do desejo sexual à capacidade de procriar.

A descoberta e/ou criação dos hormônios sexuais é um fator importantíssimo para se compreender esse processo de passagem da feminilidade alocada nos ovários para a feminilidade contida nas secreções deles. Através do trabalho Oudshoorn (1994), Rohden (2008) intenta mostrar como as concepções de gênero estiveram todo o tempo enquadrando e permeando a visão sobre os corpos. Os hormônios entram enquanto tratamento quando o padrão de gênero não se coaduna ao de sexo. É característica de todo esse processo a busca por uma substancialização do gênero. Essa busca reflete uma ansiedade em torno da instabilidade das fronteiras entre natureza e cultura.

Os hormônios proveem uma base para a diferença sexual nos Pease, que é apresentada em termos de oposição, de forma didática, e acompanhada de orientações para que homens e mulheres possam se relacionar melhor um com o outro. O outro sexo é comparado a uma cultura estrangeira e as características dos homens são de pessoas provedoras, e das mulheres, de pessoas cuidadoras:

²⁹ A obra de Oudshoorn (1994) será detalhada mais adiante nesta dissertação.

Para garantir a sobrevivência da família, as guardiãs da cria precisavam estar alertas para pequenas mudanças no comportamento de sua prole, que poderiam indicar dor, fome, doença, agressividade ou tristeza (PEASE:2000:20)

Eles são ótimos em identificar e imitar vozes de animais, o que, certamente, foi uma grande vantagem em seus tempos de caçador (PEASE:2000:29)

As mulheres são superiores, portanto, em habilidades sociais, ao passo que os homens são superiores em habilidades práticas e urgentes, tais como caçar para prover alimentação. As diferenças entre os cérebros são ilustradas através do desempenho escolar das crianças, de modo que os meninos se sentiriam inferiores nos primeiros anos escolares, devido ao fato de não possuírem habilidades comunicativas tão desenvolvidas quanto as meninas. Eles ultrapassariam as meninas quando da introdução do ensino de ciências e física, que exigem habilidades espaciais. Conforme colocado acima, essas diferenças entre homens e mulheres também estão presentes nos artigos do periódico *Viver – mente e cérebro*, analisado por Rohden (2010).

Os Pease defendem sutilmente a educação diferenciada para crianças de sexos distintos, através de exemplos de escolas que o fazem e cujos resultados são ditos positivos. Afirmam que nessas escolas as diferenças entre homens e mulheres são respeitadas. Eles também aconselham as mulheres a seguirem “carreiras e ocupações em que podem exercer as aptidões naturais que estão de acordo com a orientação de sua estrutura cerebral” (PEASE:2000:86), ao invés de competirem com os homens. Para Brizendine (2006), a busca por um futuro que compreenda e aceite as habilidades inatas das mulheres também adquire importância. Assim, ela afirma esperar que, no futuro, a sociedade apoie as necessidades e habilidades naturais das mulheres (ROHDEN:2012:235).

De acordo com os Pease, as prioridades femininas permaneceriam as mesmas, embora elas agora afirmem ter o desejo de não depender dos homens. Elas ficam insatisfeitas com rotinas intensas de trabalho e ainda veem na maternidade a maior fonte de satisfação. As mulheres, portanto, não teriam interesse em cargos de poder, na política ou nos negócios, pois eles demandam características e valores masculinos, de modo que elas acabam por desistir de se sobressair nessas áreas. Os Pease, defendem que haja aulas de relacionamento homem/mulher nas escolas, ao invés de

“mostrar ratos em labirintos e cachorros salivando quando toca um sino” (PEASE:2000:179). Essa afirmação é curiosa quando se compreende que o embasamento científico citado no livro é majoritariamente oriundo de áreas que conduzem esse tipo de experimento, ou que são herdeiras deles.

A diferença em Allan e Barbara Pease é uma diferença em direção à complementaridade. Homens possuem habilidades que mulheres não possuem e vice-versa, como veremos em seguida. As mulheres possuem cérebros que as dotam de maiores capacidade de fala e linguagem, ao passo que os homens encontram dificuldades de se expressar na mesma intensidade que elas, e o fazem sempre de modo direto. As mulheres não possuem um bom senso de direção, pois possuem habilidades espaciais inferiores às dos homens. Quando um homem se perde, não para a fim de pedir informação, pois isso seria reconhecer o fracasso em uma aptidão natural, considerando que homens, enquanto caçadores, teriam aprendido a ter senso de direção. Outra explicação para o senso de direção masculino seria um possível acúmulo de ferro “no hemisfério direito do cérebro masculino, que lhe permite sentir o norte magnético” (PEASE:2003:40). Deste modo, os homens também não expressam sentimentos em forma de choro, pois chorar aproxima a pessoa do estágio de desenvolvimento de um bebê, de modo que, para homens, isso seria uma demonstração de vulnerabilidade e, portanto, não condizente com sua evolução:

O nosso ancestral masculino guerreiro, ao ouvir, permanecia impassível de modo a não trair suas emoções. Os homens atuais usam ainda essa máscara para esconder as emoções e se sentirem no controle da situação. Mas isto não significa que não sintam nada; tomografias revelam que, apesar de evitarem demonstrar seus sentimentos, os homens os experimentam com a mesma intensidade que as mulheres (PEASE:2005:12)

Já para as mulheres, o choro seria uma forma de estabelecer confiança. As mulheres lidam melhor com estresse, pois se sentem melhor através da fala, o que não sei aplica aos homens, que preferem o silêncio. Os homens não atribuem importância aos detalhes, pois enxergam o todo. A importância que as mulheres dão aos detalhes está ligada à necessidade de formarem círculos de amigas. Essa necessidade se explica em termos evolutivos, de modo que as mulheres foram programadas para não ficarem desamparadas caso o homem não retornasse da caçada ou da guerra.

Acerca da linguagem corporal, a percepção feminina é superior à masculina. Por exemplo, as mulheres percebem com mais facilidade as mentiras porque seus cérebros identificam melhor os sinais corporais:

Exames de ressonância magnética cerebral revelam que a mulher tem de 14 a 16 pontos-chave nos dois hemisférios quando se comunica cara a cara. Esses pontos são utilizados para decodificar palavras, sinais corporais e mudanças no tom de voz, e constituem o que é conhecido como 'intuição feminina' (PEASE:2003:136)

Essas habilidades seriam mais visíveis em mulheres que já tiveram filhos, devido à necessidade de comunicação não verbal que se estabelece entre a mãe e o bebê nos seus primeiros anos de vida. É dito que as mulheres sorriem mais, por isso devem aprender a rir na hora certa. O motivo pelo qual as mulheres sorriem mais é especulado:

Há quem afirme que a propensão feminina a sorrir mais resulta da posição historicamente subalterna em que a mulher foi colocada pelos homens. Porém, uma outra pesquisa mostra que os bebês do sexo feminino sorriem mais do que os do sexo masculino já às seis semanas de vida, o que indicaria tratar-se de uma reação inata, e não adquirida. A explicação mais provável é de que o sorriso se ajusta ao papel evolucionário da mulher como protetora e pacificadora da prole (PEASE:2004:67)

Gostaria de atentar novamente para o caráter de orientação encontrado na obra dos Pease. Essas orientações de como lidar com o outro sexo são passadas em termos de explicações acerca das diferenças entre os sexos. Essas, por sua vez, são explicadas em termos do processo evolutivo da humanidade. Assim, encontramos na obra descrições do funcionamento específico de cada sexo e, a partir delas, modos de agir com relação a cada um deles.

Para discutir o modo como a diferença sexual é compreendida na obra dos Pease, é preciso evocar alguns autores que atentam para as maneiras segundo as quais os corpos já foram enxergados e significados pela ciência ocidental ao longo dos tempos. Isso possibilita o estabelecimento de conexões entre essas visões e a trazida pelos Pease.

Laqueur (2001) aponta para o movimento segundo o qual o sexo foi compreendido inicialmente como um sexo único, em que homem e mulher compartilhariam a mesma estrutura sexual que seria, contudo, interna e menos

desenvolvida na mulher. Esta diferença de grau se explicaria devido à falta de calor vital presente no desenvolvimento das mulheres. A partir do final do século XVIII, o autor sublinha uma mudança de perspectiva, de modo que os sexos começaram a ser encarados como radicalmente distintos; a saber: o aparato sexual biológico da mulher não seria mais semelhante ao do homem, não estariam mais dispostos num mesmo *contínuum*, diferenciado-se por grau, mas seriam coisas diferentes *a priori*.

Judith Lorber (2003) recupera esta discussão, chamando atenção para o quanto a natureza dos corpos, no sentido de como ela é vista, teorizada, transformada por tecnologias e significada, é dependente da visão social que se possui acerca das diferenças entre homens e mulheres:

Meu argumento é de que corpos diferem de muitas formas fisiologicamente, mas são completamente transformados por práticas sociais para se encaixarem nas categorias proeminentes de uma sociedade, as de maior penetração sendo as de “feminino” e “masculino” e “mulheres” e “homens” (LORBER:13:2003)³⁰

Assim como afirma Laqueur (2001), não é uma questão de se contestar a existência das alegadas verdades empíricas, mas de que a verdade que se enxerga na natureza não é objetiva. O que Lorber (2003) está afirmando é que o olhar para os corpos e para as diferenças sexuais se deu a partir de duas categorias pré-estabelecidas: a de homem e a de mulher. Esta afirmação equivale a dizer que o gênero veio antes do sexo, sendo este criado por aquele, pois só se prestou atenção e se atribuiu significado às diferenças encontradas nos corpos de homens e mulheres tendo-se em mente os papéis sociais esperados de homens e mulheres. Ou seja: as diferenças entre homens e mulheres só fazem diferença quando transformadas em fatos sociais.

Assim como Lorber (2003), Schiebinger (1987) também retoma o movimento de passagem do sexo único para o modelo de dois sexos, conforme trazido por Laqueur (2001), e o esforço da ciência enquanto instituição para firmar seu papel na sociedade, em conflito com os saberes tradicionais, como os das parteiras. O corpo aparece aqui, no contexto de mudança social que engloba os séculos XVIII e XIX,

³⁰ No original: *I am arguing that bodies differ in many ways physiologically, but they are completely transformed by social practices to fit into the salient categories of a society, the most pervasive of which are 'female' and 'male' and 'women' and 'men'*

como arena de um conflito social mais amplo. A ciência aparece como responsável pela revelação da verdade da natureza, que serviria como base para a estrutura social e os papéis que as mulheres e homens devem desempenhar nela.

Schiebinger (1987) traz a questão da diferenciação sexual nas ilustrações anatômicas de esqueletos humanos. A autora aponta que desde o século XVI os anatomistas, através da dissecação, desenhavam esqueletos humanos. Contudo, a partir do século XVIII ocorre uma mudança que leva a uma busca por definições de gênero em todo o corpo humano, conforme visto também em Laqueur (2001). As doutrinas antigas, tal como a doutrina do humor, que postulava que mulheres possuíam caráter físico e moral único, foram substituídas pela medicina moderna no contexto iluminista. Neste período, buscava-se apoiar as convenções sociais em bases naturais, pois cabe aqui pensar que o século XVIII foi uma reação à antiga ordem social que se baseava na autoridade da religião. Rohden (2002) também ressalta este ponto ao tratar do surgimento da ginecologia enquanto uma ciência da mulher, fundada em sua capacidade reprodutiva e na crença de que os eventos desta ordem afetariam mais as mulheres do que os homens:

A mulher seria determinada, em seu corpo e mente, pela função sexual, fazendo com que sua fisiologia e patologia sexual afetasse o seu comportamento e tendo consequências sociais e morais que não teriam paralelo no caso do homem (ROHDEN:2002:120)

Tornou-se, então, uma prioridade na ciência anatômica buscar as diferenças sexuais em todo o corpo – veias, músculos, ossos. Os trabalhos aqui mencionados mostram que não se deve encarar a anatomia como uma simples descrição da realidade, sendo preciso analisar a que esta descrição serve no contexto mais amplo. Por exemplo: o tamanho diminuto no crânio feminino serviu para marcar sua suposta menor capacidade intelectual, e o tamanho aumentado da pélvis, para marcar sua função de reprodutora e, conseqüentemente, mãe. Uma vez, então, que a ciência é que desvendava as verdades sobre a natureza humana, cabia a ela ser o árbitro das questões sociais relativas aos papéis de homens e mulheres (e também de negros e crianças).

A diferenciação sexual dos esqueletos humanos fez com que as mulheres não fossem mais vistas como imperfeitas, mas como únicas equipadas para dar continuidade à vida. Neste ponto da explicação de Schiebinger (1987) já se torna

possível compreender este movimento em direção ao modelo de dois sexos de que trata Laqueur (2001). Se o útero era perfeito, conforme se estabelecia a exaltação da importância da maternidade, a inferioridade da mulher tinha que estar em outro lugar. Surgem os esqueletos sexuados: a característica mais distintiva das mulheres seria o tamanho da pélvis (intimamente ligada à reprodução). É importante ter em mente que se os esqueletos, a sustentação do corpo, eram diferentes, então tudo podia ser: músculos, veias, órgãos. O esqueleto masculino era o padrão, e o feminino, logo, era o desviante.

Schiebering (1987) intenta descobrir as causas que levaram a comparação anatômica entre homens e mulheres a ser um projeto científico do final do século XVIII. Ela aponta que as mulheres estavam ganhando posição na sociedade burguesa europeia e era preciso definir seu lugar. Surgem, então, os manuais destinados a ensinar às mulheres a maneira como se portar e qual papel deviam desempenhar na sociedade, com a ideia de que homens e mulheres seriam complementares. Alguns manuais médicos começaram a pregar que as diferenças entre os sexos eram cruciais no cuidado das doenças e que um modo de vida compatível com sua natureza causava bem estar. Já no século XIX surge a tendência de se considerar a ciência um árbitro das questões sociais, uma ciência neutra e objetiva, feita por um sujeito neutro e objetivo (ciência apolítica).

Essas maneiras de se enxergar e compreender os corpos ecoam no modo como os corpos são retratados na obra dos Pease. Inicialmente é possível observar um deslocamento do sexo único, focado nos órgãos sexuais, para o sexo único do cérebro, condicionado pelos hormônios, no qual a testosterona, hormônio tido como masculino, representa o papel mais importante. Para tornar mais notável a semelhança é relevante recuperar a noção que Laqueur (2001) nos traz, de que a mulher seria um homem invertido no sentido em que não houve “calor” suficiente para fazer com que seus órgãos sexuais se tornassem externos. A mulher seria possuidora de estruturas análogas às masculinas, porém, internas. Desse modo, a mulher era lida enquanto um homem imperfeito. Os livros de Allan e Bárbara Pease nos trazem uma noção muito semelhante, porém em relação à testosterona. O cérebro feminino teria se mantido na matriz feminina, pois não recebeu testosterona em quantidade suficiente para se tornar um cérebro masculino. Contudo, a diferença radical que é postulada entre os sexos, em direção à complementaridade, se enquadra na maneira de ver as diferenças entre os sexos que tem início no final do século XVIII. Ao mesmo tempo em que os

cérebros masculinos se apresentam num *cotinuuum* em que a testosterona é a responsável por diferencia-los, essa diferença, ao se estabelecer, é radical, passando a compreensão de que se tratariam de órgãos completamente distintos. Pode-se considerar que o cérebro enquanto órgão da diferença está em consonância com a ideia de uma diferença na totalidade da mente e do corpo, sendo universal e constitucional, conforme citado acima.

Essa discussão sobre a significação dos corpos em momentos históricos distintos é uma discussão orientada por aquilo que Fausto-Sterling (2001) chamou de dualismos. Dualismos são pares de conceito, que se acredita serem opostos, e que servem de modo de compreensão do funcionamento do mundo, sendo mobilizados geralmente em termos hierárquicos. O ensaio de Fausto-Sterling (2001), *Dualismos em duelo*, trata especialmente dos dualismos sexo/gênero, natureza/criação e real/construído, que também estão em jogo aqui. Através do exemplo de Maria Patiño, atleta olímpica espanhola que reprovou no teste de sexo do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1988, a autora intenta mostrar que o sexo de um corpo é difícil de ser determinado, em função de sua complexidade. Patiño, enquanto intersexo, possuía cromossomo y, embora suas células não fossem capazes de reagir à testosterona, de modo que ela havia se desenvolvido enquanto uma mulher:

A escolha dos critérios a utilizar na determinação do sexo, e a escolha de simplesmente fazer essa determinação, são decisões sociais para as quais os cientistas não podem oferecer regras absolutas (FAUSTO-STERLING:2001:20)

O rótulo de homem ou mulher é, de acordo com Fausto-Sterling (2001), socialmente decidido. No conhecimento científico sobre o assunto, estão embutidas influências das crenças sobre gênero.

A autora recupera o trabalho de Money e Ehrhardt sobre a diferenciação cerebral, já mencionado nesta dissertação, para tratar da categoria de gênero que foi popularizada por eles. Sexo se referiria aos atributos físicos, anatômicos e fisiológicos, ao passo que gênero seria uma convicção interior (o que ficou denominado identidade de gênero). Além disso, Money e Ehrhardt reconheciam diferentes sexos no corpo, por exemplo: o hormonal fetal, o dimorfismo sexual e o dimorfismo cerebral, entre outros. O feminismo também adotou a separação entre sexo e gênero, de modo a negar a existência de bases biológicas para a desigualdade

de gênero. O feminismo se encarregou do campo do gênero, temendo a biologia e ficando, por isso, exposto a seus ataques.

Fausto-Sterling (2001) conduz uma exposição acerca dos diversos modos através dos quais a sexualidade foi vivenciada e significada ao longo dos tempos no ocidente. Partindo da arqueologia foucaultiana, a autora afirma que, através de um processo relacionado às mudanças políticas, o corpo normal tomou o lugar do natural, de modo que apenas aqueles corpos conformados à norma, decidida socialmente, eram naturais. A autora mostra que do ponto de vista da medicina, os corpos intersexuais foram encarados enquanto anomalias, de modo que a manutenção da normalidade foi o foco no tocante a esses casos. Assim, ficou estabelecido que o corpo normal precisaria pertencer à categoria de macho ou de fêmea, os corpos intersexuais tendo que ser ajustados para caber nelas. Uma vez que os corpos de intersexos borram as fronteiras entre macho e fêmea, sua correção se faz necessária à manutenção da divisão entre os sexos. A autora propõe que a modificação das políticas do corpo passa, portanto, pela modificação das políticas da ciência. Casos como os de corpos intersexos e de indivíduos homossexuais deixam a dúvida sobre a objetividade e a natureza atemporal do conhecimento científico (FAUSTO-STERLING:2001:28).

Através de uma exposição sobre as categorias da sexualidade tal como definidas em escala por Kinsey³¹, Fausto-Sterling (2001) intenta mostrar que as categorias científicas criam efeitos no mundo real, como no caso de pessoas que adotam a escala Kinsey como forma de auto identificação; e que as categorias não são atemporais, pois os vetores envolvidos no que consideramos hoje em nossa sociedade enquanto sexualidade não são sempre os mesmos. O ponto defendido é que haja o questionamento do uso de nossas categorias, contemporâneas e ocidentais, para analisar outros contextos históricos e/ou culturais:

Os humanos sempre se dedicaram a uma variedade de práticas sexuais, mas essa atividade sexual está presa a contextos históricos. Isto é, as práticas sexuais e o entendimento social sobre elas não variam apenas com as culturas, mas também no tempo (FAUSTO-STERLING:2001:37)

³¹ A escala Kinsey foi criada com a finalidade de categorizar os sujeitos com relação à orientação sexual, indo de 0 a 6, sendo 0 o indivíduo exclusivamente homossexual e 6, o indivíduo exclusivamente heterossexual. Havia também uma categoria “x”, para os indivíduos que não manifestavam interesses eróticos.

Assim, o sujeito que expressa uma forma de sexualidade em um dado contexto não necessariamente a expressará em outro, a menos que se acredite que a sexualidade é biologicamente determinada.

Fausto-Sterling (2001) rejeita a separação envolvida nos dualismos, propondo, por exemplo, que “a sexualidade *é* um fato somático *criado* por um efeito cultural” (FAUSTO-STERLING:2001:60 – itálico do original). É preciso, para superar a divisão entre corpo e gênero, chamar a atenção para a interdependência entre os termos que a formam e que o próprio dualismo visa negar. Aceitar um dos polos do dualismo implica necessariamente em renegar o outro, de modo que ao assumir o polo gênero, as feministas tornam impossíveis as análises sobre o corpo.

Algumas feministas buscaram superar o binarismo sexo/gênero atentando para a necessidade de se falar sobre o corpo material. Assim, é preciso considerar o processo de materialização, assumindo que os modos de ver o sexo e a sexualidade são parte dos conceitos utilizados sobre a formação dos corpos. Os corpos não são, portanto, campos neutros que revelam as origens da diferença sexual (FAUSTO-STERLING:2001:63). Isso não implica em negar a materialidade. As realidades corporais existem e, em suas diferenças, como as de sexo, são simbolizadas, ao mesmo tempo em que possuem características que escapam ao sistema simbólico. O corpo pode ser compreendido enquanto um sistema, construído pelo sistema social e, ao mesmo tempo, construtor dele: “os instintos ou impulsos biológicos fornecem uma espécie de matéria-prima para o desenvolvimento da sexualidade. Mas matérias-primas nunca são suficientes” (FAUSTO-STERLING:2001:64).

Através de uma revisão bibliográfica, Fausto-Sterling (2001) evoca a imagem da faixa de mobius para ilustrar essa proposta de compreender corpo enquanto construtor e construído, ao mesmo tempo social e natural: “A faixa de Mobius é um enigma topológico, uma fita retorcida uma vez e colada nas duas pontas para formar uma superfície retorcida” (FAUSTO-STERLING:2001:65). À medida que se caminha por cima da superfície dessa faixa, ora estamos em seu interior, ora em seu exterior. A cultura aparece enquanto a camada externa, enquanto o corpo seria a camada interna, possibilitando a passagem por ambos os domínios sem a necessidade de se descolar da superfície da faixa.

Faz-se necessário, ainda, analisar de modo mais minucioso a citada atuação dos hormônios sexuais na definição dos corpos sexuados. Para compreender o papel preponderante que eles ocupam na constituição do eu sexuado na obra dos Pease, é preciso recuperar a historicidade do conceito. Oudshoorn (1994), em *Beyond the natural body*, oferece uma história dos hormônios sexuais: de como se deu sua construção e quais processos e redes se encontram envolvidos nela. Essa trajetória passa pela história da construção da diferença entre os sexos nas ciências, especialmente no tocante às ciências médica e biológica. Até o início do século XX, a ciência não estava tão certa acerca das diferenças entre os sexos no que diz respeito às características masculinas e femininas, conforme já pontuado.

Os eixos que guiam o trabalho de Oudshoorn (1994) são provenientes deste questionamento do corpo enquanto dado biológico e da perspectiva dos estudos sociais da ciência, que trazem a noção de que os fatos científicos não são dados, mas são eles mesmos o resultado de uma criação coletiva, na qual os cientistas são vistos como construtores ativos da realidade. A autora repassa questões importantes sobre o debate acerca da medicina e da construção dos corpos, tais como: a ideia de que as práticas anatômicas no século XVIII foram responsáveis por uma fragmentação do corpo em órgãos; a ideia de que a ciência médica é responsável por revelar os segredos dos corpos e a manipulabilidade que os corpos adquirem, de modo a serem vistos enquanto objetos. Essas ideias nos ajudam a compreender como se tornou possível falar de corpo em termos universais. Ao separar suas partes em “peças”, torna-se possível falar na função que cada parte exerce para a manutenção do corpo em termos generalizantes, não mais no tocante a cada corpo único individual. É essa ideia do corpo universal que permite falar em sexo nos termos das obras aqui analisadas.

A discussão de Oudshoorn (1994) passa a ser sobre os corpos sexuados e as formas através das quais eles foram construídos em diferentes momentos históricos, bem como diz respeito às mudanças que ocorreram nessa construção. Para tanto, ela recupera especialmente os trabalhos de Laquer (2001) e Schiebinger (1987), já citados. No século XIX todo o corpo é sexuado, sendo, contudo, necessário buscar o *locus* específico que guardaria a essência do homem e da mulher. O útero foi, até meados do século XIX, o lugar da feminilidade, conforme discutido no trabalho de Rohden (2008). Dali em diante, os ovários passam a ocupar este lugar e são

constituídos enquanto objeto paradigmático da ginecologia. No início do século XX, a essência do feminino passa a se localizar numa substância química: os hormônios sexuais. A endocrinologia estabelece que os hormônios são os “mensageiros químicos” da masculinidade e da feminilidade (OUDSHOORN:1994:8).

O conceito de hormônio foi introduzido em 1905, por Ernst H. Starling, que os tratou por “mensageiros químicos” (OUDSHOORN:1994:15) e permitiu que o organismo fosse visto em termos de agências químicas. Os hormônios produzidos pelas gônadas foram chamados de hormônios sexuais, sendo masculino aquele secretado pelos testículos, e feminino aquele secretado pelos ovários. A autora demonstra que a ideia que relaciona os ovários ao desenvolvimento sexual feminino pode ser traçada desde Aristóteles, e que também a ideia da associação entre os testículos e a sexualidade masculina e bravura remonta tempos mais antigos. É crucial nessa história compreender que o uso de extratos de testículos para tratar doenças masculinas era uma prática pré-científica³² corrente. Na teoria do desenvolvimento intrauterino, conforme explicitada na passagem de Allan e Barbara Pease citada anteriormente, essas noções se mantêm.

A teoria hormonal na biologia se inseria em um debate já existente, a saber: entre fisiologistas (que acreditavam que o desenvolvimento sexual era afetado por condições durante o período fetal) e geneticistas (que acreditavam que os cromossomos definiam a questão de maneira irrevogável). A endocrinologia sexual proveu a ligação entre as duas concepções:

Nas primeiras décadas do século XX o desenvolvimento sexual passou a ser definido como o resultado de dois processos: determinações sexuais reguladas por fatores genéticos e diferenciação sexuais influenciadas por fatores hormonais (OUDSHOORN:1994:21)³³

O foco dos endocrinologistas sexuais nas secreções das gônadas, e não nas gônadas em si, fez com que a concepção científica do sexo ficasse próxima das

³² A ideia de noções pré-científicas é oriunda do trabalho de Ludwik Fleck (2010), já tratado nesta dissertação. Por pré-científicas compreendem-se noções que não pertencem à esfera do conhecimento científico, e sim ao senso comum, mas que contribuem para o surgimento e desenvolvimento de noções científicas.

³³ No original: *In the early decades of the twentieth century sexual development came thus to be defined as the result of two process: sex determinations regulated by genetic factor, and sexual differentiation influenced by hormonal factors*

noções do senso comum sobre masculinidade e feminilidade. Então, o sexo seguiu sendo um modelo dualista que reforça a oposição entre homens e mulheres, embora a ideia de antagonismo sexual fosse de certo modo nova ao campo dos hormônios sexuais. Ela se casava com as noções vitorianas do tipo de relação que deveria se estabelecer entre os sexos.

Em 1920 surge uma disputa acerca da ideia dos hormônios serem sexualmente específicos em sua origem e função. Publicações contestando estes fatores começaram a aparecer e apontar para a existência de hormônios considerados femininos em homens. A presença de hormônios considerados como masculinos em mulheres também aparece. A diferença entre hormônios que pareciam os mesmos, mas estavam presentes em corpos masculinos e femininos passou a ser buscada na composição química deles. A pergunta que se segue à constatação da existência de hormônios femininos em homens é se a função dos hormônios deveria também ser repensada e qual seria (ou até mesmo se existiria uma) a função dos hormônios femininos nos corpos masculinos. A noção de um antagonismo sexual passa a ser questionada, e a relação entre os hormônios começa a ser vista enquanto cooperativa. É aventada a hipótese de um sistema endócrino de *feedback*, que transfere a diferença sexual no corpo das gônadas para o cérebro. O que nos traz à teoria do estabelecimento do sexo no cérebro do indivíduo, durante seu desenvolvimento intrauterino.

Nos anos de 1930 muitos cientistas demonstravam descontentamento com a nomenclatura dos hormônios sexuais como masculinos e femininos. Foi proposta inclusive uma noção a partir da qual existiriam os hormônios heterossexuais (puramente masculinos ou femininos), parcialmente bissexuais (majoritariamente femininos ou masculinos) e verdadeiramente bissexuais (ativos em ambos os sexos). Como esperado, toda essa discussão repercutiu na conceitualização de sexo, que passou a ser enxergada também por um prisma quantitativo. Ou seja, no tocante aos órgãos sexuais o indivíduo seria categorizado enquanto homem (macho) ou mulher (fêmea), mas no tocante ao papel de definição hormonal do sexo, cada indivíduo poderia estar em alguma das categorias que variariam de homem viril a afeminado ou mulher masculina ou feminina: “O modelo sugeria que, quimicamente falando, todos os organismos são ao mesmo tempo macho e fêmea. O sexo pode agora ser

conceituado em termos de macho/masculino e fêmea/feminino” (OUDSHOORN:1994:38).³⁴

Vimos anteriormente como essas questões estão intimamente ligadas à história do desenvolvimento da teoria organizacional, conforme trazida por Wjngaard (1997).

Essa noção está de acordo com a ideia presente no trabalho de Allan e Barbara Pease, segundo a qual um homem, portador de genitália masculina, pode ser mais ou menos feminino, possuindo um cérebro mais ou menos feminino. Também uma mulher, portadora de uma genitália feminina, pode ser mais ou menos masculina, tendo um cérebro mais ou menos masculino. Temos os dois vetores de diferença: macho/fêmea e masculino/feminino, nos quais o cérebro feminino é considerado básico, pois não depende de androgênios para sua diferenciação. Deste modo, Wjngaard (1997) explicita que a masculinidade passa a ficar definida como a presença do hormônio masculino, enquanto a feminilidade se define por ser a ausência dele.

Outro fator que se apresenta aqui é a definição da mulher em termos de seus ciclos hormonais. Oudshoorn (1994) explica como isso se deu através da invenção da pílula anticoncepcional feminina. A pílula anticoncepcional foi testada em Porto Rico, e encontrou dificuldade de adesão ao processo de longo prazo por parte das mulheres, pois era necessário que tomassem um comprimido por dia e comparecessem aos exames necessários de monitoramento. Além disso, havia uma competição com a esterilização enquanto forma de controle de natalidade. Deste modo, nos relatórios de Pincus e Rock, responsáveis pelos testes, as mulheres, enquanto sujeito de teste, foram substituídas pelo número de ciclos menstruais tratados. Essa estratégia permitiu não só que os cientistas exagerassem seus resultados, como para enfatizar as similaridades entre as mulheres: “*A representation in terms of cycles implies an abstraction from the bodies of individual women to the universal category of a physical process*” (OUDSHOORN:1994:136).

A história da pílula anticoncepcional é também a da construção de similaridades entre as mulheres por parte dos cientistas. Poderia se ter criado um ciclo menstrual de qualquer duração, de acordo com o regime de administração dos comprimidos. Houve uma escolha por um ciclo “normal” de quatro semanas, que se

³⁴ No original: “*The model suggested that, chemically speaking, all organisms are both male and female. Sex could now be conceptualized in terms of male/masculine and female/feminine*”

materializou na pílula anticoncepcional, criando padrões similares nas funções reprodutivas das mulheres e diminuindo as diferenças encontradas nos ciclos menstruais. A ênfase na similaridade entre as mulheres atuou como um pré-requisito para o desenvolvimento de uma tecnologia que se pretendia universal. Para que a ciência sobre a sexualidade seja universal, o mesmo pressuposto de ênfase na similaridade entre os indivíduos se faz necessário. Desse modo, o livro dos Pease nos traz essa noção segundo a qual todas as mulheres estão sujeitas à mesma variação hormonal. Isso é possível porque essa é uma similaridade que se institui na natureza: se todas as mulheres são iguais, é porque compartilham de uma mesma natureza.

Essas questões, relativas às diferenças de sexo e aos modos pelas quais foram e são vistas, estruturam as relações entre homens e mulheres na obra dos Pease. Assim, é nos termos de uma biologia que são apresentados os laços que homens e mulheres formam entre si.

4.4 O Sexo, O Amor e O Casamento.

No tocante ao sexo, os grandes eixos estruturantes da diferença entre homens e mulheres são os expostos anteriormente: a evolução e os tipos dominantes de hormônios atuantes no organismo. Deste modo, temos que homens e sua sexualidade estão definidos em termos do hormônio testosterona, ao passo que mulheres são explicadas em termos do estrogênio, da oxitocina e também da falta de testosterona. Neste campo estão as maiores diferenças entre homens e mulheres.

A testosterona, conforme vimos, é o hormônio da agressividade, mas também o hormônio do sexo. Assim sendo, os homens são mais sexuais do que as mulheres, e seus cérebros estão programados para propagar seus genes e perpetuar a espécie. Já as mulheres viveriam o sexo de modo muito mais conectado com o amor, pois teriam sido programadas para constituir uma família e encontram quem provenha recursos durante seu período de gestação e os anos iniciais dos filhos.

O que atrai aos homens é a qualidade genética da parceira, ou seja, eles se interessam pela aparência das mulheres. São vários os fatores que despertam a atração masculina. A relação cintura/quadril aparece enquanto definidora do que tornaria uma mulher atraente para qualquer homem. Não importaria tanto a mulher ser magra ou gorda, por exemplo, desde que possuidora uma determinada proporção, de setenta por cento, entre quadril e cintura, que o homem seria capaz de calcular intuitivamente:

Eles são mentalmente programados para buscar essa relação – conhecida como cintura de ampulheta -, e as mulheres que a têm se mostram as mais férteis e as que possuem maior probabilidade de conceber (...) Ela atrai a atenção masculina, ainda que a mulher esteja acima do peso (...) porque esse índice indica que a mulher tem uma taxa de fertilidade mais alta e um conteúdo maior de gordura corporal (PEASE:2009:103)

A boa aparência aparece enquanto um sinal biológico de saúde do organismo e, no caso do corpo feminino, é preciso “entender que o corpo da mulher evoluiu como um sistema de sinalização sexual permanente, desenvolvido para atrair a atenção do homem” (PEASE:2003:159). Entre outros fatores que atraem os homens estão: silhueta atlética, cujo exemplo é Marilyn Monroe; seios fartos com mamilos rosados, que seriam sinal de juventude; pernas longas; nádegas redondas, pois seriam reserva de alimento e gordura para ser usada na amamentação; ausência de barriga, enquanto sinal de não gravidez; costas e vulva arqueadas, pois “curvas e arcos indicam feminilidade e fertilidade” (PEASE:2003:163) e pescoço alongado, pois os dos homens seriam grossos e fortes.

A submissão aparece enquanto um fator central pelo qual o homem se atrai, e homem e mulher formam o polo de oposição dominação/submissão no tocante à atração sexual. Assim, a cabeça inclinada, para o lado é um sinal de submissão “porque expõe a cabeça e o pescoço” (PEASE:2004:156) e “As mulheres usam esse gesto para mostrar interesse pelos homens que lhes agradam, porque mulheres não ameaçadoras e que demonstram submissão são atraentes para a maioria dos homens” (PEASE:2004:156). A mimetização de órgãos do corpo também é frequentemente evocada, tal como exposto na ideia de que os seios são atraentes por mimetizarem as nádegas e os lábios por mimetizarem os lábios vaginais.

O que faz os homens se atraírem está intimamente ligado aos traços de diferenciação sexual: “Os seios servem a um único propósito: sinalização sexual, pois eles mimetizam o traseiro” (PEASE:2004:208), ao passo que o traseiro, para usar um termo “nativo”, em primatas, serve para sinalizar quando as fêmeas estão sexualmente disponíveis. No caso humano, elas o estariam sempre.

Para atrair os homens, as mulheres infantilizariam seus sinais corporais, pois isso geraria submissão e evocaria um sentimento de proteção por parte dos homens:

Mulheres aumentam os olhos erguendo as sobrancelhas e as pálpebras para ganhar uma ‘carinha de bebê’. Isto exerce sobre os homens o poderoso efeito de liberar para o cérebro os hormônios que estimulam o desejo de proteger e defender as mulheres. Estas, por sua vez, depilam e redesenham a sobrancelha para cima de modo a parecerem mais submissas porque sabem, ainda que inconscientemente, que isso atrai os homens (PEASE:2004:108)

Marylin Monroe é novamente citada quando se fala sobre o rosto feminino como exemplo do que atrai os homens: “ela é mestra no uso de expressões faciais e linguagem corporal pré-orgásticas femininas” (PEASE:2004:109). O rosto feminino atraente, portanto, deve ter um tom infantil, o que inclui olhos atraentes, grandes, lábios grossos, nariz pequeno e cabelos longos. É dito que mulheres loiras possuem mais estrogênio, e que os homens, sendo capazes de perceber esse fator, inconscientemente as consideram mais férteis.

Para as mulheres, o homem atraente seria aquele que possui o corpo em V, com ombros largos, cintura estreita e braços fortes que, de acordo com os autores, seriam características físicas de um bom caçador. Deste modo, mulheres valorizam peito e ombros largos, braços musculosos e “nádegas rijas e musculosas”, pois “proporcionam movimentos vigorosos para a frente durante o ato sexual” (PEASE:2003:186). Também seriam atraídas por nariz e queixos fortes, pois o nariz, assim como o pênis se encheria de sangue durante a excitação sexual, e o queixo forte seria um indicativo de testosterona.

As mulheres gostam de homens com voz em tons graves, pois estes tons estão ligados à testosterona. A atração feminina está relacionada à comprovação das habilidades masculinas de provê-la, e essa comprovação está ligada às manifestações físicas que são decorrentes da testosterona. Outros fatores atraentes para as mulheres são ainda: senso de humor, facilidade de comunicação, habilidade de cozinhar, passar uma sensação de segurança; gostar de crianças e ter uma aparência saudável.

Os critérios femininos são sempre os mesmos, mas os masculinos variam de acordo com a duração do relacionamento que estão buscando. Para um relacionamento curto, a lista se resume mais a atrativos sexuais: beleza física/boa aparência, corpo bonito, seios, nádegas, personalidade. Vários fatores que não importam em relacionamentos de curta duração, são vistos como traços negativos quando a busca é por um relacionamento sério, incluindo mulheres que se “vestem

como prostitutas” e possuem “comportamento vulgar”, para tomar emprestada expressões dos autores.

Por fim,

O ponto principal é que, quando uma pessoa deseja atrair alguém do sexo oposto, ela o faz enfatizando as diferenças sexuais entre os dois gêneros. Para desencorajar a aproximação do sexo oposto, minimizamos ou escondemos essas diferenças (PEASE:2012:15)

Já quando se fala do comportamento sexual, os homens teriam uma inclinação muito maior para se engajarem em atos sexuais. É afirmado que os homens esperam sexo como recompensa para tudo aquilo que eles “não fariam para outros homens”, ou seja, se homens não protegem outros, nem gastam seus recursos com eles, mas o fazem com mulheres, esperam conseguir sexo em troca destes atos. Em contraposição, as mulheres são programadas para o amor e a família. Os homens são capazes de expressar o amor após o sexo, quando possuem oxitocina em seus corpos.

A oxitocina é chamada de “hormônio do carinho” (PEASE:2009:21), sendo liberada durante o orgasmo, e “Assim que o homem tem uma ereção, a oxitocina se dissipa”(PEASE:2009:21). Deste modo, compreende-se porque os homens não são tão carinhosos quanto as mulheres no tocante ao sexo. As mulheres são motivadas para o sexo quando se sentem valorizadas pelo parceiro, ou seja, quando este lhe é fiel e demonstra frequentemente o quanto a acha especial.

Então, os homens estão sempre prontos para o sexo, ao passo que a mulher demoraria mais para se sentir excitada, mas manteria essa excitação por mais tempo. A metáfora é da mulher enquanto um forno elétrico e do homem enquanto um fogão a gás. Para a mulher, o interesse pelo sexo aparece enquanto dependente de outras condições da sua vida, ao passo que para o homem, qualquer hora e local seriam apropriados. A indústria pornográfica é colocada como prova de que os homens são mais sexuais do que as mulheres, pois são eles seus consumidores. Ainda que haja pornografia de corpos masculinos, o público que a consome é também masculino.

Os autores também reconhecem a espécie humana enquanto não monógama. Alegam que, por uma questão de sobrevivência, os machos da espécie humana foram polígamos por muito tempo. Isso se explicaria pela necessidade de fecundar o maior número possível de fêmeas a fim de perpetuar a espécie. Contudo, os autores colocam que a sociedade atual é distinta da sociedade pré-histórica, exigindo, deste modo,

diferentes maneiras de lidar com estes impulsos biológicos. A sociedade e a capacidade de pensamento aparecem aqui enquanto redirecionadoras de impulsos biológicos que poderiam vir a ser nocivos no contexto moderno. A demanda por mulheres com novas *lingeries* e fantasias sexuais também se explicaria pela necessidade que o cérebro masculino teria de variedade sexual. Os homens são tidos como mais visuais e, por isso, se excitam com pornografia.

Um resumo da visão do impulso sexual enquanto pertencendo ao campo do biológico pode ser encontrado: “O impulso sexual é basicamente o resultado de um coquetel de substâncias químicas liberadas no sangue pelo cérebro, que estimula a produção de hormônios, sobretudo de testosterona e estrogênio” (PEASE:2009:38). O cérebro aqui é colocado como um agente, pois é ele o responsável pela ação do sexo, embora esse desejo possa ser direcionado pela parte consciente do sujeito.

Homens buscam sexo casual, mas as mulheres não são adeptas dessa prática. Esse fator teria sido comprovado por pesquisas.

Embora alguma delas deem a impressão de que praticam o sexo casual pelo mesmo motivo que os homens, isso não é verdade. As únicas razões que explicam a compulsão das mulheres por sexo casual em troca de satisfação física são um alto nível de testosterona (o que se aplica a menos de 20% delas) e o período de ovulação (PEASE:2009:111)

Os homens se engajam no sexo casual em função de seu passado genético. Há, inclusive, uma sutil justificativa para estupros em casos de guerra: “estupram ou sequestram as mulheres locais, que raramente são mortas, pois proporcionam a oportunidade perfeita para os conquistadores transmitirem seus genes” (PEASE:2009:80).

Já as razões das mulheres para terem atitudes semelhantes as dos homens, como o sexo casual, são listadas em quatro: 1. Por questões de autoestima; 2. Para avaliar os homens com potencial para relacionamentos duradouros; 3. Para obter benefícios; 4. Para encontrar os melhores genes. A busca pelos melhores genes está ligada ao ciclo menstrual, de modo que quando a mulher está ovulando, buscará sexo.

Aparece novamente a dualidade entre o contexto e o interior verdadeiro, explicado em termos de presente e passado. A ciência aparece como reveladora de uma verdade sobre os sujeitos que está além do conhecimento deles sobre eles

mesmos: “Pesquisadores estão finalmente desvendando o que as mulheres procuram nos homens, e nem sempre é o que elas dizem estar procurando” (PEASE:2009:60).

Por fim, alude-se à complementariedade dos comportamentos de seleção sexual: “se elas não tivessem uma predileção natural por homens que conseguem fazer essas coisas, o homem moderno jamais teria o desejo de acumular recursos. Eles fazem isso porque sabem que é o que elas querem” (PEASE:2009:80). Os homens trocam seus recursos pelos serviços prestados pelas mulheres, aqui sendo considerados enquanto serviço ter um corpo atraente, por exemplo³⁵.

Allan e Barbara Pease concluem que os homens querem o amor de somente uma mulher, mas só são capazes de acessá-lo através do sexo. Os homens precisariam compreender que as mulheres apreciam seu lado dócil e calmo que aparece após o sexo, pois o homem utilizaria o sexo para se expressar emocionalmente. Já as mulheres precisariam compreender a importância de propiciar bom sexo aos homens.

Do sexo ao casamento passa-se da atração ao amor. Deste modo é citada uma pesquisa que define o amor em três etapas, a saber, atração, paixão e afinidade. Essas etapas existiriam com fins a garantir a reprodução. A primeira etapa diria respeito aos atributos físicos, a segunda seria um momento caracterizado pelo pensamento obsessivo na pessoa, com foco somente em suas qualidades. O terceiro estágio seria aquele que visaria garantir um elo entre homem e mulher capaz de durar o suficiente para a criação dos filhos. É importante que homens e mulheres saibam diferenciar o amor da euforia inicial de quando se conhece alguém novo, pois quando atraídos sexualmente, homens e mulheres são inundados por hormônios que causam uma sensação de bem-estar e equilibram suas diferenças: “O objetivo da Mãe Natureza é unir homens e mulheres sob a influência de um poderoso coquetel de hormônios que

³⁵ Importante trazer, como curiosidade, que há também uma explicação genética para a atração sexual: “cada um de nós se sente atraído por pessoas que possuem um conjunto particular de genes conhecido como complexo principal de histocompatibilidade (CPH). O CPH é uma família de genes produtores de moléculas que permitem ao sistema imunológico reconhecer invasores. Quanto mais diferentes forem o CPH dos pais, mais forte será o sistema imunológico dos filhos” (PEASE:2009:246)

os leva a procriar e não a pensar” (PEASE:2005:53). Contudo, essa situação diminui e tudo volta ao normal após algum tempo.

De acordo com os Pease, o amor é difícil de classificar, embora não haja dificuldade pra classificar outros sentimentos humanos. Ele é abordado através de seus efeitos no cérebro.

Inicialmente é importante frisar que os seres humanos são monogâmicos em termos de amor. É preciso deixar claro que nesse contexto explicativo, a fidelidade adquire grande importância para as mulheres, que necessitam que o homem não gaste seus recursos com outra. Já aos homens, a necessidade da fidelidade decorre da necessidade de ter certeza de que os filhos gerados com uma mulher são, de fato, seus. De acordo com a obra analisada, parceiros adequados são identificados pelo cérebro através de substâncias químicas. Os hormônios são os responsáveis pela atração, como no amor à primeira vista: “O desejo surge por meio de ondas de hormônios sexuais, como a testosterona e o estrogênio” (PEASE:2009:20). A oxitocina também possui um papel preponderante, pois é “por meio desse hormônio [*oxitocina*] que se estabelecem os laços emocionais entre os seres humanos” (PEASE:2009:21). Os laços emocionais estão, portanto, alocados na biologia.

O amor reduz a serotonina no cérebro, assim como nos cérebros dos portadores de Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), e causa pensamentos e comportamentos obsessivos, que seriam mais proeminentes nas mulheres, por possuírem mais oxitocina e menos serotonina. Os efeitos dos hormônios e sua produção no estado de amor são analisados cientificamente, de modo que são apresentadas diversas imagens de cérebros escaneados para ilustrar as pesquisas dos autores citados, a saber, Bartels e Zeki, Lucy Brown e Helen Fischer, sobre como os cérebros reagem diante de imagem da pessoa amada, de bebês ou imagens sexuais de cunho heterossexual³⁶. Como as áreas mobilizadas diferem em homens e mulheres, eles possuem visões distintas sobre relacionamentos. Do mesmo modo, é possível verificar também que amor e excitação sexual são mecanismos cerebrais distintos: “O desejo e o amor estão associados a locais diferentes no cérebro e *não* são a mesma coisa” (PEASE:2009:32). As emoções são colocadas enquanto tendo um efeito de preservação sobre o organismo, sendo “amortecedores de agentes causadores de estresse que provocam distúrbios e doenças” (PEASE:2009:45).

³⁶ Algumas dessas pesquisas serão analisadas no próximo capítulo.

É ressaltado que a atração é uma decisão dependente de dois fatores: o cérebro e os critérios definidos na infância. Há aqui um fator duplo atuando, de ordem biológica e cultural. Da leitura da obra, percebemos que os fatores biológicos estão sendo exaustivamente explorados, enquanto os fatores culturais não são evocados senão quando se trata da relação entre homens e suas mães e entre mulheres e suas sogras, conforme veremos adiante.

Salem (1992), em seu trabalho sobre a autoajuda já referenciado nesta dissertação, aponta que a infância na literatura de autoajuda representa um período no qual os constrangimentos sobre os sujeitos são impostos. Ou seja, um período no qual aquilo que servirá de obstáculo a seu desenvolvimento pleno se estabelece. Se levarmos em conta o modo como os fatores sociais e culturais aparecem majoritariamente na obra dos Pease, enquanto atrapalhando a verdadeira natureza de homens e mulheres, é legítimo supor que a infância aqui também representa esse ponto no tempo e no espaço onde o sujeito sofre constrangimentos.

A definição de casamento utilizada pelos autores é:

Usaremos a palavra 'casamento para descrever todo tipo de relacionamento em que duas pessoas concordam em ser fiéis uma à outra. Tecnicamente falando, passaram do desejo para o amor romântico, ou para o estágio de uma união duradoura, quando muda a química do cérebro (PEASE:2009:126)

Um tema que aparece quando se trata do casamento na obra dos Pease é o da infidelidade. Um caso é quando um sexo casual, considerado uma aventura, passa para o estágio do amor romântico, causando elevação de testosterona nas mulheres (com o conseqüente aumento de desejo sexual) e de oxitocina nos homens (causando maior propensão a serem carinhosos). Para os homens, um caso não envolve necessariamente uma relação emocional, mas para as mulheres o caso sempre é emocional e causa impacto na relação com o cônjuge, a existência do sexo apenas mostra a profundidade do sentimento existente. Mulheres costumam recusar a intimidade sexual no casamento quando estão tendo um caso, por não separar amor e sexo, já os homens, por separá-los não têm esse problema. Os homens sofrem menos quando traídos porque são tomados por emoções agressivas de raiva e orgulho ferido. Já as mulheres sofrem abalos na confiança, autoestima e se sentem responsáveis.

Posto isso, falta agora prover uma breve descrição de como o casamento é encarado na obra dos Pease, ou seja, em termos de suas disfunções. Assim, as

situações apresentadas são de conflito motivado pelas diferenças e vêm acompanhadas de dicas e orientações de como lidar com essas diferenças a fim de evitar esses conflitos. Em termos evolutivos, o casamento não apresentaria vantagens para o homem, entretanto pesquisas teriam revelado que homens casados fazem mais sexo do que homens solteiros. Deste modo, há a possibilidade de que os homens casados vivam mais do que os solteiros, uma vez que o sexo seria benéfico à saúde. Já para as mulheres, a sensação de ser única e especial teria um efeito químico cerebral, o que teria sido comprovado pela maior incidência de orgasmos em mulheres casadas. Contudo, sobre o casamento afirmam que:

Sempre que uma atividade humana é cercada de rituais elaborados e declarações públicas, geralmente é contrária à nossa biologia e tem o objetivo de conseguir que as pessoas façam algo que não fariam espontaneamente (PEASE:2005:67)

Para ilustrar de que modo as diferenças aparecem e causam problemas no casamento, há uma série de estudos de casos, tais como o de Sarah e Andy. Neste caso, ambos tiveram um dia ruim no trabalho e Sarah tenta desabafar, ao passo que Andy busca solucionar seu problema, o que acaba por irritá-la. A situação poderia ter sido melhor resolvida se Andy tivesse expressado seu interesse em ouvir Sarah, sem tentar resolver seu problema, desde que ela permitisse que ele descansasse a cabeça por alguns minutos.

Ao não oferecer soluções imediatas, Andy evitou uma discussão, ganhou um drinque e não acabou dormindo no sofá da sala. E Sarah, ao dar a Andy um tempo para ele mesmo, evitou as discussões e se sentiu mais feliz consigo mesma e com a vida (PEASE:2003:37)

Outra questão que se apresenta é da solução de problemas relacionados à casa. Devido ao fato do cérebro masculino ter sido configurado para realizar coisas, como consertar, a mulher não deve recorrer a um profissional sem consultar o homem, para que esse não se sinta humilhado.

Há ainda problemas ocasionados pelas diferenças nas aptidões naturais de cada cérebro, ou seja, a fala no caso das mulheres, e as habilidades espaciais no caso dos homens. Como solução apresentam a seguinte orientação:

Para ter uma vida feliz como homem, nunca insista para que uma mulher leia um mapa ou um guia de ruas. E, como mulher, deixe-o encontrar o caminho da próxima vez – basta isso! (PEASE:2005:40)

A sogra é uma figura frequente nos conflitos de relacionamentos, contudo, é a mãe do homem que costuma ser a maior causa de problemas, não a da mulher. A solução para os problemas com as sogras é o estabelecimento de laços entre noras e sogras, com o consequente estabelecimento de limites, coisa que “as mulheres faziam naturalmente para sobreviver nas cavernas, e precisam continuar fazendo, no mundo moderno, para ter uma vida livre de estresse” (PEASE:2003:105). As mães treinariam mal os seus filhos, de modo a fazê-los acreditar que o amor pode ser uma via de mão única.

Há uma espécie de pontuação atribuída socialmente a homens e mulheres no tocante ao quanto o indivíduo parece ser um bom parceiro. A isso, os Pease denominam “cotação de mercado afetiva”, e esta se baseia em fatores tais como a apresentação social, forma física, poder de atração, simetria, beleza e recursos:

Os problemas de relacionamento ocorrem quando a cotação de um parceiro muda de forma significativa. Por exemplo, o homem aumenta seus recursos depois de receber uma excelente promoção ou ganhar na loteria. Com isso, sua cotação sobe de 7 para 8,5. Ou a avaliação da mulher cai – digamos para 5 – porque ela deixa de se cuidar ou engorda (PEASE:2009:159)

Desse modo, maneiras de aumentar essa cotação, através dos fatores de atração, são um tema bastante explorado na obra.

É importante notar que, embora seja dito que “os opostos não se atraem”, de modo que o casal precisa ser composto por duas pessoas com valores semelhantes, a diferença entre homem e mulher é colocada como oposta ao longo de toda a obra. A pergunta que se apresentou a mim, diante de todas as afirmações sobre as dinâmicas de relacionamentos entre homens e mulheres, é de que modo elas apareceriam em casais homossexuais. Retomarei o tema da diferenciação cerebral e as consequentes diferenças de comportamento sexual para mostrar como são mobilizadas as referências a outras sexualidades que não são o foco desse tipo de literatura para relacionamentos.

4.5 Orientação Sexual

Para tratar desse assunto, precisamos recuperar a primeira referência à homossexualidade que encontramos na obra dos Pease: o teste definidor do sexo cerebral. Nele, é dito, conforme se pode verificar mais acima, que um homem que atinge a pontuação feminina possui tendência à homossexualidade, assim como uma mulher que atinge a pontuação masculina possui tendência ao lesbianismo. Também é possível que o indivíduo possua um cérebro bissexual. Aqui, está sendo assumido que há outros critérios que influenciam na categorização homem e mulher, sendo eles, imagina-se, a genitália e os cromossomos.

Aqui a homossexualidade se explica dessa forma: um homem com cérebro feminino se atrairá por outros homens, assim como uma mulher dotada com um cérebro masculino sentirá atração por outras mulheres. Deste modo, é como se o homem gay fosse ele mesmo uma mulher, e como se a mulher lésbica, por sua vez, fosse um homem. No entanto, há outro pressuposto da atração entre homens e mulheres, além do corpo, que precisa ser levado em conta: o cérebro.

A atração, conforme trazida na obra dos Pease, se dá entre indivíduos portadores de cérebros diferentes, o que pode complicar a equação homem gay se relaciona com homem gay, já que ambos teriam o mesmo sexo cerebral. Cabe ainda questionar se, a figura dos gays e das lésbicas sendo enquadrada nas mesmas categorias de relacionamento heterossexual, é uma abordagem que parece capturar a homossexualidade enquanto sexualidade desviante e enquadrá-la novamente na norma heterossexual. O mais importante, contudo, é que, aqui, a homossexualidade é vista enquanto uma característica genética. Outros exemplos da associação entre gays e mulheres são encontrados ao longo da obra, tais como: “É provável que você seja mulher ou gay, pois sua necessidade de conversar é considerável” (PEASE:2005:20).

Gays e lésbicas são trazidos para comprovar as tendências de comportamento de homens e mulheres, por exemplo, na afirmação de que a pornografia atesta que apenas os homens são estimulados visualmente, pois o material pornográfico de corpos masculinos não é consumido por mulheres, mas sim por gays. Também são evocados na colocação de que gays não sofrem as restrições sexuais que os homens heterossexuais sofrem, podendo ser mais promíscuos. Do mesmo modo, pesquisas mostrariam que lésbicas tenderiam a manter relacionamentos longos e duradouros:

verificaram que 57% dos gays e 59% dos homens heterossexuais consideravam muito importante que o parceiro ou a parceira tivessem uma aparência sensual, enquanto apenas 35% das lésbicas e 31% das mulheres heterossexuais manifestavam essa opinião. A conclusão é que os homens, tanto homossexuais, quanto heterossexuais, têm as mesmas predileções quando se trata de escolher alguém para um relacionamento, o que difere é somente o sexo da pessoa (PEASE:2009:105)

Aqui é possível discutir como esses dados se relacionam com a hipótese do sexo cerebral, que dá a entender que gays são homens com cérebro de mulheres, o que contradiz as afirmações acima. Se as mulheres não se atraem pela pornografia e pelo sexo casual em função de suas programações cerebrais, por que os homens que delas compartilham se atraíam? Cabe ainda ressaltar que, em geral, as lésbicas são citadas superficialmente, enquanto gays aparecem enquanto sendo representativos dos comportamentos de gênero.

4.6 A Solução (e algumas considerações preliminares)

Num apanhado final, cabe ressaltar que para, os Pease, o momento atual, gerado por agendas feministas e politicamente corretas, é considerado mais nocivo aos homens do que às mulheres. Deste modo, nos deparamos com a afirmativa de que “os homens são difamados por causa dos seus anseios naturais, enquanto mulheres são louvadas por conta dos seus” (PEASE:2009:237). O século XXI é colocado como particularmente difícil para os homens, pois ao invés de serem atraentes através de um emprego, um *hobby*, cavalheirismo, e corresponder aos machões do cinema idolatrados, agora precisam lidar com as expectativas femininas que “requerem que eles pensem como uma mulher” (PEASE:2009:51).

Se, como nos diz Salem (1992), a autoajuda parte do pressuposto que acaba por ser também sua solução, é necessário, antes de qualquer coisa, revisitar a noção de sujeito, constrangimento e poder da mente tal como aparecem nos livros dos Pease. Conforme visto, o sujeito aqui é um sujeito da natureza, provido de antemão de habilidades suficientes para a vida satisfatória. Esse substrato animal pode ser acessado a qualquer momento, uma vez que ele nunca deixa de existir, não importando os acontecimentos externos. Ao sujeito são impostos constrangimentos da ordem do sociocultural, seja na forma da família, seja na forma de movimentos

políticos. O ponto mais importante aqui é que o problema está na sociedade, que se sedimenta sobre o sujeito. A resolução do problema está condicionada à tomada de conhecimento sobre esses imperativos da ordem da natureza que constituem o sujeito. Através do conhecimento do modo como essa natureza opera e das consequências que traz para suas vidas, eles podem tomar decisões sobre elas, a fim de usufruir de suas características naturais da forma mais satisfatória possível.

O plano do biológico e do animal é frisado ao longo de toda a obra dos Pease, aparecendo como um inevitável com o qual o sujeito precisa conviver, uma vez que é sua verdadeira natureza. Contudo, esse plano não é tão rígido quanto parece ser na maior parte do tempo, sendo, por vezes, retratado enquanto possuidor de certa maleabilidade. Essa maleabilidade é o ponto chave da solução dos problemas apontados pelos Pease, que afirmam que, de posse dos conhecimentos sobre como é a natureza e como ela age, é possível burla-la e até modifica-la. Deste modo, o conselho dado às mulheres sobre sua atração sexual é que, no fim das contas, um relacionamento precisa ser sustentando por muito mais do que a atração física, muito embora seja preciso aceitar que ela sempre será um fator importante para os homens, de modo que “Não adianta se aborrecer com isso e ficar se queixando do que você não pode mudar” (PEASE:2003:172).

Rohden (2003) analisa a diferença sexual tal como descrita e apresentada em Textos médicos do século XIX. Conforme já citado nesta dissertação, há nestes trabalhos uma insistência acerca das influências do ambiente sobre a natureza de homens e mulheres, especialmente sobre as mulheres. Devido a suas características biológicas, as mulheres deveriam dedicar-se a certas atividades, tais como a maternidade, e não a outras, como os esportes e os estudos. Estas últimas poderiam torna-las masculinizadas e desvia-las do seu papel natural. No século XIX, a diferença entre os sexos, ainda que natural e biológica, não está garantida. Sua consolidação é necessária e, deste modo, a organização social tem um papel fundamental. A preocupação com descrever nos mínimos detalhes as diferenças entre homens e mulheres é decorrente da percepção de que a fronteira entre os gêneros não é tão clara.

Na obra dos Pease a capacidade mutável da natureza aparece relacionada ao aprendizado não só de lidar com sua própria natureza e com a do outro, mas também na possibilidade de desenvolver habilidades tidas como do sexo oposto:

Pesquisas científicas demonstram que as mulheres podem aprender a estacionar, por vezes se saem bem na autoescola, mas não nas situações cotidianas, o que se explicaria porque as mulheres aprendem mais facilmente uma tarefa e a repetem com sucesso desde que as condições e o ambiente se mantenham os mesmos (PEASE:2005:51)

Os seres humanos são racionais e por isso podem tomar decisões conscientes sobre seus impulsos biológicos:

Em vez de dizermos ‘meus hormônios me fizeram agir assim, temos condições de assumir a direção e definir o rumo que desejamos tomar. Além do aspecto biológico, outras forças estão em cena e podemos domina-las muito bem (PEASE:2009:39)

As qualidades inatas podem ser trabalhadas conscientemente, de modo a favorecer a pessoa. Essa mutabilidade da natureza é mostrada tanto com a finalidade de reforçar o argumento de que os autores não pregam um determinismo biológico, quanto para sugerir que uma determinada estrutura social precisa existir para que homens e mulheres não se frustrem tentando ser aquilo que não são. Se no século XIX os corpos eram sujeitos à influência do meio, era preciso garantir que esse meio propiciasse o desenvolvimento adequado dos corpos femininos e masculinos, para que o caminho de suas naturezas não se desviasse. No século XXI, com os Pease, também se faz necessária uma estrutura social que respeite a natureza dos sujeitos, ao mesmo tempo em que possibilite que seu potencial racional³⁷ se realize. Muito embora as questões em jogo não sejam as mesmas em ambos os contextos, uma preocupação com a relação entre a natureza humana e as estruturas sociais pode ser encontrada tanto no século XIX, quanto no século XXI.

Nos Pease, para que o sujeito seja capaz de controlar sua natureza é preciso conhecê-la. A ciência aparece enquanto a fonte através da qual acessar esse conhecimento, de modo a revelar uma verdade sobre o sujeito com a qual o próprio sujeito não está familiarizado.

Aqui, temos a autoajuda enquanto parte de uma “medicina sem médicos”, conforme coloca Salem (1992). Se também podemos pensar na obra dos Pease enquanto uma literatura do tipo “médico de si mesmo”, devido ao forte apelo à

³⁷ Potencial racional aqui se refere à capacidade humana de não se permitir controlar por seus instintos, domando-os.

aceitação da natureza presente nos indivíduos, essa aceitação se dá em direção ao controle consciente dela através dos conhecimentos científicos. Esse controle é uma habilidade humana, de modo que, ainda que a obra frise que os seres humanos nada mais são do que animais, sua solução chave passa pelo controle do animal através do racional, tido enquanto tipicamente humano, e tendo como expoente máximo, a ciência. O poder da ciência sobre a natureza é atestado em colocações tais como: “Talvez em breve possamos modificar geneticamente as pessoas para torna-las monogâmicas ou maníacas sexuais” (PEASE:2009:245).

No tocante à linguagem corporal, temos ainda o poder da mente enquanto capaz de alterar a realidade. Os atos performados não apenas controlam ou direcionam os impulsos naturais dos sujeitos, mas transformam sua realidade interna. Assim, apresenta-se que um corpo fechado gera uma mente fechada. Aqui, corpo e mente são reflexos diretos um do outro, muito embora os movimentos do corpo sejam guiados pelo subconsciente: “Em três décadas de trabalho com entrevistas e vendas, observamos que quando o entrevistado trança os tornozelos, está reprimindo uma emoção negativa de dúvida ou medo” (PEASE:2004:146). Afirma-se também que:

Pesquisas recentes mostram de maneira convincente que mudando sua linguagem corporal, você pode mudar muitas coisas em sua vida. Pode mudar o humor antes de sair de casa, pode se sentir mais confiante no trabalho e pode se tornar mais simpático, convincente e persuasivo (PEASE:2004:270)

Há um poder transformador no autocontrole (consciência) de atos subconscientes (ancestrais).

5. Sexo X Gênero (um adendo)

Nas obras analisadas, sexo e gênero são palavras sinônimas, podendo ser trocadas sem nenhum prejuízo de entendimento. Isso acontece porque o gênero é alocado na natureza, no sentido de emanar dela. A dicotomia natureza e cultura é familiar ao debate feminista, de modo que cabe ainda tecer algumas considerações sobre o assunto.

Em “Interpretando o Gênero”, Linda Nicholson (2000) analisa o modo pelo qual o feminismo debruçou o olhar sobre os corpos, no tocante à separação entre sexo e gênero. A separação entre sexo e gênero estabelece um campo do biológico, fixo, e

um campo do cultural, sujeito a diferentes conteúdos. Assim, o sexo se estabelece enquanto o dado biológico que institui a diferença sexual entre homens e mulheres, uma diferença marcada no corpo, através da genitália, dos cromossomos ou de outros fatores de ordem fisiológica. Já o gênero se estabelece como conteúdo cultural responsável por dar significado ao dado biológico. Ou seja, assume-se a existência de um dado x, mais comumente uma genitália, e a esse dado são adicionadas expectativas de gosto, comportamento, orientação sexual e outras, que podem variar de conteúdo de acordo com o ambiente cultural no qual o indivíduo se encontra inserido. Com isso, o feminismo buscou distanciar-se do determinismo biológico, ao afirmar que não existem gostos e comportamentos inerentes à posse de determinada característica biológica e mostrar o quão culturalmente variáveis poderiam ser as características atribuídas a cada sexo. Assim, pode-se compreender que essa divisão se ancora na divisão entre natureza e cultura, na qual os polos em questão estão em relação de complementariedade.

O que Nicholson (2000) argumenta é que essa noção mantém a crença na primazia da natureza, aceita a existência de uma verdade biológica sobre os corpos, em cima da qual podem ser construídas diversas variáveis. A autora denomina essa noção de fundacionalismo biológico e a ilustra com a metáfora do porta casacos: o corpo é um cabide sobre o qual podem ser pendurados diversos objetos, mas a verdade de sua estrutura nunca é colocada em xeque. Deste modo, argumenta a autora, o feminismo não teria conseguido se descolar totalmente do determinismo biológico, sendo que este também compartilharia do mesmo pressuposto, porém atribuindo menor autonomia aos acessórios que podem ser colocados sobre o porta casacos:

O que estou chamando de ‘fundacionalismo biológico’, mais do que uma posição única, pode ser entendido como representante de um leque de posições, unidas de um lado por um determinismo biológico estrito, de outro por um construcionismo social total (NICHOLSON:2000:13)

Outra contribuição que o trabalho de Nicholson (2000) nos traz para compreender a obra de Allan e Barbara Pease é a colocação da existência de um dado momento histórico, na virada do século XVIII para o XIX, no qual o biológico deixa de ser apenas uma marca de uma diferença que se institui em outras esferas para ser a causa primeira dessa diferença:

(...) perceber uma diferença física, ou mesmo atribuir a ela uma significação moral e política, não é o mesmo que usá-la para 'explicar' divisões básicas na população humana como fez o conceito de 'raça', cada vez mais, a partir do final do século XVIII (...) essa metafísica transformou o sentido das características físicas, que de sinal ou marca da distinção masculino/feminino passaram a ser a sua causa, aquilo que lhe dá origem (NICHOLSON:2000:9)

Partindo destas referências, gostaria de discutir a questão da divisão sexo/gênero e natureza/cultura na obra de Allan e Barbara Pease. Conforme visto acima, o sexo na obra dos autores é da ordem da natureza, assim como na divisão estabelecida pelo feminismo. Contudo, ainda que o fundacionalismo biológico do feminismo aceite uma verdade biológica sobre o sexo, tende a estabelecê-lo enquanto um dado sobre o qual diferentes e contraditórios valores podem ser atribuídos, numa tentativa de demonstrar a plasticidade do gênero, negando que a verdade que emana do corpo dite uma diferença que se expresse em termos sociais e comportamentais fixos. Ao contrário, Allan e Barbara Pease, através da mobilização das fontes científicas que escolhem, instituem a verdade do sexo no campo da natureza de modo a compreendê-la enquanto uma verdade explicativa das diferenças mais ou menos fixas, observáveis em termos sociais e comportamentais.

A diferença está instituída não apenas na genitália, mas principalmente no cérebro, estando ambos em uma relação de proximidade em que o ideal é que estejam em consonância. Esse cérebro é o responsável pelas diferenças de comportamento entre homens e mulheres que se encontram nos distintos agrupamentos humanos. Deste modo, o que o fundacionalismo biológico do feminismo denomina gênero, fica aqui instituído no campo da natureza e, portanto, do sexo. Deste modo, as diferenças sexuais encontradas ao longo do globo terrestre são razoavelmente uniformes, uma vez que, por mais que o conteúdo cultural seja variável, o passado genético é apenas um, e é ele que dita as configurações cerebrais responsáveis por essas diferenças. Cabe lembrar que esse passado genético está sujeito à necessidade de reconhecimento, aprendizado e controle por parte do sujeito, uma vez que colocado em risco pela sociedade contemporânea.

Ambos os sistemas, de Allan e Barbara Pease, e da divisão sexo/gênero no tipo de feminismo aqui referido, têm como alicerce uma natureza dada e não passível à contestação de sua verdade, como foi frisado na colocação de que ambos pertencem

ao amplo espectro do fundacionalismo biológico discutido por Nicholson (2000). Wijngaard (1997) também aborda a questão do conhecimento biológico no feminismo, mostrando que a posição das feministas a esse respeito variou bastante, inclusive entre aquelas que se dedicaram ao estudo da fisiologia, pois algumas começaram a contestar a verdade do conhecimento científico. Contudo, a posição do construtivismo social e do sistema de sexo/gênero ficou fortemente estabelecida por muito tempo.

Em termos didáticos, é possível pensar que o feminismo tenta superar o determinismo biológico atribuindo maior poder ao que seria o reino da cultura sobre o que seria o reino da natureza, ao passo que Allan e Barbara Pease, embora digam não fazê-lo, acabam por conferir maior poder de atuação no comportamento humano ao polo da natureza. O que faz parecer a obra dos Pease, é que a capacidade reprodutiva de homens e mulheres é o fator preponderante de suas diferenças, cabendo o questionamento do que significa atribuir a diferença a esse fator e de que modo as habilidades inatas de cada sexo são valorizadas socialmente.

Capítulo 2 - A Ciência Referenciada nos Livros de Autoajuda

Conforme demonstrado no capítulo anterior, na obra dos Pease é através da ciência que as diferenças entre homens e mulheres são apresentadas. É também através dela que os sujeitos podem encontrar a solução para os seus problemas, através da tomada de consciência da verdade sobre si mesmos, que apenas a ciência pode fornecer. Desde a minha primeira leitura da obra dos Pease, comecei a me questionar sobre que ciência é essa que está sendo constantemente evocada por eles: quem seriam os autores citados, a que áreas de conhecimento pertenceriam e, ainda, o que está sendo dito se apresenta dentro do debate científico enquanto estabelecido ou configura um terreno de disputa?

Nos livros de Allan e Barbara Pease, recorrer à ciência é uma estratégia de legitimação da mensagem principal por eles transmitida. Esse recurso da utilização científica passa, por si só, uma mensagem: a de que a ciência possui um discurso legítimo *per se*, que, quando utilizado, confere credibilidade às afirmações e projetos de vida que nela se baseiam. Em uma relação de via dupla, a própria utilização do saber científico como forma de conferir mérito, confere credibilidade ao próprio saber científico. Ao mesmo tempo, a credibilidade do saber científico legitima o que está sendo dito em referência a ele.

Os campos pelos quais passam as pesquisas científicas utilizadas são principalmente os da neuroendocrinologia, sociobiologia, etologia, psicologias comportamental, evolutiva e social, neuropsicologia e antropologia biológica. Esses saberes são apresentados, ao longo da obra, em uma espécie de contraposição a saberes oriundos de áreas humanas e sociais do conhecimento. Não há, contudo, uma alegação direta de que as ciências humanas e sociais estejam equivocadas, mas de que exageraram ao não conferir importância às questões da ordem da biologia. Assim, é alegado que não se trata do dilema natureza/cultura, mas da relação entre ambas as coisas.

Apesar dessas colocações, o que pode ser observado no discurso que se desenrola, e que pretendo demonstrar através da exposição de alguns dos artigos de referência de Allan e Barbara Pease, é que os fatores de ordem social são majoritariamente oriundos de impulsos e questões de ordem biológica (ou natural, no sentido de oriundo da natureza). A própria escolha das áreas de conhecimento de onde advêm as fontes científicas do trabalho dos Pease já demonstra esse viés de uma

dominância de um suposto “reino da natureza”, para utilizar uma expressão de De Paula (2005). Através de um levantamento das fontes mais citadas, fica possível constatar que poucas delas não são oriundas da área da biologia/medicina. São artigos de ciência considerada “dura”, que trazem gráficos, tabelas, experimentos e informações sobre os cálculos estatísticos que orientam seus resultados. Há, contudo, exceções a esse padrão, mas que não serão exploradas nesta dissertação.

Com o intuito de analisar o modo pelo qual os Pease mobilizam a ciência, busquei estabelecer uma comparação entre alguns trabalhos científicos e o modo pelo qual os Pease se referem a eles. Esse esforço busca responder às questões levantadas por mim acerca do tipo de ciência que é escolhida aqui e do que exatamente trata seu conteúdo. Assim, visa também averiguar quais características próprias da divulgação científica podem ser encontradas na obra de Allan e Barbara Pease, bem como expor a dinâmica que se estabelece entre produção científica e público leigo.

A partir dos livros selecionados dos Pease, foi realizado um levantamento de referências científicas citadas. De posse desse levantamento, foi possível verificar quais autores e estudos foram mais evocados ao longo de toda a obra e em cada livro separadamente. Cabe uma explicação: a escolha de se analisar as autoras e autores citados ao longo de toda a obra possui sua justificativa na magnitude de importância que essas e esses autores e autoras apresentam para o trabalho dos Pease como um todo. Já a escolha por analisar autoras e autores proeminentes por livro se deu através da constatação de que eles estavam servindo para embasar todo o livro em questão, bem como de que seus temas perpassam os demais livros. Além dos autores que serão listados aqui, cabe assinalar que os Pease se auto referenciam ao longo de toda a obra, conforme já mostrado.

As referências são feitas de modo informal, não contendo citações diretas e raramente contendo o nome da obra, de modo que foi necessário rastrea-las a partir dos nomes das e dos autores. Optei por manter apenas as referências cujos trabalhos autorais puderam ser encontrados e lidos em tempo hábil, ou que pelo menos algum trabalho original tenha podido ser analisado e relacionado de forma consistente às colocações dos Pease. Tendo sido definidos os nomes das principais referências dos Pease, busquei acessar seus trabalhos a partir do Portal de Periódicos da Capes, atentando para o conteúdo dos trabalhos encontrados e a data de sua publicação. Alguns nomes relevantes ficaram de fora em função da dificuldade de encontrar um

trabalho original com o mesmo assunto descrito pelos Pease³⁸. Em ordem alfabética, o levantamento culminou na seguinte lista de nomes:

1. Anne Moir
2. Andreas Bartels e Semir Zeki;
3. Bruce Ellis e Donald Symons
4. Daniel Nettles e Thomas Pollet
5. David Buss
6. Devendra Singh
7. Elaine Nocks, Elizabeth Hille Lucinda Gardner
8. Gunther Dornier
9. Paul Ekman

Após a exposição do conteúdo dos artigos analisados em referência ao conteúdo das citações dos Pease, realizo o esforço de conectar as referências científicas entre si e com o conjunto da obra de Allan e Barbara Pease. Todos os trechos retirados de material em língua inglesa foram livremente traduzidos por mim, e os originais colocados em rodapé. Todas as citações separadas do texto que não dizem respeito às referências bibliográficas, mas sim aos materiais analisados são apresentadas em fundo cinza.

1. Algumas fontes de referência

1.1 Anne Moir

Anne Moir é uma neuropsicóloga citada ao longo de *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (PEASE:2000), especialmente com referência a seu livro *Brainsex* (1989), na qual ela aparece como geneticista. Seu nome é mobilizado para sustentar a noção de sexo cerebral, inclusive na elaboração de um teste para que o leitor possa descobrir o sexo de seu cérebro. Também aparece para sustentar a origem genética da homossexualidade, conforme ilustrado pelos trechos abaixo:

As perguntas foram retiradas de vários estudos recentes sobre a sexualidade do cérebro humano e o sistema de avaliação foi realizado pela geneticista Anne Moir (PEASE:2000:49)

³⁸ A lista completa se encontra em anexo.

A geneticista Anne Moir apareceu na televisão britânica em 1991 e revelou os resultados de sua pesquisa, que confirmaram o que os cientistas já sabiam há anos: a homossexualidade é genética, não depende da escolha (PEASE:2000:117)

Tentarei estabelecer uma comparação entre o modo como os Pease trazem as concepções de Anne Moir e o discurso da própria, mantendo o foco no teste do sexo dos cérebros que pode ser encontrado no *website* de Moir. Para tal, foi consultado o material disponível no *website*. É importante ter em mente que Anne Moir não é apenas uma cientista, mas também uma divulgadora da ciência, tendo dirigido documentários televisivos e escrito livros que serviriam para “estimular mudanças positivas na vida pessoal e no trabalho das pessoas”³⁹. Seu *website* traz informações sobre ela e sobre os cursos que ministra, oferecendo inclusive aconselhamento para empresas, indivíduos e casais. Sobre a definição de sexo do cérebro, ela afirma:

O que nós chamamos de sexo cerebral é: o circuito distinto com base em gênero que determina como – e explica porque – homens e mulheres respondem tão diferentemente aos mesmo gatilhos emocionais e situacionais⁴⁰

A premissa de que há um sexo no cérebro permanece do trabalho de Moir aos Pease, muito embora os Pease não utilizem um termo específico para se referir a ela, tal como o faz Moir com o termo “*brainsex*”. Nos Pease também não observamos uma definição rígida do que seria esse sexo cerebral, mas sim uma definição descritiva. Ou seja, o sexo do cérebro é demonstrado tanto através da descrição do seu processo de formação, quanto da descrição dos comportamentos observáveis que o comprovam. Aqui, podemos recuperar uma das características que Fleck (2010) aponta como representativa dos materiais de divulgação científica: seu caráter ilustrativo e apodítico. Ainda que o material disponível no *website* de Moir possa ser compreendido também enquanto divulgação científica, o livro dos Pease parece trazer as mesmas noções encontradas nele, só que de modo ainda mais ilustrativo.

É curioso notar que Moir fala de *brainsex* ao mesmo tempo em que em sua descrição fala em *gender-based circuitry*. Sexo e gênero parecem se apresentar

³⁹ Retirado de *brainsexmatters.com*, acessado em 17/03/2014

⁴⁰ No original: “**We call this brainsex: The distinctive gender-based circuitry that determines how – and explains why - men and women respond so differently to the same emotional and situational triggers**” - Retirado de *brainsexmatters.com*, acessado em 17/03/2014

enquanto sinônimos. Cabe ressaltar também que os termos utilizados para se referir a homens e mulheres são *male* e *female*, que corresponderiam a macho e fêmea, esse vocabulário costuma ser utilizado para fazer referência à biologia da espécie humana.

Os Pease nos colocam que:

A finalidade do teste é apontar a masculinidade ou feminilidade dos padrões do seu cérebro. O resultado é simplesmente uma indicação do nível provável de hormônio masculino que seu cérebro recebeu – ou não – por volta de seis a oito semanas a partir da concepção. Isso se reflete em seus valores, estilo, comportamento, orientação e escolhas (PEASE:2000:49)

As palavras de Anne Moir sobre seu próprio teste são:

Se você sabe o balanço da sua própria organização cerebral, isso te ajuda a compreender o seu próprio estilo de aprendizado e pensamento. Por mais simples que pareçam, as próximas questões mostram uma grande diferença sexual. Responda a elas com “sim” ou “não” – dependendo do quão próxima a resposta estiver do seu próprio comportamento. Inevitavelmente essas questões são generalizações, então, por favor, marque a que mais se aplica a você. As respostas te darão um guia do quão masculino ou feminino seu cérebro é no continuum macho/fêmea⁴¹

Ambos os testes possuem o intuito de demonstrar às pessoas respondentes quais os padrões de seus cérebros em termos de masculinidade e feminilidade. O teste dos Pease é constituído por 30 perguntas de múltipla escolha, cada uma com três possibilidades de resposta. Já o teste de Moir traz 20 perguntas cujas respostas possíveis são apenas sim ou não⁴². A grande diferença aqui está novamente na descrição: o teste de Allan e Barbara Pease apresenta situações e possíveis reações a elas a fim de apontar a presença ou não de uma certa característica. Já o teste de Moir traz a afirmação direta, a espera da concordância ou discordância. Deste modo temos como exemplo de perguntas que tratam do mesmo assunto:

⁴¹ *“It helps to understand your own learning and thinking styles if you know the balance of your own brain organisation. Simple though they are, the following questions show large sex differences. Answer them ‘yes’ or ‘no’ – depending on how near the answer is to your own behaviour. Inevitably these questions are generalisations, so please tick the one that most applies to you. The answers will give you a guide as to how male or female your brain is on the male/female continuum”*-

Retirado de <http://brainsexmatters.com>, acessado em 17/03/2014

⁴² O teste de Anne Moir pode ser encontrado também em seu *website*, <http://brainsexmatters.com>.

7. Um amigo tem um aparelho que não funciona. Você:
- a) Se solidariza e diz o quanto lamenta
 - b) Recomenda um profissional confiável que possa consertar
 - c) Descobre como funciona e tenta consertar (PEASE:2000:51)

*Quando criança, eu gostava de desmontar as coisas para ver como funcionavam*⁴³

No teste dos Pease são oferecidas visualizações de situações cotidianas, ao invés de simples alternativas que façam os sujeitos respondentes pensarem sobre si mesmos e o modo como costumam agir. A narração de situações do cotidiano é um recurso mobilizado pelos Pease e por outros autores de autoajuda, servindo enquanto forma de aproximar os conselhos trazidos da vida de seus leitores e leitoras⁴⁴.

O teste dos Pease possui um sistema de pontuação baseado no número de alternativas de cada tipo escolhidas (“a”, “b” ou “c”), que devem ser multiplicadas por números distintos. Somados os resultados de cada alternativa, ao final, têm-se a pontuação total. Os cálculos a serem executados variam no caso de a pessoa respondente ser homem ou mulher. Assim, o número de alternativas “a” deve ser multiplicado por 15 se você for homem e por 10 se for mulher. No teste de Moir o “sim” respondido a algumas perguntas vale 1, e a outras 0, sendo a mesma coisa com os “não”. A contagem não é diferente de acordo com o sexo da pessoa respondente. Embora os Pease aleguem que o sistema de avaliação do seu teste do sexo cerebral tenha sido o mesmo utilizado por Anne Moir, seus métodos de contagem se apresentam distintos.

Sobre os resultados, as categorias em Moir, assim como em Pease, estão dispostas em *continuum* que vai de muito masculino a muito feminino, havendo uma área de interseção. Assim como em Allan e Barbara Pease, Moir coloca que o sexo do cérebro nem sempre está em consonância com o sexo do corpo:

Um ponto intrigante nessa chave para o entendimento do comportamento humano é que o sexo do cérebro nem sempre

⁴³ “As a child, I enjoyed taking things apart to see how they work” - Retirado de <http://brainsexmatters.com>, acessado em 17/03/2014

⁴⁴ Para uma discussão mais ampla acerca da mobilização do cotidiano na narrativa da autoajuda ver SANTANA, Patricia. *Eu não sou de Vênus: uma análise do sexismo em livros de auto-ajuda*. Monografia de conclusão de curso da Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2007.

combina com o sexo corporal. Os circuitos cerebrais podem ser bi-conectados, resultando num borramento dos papéis e responsabilidades convencionais de gênero e explicando porque o estereótipo tradicional de gênero nem sempre faz sentido. Nós usamos o termo “com base no cérebro” porque, no fim das contas, é o seu cérebro que importa⁴⁵

Contudo, aqui temos que a não correspondência do sexo cerebral e corporal gera o borramento dos papéis tradicionais e estereotípicos de gênero. Moir também chama a atenção para o significado científico dessa “descoberta”. Nos Pease, a não correspondência entre sexo cerebral e sexo genital/cromossômico é feita em torno da sexualidade, embora fique claro que, por exemplo, homens gays apreciam as mesmas coisas que as mulheres. Possivelmente a afirmação de que Anne Moir diz que a homossexualidade é genética parte dessa explicação acerca da dissonância entre o sexo do corpo e o sexo do cérebro.

Sobre as diferenças entre os cérebros de homens e mulheres, Anne Moir coloca:

Cérebros masculinos são programados para correr riscos, para saltar de aviões; cérebros femininos são desenhados para criar laços. Esse é o motivo pelo qual a maioria das mulheres não liga para os melhores empregos e a maioria dos homens não se tornam enfermeiros⁴⁶

Anne Moir afirma que o sexo do cérebro é vital para a compreensão de todos os aspectos da vida humana, oferece cursos para “educar e entreter”, e também terapia. Defende que a educação neutra para os gêneros é nociva, pois meninos e meninas vêm ao mundo com habilidades, objetivos e necessidades distintas.

Anne Moir é citada por Wjinggaard (1997), em relação ao seu livro *Brainsex* (1989), escrito conjuntamente com David Jessel. Wjinggaard (1997) se refere a eles como jornalistas, não trazendo informações a respeito da formação científica de Moir.

⁴⁵“An intriguing twist to this key to human behaviour is that **brainsex does not always match body sex**. The brain circuits can be bi-wired, resulting in a blurring of conventional gender-assigned roles and responses, and explaining why traditional gender stereotyping doesn't always fit. So we often use the term "brain based", because in the end it's your brain that matters” - Retirado de <http://brainsexmatters.com>, acessado em 17/03/2014

⁴⁶“Male brains are wired to take risks, to jump out of planes; female brains are designed to tend and befriend. Why (most) women don't care about the top jobs and (most) men don't become nurses” - Retirado de <http://brainsexmatters.com>, acessado em 17/03/2014

Wjingaard (1997) chama a atenção ao fato de que, no trabalho de Jessel e Moir, não há espaço para a controvérsia, que se estabelecia nos anos 1980, acerca da teoria da diferenciação cerebral em função dos hormônios androgênicos e estrogênicos. A autora afirma que *Brainsex* (1989) foi bem recebido, e muitos artigos, jornalísticos e científicos, foram escritos acerca dele e de suas conclusões.

O sexo cerebral parece ser uma teoria em disputa, tendo sido possível encontrar várias críticas a ela, inclusive de neurologistas que defendem: 1. Que não é possível determinar se as características cerebrais observadas são inatas ou não e 2. Que as semelhanças entre os cérebros masculinos e femininos são muito maiores do que as diferenças, de modo que as pesquisas, ao se focarem nessa divisão, estão superlativizando um fenômeno ao qual não deveria ser conferida tanta atenção⁴⁷.

1.2 Andreas Bartels e Semir Zeki

Citados em *Desvendando os segredos da atração sexual* (2009) e *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), no tocante à pesquisas destinadas a mostrar os efeitos da paixão no cérebro: as áreas que são ativadas, os efeitos que causam e sua semelhança com os efeitos da cocaína. Também são citados a fim de elucidar a maior capacidade visual masculina no tocante à escolha de parceiras.

Bartels é PhD em neurobiologia e Zeki é professor de neuroestética. Em seu trabalho, Bartels e Zeki se debruçaram sobre a questão “o que é o amor?”, ponto de partida para o estudo da paixão enquanto um fenômeno fisiológico. Seus resultados diferenciam a luxúria do amor, assim como aproximam o amor materno do amor entre amantes. Seu trabalho mais famoso, pioneiro no estudo dos efeitos fisiológicos do amor, e a questão da comparação entre amor materno e amor romântico serão o foco desta análise, eles aparecem na obra dos Pease conforme ilustrado nos trechos a seguir:

O estudo sobre a configuração do amor e do sexo no cérebro ganhou notoriedade em 2002, depois que os neurocientistas ingleses Andreas Bartel e Semir Zeki, do *University College* de Londres,

⁴⁷ Algumas referências encontradas sobre essa controvérsia incluem este debate com a presença de Anne Moir: <https://www.youtube.com/watch?v=yQ6ygnNsH8o>, acessado em 17/03/2014, e o livro *Delusions of gender*, de Cordelia Fine (2010).

realizaram uma pesquisa com jovens de ambos os sexos que disseram estar em um novo relacionamento e se classificaram como 'loucamente apaixonados'. Quando uma foto do parceiro era apresentada a esses voluntários, seu padrão de atividade cerebral se mostrava muito diferente daquele que se estabelecia quando eles olhavam para a foto de um amigo. As tomografias cerebrais revelaram que a atração romântica ativava determinadas áreas do cérebro com uma grande concentração de dopamina. Níveis elevados dessa substância e de noroepinefrina estão associados ao aumento da atenção, da memória de curto prazo, da hiperatividade, da insônia e do comportamento dirigido à obtenção de um objetivo. Assim que duas pessoas se apaixonam, elas mostram sinais da presença da dopamina: mais energia, diminuição da necessidade de dormir e de comer, atenção focada e um intenso prazer com cada detalhe do novo relacionamento. Ao comparar imagens escaneadas do cérebro de indivíduos em diferentes estados emocionais de excitação sexual, de outros que estavam se sentindo felizes e de pessoas eufóricas por conta do efeito da cocaína, Bartels e Zeki constataram que elas eram muito parecidas (PEASE:2009:26-27)

Outras neuroimagens também revelaram que as mães que olhavam para seus bebês tinham atividade cerebral idêntica à de pessoas que fitavam seus amados. Bartels e Zeki concluíram que tanto o amor romântico quanto o maternal estão associados à perpetuação da espécie humana, porque seres amados e bebês simbolizam a promessa de que o nosso DNA terá continuidade (PEASE:2000:27)

Entre os trabalhos de Bartels e Zeki encontrados, os que possuíam características que mais se aproximavam das descritas pelos Pease foram os artigos *The neural basis of romantic love*, publicado no ano de 2000, e *The neural correlates of maternal and romantic love*, publicado em 2004.

Em *The neural basis of romantic love* (2000), os autores partem do princípio do uso da ressonância magnética como ferramenta para mapear as correlações neurais de estados emocionais. Inicialmente é possível notar que os Pease omitem as informações relativas à amostragem da pesquisa, de número e de sexo, que são colocadas no artigo científico:

A atividade do cérebro de 17 sujeitos profundamente apaixonados foi escaneada através de ressonância magnética enquanto eles viam fotos de seus parceiros. Essa atividade foi comparada com a atividade produzida quando avistadas fotos de três amigos com aproximadamente a mesma idade, sexo e tempo de amizade que seus parceiros” (BARTELS e ZEKI:2000:3829 – tradução livre)⁴⁸

⁴⁸ “*The activity in the brains of 17 subjects who were deeply in love was scanned using fMRI, while they viewed pictures of their partners, and compared with the*

No caso do artigo em questão, a pesquisa gira em torno do amor romântico, que é considerado pelos autores uma emoção não estudada. Eles afirmam que o amor romântico é uma junção de muitos componentes que podem atuar isoladamente, como o componente sexual, que existiria sem o amor, embora o contrário não seja verdadeiro. A hipótese da qual parte o estudo é de que haja um mecanismo neural específico relacionado ao amor romântico.

Os participantes tiveram de responder à *Passionate Love Scale* (PLS), um instrumento para medir emoções complexas, na qual tiveram que determinar seu grau de concordância com uma série de afirmativas através de uma escala de 1 a 9. Esse instrumento foi utilizado para avaliar a alegação dos sujeitos de estarem “loucamente apaixonados”. Isso não é explorado na exposição dos Pease.

Após o processo de responder à PLS, os participantes foram instruídos a responder sobre seu nível de excitação sexual em uma escala de 1 a 9, relacionado à foto da pessoa amada e às fotos dos amigos:

Como esperado, a excitação sexual foi um dos componentes dos sentimentos [despertados] ao ver um parceiro amado, mas os sentimentos de amor eram claramente dominantes, marcando quase o dobro da excitação sexual para amantes comparado com amigos (BARTELS E ZEKI:2000:3830)⁴⁹

Posteriormente, a exibição das fotos foi repetida, dessa vez com o uso de *Electro-galvanic skin response* (GSR), um instrumento instável de medida:

O GSR é extremamente inexacto, e qualquer emoção ou até associação, seja positiva ou negativa, pode levar a um GSR maior. Aplicar o GSR a imagens de pessoas conhecidas dos indivíduos testados, cada uma trazendo associações específicas, parece portanto uma estratégia por demais arriscada para detectar uma emoção muito específica. Apesar desses fatores, todos trabalhando contra um resultado positivo, descobrimos que, para o grupo de indivíduos como um todo, o GSR das imagens de um parceiro amoroso era significativamente maior que o relacionado a imagens de amigos (t-test, p.0,0025), confirmando objetivamente uma

activity produced by viewing pictures of three friends of similar age, sex and duration of friendship as their partners”

⁴⁹ “As expected, sexual arousal was one of the components of the feelings when viewing the loved partner, but the feelings of love were clearly dominant, scoring nearly twice as much as sexual arousal for lovers compared to friends”

resposta emocional diferente ao parceiro se comparada aos amigos (BARTELS E ZEKI:2000:3830)⁵⁰

As problemáticas dos métodos utilizados, tal como a apontada no caso do GSR também não aparecem na fala dos Pease. Também não é dito nada a respeito do número de imagens analisadas e do método estatístico utilizado para torna-las relevantes. Os Pease apenas divulgam seus resultados enquanto universais, embora isso não esteja dito no estudo de Bartels e Zeki (2000).

Os resultados são apresentados através da elucidação das áreas cerebrais, dentre as escolhidas para análise, que demonstraram alteração nas imagens relacionadas às fotos de parceiros e de amigos:

As regiões aparentes no contraste reverso (amigos vs. parceiro) foram interpretadas as desativações específicas da visão de parceiros amorosos.(BARTELS E ZEKI:2000:3831)⁵¹

O estudo é considerado distinto por comparar o efeito neurológico de duas emoções positivas e é visto pelos autores uma tentativa inicial:

O estudo é, portanto, uma tentativa inicial de exploração das bases neurológicas de um dos mais importantes ingredientes da interação humana. (BARTELS E ZEKI:2000:3832)⁵²

Nos Pease, o caráter inicial do estudo não é frisado senão quando se coloca que é um estudo pioneiro, após isso ele é exposto como palavra definitiva acerca do assunto, não havendo controvérsia.

O amor romântico aparece enquanto um sentimento complexo, de modo que no estudo foi possível verificar que várias áreas do cérebro associadas a outras

⁵⁰ “GSR is extremely unspecific, and any emotion or even association, whether positive or negative, may lead to an enhanced GSR. Applying GSR to pictures of people known to the subjects, each of which elicits specific associations, seems therefore a rather risky approach to detecting a very specific emotion. In spite of these factors, all working against a positive result, we found that, for the group of subjects as a whole, the GSR to pictures of the loved partner was significantly higher than that to pictures of friends (*t*-test, *p*,0.0025), confirming objectively a differential emotional response to the partner compared to the friends”

⁵¹ “The regions apparent in the reverse contrast (friends vs. partner) were interpreted as deactivations specific to viewing the loved partners”

⁵² “This study is therefore an initial attempt to explore the neurological bases of one of the most important ingredients in human interaction”

emoções apareceram ativas. Ainda assim, foi possível detectar um padrão único que não havia sido encontrando anteriormente.

Bartels e Zeki (2000) também levantam questões relativas a possíveis contrapontos que podem ser colocados a seus resultados, considerando um deles improvável e afirmando que o segundo torna necessária a revisão dos fatores envolvidos. Esse tipo de discussão envolvendo problematizações dos resultados também se encontra ausente na fala dos Pease.

A ligação os estados de euforia, como o causado pela cocaína, e o amor romântico é colocada em Bartels e Zeki (2000) enquanto potencial, não enquanto um dado definitivo:

É, no entanto, impressionante que estudos sobre cocaína e euforia induzida por agonistas mu-opioides mostraram uma atividade elevada em focos que parecem misturar-se a todos os focos ativados em nosso estudo: o córtex cingulado anterior [27,34], a ínsula, o núcleo caudado e o putâmen [27]. **Isso sugere uma conexão neural potencialmente próxima entre o amor romântico e os estágios de euforia.** (BARTELS E ZEKI:2002:3833 – grifo meu)⁵³

Em *The neural correlates of maternal and romantic love* (2004) o experimento realizado por Bartels e Zeki em 2000 é repetido, dessa vez com o intuito de mapear os circuitos cerebrais envolvidos no amor materno através do escaneamento dos cérebros quando da observação de fotos dos filhos, de crianças queridas, amigos adultos e adultos desconhecidos.

A escolha de basear a observação desse estudo de 2004 no que pôde ser observado no estudo anterior, de 2000, se deu porque a hipótese de Bartels e Zeki é de que:

O amor materno e o romântico têm um propósito evolutivo em comum e crucial, isto é, a manutenção e a perpetuação da espécie. Ambos garantem a formação de laços firmes entre os indivíduos, fazendo de tal comportamento uma experiência gratificante. Eles, portanto, têm em comum uma origem evolutiva e servem a funções biológicas similares. É provável que eles também dividam pelo

⁵³ “*It is however striking that studies of cocaine- and mu-opioid agonist-induced euphoria have shown increased activity in foci that seem to overlap with all foci activated in our study: the anterior cingulate cortex [27,34], the insula, the caudate nucleus and the putamen [27]. This suggests a potentially close neural link between romantic love and euphoric states*”

menos um conjunto de mecanismos neurais.(BARTELS E ZEKI:2004:1155)⁵⁴

Portanto, a assunção de um papel evolutivo comum entre o amor materno e o amor romântico não é um resultado do estudo de Bartels e Zeki (2004), como aparece na obra dos Pease, mas sim um pressuposto dele.

Os resultados no tocante à comparação entre o mapeamento obtido das mulheres apaixonadas e o mapeamento obtido da atividade cerebral das mulheres no tocante ao afeto materno evidenciam semelhanças entre os dois mecanismos:

⁵⁵ A similaridade dos presentes resultados comparados àqueles obtidos e nosso estudo anterior sobre o amor romântico é impressionante (Bartels e Zeki, 2000); diversas regiões se sobrepõem com precisão, enquanto outras são específicas para cada forma de apego. (BARTELS E ZEKI:2003:1161)

Deste modo, o que aparece enquanto resultados de mecanismos idênticos nos Pease, aparece aqui enquanto mecanismos possuindo uma área comum, mas também áreas específicas. Quanto à associação dos efeitos do amor romântico com os efeitos causados pela cocaína, encontramos nesse artigo que:

Todas as regiões comumente ativadas aqui foram envolvidas em gratificação, ainda que com menor especificidade espacial, por exemplo, após a administração aguda de drogas indutoras de euforia, tais como a cocaína (Breiter e Rosen, 1999; Breiter et al, 1997; Schlaepfer et al, 1998). Portanto, acreditamos que subregiões particulares nas estruturas de gratificação ativadas aqui revelam um sistema geral, independente de modalidade, que é especializado em apego intermediário. (BARTELS E ZEKI:2004:1162)⁵⁶

⁵⁴ “*Maternal and romantic love share a common and crucial evolutionary purpose, namely the maintenance and perpetuation of the species. Both ensure the formation of firm bonds between individuals, by making this behavior a rewarding experience. They therefore share a similar evolutionary origin and serve a similar biological function. It is likely that they also share at least a core of common neural mechanisms*”

⁵⁵ “*The similarity of the present results compared to those obtained in our previous study on romantic love is striking (Bartels and Zeki, 2000); several regions overlap precisely, while others are specific to each form of attachment.*”

⁵⁶ “*All regions commonly activated here have been involved in reward, although with less spatial specificity, for example, after acute administration of euphoria inducing drugs such as cocaine (Breiter and Rosen, 1999; Breiter et al., 1997; Schlaepfer et*

Aqui a conexão entre os estados se dá através do sistema de recompensa, informação que não aparece na obra dos Pease. Podemos observar que as informações trazidas pelos Pease, sobre ambos os estudos de Bartels e Zeki, aparecem de modo simplificado e com diversos silêncios. Nos Pease, os resultados são generalizados sem ressalvas para toda a espécie humana, embora os estudos contenham limitações relativas aos métodos de investigação e dos indivíduos envolvidos na amostragem.

1.3 Bruce Ellis e Donald Symons

Bruce Ellis é psicólogo evolucionista, interessado na questão reprodutiva e seleção sexual. Foi treinado no laboratório de David Buss, outro autor citado pelos Pease. Tentou escrever livros populares de psicologia evolucionista, mas não foi bem sucedido. Fundou a psicologia evolucionista do desenvolvimento. Donald Symons é um antropólogo considerado um dos fundadores da psicologia evolucionista e pioneiro na pesquisa da sexualidade humana sob o viés evolutivo.

São citados em *A Linguagem Corporal do Amor* (2012) e *Desvendando os segredos da atração sexual* (2009) no tocante à sua pesquisa conjunta sobre fantasias sexuais e outras pesquisas individuais que não serão analisadas aqui. Sobre fantasias sexuais os Pease colocam que

“Os pesquisadores Ellis e Symons disseram que 88% dos homens relataram trocar mentalmente de parceira ou pensar em múltiplas parceiras durante a fantasia, enquanto 57% das mulheres afirmaram se imaginar com um parceiro diferente. Eles descobriram também que 81% dos homens – em comparação com apenas 43% das mulheres – se concentravam em imagens visuais, e não em sentimentos. As fantasias masculinas durante o sexo incluíam partes do corpo feminino, pele macia exposta, sexo com estranhas e também com múltiplas parceiras. Há dois fatores fundamentais na fantasia dos homens. Em primeiro lugar, as mulheres imaginadas estão ávidas por sexo, dispostas e prontas para isso. Em segundo lugar, a situação não envolve emoção, compromisso nem preliminares. Essa é a receita perfeita para a versão masculina do sexo casual.

Em suas fantasias durante o sexo, as mulheres se concentram nas emoções e na personalidade do parceiro imaginado (57%), e o

al., 1998). We therefore believe that the particular subregions in the reward structures activated here reveal a general, modality independent network that is specialized to mediate attachment”

objeto de suas fantasias é, em geral, alguém que já conhecem, sobre quem sabem alguma coisa, ou com quem tenham algum contato. Raramente incluem sexo casual com estranhos, embora uma fantasia feminina comum seja fazer sexo com um grupo de homens parecidos com James Bond. No entanto, essa fantasia está relacionada à questões de poder – a mulher controla os homens com sua feminilidade”(PEASE:2009:120)

Trago o artigo *Sex differences in sexual fantasy: an evolutionary psychological approach*, de 1990, onde Ellis e Symons tratam das fantasias sexuais de homens e mulheres. Há um pressuposto de que as fantasias sexuais sofreriam menos constrangimentos externos do que as práticas sexuais, de modo que seriam mais reveladoras. A hipótese do estudo é de base evolucionária, assim, espera-se que sejam encontradas fantasias diferentes em homens e mulheres. Segundo os autores, uma vez que homens e mulheres diferem em suas psicologias inatas, é esperado um dimorfismo sexual em seus mecanismos psicológico. É afirmado na introdução que esse dimorfismo cerebral é esperado de acordo com a teoria darwiniana e que “o presente estudo apenas pode ser compreendido como exploratório, e seus resultados como experimentais” (ELLIS e SYMONS:1990:531)⁵⁷. Essa discussão, bem como o fato de que o estudo é apenas uma tentativa, não aparece nos Pease, que proveem diretamente os resultados, apresentando suas formas numéricas.

Segue-se uma revisão acerca do tema, contendo informações tais como: a de que os homens fantasiam e se excitam mais do que as mulheres; que mulheres tendem mais do que homens a se excitar sexualmente com conteúdos unicamente emocionais; de que as fantasias masculinas são explícitas, ao passo que as femininas são implícitas. As fantasias masculinas tenderiam a ser mais visuais, menos providas de contexto e promíscuas. Já as fantasias femininas tenderiam a ser mais emocionais, íntimas e passivas

Com base nas informações acima e na teoria evolucionária, cuja colocação é de que “os machos têm muito mais a ganhar por desejar e usufruir de variedade sexual para si mesmo” (ELLIS e SYMONS:1990:533)⁵⁸, são formuladas hipóteses onde se espera que a variedade seja mais importante nas fantasias masculinas. Aqui, afirma-se que o mais importante em uma espécie é a capacidade do macho de investir

⁵⁷ “the present study can only be regarded as exploratory, and its results as a tentative”

⁵⁸ “male have much more to gain by desiring and enjoyng sexual variety for its own sake”

substancialmente na prole, de modo que “os 'melhores' machos quase certamente foram homens de alto status e habilidades competitivas excepcionais” (ELLIS e SYMONS:1990:533)⁵⁹. Devido ao fato das mulheres nem sempre estarem ovulando, os homens teriam evoluído para sempre se atraírem sexualmente por sinais que indiquem sua saúde e juventude: “Porque as fêmeas ancestrais eram normalmente objetos do desejo sexual masculino, foram selecionadas para se imaginarem nesse papel” (ELLIS e SYMONS:1990:534)⁶⁰.

A amostragem foi a seguinte: “74,2% dos indivíduos testados eram caucasianos, 13,1% eram asiáticos, 5,9% eram hispânicos, 3,9% eram negros e 2,9% eram 'outros” (ELLIS e SYMONS:1990:535)⁶¹. Esse tipo de informação costuma estar ausente nas citações dos Pease.

Ellis e Symons (1990) explicitam todas as perguntas do questionário aplicado aos seus sujeitos e afirmam ter confirmado a hipótese de que os homens priorizam a variedade sexual mais do que as mulheres: “*The large number of fantasized partners that men reported may be one manifestation of a distinctly male preference for sexual variety*” (ELLIS e SYMONS:1990:540). A primeira porcentagem relativa aos resultados que aparece diz respeito à substituição de parceiros:

Talvez mais diretamente relevante para o tópico da variedade sexual seja o fato de que apenas 12% dos homens, mas 43% das mulheres, declararam nunca substituir ou trocar de parceiros durante uma sessão de fantasia sexual (Questão 11) (ELLIS e SYMONS:1990:540)⁶²

Essas porcentagens correspondem às primeiras porcentagens citadas pelos Pease: 88% dos homens relataram trocar ou substituir parceiras durante a fantasia sexual, significando que 12% relataram não fazê-lo. Já 57% das mulheres afirmaram trocar de parceiro na mesma ocasião, de modo que 43% afirmam não ter essa prática.

Também teriam sido confirmadas as seguintes hipóteses:

⁵⁹ “*the ‘best’ males almost certainly were men of high-status and exceptional competitive abilities*”

⁶⁰ “*Because ancestral females were normally the objects of male sexual desire, females were selected to imagine themselves in this role*”

⁶¹ “*74.2% of the subjects were Caucasians, 13.1% were Asian; 5.9% were Hispanic, 3.9% were black and 2.9% were ‘other’*”

⁶² “*Perhaps most directly relevant to the issue of sexual variety is the fact that only 12% of the man, but 43% of the women, reported that they never substitute or switch partners during the course of a single sexual fantasy (Question 11)*”

1. De que as fantasias masculinas são mais visuais: “Também era mais provável que homens declarassem ter imagens claras dos genitais de suas parceiras fantasiadas (ELLIS e SYMONS:1990:541)⁶³;

2. Que as fantasias femininas são mais pessoais: “O clima e o ambiente (Questão 6) e carinho e toques não-genitais são mais importantes nas fantasias de mulheres do que nas de homens” (ELLIS e SYMONS:1990:542)⁶⁴.

Os autores buscam no mundo elementos que satisfazem as condições das fantasias masculinas e femininas, e estabelecem exemplos ideais no consumo de romances eróticos e na pornografia:

Há uma leve sobreposição na leitura (ou visão) desses dois gêneros, presumivelmente porque a pornografia direcionada a homens combina todos os elementos que agradam particularmente a visão masculina, enquanto os romances eróticos combinam todos os elementos que atraem mais particularmente as mulheres (ELLIS e SYMONS:1990:544)⁶⁵.

Os autores dialogam com as ciências sociais, que afirmariam que esses comportamentos encontrados por eles são oriundos da vida do sujeito, e não inatos. Eles afirmam não discordar que homens e mulheres vivam vidas diferentes que influenciem no modo como enxergam o sexo, mas colocam que:

Uma perspectiva evolutiva da nossa espécie, no entanto, deveria levantar suspeitas quanto a qualquer hipótese que pretenda explicar diferenças entre os sexos quanto a fantasias sexuais apenas em termos de experiências de vida diferentes. A razão é a seguinte: todas as hipóteses implicam que homens e mulheres possuem os mesmos (isto é, sexualmente monomórficos) mecanismos cerebrais inatos; mas para um darwinista deveria ser chocante se a seleção falhasse em reproduzir mecanismos sexualmente dimórficos causadores de sensações e ações humanas sexuais (ELLIS e SYMONS:1990:546)⁶⁶

⁶³ ” *“Men were also much more likely than women to report having a clear image of the genital features of their fantasized partners”*

⁶⁴ *“The mood and ambience (Question 6) and caressing and nongenital touching (Question 17) are more important in women’s than in men’s fantasies”*

⁶⁵ *“There is a little overlap in the readership (or viewership) of this two genres, presumably because male oriented pornography combines all the elements that appeal particularly to men, while erotic romances combine all the elements that appeal particularly to women”*

⁶⁶ *“An evolutionary perspective on our species, however, should arouse suspicion of any hypothesis that purports to account for sex differences in sexual fantasies solely*

Aqui, as ciências sociais e humanas não aparecem enquanto portadoras de um discurso do “politicamente correto”, como colocam os Pease, ou como crendo no indivíduo enquanto uma tábula rasa que viria ao mundo sem nenhum equipamento pré-definido. As objeções às suas alegações são colocadas em termos de possíveis discordâncias de premissas teóricas.

São frisadas algumas limitações do estudo em questão, tal como a inexperiência dos sujeitos pesquisados e o fato de os questionários terem sido desenvolvidos por dois homens. As limitações dos estudos nunca são uma questão nas narrativas dos Pease.

1.4 Daniel Nettle e Thomas Pollet

Thomas Pollet trabalhou como professor assistente no Departamento de Psicologia Social Evolucionária da Universidade de Groningen, na Holanda, com interesse no comportamento humano e evolução. É professor assistente de psicologia social e organizacional da VU University Amsterdam, utilizando um paradigma evolucionista. Daniel Nettle é professor de ciência comportamental no Centro para Comportamento e Evolução da Universidade de Newcastle, na Inglaterra.

São citados em *Desvendando os segredos da atração sexual* (2009) em referência a uma pesquisa onde concluíram que mulheres que se relacionam com homens ricos têm mais orgasmos. A pesquisa de Nettle e Pollet foi realizada tendo como base uma espécie de censo da China, que abarca uma quantidade considerável da população.

“De acordo com uma pesquisa realizada em 2008 pelo psicólogo evolucionista Thomas Pollet, da Universidade de Newcastle, e pelo professor Daniel Nettle, o prazer que a mulher sente com o sexo está diretamente ligado ao tamanho da conta bancária do homem. Eles descobriram que, quanto mais rico é o homem, maior a frequência de orgasmos de sua parceira. Pollet e Nettle entrevistaram 1.534 chinesas, todas com companheiros, e

in terms of differential life experiences. The reason is this: all such hypothesis implies that males and females possess essentially the same (i.e., sexually monomorphic) innate brain/mind mechanisms; but to a Darwinian it would be astonishing if selection have failed to produce sexually dimorphic mechanisms underlying human sexual feeling and action.”

analisaram em detalhes as informações sobre sua vida privada, incluindo questões sobre sua atividade sexual, renda e outros fatores.

Os resultados mostraram que 121 dessas mulheres (7,9%) sempre tinham orgasmos durante o sexo; 408 (26,6%) os alcançavam com frequência; 762 (48,7%), às vezes; e 243 (15,8%), raramente ou nunca. Esses números são bem parecidos com os apurados em estudos feitos com mulheres europeias e de outras partes do Ocidente. Os pesquisadores constataram também que a frequência dos orgasmos femininos era maior quando os parceiros possuíam níveis de renda e riqueza mais altos. Embora outros fatores também afetassem a taxa de orgasmo das mulheres, o dinheiro se destacou como o mais importante nesse sentido

(...)

Pollet, Nettle e David Buss acreditam que o orgasmo feminino evoluiu para criar um vínculo emocional entre as mulheres e os homens de ‘alta qualidade’ – seria uma espécie de sinal de que ela está sexualmente muito satisfeita, e que, portanto, é pouco provável que vá procurar outro parceiro. Assim, o homem deveria investir nela e na prole” (PEASE:2009:64)

O artigo analisado aqui foi o referente à pesquisa sobre a relação entre o orgasmo feminino e a renda masculina, intitulado *Partner wealth predicts self-reported orgasm frequency in a sample of Chinese women* e publicado no ano de 2009. Nesse trabalho, é colocado em foco o orgasmo feminino, sobre o qual, afirmam os autores, sabe-se muito pouco empiricamente. Apesar dos poucos estudos sobre o assunto, o evolucionismo possui duas maneiras de encarar o orgasmo feminino:

“Evolucionistas tomaram posições opostas quanto à função do orgasmo feminino. Por um lado, foi visto como um subproduto sem função da resposta ejaculatória em machos (Gould, 1987; Symons, 1979). Uma ideia alternativa é a de que a capacidade feminina para o orgasmo é uma adaptação que serve para discriminar entre os machos tendo como base sua qualidade (Alcock, 1987; Smith, 1984; Thornhill, Gangestad, & Comer, 1995), levando a uma maior probabilidade concepciva (Baker & Bellis, 1993) ou a uma ligação emocional de alta qualidade (NETTLE e POLLET:2009:146-7)⁶⁷

A extensão lógica deste pensamento, segundo o qual o orgasmo feminino serviria para que as mulheres escolhessem homens de maior qualidade, serve de base

⁶⁷ “Evolutionists have taken opposing positions on the function of female orgasm. On one hand, it has been seen as a functionless by-product of the ejaculatory response in males (Gould, 1987; Symons, 1979). An alternative view is that women's capacity for orgasm is an adaptation that serves to discriminate between males on the basis of their quality (Alcock, 1987; Smith, 1984; Thornhill, Gangestad, & Comer, 1995), leading to either enhanced conception probability (Baker & Bellis, 1993) or selective emotional bonding with high-quality sires”

a esse artigo: “Se o orgasmo feminino foi projetado adaptativamente para discriminar os machos de acordo com sua qualidade, então deveria ser mais frequente entre fêmeas com parceiros machos de alta qualidade” (NETTLE e POLLET:2009:147)⁶⁸. Nos Pease essa conexão é apagada, de modo que o orgasmo e a situação financeira masculina aparecem enquanto diretamente conectados, sem passar pelo intermédio da situação financeira como prova da alta qualidade do parceiro.

Assim sendo, os autores afirmam que seu estudo é o primeiro estudo sobre o assunto em uma larga população, a saber, a população chinesa. E os parâmetros segundo a qual a qualidade dos homens avaliados foram:

A primeira é a renda: a riqueza é vista como desejável em parceiros potenciais por mulheres no mundo inteiro (Buss, 1989) e estudos em diversas populações concluíram que uma fortuna em ascensão aumenta o sucesso do casamento para homens (Borgerhoff Mulder, 1990; Fieder & Huber, 2007; Hopcroft, 2006; Nettle & Pollet, in press; Pollet & Nettle, 2008). Assim, outros traços sendo iguais, homens ricos são preferíveis aos pobres como parceiros. Nossa segunda variável independente é a altura: diversos estudos concluíram uma preferência confessada das mulheres por homens mais altos ou um aumento factual no sucesso de casamentos dos homens mais altos se comparados aos de estatura média (Hensley, 1994; Mueller & Mazur, 2001; Nettle, 2002; Pawlowski, Dunbar, & Lipowicz, 2000) em países ocidentais. Pouco se sabe sobre a altura masculina e sucesso reprodutivo na China. Um estudo recente sugeriu que a altura não é significativamente positiva se relacionada ao número de filhos, após um controle para potenciais refutações, e no entanto a altura é geralmente possivelmente relacionada a saúde e status socioeconômica na China tanto quanto em qualquer outro lugar (NETTLE e POLLET:2009:147)⁶⁹

⁶⁸ “If female orgasm is adaptively designed for discriminating male quality, then it should be more frequent in females paired with high-quality males”

⁶⁹ “The first is income: Wealth is seen as desirable in potential partners by women all over the world (Buss, 1989), and studies in diverse populations have found that increasing wealth increases male marriage success (Borgerhoff Mulder, 1990; Fieder & Huber, 2007; Hopcroft, 2006; Nettle & Pollet, in press; Pollet & Nettle, 2008). Thus, other things being equal, richer men are preferred to poorer ones as mates. Our second independent variable is height: Several studies have found either a preference expressed by women for taller men or an actual increase in marriage success in taller than-average men (Hensley, 1994; Mueller & Mazur, 2001; Nettle, 2002; Pawlowski, Dunbar, & Lipowicz, 2000) in Western populations. Little is known about male height and reproductive success in China. A recent study suggested that male height is not significantly positively related to offspring count, after controlling for potential confounds (Fielding et al., in press), yet height is generally positively related to health and socioeconomic status in China as it is elsewhere”

Assim, a hipótese do estudo é que as mulheres relatarão mais orgasmos na medida em que seus parceiros forem mais ricos e mais altos. Contudo os autores alertam para o risco de que outros fatores acabem não sendo levados em consideração, e chamam a atenção às múltiplas variáveis envolvidas na análise:

Há o perigo de associações entre características do parceiro e frequência de orgasmos possam se dever a terceiras variáveis refutáveis. Por exemplo, as parceiras de homens mais ricos podem ser mais novas, mais estudadas, fisicamente mais saudáveis, ou ter níveis mais altos de bem-estar psicológico, ou serem mais ocidentalizadas, que as parceiras de homens mais pobres. Em nossa análise, portanto, precisamos controlar um grande número de potenciais variáveis refutáveis desse tipo (NETTLE e POLLET:2009:147)⁷⁰

O estudo foi realizado através do *Chinese Health and Family Life Survey*, uma investigação em larga escala das atitudes sexuais, do comportamento e das doenças sexualmente transmitidas em uma amostra nacionalmente representativa da população chinesa. Foram tomadas medidas para que a privacidade das respondentes estivesse assegurada, uma vez que a natureza das perguntas era muito íntima.

A variável dependente de análise foi a frequência autoproclamada de orgasmos com o atual parceiro e as outras duas variáveis dependentes foram a renda e a altura do parceiro, com base na resposta da mulher. A análise dos resultados mostrou que “A renda do parceiro provou ser um medidor altamente significativo para prever a frequência do orgasmo feminino, enquanto a estimativa relacionada à altura do parceiro não foi significativa.” (NETTLE e POLLET:2009:148)⁷¹. Outras variáveis foram sendo analisadas, a fim de verificar se os cálculos continuavam apontando a renda como fator relevante. A conclusão desse processo é que:

Para resumir os resultados, quanto maior a renda de um parceiro, mais altamente significativo o efeito na frequência autodeclarada de orgasmos nas mulheres, e este efeito manteve-se robusto quando

⁷⁰ “*there is the danger that associations between partner characteristics and orgasm frequency might be due to confounding third variables. For example, the partners of richer men might be younger, be more educated, be physically healthier, or have higher levels of psychological well-being, or be more westernized, than partners of poorer men. In our analysis, therefore, we needed to control for a large number of potential confounding variables of this type*”

⁷¹ “*Partner income proved to be a highly significant predictor of female orgasm frequency, while the estimate for partner height was not significant*”

todas as variáveis de controle foram adicionadas ao modelo (NETTLE e POLLET:2009:149)⁷²

Sobre os números citados pelos Pease, eles podem ser encontrados na descrição dos cálculos de análise de variáveis de Pollet e Nettle:

A variável dependente que analisamos foi a declaração de frequência de orgasmos com o atual parceiro (“Ao fazer sexo com seu parceiro atual, com que frequência você atingiu o orgasmo?”). Há cinco categorias de respostas, que construímos como uma escala ordinal (1=nunca, n=61; 2=raramente, n=182; 3=às vezes, n=762; 4=frequentemente, n=408; 5=sempre, n=121) (NETTLE e POLLET:2009:147)⁷³

A hipótese acerca da relação entre a renda masculina e o orgasmo feminino foi comprovada, contudo a que relaciona o orgasmo feminino com a altura masculina não. São aventadas três explicações para a forma como o impacto da renda masculina no orgasmo feminino aparece na pesquisa. Uma delas seria um caráter enviesado das respostas, que pode se dar por mulheres com orgasmos frequentes superestimarem a renda de seus parceiros, ou por mulheres com parceiros de alta qualidade terem exagerado a frequência de seus orgasmos. Esse fator aparece enquanto sendo difícil de controlar, uma vez que os resultados foram obtidos através de declarações das mulheres participantes da pesquisa.

A segunda possibilidade é de que haveria uma associação preferencial entre homens desejáveis e mulheres muito suscetíveis ao orgasmo. De acordo com os autores, ainda que essa associação existisse, ela seria condizente com a função do orgasmo feminino. Contudo, a terceira possibilidade seria ainda mais condizente com a hipótese da função do orgasmo apresentada: “*is that more desirable mates cause women to experience more orgasms?*” (NETTLE e POLLET:2008:150). Os autores chamam a atenção para o fato de que esse estudo não pode responder à questão acerca de qual seria a função evolutiva do orgasmo feminino dentre as hipóteses existentes:

⁷² “*To summarize the results, increasing partner income had a highly significant positive effect on women's self-reported frequency of orgasm, and this effect remained robust when all the control variables were entered in the model?*”

⁷³ “*The dependent variable we analyzed was self-reported orgasm frequency with current partner (“When having sex with your current partner, how often did you have an orgasm?”). There are five response categories, which we treated as an ordinal scale (1=never, n=61; 2=rarely, n=182; 3=sometimes, n=762; 4=often, n=408; 5=always, n=121)*”

Além disso, ainda que consistente com um papel adaptativo para o orgasmo feminino, esses dados não permitem um teste conclusivo entre duas funções alternativas propostas – isto é, que o orgasmo feminino promove diferencialmente um apego emocional com homens de alta qualidade ou que diferencialmente promove uma concepção com tais homens em condições de competição de esperma (NETTLE e POLLET:2009:150)⁷⁴

Também é frisada a necessidade de mais estudos para que conclusões definitivas sobre a relação entre o orgasmo feminino e a renda masculina possam ser aventadas.

Em 2010, Nettle e Pollet publicaram uma errata deste seu estudo no periódico *Evolution and Human Behaviour*, mesmo periódico onde o estudo foi publicado em 2009. Nesta errata, os autores expõem que uma falha nos métodos estatísticos fora percebida por seus pares: “Herberich et al. mostram que as estatísticas encaixadas num modelo produzidas em SPSS não são propriamente comparáveis entre modelos. Isso nos levou a escolher um modelo incorreto como o de melhor encaixe” (NETTLE E POLLET:2010:149)⁷⁵

A correção do método utilizado para o cálculo fez com que a associação entre a renda dos homens e a vida sexual das mulheres chinesas não fosse possível, pois outros fatores demonstram ser mais relevantes:

Como eles demonstram, o efeito da renda do parceiro não é mais significativo assim que as variáveis de controle são examinadas. Nós assim gostaríamos de corrigir as conclusões de nosso artigo. A associação nos dados de CHFLS entre a riqueza do parceiro e a frequência autodeclarada de orgasmos é melhor explicada pelo fato de que mulheres com maior renda são mais saudáveis, felizes, jovens e estudadas do que mulheres com parceiros de menor renda. Os dados não sustentam um efeito direto da renda do parceiro na frequência autodeclarada de orgasmos, uma vez que outras variáveis estejam controladas (NETTLE e POLLET:2010:1)⁷⁶

⁷⁴ “Moreover, even if consistent with an adaptive role for female orgasm, these data do not allow conclusive testing between two alternative proposed functions—namely, that female orgasm differentially promotes emotional bonding with highquality males or that it differentially promotes conception with such males under conditions of sperm competition”

⁷⁵ “Herberich et al. show that the model-fit statistics produced in SPSS are not properly comparable between models. This led us to choose an incorrect model as the best-fitting one”

⁷⁶ “As they show, the effect of partner income is no longer significant once the control variables have been accounted for. We therefore wish to correct the

1.5 David Buss

David Buss é um psicólogo evolucionista da Universidade do Texas, interessado nas diferenças sexuais humanas e na seleção sexual. Buss parece ser um nome importante na área, uma vez que é citado por outros autores de referência científica mobilizados pelos Pease, principalmente pela realização de um trabalho transcultural que visou confirmar hipóteses da psicologia evolutiva. Seu caso na obra dos Pease é bastante interessante, o nome de Buss é citado cerca de 18 vezes ao longo de *Desvendando os segredos da atração sexual* (2009). Dentre suas descobertas citadas pelos Pease estão: a ideia de que mulheres escolhem homens com mais posses ou status na sociedade, preferindo, por isso, ganhar presentes caros de seus pretendentes; que as características que as mulheres procuram em um parceiro são aquelas ligadas ao compromisso; que a beleza é uma característica procurada pelos homens nas mulheres, mas não o contrário; que em função do status masculino, as mulheres preferem homens mais velhos; que as mulheres se interessam menos pelo sexo casual. Os seguintes trechos trazem algumas das muitas referências feitas a trabalhos de David Buss no livro de Allan e Barbara Pease:

“O Dr. David Buss, professor de psicologia da Universidade do Texas, onde coordena a área de Diferenças Individuais e Psicologia Evolucionista, empreendeu um trabalho pioneiro sobre relacionamentos amorosos. Ele realizou a maior pesquisa já feita sobre as preferências humanas em relação aos parceiros com base no cruzamento de dados culturais. Sua amostragem envolveu 37 culturas, entre sociedades modernas e primitivas, incluindo aquelas que adotam o comunismo, o capitalismo, a monogamia, a poligamia e todas as crenças religiosas. Ele descobriu que, em todas elas, a mulher atribui uma importância duas vezes maior a um homem com recursos do que um homem atribui a uma mulher com recursos. Seu trabalho confirmou o que outros estudos vêm revelando desde 1930: as mulheres valorizam as perspectivas financeiras do homem duas vezes mais do que eles valorizam as perspectivas financeiras da mulher” (PEASE:2009:62)

conclusions of our article. The association in the CHFLS data between partner wealth and self-reported orgasm frequency is best explained by the fact that women with higher-income partners are healthier, happier, younger, and more educated than women with lower-income partners. The data do not support a direct effect of partner income on self-reported orgasm frequency, once other variables have been controlled for”

“A pesquisa de Buss mostrou que, em todo tipo de cultura, ter uma companheira desprovida de beleza diminui o status social de um homem, mas que o oposto tem pouco ou nenhum impacto no status da mulher, ainda que ele se pareça com um lutador de boxe no fim de um dia ruim” (PEASE:2009:99)

Desvendando os segredos da atração sexual (2009) é o único livro dos Pease que possui uma bibliografia que pode ser acessada através do site da editora Sextante. Nela, aparecem vários artigos de Buss. Uma vez que esse trabalho não se centra no uso da obra de Buss no trabalho dos Pease, optei por analisar aquele que me pareceu mais relevante dentre os que consegui acesso. O artigo consultado é aquele onde Buss analisa as preferências sexuais de várias culturas. Este trabalho me chamou a atenção por ser uma das poucas referências de estudos transculturais utilizada pelos Pease e por aparecer citado em artigos de outros autores de referência da obra dos Pease. O artigo se chama “*Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypothesis tested in 37 cultures*”, de 1989. Buss inicia seu artigo frisando a importância científica do estudo das preferências sexuais, e lista três exemplos dessa importância:

Primeiro, elas podem afetar a atual direção da seleção sexual ao influenciar quem é diferencialmente excluído e incluído na atividade sexual. (...) Segundo, as atuais preferências masculinas podem refletir pressões seletivas anteriores, assim fornecendo importantes pistas para a história reprodutiva de uma espécie. Terceiro, preferências para parceiros podem levar a pressões seletivas sobre outros componentes no sistema de reprodução sexual. (BUSS:1989:1)⁷⁷

As escolhas reprodutivas variam nas espécies de acordo com o sexo que realiza o investimento parental. No caso da espécie humana, esse investimento é realizado pelos homens. Assim sendo “*females should seek to mate with males who have the ability and willingness to provide resources related to parental investment such as food, shelter, territory and protection*” (BUSS:1989:2). Já os homens, devem procurar parceiras com base no valor reprodutivo ou fertilidade, a depender da busca por parceiras para relações curtas ou longas. O valor reprodutivo é maior em mulheres em meados da adolescência, conforme indicado por seus atributos, já a fertilidade

⁷⁷ “*First they can affect the current direction of sexual selection by influencing who is differentially excluded from and included in mating (...) Second, current mate preferences may reflect prior selection pressures, thus providing important clues to a specie’s reproductive history. Third, mate preferences can exert selective pressures on other components of the mating system*”

seria maior em mulheres no início dos vinte anos. A preferência masculina por mulheres com alto valor reprodutivo ou por mulheres no pico da fertilidade não é um ponto pacífico entre os evolucionistas, que discutem qual das hipóteses parece mais adequada. Nos Pease, a questão aparece sempre como resolvida, homens buscam as mulheres em seu pico de fertilidade.

Buss afirma ainda que essas hipóteses não implicam em uma negação da cultura:

Prever que machos irão valorizar atração física em fêmeas por causa da associação com capacidade reprodutiva não nega ou exclui a existência de determinantes culturais e de outras naturezas para padrões de atração (BUSS:1989:3)⁷⁸

O estudo de Buss pretende testar hipóteses evolucionistas relativas à seleção sexual em “37 culturas com grandes diferenças em ecologia, localização, localização, composição étnica e racial, orientação religiosa, inclinação política e sistema de reprodução sexual” (BUSS:1989:3)⁷⁹. O que aqui é uma gama ampla de variações culturais, aparece nos Pease enquanto abarcando todas as variações culturais possíveis no tocante à religião, por exemplo.

Buss afirma que as amostras foram obtidas de 33 países em seis continentes e cinco ilhas, em números variados. De acordo com o autor, essas amostras

não podem ser consideradas representativas da população em cada país. De modo geral, populações rurais, de menor escolaridade e com níveis mais baixos em indicadores socioeconômicos estão sub-representadas, ainda que haja muitas exceções (BUSS:1989:3)⁸⁰

O recolhimento das amostras variou largamente entre os variados países, por exemplo: alguns sujeitos foram recrutados através de apelações de casais a pedidos de

⁷⁸ “*Predicting that males will value physical attractiveness in females because of its association with reproductive capacity does not negate or deny the existence of cultural and other determinants of standards for attractiveness*”

⁷⁹ “*37 cultures differing widely in ecology, location, racial and ethnic composition, religious orientation political inclination and mating system*”

⁸⁰ “*cannot be viewed as representative for the population in each country. In general rural, less educated and lower levels of socioeconomic status are underrepresented, although there are many exceptions*”

casamento, outros através de anúncios de jornal. Foram utilizados instrumentos que envolviam uma narrativa biográfica, uma marcação de ausência/presença de características e um ranqueamento. Os instrumentos foram traduzidos do inglês para a língua nativa, e as respostas, da língua nativa para o inglês, de modo que vários tradutores bilíngues foram mobilizados: “Foram fornecidas instruções para tornar todos os termos 'sexualmente neutros' no sentido de serem igualmente aplicáveis a homens e mulheres” (BUSS:1989:4)⁸¹. Esses detalhes são omitidos na narrativa dos Pease, onde os meios não são relevantes, e sim os fins.

Buss constatou que em 36 das 37 amostras comprovou-se que as mulheres valorizam a situação financeira masculina mais do que os homens valorizam a situação financeira das mulheres. A cultura Zulu sul africana apareceu como desviante, devido a fatores culturais tais como as mulheres serem responsáveis por tarefas físicas. Assim, “um endossamento moderado foi encontrado para a diferença hipotética entre os sexos nessa área de aquisição de recursos, ainda que a diferença não possa ser considerada universal” (BUSS:1989:8-9)⁸². São apontadas divergências das hipóteses formuladas pelo estudo. Nos Pease apenas as concordâncias são abordadas.

No tocante à idade, nas 37 amostras os homens demonstraram preferir parceiras sexuais mais jovens do que eles: “o que é consistente com a hipótese de que homens valorizam parceiras com maior capacidade reprodutiva” (BUSS:1989:9)⁸³, mas para saber qual hipótese evolucionista encontra suporte nesses resultados é preciso perguntar se essa idade corresponde ao meio da adolescência ou ao pico de fertilidade no início dos 20 anos.

Ao subtrair a diferença de idade média preferida entre homens e suas parceiras (2,66 anos) das idades em que os homens preferem se casar (27,49) anos, pode-se presumir que homens nessas amostras preferem casar-se com mulheres que tenham aproximadamente 24,83 anos. Essa diferença de idade é mais próxima ao pico fértil

⁸¹ “Instructions were provide to make all terms ‘sex neutral’ in the sense of being equally applicable to males and females”

⁸² “moderate support was found for the hypothesized sex difference in this cue to resource acquisition, although this difference cannot be considered universal”

⁸³ “which is consistent with the hypothesis that males values mates with higher reproductive capacity”

em mulheres do que com o pico de valores reprodutivos. (BUSS:1989:9)⁸⁴

Para verificar a confiabilidade dessas informações auto reportadas, Buss (1989) afirma ter buscado o livro de estatísticas demográficas, por exemplo, para saber com que idade as pessoas efetivamente se casavam e qual a diferença de idade entre elas e seus parceiros ou parceiras.

No quesito atração física, todas as amostras apresentaram diferenças entre os sexos. Buss (1989) ressalta que não era esperado que as mulheres relatassem preferência por relacionamentos com homens mais velhos, mas que esse achado adiciona evidências empíricas à hipótese de que as mulheres teriam preferência por parceiros sexuais que pareçam possuir uma maior capacidade provedora.

Os resultados encontrados são resumidos:

Em suma, três das previsões – aquelas envolvendo as preferências de parceiros de acordo com potencial financeiro, juventude relativa e atração física – foram fortemente confirmados entre culturas. A previsão relativa a ambição e habilidade foi confirmada apenas 29 amostras, e mostrou um inverso significativo entre os zulu. A previsão de castidade revelou-se menos empiricamente embasada, com apenas 23 de 37 amostras indicando diferenças sexuais significativas (BUSS:1989:13)⁸⁵

Enquanto limitação do estudo, é novamente citada a não representatividade populacional de cada amostra, e também o fato de que nenhuma das amostras valorou como significativo os fatores preferenciais que mostraram grandes diferenças de sexo: “nem potencial financeiro nem aparência física apareceram como características mais

⁸⁴ “By subtracting the mean age difference preferred between males and their mates (2.66 years) from the ages at which males prefer to marry (27.49 years), it can be inferred that males in this samples prefer to marry females who are approximately 24.83 years old. This age preference is closer to peak female fertility than to peak reproductive value”

⁸⁵ “In sum, three of the predictions – those involving mate preferences for earning potential, relative youth and physical attractiveness – were strongly confirmed across cultures. The prediction regarding ambition-industriousness was confirmed only in 29 samples, and showed a significant reversal among the Zulu. The chastity prediction revealed still less empirical support with only 23 of the 37 samples showing significant sex differences”

destacadas ou escolhidas para nenhum dos sexos, mesmo quando essas características demonstravam grandes diferenças sexuais” (BUSS:1989:13)⁸⁶

Outra limitação diz respeito ao viés através do qual as culturas analisadas foram escolhidas, sendo elas urbanizadas, e baseadas em economia financeira, embora isso não invalide o caráter intercultural do estudo pois:

A tremenda variabilidade cultural relativa à castidade, no entanto, baseia-se na noção de que essas 37 amostras podem de alguma forma ser culturalmente homogêneas e dá maior credibilidade às diferenças sexuais empíricas que transcendem essa diversidade cultural (BUSS:1989:13)⁸⁷

Buss (1989) conclui, então, que esse estudo provê suporte à ideia de que homens e mulheres enfrentaram problemas evolutivos distintos, e também frisa que esses mecanismos não são geneticamente determinados:

a variabilidade intracultural na valorização da castidade funciona como um importante lembrete de que mesmo mecanismos intimamente ligados à reprodução não são 'geneticamente determinados' no sentido de serem inevitáveis e intratáveis (BUSS:1989:14)⁸⁸

Todas as discussões encontradas no artigo de Buss (1989) tanto sobre as divergências internas ao campo da psicologia evolucionista, quanto sobre as limitações de seu estudo, estão ausentes nas citações dos Pease. Nos Pease, os resultados aqui encontrados são a prova de que as preferências apontadas por Buss (1989) são universais e, portanto, biológicas.

1.6 Devendra Singh

⁸⁶ “neither earning potential nor physical appearance emerged as highest rated or ranked characteristics for either sex, even though these characteristics showed large sex differences.”

⁸⁷ “The tremendous cultural variability with respect to chastity, however, belies the notion that this 37 samples might somehow be cultural homogeneous and give greater credibility to the empirical sex differences that transcend this cultural diversity”

⁸⁸ “the cross-cultural variability in chastity valuation serves a strong reminder that even mechanisms closely linked with reproduction are not ‘genetically determined’ in the sense of being inevitable and intractable”

Devendra Singh foi professor da Universidade de Psicologia do Texas, e tinha como interesse o papel da evolução na atração sexual humana. É considerado um pioneiro do campo da psicologia evolucionista.

É citado em *Desvendando os segredos da atração sexual* (2009), *Desvendando os segredos da linguagem corporal* (2005), *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000) e *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* (2003) especialmente em função de seu trabalho mais famoso, relacionado ao papel da relação cintura-quadril na atração sexual humana:

“Em uma série de 12 testes, a psicóloga Devendra Singh (sic) verificou que uma relação cintura/quadril de 0,67 até 0,8 é um indicador preciso da capacidade reprodutiva de uma mulher e, por conta disso, é a mais atrativa para os homens. Essa proporção indica que a medida da cintura da mulher corresponde a 70% da largura do seu quadril. Nesses estudos, Singh testou a intensidade com que os homens se sentiam atraídos por figuras femininas e constatou que a relação de 0,7 era, sem dúvida, a que mais despertava seu interesse, independentemente de quanta gordura a mulher tivesse. Singh analisou capas da revista *Playboy* publicadas num período de 30 anos e descobriu que, embora as modelos tenham se tornado mais magras com o passar dos anos, a relação de 70% entre a cintura e o quadril era constante. Proporções maiores ou menores do que essa revelaram níveis inferiores de saúde e fertilidade, um indicação de que a mulher tinha menos chances de engravidar e transmitir os genes do homem” (PEASE:2009:191)

“O professor Devendra Singh, psicólogo evolucionário da universidade do Texas, descobriu, ao estudar a atratividade física de concorrentes ao título de miss américa e modelos da *Playboy* ao longo dos últimos 50 anos, que a razão cintura quadril que exerce o maior apelo sobre os homens varia de 67 a 80%. O professor Singh realizou um teste com fotos de mulheres magras, gordas e de peso mediano com razão cintura/quadril por volta de 70% mesmo quando elas eram bastante gordas. Isto significa que a mulher, ainda que seja gorda, pode virar a cabeça dos homens se mantiver essa proporção” (PEASE:2005:203-4)

Seus artigos consultados foram *Body Weight, Waist-to-Hip Ratio, Breasts, and Hips: Role in Judgments of Female Attractiveness and Desirability for Relationships* e *Is thin really beautiful and good: Relationship between waist-to-hip ratio (WHR) and female attractiveness*, de 1995 e 1994, respectivamente. O primeiro ajudará a compreender as referências dos Pease sobre relação cintura/quadril e suas associações com saúde, fertilidade e beleza. O segundo traz uma breve citação sobre a capa das revistas *Playboy* e as concorrentes à Miss América.

Devendra (1995) coloca que os estudos sobre a atração física se mantiveram focados no fator do peso, e que foram realizados com figuras femininas, porque a magreza seria um fator mais importante para as mulheres. Ele afirma, contudo, que mulheres com o mesmo peso podem possuir variações drásticas de tipo corporal e, portanto, atratividade. O autor explica que a gordura corporal é um grande indicativo da diferenciação sexual:

Os efeitos diferenciais de hormônios sexuais no acúmulo de gordura em uma região e a utilização (testosterona estimula utilização de gordura na região glúteofemoral, enquanto o estrogênio aumenta a utilização de gordura na região abdominal produzem uma distribuição de gordura corporal ginoide ou androide. Distribuições ginoides ou androides podem ser calculadas pela medição das circunferências da cintura (a menor porção entre as costelas e o íliaco) e do quadril (no nível da maior protrusão das nádegas) e no cálculo de uma proporção entre o quadril e a cintura (WHR). (SINGH e YOUNG:1995:123-4)⁸⁹

Antes da puberdade, homens e mulheres possuem a mesma relação entre cintura e quadril (Waist to Hip Ratio - WHR), porém, após ela, as meninas passam a acumular mais gordura nos quadris, de modo que sua WHR diminui. Apenas na menopausa que a WHR de homens e mulheres voltaria a se igualar. O WHR também aparece enquanto um sinal de saúde e fertilidade:

O WHR portanto destaca-se como a única característica corporal conhecida que define com segurança “feminilidade”, status reprodutivo e saúde: fatores críticos na determinação da atração feminina (Buss, 1989; Symons, 1979). Será possível que homens possuam mecanismos (conscientes ou inconscientes) que se baseiam no WHR ao avaliar juventude, saúde e capacidade reprodutiva e que essa informação seja portanto usada para julgar atração física e atributos de personalidade (SINGH e YOUNG:1995:124)⁹⁰

⁸⁹ “*The differential effects of sex hormones on regional fat accumulation and utilization (testosterone stimulates fat utilization in the gluteofemoral region, while estrogen increases fat utilization in the abdominal region) produce a gynoid or an **android** body fat distribution. Gynoid and android fat distributions can be ascertained by measuring waist (narrowest portion between ribs and the iliac crest) and hip (at the level of the greatest protrusion of the buttocks) circumferences and computing a waist-to-hip ratio (WHR)*”

⁹⁰ ?” “*The WHR hence arises as the only known body feature which provides a reliable visual cue for detecting “femaleness,” reproductive status, **and** health: critical factors in determining female attractiveness (Buss, 1989; Symons, 1979). Could it be that men possess mechanisms (conscious or unconscious) which rely on the WHR in evaluating youth, health and reproductive capacity and that this*

Passa-se à narrativa de dois estudos que visam investigar essa questão. O primeiro busca a relação entre o peso e o WHR com a atratividade física e traços de personalidade associados:

Cento e seis homens (72 caucasianos e 34 hispânicos) de idades entre 18 e 22 anos participaram neste estudo como parte de um requerimento para um curso de pré-graduação. Os estímulos foram constituídos por desenhos de 12 linhas de figuras femininas representando quatro níveis de WHR (0,7, 0,8, 0,9 e 1,0) e três níveis de peso corporal (normal, baixo e sobrepeso) (SINGH e YOUNG:1995:124-5)⁹¹

Para cada figura observada os sujeitos deveriam ranquear os três atributos que mais acreditavam que elas possuíam, e os que menos acreditavam, dentre os seguintes: boa saúde, aparência jovem, atratividade, sexy, desejo de ser mãe, capacidade de ter filhos, ambição e orientação para a carreira, boa companhia, inteligência, agressividade, gentil e compreensiva, interessante de se conversar e bom senso de humor (SINGH e YOUNG:1995:126). Um dos resultados encontrados foi na contramão daqueles que eram esperados, pois era esperado que a categoria juventude fosse alocada em conjunto com a de atratividade, o que não foi verificado. Contudo, os demais resultados apontaram que os sujeitos fizeram uso do peso e do WHR para inferir sobre os traços de personalidade das mulheres, em consonância com as expectativas:

Parece que Ss utilizou tanto o WHR quanto peso corporal para fazer inferências sobre atributos de atração e personalidade. Não acharam figuras com baixo peso e sobrepeso atraentes mesmo que exibissem menores WHRs. As figuras com menor peso foram mais ligadas a juventude se exibissem baixo WHR (U7 e U8); figuras magras com WHR mais alto (U9 e U10) foram consideradas menos atraentes e não foram associadas a nenhum atributo de personalidade positivo. Parece que peso corporal normal e distribuição de gordura ginoide

information is ultimately used in judging physical attractiveness and personality attributes?"

⁹¹ *"One hundred and six males (72 Caucasian and 34 Hispanic) aged 18-22 years participated in this study as a part of an undergraduate course requirement. The stimuli consisted of 12 line drawings of female figures representing four levels of WHR (0.7, 0.8, 0.9 and 1.0) and three levels of body weight (normal, under- and overweight)"*

foram críticas para a ideia de atração e associação de atributos positivos. (SINGH e YOUNG:1995:26-7)⁹²

Nos Pease, a relação entre cintura e quadril aparece como elemento dominante da atração de homens por mulheres, embora em Singh (1995) ela seja um fator importante a depender de sua consonância com outras características, por exemplo: corpos abaixo ou acima do peso não foram considerados atrativos mesmo possuindo uma baixa WHR.

O Segundo estudo que analiso, *Is thin really beautiful and good: Relationship between waist-to-hip ratio (WHR) and female attractiveness* (1994), pretendeu investigar como os sujeitos atribuem qualidades tendo como base somente o WHR. Para isso foram mostradas fotos de uma mesma mulher, modificadas para apresentarem diferentes WHR, com o cuidado de que nelas não aparecesse a parte de cima do torso e a face. Para esse estudo foram mobilizados “Sessenta e quatro homens (46 caucasianos e 18 hispânicos) com idades entre 18 e 22 anos” (SINGH e YOUNG:1994:127)⁹³, e:

Eles atribuíram um número para cada fotografia (1=mais; 4=menos) de acordo com as seguintes características na seguinte ordem: atração física, juventude, boa saúde, seria uma boa companhia, capacidade de ter filhos, fidelidade, gentileza e compreensão, inteligência, agressividade, e necessidade de perder peso. Os outros procedimentos foram essencialmente idênticos ao Estudo 1 (SINGH e YOUNG:1995:128)⁹⁴

Os resultados mostraram que os menores WHR foram associados à atração, porém não a atributos psicológicos positivos, e aos maiores WHR se sucedeu o contrário:

⁹² “It seems that Ss utilized both WHR and body weight to make inferences about attractiveness and personality attributes. They did not find under- or overweight figures attractive in spite of lower WHRs. Underweight figures were ranked high for youthfulness if they had lower WHR (U7 and U8); thin figures with higher WHR (U9 and U10) were judged to be unattractive and were not assigned any positive personality attributes. It appears that normal body weight and gynoid fat distribution were critical for inferring attractiveness and associated positive attributes”

⁹³ “Sixty-four males (46 Caucasian and 18 Hispanic) aged 18-22 years”

⁹⁴ “they ranked each photograph (1 = most; 4 = least) for each of the following characteristics in the following order: physical attractiveness, youthfulness, good health, would be a good companion, capability of having children, faithfulness, kind and understanding, intelligence, aggressiveness, and need to lose weight. The other procedural details were essentially identical to Study I”

Parece que ser considerado não-atraente não impede julgamentos positivos em outros atributos. Por outro lado, os indivíduos não deram à figura considerada mais atraente notas altas para atributos de inteligência, gentileza e compreensão ou fidelidade, sugerindo que não associavam atração a outras características positivas. (SINGH e YOUNG:1995:129)⁹⁵

É deixado claro que o WHR não é o único fator através do qual as pessoas analisam a atratividade, e que “A implicação mais importante das presentes descobertas é que a distribuição de gordura corporal, similarmente ao rosto, fornece uma base para inferências de atributos de personalidade” (SINGH e YOUNG:1995:131)⁹⁶. Nos Pease, a contribuição mais importante de Singh não está relacionada à associação entre o WHR e determinadas características da personalidade, mas sim no WHR ser um fator de atração sexual.

No artigo de 1994, a questão do acúmulo de gordura é novamente trazida, e é colocado que alguns traços físicos femininos como o tamanho dos seios, do corpo e das nádegas, foram estudados enquanto determinantes da atração sexual das mulheres. Esses fatores estariam ligados à capacidade da mulher sobreviver em tempos de fome e de armazenar nutrientes necessários para a gravidez e alimentação da prole. Embora não se saiba, afirmam os autores, o papel do tamanho dos seios no sucesso da gravidez e do parto, o fato deles variarem em tamanho e formato fez com fossem considerados uma característica sexual. Os autores afirmam que há evidências empíricas de que homens preferem seios maiores, bem como sugestões de que os homens que os preferem teriam gostos mais masculinos.

A citação referente ao trabalho de análise de capas da revista *Playboy* e das concorrentes à Miss América aparecem aqui enquanto trabalho de outra pessoa, a quem Singh se refere quando expondo seus argumentos:

Por exemplo, Garner et al. (1980) anunciaram que, durante os últimos 30-40 anos, as capas da *Playboy* e as participantes do Miss

⁹⁵ “*It seems that being perceived as unattractive does not preclude assignments of some desirable attributes. On the other hand, Ss did not assign the most attractive figure a high ranking for the attributes of intelligence, kindness and understanding or faithfulness, suggesting they did not associate attractiveness with general goodness.*”

⁹⁶ “*The most important implication of the present findings is that body fat distribution, very much like the face, provides a basis for inferences of personality attributes*”

América têm ficado mais magras e mais tubulares. Similarmente, Morris, Cooper e Cooper (1989) concluíram que as modelos britânicas no período entre 1967 e 1987 exibiram uma “tendência no sentido de um formato corporal mais 'tubular ou andrógina” (p. 593). Uma mulher com um formato de corpo tubular não teria curvas corporais, e um WHR de 1.0 seria mais próximo do corpo de tal mulher (SINGH e YOUNG:1994:487)⁹⁷

Cabe ressaltar que a pesquisa relativa à Playboy não trata das mulheres das capas, mas sim daquelas que posam para os pôsteres que vem no meio da revista. Deste modo, considero que não foi possível encontrar uma publicação de Singh a respeito do assunto.

1.7 Elizabeth Hill, Elaine Nocks e Lucinda Gardner

Elizabeth Hill é uma psicóloga evolucionista interessada na interação entre ambiente e biologia na análise de comportamentos de risco. Para isso, faz uso da teoria evolucionária no tocante ao investimento parental. Já Elaine Nocks é uma psicóloga social interessada em religião e estudos de mulheres. Não foi possível encontrar informações confiáveis sobre Lucinda Gardner.

Citadas em *Desvendando os segredos da atração sexual* (2009), a respeito de uma pesquisa onde analisam o papel do status social no poder de atração, o que inclui a sinalização deste através de joias, roupas e extensões de pele à mostra.

“Elizabeth Hill, Helaine Nocks (sic) e Lucinda Gardner pesquisaram a influência que tanto o corpo quanto o nível social indicado por roupas e joias exercem no poder de atração despertado por homens e mulheres. Participaram desse estudo 81 universitárias e 61 universitários. A exibição do corpo foi manipulada por meio de alterações no ajuste das roupas e pelo grau de exposição da pele. O nível social, por sua vez, foi manipulado com mudança de trajes que podia ser associados a diferentes classes sociais. Os participantes avaliavam os modelos do sexo oposto quanto ao físico e ao poder de atraí-los para encontros, relações sexuais e casamento. Todas essas classificações melhoravam quando as roupas que os modelos usavam eram de alto nível, sobretudo quando seu corpo não ficava à mostra. Quando se dava destaque ao físico, no entanto, havia um aumento generalizado do poder de atração da pessoa como parceiro

⁹⁷ “For example, Garner et al. (1980) reported that during the past 30-40 years Playboy centerfolds and Miss America contestants have become thinner and more tubular. Similarly, Morris, Cooper, and Cooper (1989) concluded that British fashion models over the period of 1967-1987 exhibited a "trend toward a more 'tubular or androgynous' body shape" (p. 593). A female with a tubular body shape would have no body curves, and 1.0 WHR would approximate the body shape of such a female”

sexual, mas sua cotação como parceiro para casamento diminuía.”
(PEASE:2009:225)

Em seu artigo *Physical Attractiveness: Manipulation by Physique and Status Displays*, de 1987, as autoras concluem que mulheres tentam conquistar parceiros se enfeitando com joias e usando o corpo à mostra como artifício. Já os homens buscam atrair parceiras através de demonstrações de *status*. Sua hipótese tem como de partida a assunção de que a atração sexual de homens e mulheres aumenta na medida em que suas diferenças são acentuadas:

“Morris (1967) sugeriu que exageramos precisamente essas diferenças de gênero na moda; exemplos são cocares altos e ombreiras para homens, e corsetes, sutiãs com bojo e batons para mulheres. Low (1979) usou o termo “ornamentação” para descrever essa diferenciação cultural e voluntária de gênero. A ornamentação masculina consiste de símbolos de sucesso indicando maior potencial para investimento reprodutivo ou ornamentos de capacidade sexual, simbolizando vigor físico e aptidão. Para as mulheres, Low (1979) classificou ornamentos de acordo com exibição de aptidão para a maternidade (como os sutiãs com bojo), receptividade sexual (por exemplo, maquiagem facial destacando os olhos, lábios e bochechas) e disponibilidade sexual (a ausência ou a presença de anéis de casamento). (HILL, GARDNER e NOCKS:1987:144)⁹⁸

Foi apontada uma diferença nas expectativas masculinas de “mulheres para casar” e “mulheres para ter relacionamentos casuais”, as que mostram mais o corpo encaixam-se na segunda categoria. O casamento é compreendido através de uma perspectiva que o coloca como uma troca social onde o homem contribui com segurança material, ao passo que a mulher retribui oferecendo atratividade. De acordo com o artigo das autoras, homens casados com mulheres atraentes são julgados mais positivamente do que aqueles que se apresentam com mulheres não atraentes. Esse

⁹⁸ “Morris (1967) suggested that we exaggerate precisely these gender differences in fashion; examples are tall headdresses and shoulder pads for men, and corsets, padded bras, and lipstick for women. Low (1979) used the term “ornamentation” to describe this cultural, voluntary augmentation of gender. Male ornamentation consists of success tokens signifying potential for parental investment or sexual fitness ornaments symbolizing physical vigor and prowess. For females. Low (1979) classified ornaments into displays of maternal fitness (e.g., padded bras), sexual receptivity (e.g., facial makeup enhancing the eyes, lips, and cheeks), and sexual availability (e.g., presence/absence of wedding rings).”

fator não se estenderia às mulheres, que são avaliadas por sua própria atratividade física, não a de seus parceiros.

A pesquisa aqui analisada foi realizada com universitários:

Os participantes eram 81 mulheres e 61 homens estudantes de um curso introdutório de psicologia numa universidade estadual de tamanho médio na Carolina do Sul, que estavam cumprindo um requerimento de participação experimental (HILL, GARDNER e NOCKS:1987:145)⁹⁹

O que era considerado sinal de *status* para esse grupo foi avaliado através das respostas providas por uma amostra do grupo escolhido para a pesquisa (ou seja, universitários) à pergunta:

Que símbolos de roupa ou moda indicam riqueza ou status no sexo oposto?” Os homens mais frequentemente responderam roupas “jovens” (camisas polo ou Oxford e calças cáqui) e peças de designers famosos como símbolos de potencial status nas mulheres. Muitos outros também mencionaram ouro e outras joias caras. A indumentária foi um símbolo importante para as mulheres avaliando homens, com muitas citando joias de ouro (anéis ou colares) e relógios como sinais. De acordo com o consenso predominante, variações em status eram percebidos pelos homens ao contrastar ternos e paletós completos, jaquetas de esportes, jeans de designers famosos e joias de ouro com jeans sem marca, regatas ou camisetas, joias e nenhuma joia. Para as mulheres, regatas sem marca, camisetas, jeans e nenhuma joia contrastaram com vestidos formais de alto status, blazers ou suéteres monogramados com camisas abotoadas, calças cáquis ou camisas de tweed e joias de ouro. (HILL, GARDNER e NOCKS:1987:146)¹⁰⁰

⁹⁹ “Participants were 81 female and 61 male students in introductory psychology classes at a moderately large state-supported university in South Carolina who were fulfilling an experimental participation requirement.”

¹⁰⁰ “What fashion or clothing symbols communicate wealth or status in the opposite sex?” Men most frequently mentioned “preppy” clothes (Oxford or polo shirts and khaki pants) and designer labels as potential female status symbols. Several also mentioned gold or other expensive jewelry. Clothing was an important symbol for women assessing men, with many also noting gold jewelry (rings or neckchains) and watches as signals. According to the predominant consensus, variations in status were created for men by contrasting three-piece suits, sport jackets, designer jeans, and gold jewelry with nondescript jeans, tank tops or tee shirts, and no jewelry. For women, low-status tank tops, tee shirts, jeans, and no jewelry contrasted with high-status formal gowns, blazers or monogrammed sweaters with button-down blouses, khaki pants or tweed shirts, and gold jewelry”

Os estímulos foram manipulados através de roupas justas e reveladoras de pele. Os resultados mostraram que a acentuação dos atributos físicos aumentavam o valor de atratividade do sujeito enquanto parceiro sexual, mas não enquanto parceiro marital. Contudo, as respostas de homens e mulheres aos estímulos apresentaram variações, de modo que:

Os homens enfatizaram a exibição de um bom status físico nos dados de atração física, sexual e de relacionamento, com a atração reduzida em condições de baixo status físico e muito reduzida quando a exibição de status também era baixa. Apenas ao avaliar a atração marital em parceiras de baixo status os homens fugiram desse padrão, dando uma nota menor à modelo de alto padrão físico e maior à de baixo padrão físico. As mulheres, por outro lado, responderam mais favoravelmente à exibição de um baixo padrão físico em pessoas por todos os indicadores de atração (física, sexual, de relacionamento e marital). Status mais altos aumentavam a atração de um homem de menor status físico. Uma interpretação dessas diferenças de gênero em resposta à ornamentação é a troca da norma presente nos relacionamentos heterossexuais tradicionais, uma norma que é consistente com as previsões da teoria da seleção sexual (HILL, GARDNER e NOCKS:1987:150)¹⁰¹

O que está em jogo neste artigo é a presunção da existência de um duplo padrão: casamento X sexo casual, assim como de associações entre homens e status e mulheres e corpos, pois estes seriam seus valores enquanto reprodutores: “Os resultados são primariamente discutidos em termos de troca econômica e expectativas relativas ao comportamento sexual que estão envolvidas no casamento tradicional” (HILL, GARDNER e NOCKS:1987:143)¹⁰².

Considera-se que, para as mulheres, o físico não representa um fator tão importante devido a seu não engajamento no sexo casual, o que pode apresentar

¹⁰¹ “Men emphasized physique display in physical, sexual, and dating attractiveness ratings with attractiveness reduced in low-physique- display conditions and much reduced when status display was also low. Only when evaluating marital attractiveness in a low-status partner did men deviate from this pattern, rating the high-physique-display model lower than the low-physique-display model. Women, on the other hand, responded more favorably to low physique display in target persons across all indicators of attractiveness (physical, sexual, dating, and marital). High status further increased the attractiveness of a low-physique-display male target person. One interpretation of these gender differences in response to ornamentation is the exchange norm present in traditional heterosexual relationships, a norm that is consistent with predictions of sexual selection theory”

¹⁰² “Results are primarily discussed in terms of the economic exchange and expectations regarding sexual behavior that are involved in the traditional marriage”

mudanças devido ao uso de contraceptivos. Também foi aventada a possibilidade de que a fisicalidade em homens não tenha o mesmo sinal de sexualidade que a aparência das mulheres possui para os homens. Assim, a exposição do corpo masculino seria interpretada enquanto um sinal de status inferior, devido às convenções da moda masculina. Por fim, frisa-se a importância de novos estudos sobre o assunto que possam abarcar outros tipos de relacionamento e diferenciar de modo mais profundo os fatores em jogo na atração sexual.

No caso do trabalho de Hill, Nocks e Gardner, podemos observar que a citação dos Pease é mais condizente com o conteúdo do artigo de referência, muito embora as diferenças de gênero encontradas e suas possíveis explicações não sejam exploradas.

1.8 Gunther Dorner

Gunther (ou Gunter) Dorner foi um pioneiro da neuroendocrinologia e diretor do Instituto de Neurologia Experimental da Universidade Humboldt, em Berlim. É citado em *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* (2000), como pioneiro em estudos que relacionam o desenvolvimento embrionário à formação da identidade de gênero (aqui utilizada como sinônimo do sexo do cérebro). No livro dos Pease é atribuída a ele a descoberta de que o embrião, inicialmente feminino, se modifica através do recebimento de testosterona, que acaba por ser responsável por dotá-lo de habilidades especificamente masculinas. Também é colocado que suas pesquisas consideram que o hipotálamo de homens homossexuais ao receberem hormônio feminino, reage da mesma forma que o hipotálamo feminino.

“O Dr. Gunther Dorner, renomado cientista alemão, pioneiro em estudos nessa área, foi dos primeiros a apresentar a teoria de que nossa identidade sexual se forma entre seis e oito semanas depois da concepção. Sua pesquisa demonstrou que, se o feto é geneticamente um menino (XY), desenvolve células especiais que fazem circular pelo corpo grandes quantidades de hormônio masculino, especialmente testosterona, formando os testículos e configurando o cérebro para traços e comportamentos masculinos, tais como visão a longa distância e habilidades espaciais que lhe permitam perseguir, atirar e caçar” (PEASE:2000:47)

Dorner foi uma das primeiras pessoas a advogar que a diferenciação cerebral é governada por hormônios e neurotransmissores. Aqui trarei dois artigos de Dorner que tratam do tema trazido pelos Pease, a saber: *Hormone-dependent brain*

development, de 1983 e *Sexual differentiation of gonadotrophin secretion, sexual orientation and gender role behavior*, de 1987.

Para compreender o trabalho de Dorner, é preciso primeiro compreender o que ele está chamando de hormônios e qual sua relação com neurotransmissores:

*“HORMONES may be defined as chemical messengers that are produced in specialized cells and exert biological effects on other cells of the same organism by acting either locally, i.e. as local hormones, or on distant target cells, i.e. as systemic, blood-borne or classical hormones. In view of this definition, neurotransmitters may be regarded as local hormones of the brain. Moreover, two different effects can be distinguished for neurotransmitters as well as for systemic hormones: (1) transient, i.e. reversible activational or inactivational effects on **gene expression** and/or enzyme activities in adult life and (2) **persistent, i.e. more or less irreversible differentiatinal or organizational effects on gene expressibility**, if systemic hormones and neurotransmitters act during critical developmental periods, especially of the brain”*(DORNER:1983:205, grifos do original)

Ou seja, os neurotransmissores e os hormônios sexuais não são apenas ativadores cerebrais, mas também organizadores do cérebro. Esse artigo de 1983 foi escrito com base em resultados que foram observados ao longo de 15 anos em laboratórios, sendo eles: ratos machos castrado ao nascimento que apresentavam comportamentos heterotípicos, ou seja, uma preferência sexual por parceiros machos. Independentemente do sexo genético, o comportamento sexual feminino ou masculino nos ratos variou de acordo com a quantidade de androgênios recebida durante a fase de diferenciação sexual:

De acordo com essas descobertas, podemos trabalhar na hipótese de uma predisposição neuroendócrina para hipo, bi ou homossexualidades primárias, baseadas em diferentes graus de deficiência de androgênios em homens e excesso de androgêneos em mulheres durante a diferenciação sexual do cérebro (DORNER:1983:206)¹⁰³

¹⁰³ *“According to these findings, one can hypothesize a neuroendocrine predisposition for primary hypo-, bi- or homosexuality, based on different degrees of androgen deficiency in males and androgen excess in females during sexual differentiation of the brain”*

Essas mudanças permanentes no comportamento sexual foram associadas com mudanças permanentes estruturais e químicas em regiões do cérebro responsáveis pelo comportamento sexual.

Os artigos analisados de Dorner se caracterizam principalmente por testes em ratos de laboratório, a fim de observar como a presença de determinados hormônios aplicados em certas fases da vida (especialmente fases consideradas como de formação da identidade de gênero) altera seus comportamentos.

De acordo com os autores do artigo de 1987, os androgênios são os maiores responsáveis pela diferenciação cerebral, que se dá durante o período intrauterino:

O dimorfismo sexual do cérebro, que depende do nível de testosterona na vida perinatal, foi inicialmente descoberto em ratos [7]. Os volumes nucleares de células nervosas em regiões distintas do cérebro, como por exemplo no núcleo ventromedial hipotalâmico, eram significativamente aumentadas em ratas se comparado aos ratos. Estruturas sexuais específicas no cérebro podiam ser invertidas por administrações perinatais de androgênios em fêmeas ou castração neonatal em machos. Um dimorfismo sexual do cérebro foi concomitantemente confirmado em diversas espécies, incluindo seres humanos (DORNER, et al.:1987:1081)¹⁰⁴

Através da administração de androgênios e estrogênios em ratos no período da diferenciação sexual foi possível fazer com que ratos machos e fêmeas apresentassem comportamentos sexuais relativos ao outro sexo:

Uma inversão completa do comportamento sexual foi inclusive atingida. Fêmeas perinatalmente e pós-pubertalmente androgenizadas mountavam machos castrados neonatalmente que exibiam um comportamento lordótico receptivo e feminino (DORNER, et al.:1987:1081-2)¹⁰⁵

¹⁰⁴ “A sexual dimorphism of the brain, which is dependent on the testosterone level in perinatal life, was first found in rats [7]. The nuclear volumes of the nerve cells in discrete brain regions, e.g. in the hypothalamic ventromedial nucleus, were significantly enlarged in female rats as compared to male rats. Such sex-specific brain structures could be inverted by perinatal androgen administrations in females or neonatal castration in males. A sexual dimorphism of the brain was meanwhile confirmed for several species, including human beings”

¹⁰⁵ “A complete inversion of sexual behaviour was even achieved. Perinatally and postpubertally androgenized females mounted neonatally castrated males who displayed receptive, female-like lordotic behaviour”

Wjingaard (1997) esmiúça esse processo, que faz parte do desenvolvimento da teoria organizacional, já mencionada nesta dissertação. Wjingaard (1997) afirma que foi a observação do comportamento sexual em ratos que permitiu estabelecer a ligação entre comportamento sexual e diferenciação cerebral. O comportamento sexual do macho era o de “montar”: “Um animal sobe nas costas de outro animal”, e o comportamento sexual feminino era o comportamento lordótico: “um arqueamento das costas” (WJINGAARD:1997:49). Embora na natureza ambos os comportamentos possam ser observados em ambos os sexos, a divisão persistiu. Uma vez, então, que não houve um comportamento sexual feminino ativo, nem um comportamento sexual masculino passivo, os comportamentos sexuais masculino e feminino ficaram estabelecidos enquanto opostos, correspondendo às funções dos hormônios:

“The theory had consequences for the scope of possible research topics. As active female sexual behavior did not exist within the framework of the organizational theory in the 1960s, it was not studied; androgens and masculinity in the brain ruled the investigations of behavior” (WJINGAARD:1997:50)

A autora inclusive cita o trabalho de Dorner, que teria sido polêmico por sugerir um modo de prevenir a homossexualidade:

“Gunther Dorner, the director of the Institute of Experimental Endocrinology at Humboldt University in Berlin (German Democratic Republic) suggested hormone treatments for women considered at risk for giving birth to a homosexual son” (WJINGAARD:1997:33)

Voltando ao artigo de Dorner, quando da comprovação de que homens gays possuiriam cérebros femininos em função de uma deficiência de androgênios no período da diferenciação cerebral:

“Uma disputa mundial foi iniciada sobre os níveis de hormônios sexuais pré-natais ou aprendizados psicossociais pós-natais podiam ser mais importantes para as diferenças sexuais do cérebro, orientação sexual, comportamento de papel de gênero e identidade de gênero. Na minha opinião, os efeitos de hormônios sexuais e do ambiente psicossocial na diferenciação sexual e função do cérebro representam mais do que alternativas suplementares, posto que ambos aparecem ser mediados por neurotransmissores no cérebro. No entanto, os resultados obtidos em machos do sexo masculino com a síndrome Imperato-McGinley sugerem que níveis de testosterona pré-natais podem ser ainda mais importantes para a

Uma vez que foi verificado que ratos machos que sofreram *stress* no período pré-natal apresentaram feminilização, considerou-se o estudo do quanto o *stress* maternal afetaria a homossexualidade masculina. Esse efeito em seres humanos poderia ser prevenido pelo menos em parte através da administração de testosterona e norepinefrina durante o período gestacional.

Uma série de pesquisas foi conduzida até que se extrapolasse a hipótese para humanos, de modo que:

“In mothers of homosexual men, undesired and illegitimate children were often found to be the reason for stressful events during their pregnancies [22]. Therefore, 51 homosexual women were also interviewed in comparison with 150 heterosexual women to find whether they were born as illegitimate and/or undesired children. As demonstrated in Fig. 4, highly significantly more homosexual than heterosexual women were born, indeed, as illegitimate and/or undesired children” (DORNER, et al.:1987:1084)

1.9 Paul Ekman

Paul Ekman foi um psicólogo interessado nas emoções e expressões faciais humanas. Junto com Wallace Friesen, criou o *Facial Action System*, um sistema concebido para analisar os grupos musculares da face e sua mobilização em cada tipo de emoção.

É citado em *Desvendando os segredos da linguagem corporal* (2005), em sua pesquisa sobre o sistema FACS (*Facial Action Coding System*) e a possibilidade de se distinguir sorrisos falsos e verdadeiros:

¹⁰⁶ *“a world-wide dispute was started about the question whether prenatal sex hormone levels or postnatal psychosocial learning processes may be more important for sexual differentiation of the brain, sexual orientation, gender role behaviour and gender identity. In my opinion, effects of sex hormones and of the psychosocial environment on sexual differentiation and function of the brain represent rather than supplement alternatives, since both appear to be mediated by neurotransmitters in the brain. However, the findings obtained in human males with Imperato-McGinley’s syndrome suggest that prenatal testosterone levels may be even more important for sexual differentiation of the brain than postnatal psychosocial influences”*

“Os cientistas são capazes de distinguir os sorrisos verdadeiros dos falsos usando o chamado Sistema de Codificação da Ação Facial (FACS), concebido pelo professor Paul Ekman, da Universidade da Califórnia, e pelo Dr. Wallace V. Friesen, da universidade de Kentucky. Os sorrisos verdadeiros são gerados inconscientemente pelo cérebro, o que significa que são automáticos. Quando você sente prazer, alguns sinais circulam pela parte do seu cérebro que processa a emoção, fazendo com que os músculos da sua boca se movam, suas bochechas de ergam, seus olhos se estreitem e suas sobrancelhas abaixem ligeiramente” (PEASE:2005:55)

“Paul Ekman, que descobriu que, além de a movimentação da metade inferior do corpo aumentar quando a pessoa mente, o observador tem mais chance de pegar uma mentira quando pode ver a totalidade do corpo do mentiroso” (PEASE:2005:138)

O artigo consultado se chama *Smiles when lying*, e foi publicado em 1988. Trata da investigação da diferença entre os sorrisos genuínos, que envolveriam o engajamento da musculatura próxima aos olhos, e aqueles relacionados à mentira. Um dos pressupostos do artigo é a teorização de que a pessoa que mente tenderia a se esforçar muito mais para disfarçar o seu rosto do que os movimentos das mãos ou dos pés, de modo que se torna mais fácil perceber uma mentira quando se analisa todo o corpo da pessoa que fala. Ainda assim, o rosto indicaria várias pistas de que uma mentira está sendo contada, um fator que não havia sido estudado bem até então. O estudo realizando, partiu da análise de diversos tipos de sorrisos:

Neste estudo medimos aspectos mais sutis de expressões faciais, distinguindo entre diferentes tipos de sorrisos. Os materiais examinados foram fitas de vídeo em que os sujeitos inicialmente descreviam sentimentos prazerosos e depois mentiam, disfarçando emoções negativas e declarando falsamente sentimentos positivos (EKMAN, FRIESEN e O’SULLIVAN:1988:414)¹⁰⁷

Através da observação desses videos, Ekman, Friesen e O’Sullivan perceberam que os métodos de análise das expressões existente até o momento não dariam conta de identificar as pistas faciais de uma mentira. Assim:

¹⁰⁷ “*In this study we measured more subtle aspects of facial expression, distinguishing among different types of smiling. The materials examined were videotapes in which the subjects first truthfully described enjoyable feelings and then lied, concealing negative emotions and falsely claiming positive feelings*”

Ekman e Friesen levaram 8 anos para desenvolver a ferramenta que julgaram necessárias para a tarefa, sua técnica abrangente de medição facial, o Sistema de Codeamento de Ação Facial (FACS) (Ekman & Friesen, 1978). Neste artigo declaramos os resultados do primeiro uso do FACS para medir expressões faciais quando pessoas mentem deliberadamente (EKMAN, FRIESEN e O'SULLIVAN:1988:414)¹⁰⁸

O FACS analisa as expressões com base em unidades de ação, o sistema é embasado nos movimentos musculares e suas dinâmicas. Com base na análise realizada, Ekman, Friesen e O'Sullivan identificaram dois movimentos musculares básicos envolvidos no sorriso.

No artigo de 1988 estudantes de enfermagem foram filmadas em duas entrevistas, durante a exibição de um filme. Os sujeitos de pesquisa deveriam responder questões acerca de como se sentiram:

Na entrevista sincera, os sujeitos estavam numa situação relativamente pouco estressante. Foram exibidos filmes sobre a natureza montados para provocar sentimentos de prazer e os sujeitos foram instruídos a descrever seus sentimentos francamente. Na entrevista falsa, os sujeitos assistiram a um filme mostrando amputações e queimaduras, produzido para causar emoções fortemente desagradáveis. Eles foram instruídos a esconder emoções negativas e convencer o entrevistador de que estavam assistindo a outro filme agradável. (EKMAN, FRIESEN e O'SULLIVAN:1988:415)¹⁰⁹

Os vídeos foram filmados em close e em preto e branco e:

As medidas foram baseadas no FACS de Ekman e Friesen (1976, 1978). O FACS é a primeira e única técnica baseada em anatomia,

¹⁰⁸ “It took Ekman and Friesen 8 years to develop the tool they thought necessary for the task, their fine-grained, comprehensive facial measurement technique, the Facial Action Coding System (FACS) (Ekman & Friesen, 1978). In this article we report the findings from the first use of FACS to measure facial expressions when people deliberately lie”

¹⁰⁹ “In the honest interview, the subjects were in a relatively unstressful situation. Nature films designed to elicit pleasant feelings were shown, and subjects were instructed to describe their feelings frankly. In the deceptive interview, subjects saw a film showing amputations and burns, intended to elicit strong unpleasant emotions. They were instructed to conceal negative feelings and convince the interviewer they were watching another pleasant film”

abrangente e objetiva para medir todos os movimentos faciais observáveis (EKMAN, FRIESEN e O’SULLIVAN:1988:416)¹¹⁰

As imagens foram analisadas tendo-se em mente quais conjuntos musculares da face estão associados com a sensação de felicidade ou de emoções negativas. Os resultados mostraram que quando o sorriso era real, os músculos orbiculares estavam envolvidos mais vezes do que nos sorrisos fingidos. E nos sorrisos fingidos, os músculos associados aos sentimentos negativos como raiva e tristeza apareceram mais do que nos sorrisos verdadeiros.

Embora o estudo tenha comprovado as hipóteses dos autores, apresentaram contradições em comparação com os resultados de outros estudos sobre o tema. Essas contradições podem ter ocorrido porque apenas nesse estudo se comparou especificamente dois tipos de sorrisos. Outra possibilidade é que o estudo em questão trabalhou com cenários de emoção, enquanto os outros, não:

Nem sempre sorrisos oferecem pistas para mentiras De fato, Ekman (1985) argumenta que nenhuma pista comportamental é em si específica para enganar, evidente apenas quando as pessoas mentem e ausente quando falam a verdade. Pistas para mentiras devem, em vez disso, ser entendidas tendo como base o conhecimento da mentira em particular que é suspeita de estar ocorrendo. Se nossos sujeitos não estivessem sentido emoções fortemente negativas evocadas pelos filmes que estavam assistindo e pelo medo de serem pegos, não teria havido emoções negativas para vazar pelos seus sorrisos falsos, e tal medida não teria diferenciado as entrevistas falsas das verdadeiras (EKMAN, FRIESEN e O’SULLIVAN:1988:418)¹¹¹

Deste modo, perceber se uma pessoa está mentindo ou não é um processo mais complexo do que fazem parecer os Pease, que colocam na figura “dos cientistas” a capacidade de saber a verdade sobre as afirmações e sentimentos dos sujeitos.

¹¹⁰ “The measurements were based on Ekman and Friesen's (1976, 1978) Facial Action Coding System. FACS is the first and only anatomically based, comprehensive, objective technique for measuring all observable facial movement”

¹¹¹ “Smiles will not always provide clues to deceit. Indeed, Ekman (1985) has argued that no behavioral clue is specific to deceit itself, evident only when people lie and absent when they are truthful. Clues to deceit instead must be inferred on the basis of knowledge of the particular deceit one suspects may be occurring. If our subjects had not been experiencing strong negative emotions evoked by the films they were viewing and by their fear of being caught, there would have been no negative emotions to leak through their masking smiles, and that measure would not have differentiated the deceptive interviews from the honest interviews”

No artigo de Ekman (1988), os autores colocam que a leitura da linguagem corporal é mais fácil quando se trata de emoções que estão sendo expressadas:

Expressões faciais (e muitas pistas vocais e corporais também) mais provavelmente oferecem pistas para mentiras quando a mentira é referente a emoções, especialmente as sentidas no momento da mentira. Mesmo quando a mentira não é sobre sentimentos. Ekman (1985) teorizou que sentimentos sobre mentir – medo de ser pego, culpa pela mentira, ou o deleite de iludir (o prazer e a excitação dos desafios em enganar alguém) – podem produzir pistas comportamentais para a mentira. Esses sentimentos não vão surgir em todas as mentiras. Em nosso cenário de falsidade, os sujeitos não sentiram culpa por mentir porque haviam recebido instruções para fazê-lo e também justificativas aceitáveis para tal. Mas eles tinham medo de ser pegos porque pensavam que seu sucesso em mentir era relevante para a carreira escolhida. Em nenhum dos experimentos envolvendo mentiras havia tanto para se perder de parte dos sujeitos testados (EKMAN, FRIESEN e O’SULLIVAN:1988:418)¹¹²

Outra pergunta que surgiu em decorrência desse estudo diz respeito à diferença entre sorrisos verdadeiros e falsos poderem ser reconhecidos nas interações sociais. Resultados de pesquisas anteriores sugeriram que não. Essas fitas foram mostradas a observadores que não foram capazes de diferenciar os sorrisos. Os autores ressaltam que acreditam que as diferenças entre os sorrisos são visíveis e identificáveis quando se sabe o que procurar. Um experimento relativo à capacidade de pessoas do sistema penal de identificarem mentiras através da observação dessas fitas estava sendo conduzido à época, e alguns dos sujeitos haviam sido capazes de diferenciar os sorrisos, afirmando que buscaram por pistas faciais.

2. Conectando

¹¹² “*Facial expressions (and many vocal and bodily clues as well) are most likely to provide clues to deceit when the lie is about emotion, especially emotion felt at the moment of the lie. Even when the lie is not about feelings. Ekman (1985) theorized that feelings about lying—fear of being caught, guilt about lying, or duping delight (the pleasure and excitement of the challenge of fooling someone)—may produce behavioral clues to deceit. Those feelings will not occur in every lie. In our deception scenario, the subjects were not guilty about lying because they had been told to lie and given an acceptable justification for doing so. But they were afraid of being caught because they thought their success in lying was relevant to their chosen career. In none of the previous deception experiments has there been so much at stake*”

Faz-se necessário agora olhar para todos esses elementos enquanto pertencendo a um mesmo conjunto, desmembrado para fins de análise. O que precisamos é juntar as peças novamente. Isso será feito tendo em mente o trabalho de Bruno Latour (1997), que sugere que a ciência seja investigada não a partir de seus resultados finais, mais sim de seus processos. Para tanto, faz uma série de proposições acerca da literatura científica. Um ponto central de sua proposição diz respeito às estratégias e atores mobilizados nos artigos científicos.

Um “fato” científico o é assim considerado através das sentenças outras que o acompanham. Essas sentenças são denominadas modalidades e podem ser positivas ou negativas. daquelas que afastam o “fato” de suas condições de produção, diz-se positivas, e das que o aproximam delas, diz-se negativas. Uma vez afastados de suas condições de produção, os “fatos” adquirem a capacidade de gerarem outros. Já a aproximação com elas faz surgir a possibilidade de que caminhos outros tivessem sido tomados a partir de um determinado ponto. Uma sentença em si não é, portanto, um fato, nem uma ficção. Qual ela será depende das sentenças que a acompanham. Duas lições são tiradas dessa percepção: a primeira afirma que para se engajar no debate, o leitor precisará aprofundar seus conhecimentos na área em questão, se afastando das implicações mais práticas. A segunda é que a cada nova contestação, a descoberta original é modificada. Assim, seu destino é dependente dos debates que são travados após sua enunciação. Veremos, dentre outros fatores, de que modo alguns dos pontos levantados por Latour (1997) podem ser verificados nos materiais apresentados ao longo deste capítulo.

Enquanto divulgação científica, alguns elementos relativos ao modo como os Pease trazem suas fontes já eram esperados. Assim sendo, chamo a atenção primeiramente para os silêncios na obra dos Pease. Conforme esperado, não somos informados dos detalhes envolvidos nas pesquisas. Não são dadas informações acerca do número de sujeitos envolvidos nas pesquisas citadas, com exceção de poucas delas. Ao comunicar as amostragens de algumas pesquisas e não de outras, a mensagem passada pelos Pease é de que essa não é uma informação relevante. Se as amostragens dos estudos referenciados não são relevantes, tampouco o são as limitações nas quais elas implicam, e os sujeitos nelas envolvidos.

As amostragens são compostas majoritariamente por indivíduos caucasianos, termo utilizado nos artigos científicos. Após os caucasianos, estão representados os hispânicos e os asiáticos e, em número menor, os negros. Não há uma discussão sobre

isso nem nos próprios artigos científicos consultados, que podem ter servido de base para a escrita dos Pease. O que mais se aproxima de uma discussão no tocante à origem dos sujeitos envolvidos na pesquisa é uma preocupação com o “pano de fundo” cultural dos sujeitos. Assim, em várias pesquisas é citado que os sujeitos compartilham do mesmo “pano de fundo” cultural. Boa parte dos estudos também possui apenas universitários como sujeitos de pesquisa, o que poderia suscitar discussões acerca de um recorte de classe/educacional.

Há um caso, contudo, em que as amostragens parecem exercer um papel fundamental, o de David Buss. O número de “culturas”, termo usado pelos Pease, pesquisadas aparece enquanto relevante na obra deste autor, ora sendo 32, ora sendo 37, ou ainda, 147. Ao longo da obra dos Pease a variedade cultural é evocada quando parte de alguma referência científica, ou enquanto fazendo parte de uma linha evolutiva, no sentido de que certos comportamentos não mais observados em sociedades contemporâneas podem ainda ser encontrados em certas localidades.

Ambas as formas de se referir à diversidade cultural são utilizadas para enfatizar os pontos trazidos, de modo a afirmar que se determinados traços podem ser verificados em diversos lugares com culturas distintas, deve ser porque se apresentam em toda a espécie humana. O modo como outras culturas aparecem sendo citadas, nos artigos científicos consultados por mim não difere. As diferenças culturais ainda são evocadas para atestar uma universalidade dos dados encontrados. Em poucos casos são encontradas incongruências dos resultados em função da diversidade cultural, e somente quando o são, é que se atribui importância aos fatores culturais. A semelhança não suscita discussões.

Outro silêncio presente nas citações dos Pease diz respeito às datas dos trabalhos escolhidos. Uma interpretação desse silêncio pode ser a de que a exposição de seu período de publicação suscitasse dúvidas acerca da validade de seus resultados para se pensar a situação contemporânea (muito embora algumas referências dos Pease tenham sido publicações na década de 2000). A época de publicação das referências só está em questão quando pode ser evocada para legitimar uma afirmativa no tempo presente, como em “desde os anos 30 já se sabe isso”, ou para frisar sua contemporaneidade, em se tratando de “descobertas recentes”.

Os desenrolares das implicações teóricas nos artigos científicos também não aparecem na obra dos Pease. Tampouco aparece a discussão acerca dos resultados, com levantamentos de hipóteses que podem coloca-los em risco e/ou aos pressupostos

teóricos. Essa é uma característica da divulgação científica, a de simplificar as informações, de modo que o caminho percorrido para que se tenha chegado até elas acabe por sofrer um processo de apagamento. Nesse processo, conexões artificiais, no sentido de não serem diretas como apresentadas, são criadas, como no caso da associação entre os efeitos do amor e da cocaína no cérebro. Eles aparecem nos Pease conectados sem o intermédio do sistema de recompensa, que aparece nos artigos originais consultados.

Estas são características apontadas por Fleck (2010) ao tratar da passagem que ocorre dos círculos esotéricos para os círculos exotéricos. Os primeiros são constituídos por especialistas, que foram introduzidos à determinada área do conhecimento e nela se estabelecem, ou visam estabelecer-se. À medida que nos afastamos destes círculos, caminhamos em direção ao público leigo, que constitui os círculos exotéricos. O conhecimento é passado a esse público de forma simplificada, onde a face da controvérsia não aparece. Nesse processo o conhecimento acaba aparecendo de modo muito mais rígido do que enquanto teorias em disputa. O conhecimento nos materiais destinados a sua divulgação é ilustrativo e apodítico, como espero ter conseguido demonstrar no presente capítulo. Também Latour (1997) traz esta reflexão, ao afirmar que a divulgação científica e a controvérsia seguem a mesma via em direções opostas. Esta, trataria de um pequeno número de vozes bem equipadas, ao passo que aquela, de um grande número de vozes mal equipadas: “Se quisermos aumentar de novo o número de leitores, precisaremos diminuir a intensidade da controvérsia e reduzir os recursos” (LATOURE:1997:88).

Se aquilo que cala é revelador, também o é aquilo que se fala. Os Pease se utilizam de números, e são números que muitas vezes são escolhidos tanto para se falar sobre uma referência científica, quanto para tratar de dicas ou explicações que não envolvem citações. Esse recurso é amplamente utilizado ao longo da obra. Também trazem números uma boa parte das referências científicas de Allan e Barbara Pease. Os resultados relativos a variações encontradas no organismo são demonstrados através de imagens, termos científicos (de partes dos cérebros, por exemplo), tabelas e gráficos. Tanto a obra dos Pease, quanto seus artigos de referência aqui consultados, utilizam esses recursos. A utilização deles, na obra dos Pease, portanto, serve a um propósito de aproximá-la da ciência, uma ciência “dura”, de métodos mensuráveis e apresentáveis em termos de uma linguagem matemática associada ou não a uma linguagem gráfica.

De acordo com Latour (1997), o artigo científico se utiliza de diversas estratégias para se defender das possíveis objeções que encontrará por parte de seu leitor. Assim, os detalhes técnicos encontrados neles servem para dificultar à oposição ao texto científico. Uma manobra utilizada para tal é o recurso demonstrar ao leitor exatamente o que está no texto, o que se dá, muitas vezes, através de um recurso gráfico. Ao utilizar figuras com legendas, o autor mostra ao leitor o que está afirmando, bem como o ensina a ler estas figuras de maneira adequada. Assim, trata-se de afirmar algo cujo referente é a figura, que, por sua vez, tem a legenda como referente (LATOURE:1997:81).

Em boa parte do que é dito, ocorrem transformações a fim de que os conteúdos fiquem mais acessíveis ao público leigo. Isso ocorre através do processo de apagamento do caminho traçado por um conceito ou resultado de pesquisa, como já mencionado, e também através da escolha de palavras, que dão o tom de como devem ser compreendidos e assimilados os resultados apresentados. Assim, o que aparece nos artigos enquanto sugestão, proposta e/ou possibilidade, aparece nos Pease enquanto certeza. Desse modo, os resultados se tornam afirmações e achados. Algumas vezes, como demonstrado na descrição etnográfica, os pressupostos dos trabalhos se tornam seus resultados. Isso faz com que os resultados das pesquisas consultadas apareçam de uma maneira muito mais rígida, o que implica que, inclusive, certas estruturas do corpo apareçam dessa forma.

Nos artigos científicos, os pressupostos teóricos são definidos claramente e, eventualmente, exemplificados através da descrição de estudos específicos. A narrativa dos Pease é de um tipo diferente, que busca aproximar o conteúdo científico do cotidiano, de modo que não se trata tanto de apresentar definições, mas de buscar demonstrar conceitos, evocando situações comuns com as quais o leitor ou leitora possam se identificar. Considerando as colocações de Cassidy (2006), parece claro que o modo através dos quais os Pease mobilizam a ciência serve ao propósito de fornecer argumentos a um debate público acerca das diferenças entre homens e mulheres. Assim, autores de diversas áreas são colocados em diálogo, bem como outros são tacitamente convidados a participar, como quando, por exemplo, são feitas afirmativas sobre o posicionamento de feministas e cientistas sociais. O objeto principal dos Pease, a diferença sexual, escapa ao domínio de uma única disciplina, de modo que uma disputa se estrutura em torno dele. Essa disputa se dá no debate público, configurando o processo desviante, segundo o qual o debate público ocorre

sem que tenha ocorrido o debate nos meios científicos, e o trabalho de fronteira, através do qual uma ciência busca se diferenciar de outras menos legítimas.

Os artigos científicos consultados tratam de generalizações, que não podem ser utilizadas para se pensar performances individuais. Já os Pease tratam da generalização, embora coloquem que é possível que a leitora ou o leitor individualmente não se identifiquem com os comportamentos de seu sexo. Seus livros são prescrições de comportamentos para homens e mulheres, pois trazem orientações sobre as melhores formas de agir para cada um deles nas suas relações. Não quero dizer aqui que os artigos científicos não estejam comprometidos com visões de mundo que impliquem em modificações nos modos como os indivíduos vivem suas vidas, mas que não trazem isso em seus discursos, ao contrário dos Pease, que o fazem explicitamente.

Latour (1997) demonstra que, ao seguir a direção da controvérsia, mais técnicas se tornam as discussões, pois mais caixas-pretas¹¹³ são abertas. Assim, aqueles envolvidos numa controvérsia oral, tornam-se leitores de materiais técnicos. Em ambos os casos, no debate oral e nos materiais técnicos, a retórica ocupa o papel principal, sendo o artigo científico considerado por Latour (1997) o mais importante material retórico. Assim, o texto científico mobiliza recursos e referências que sustentem seu ponto de vista, com a intenção de que ele siga sendo validado futuramente, pois uma sentença se torna fato ou ficção através do que é feito com ela. Aqui, podemos compreender que o artigo científico, assim como a divulgação científica, utiliza-se da arte política da retórica.

Latour (1997) também afirma que em se tratando do texto científico, além dos aliados externos, a mobilização das referências tem uma importância crucial. Um documento torna-se sério, ou não, através da adição ou subtração de referências. Para atacar um texto composto de muitas referências, é necessário atacar todas elas. A grande característica da literatura técnica é a de arregimentar vários recursos a fim de prover sua sustentação:

“Se o autor aponta explicitamente a bibliografia a que se atém, é possível que o leitor, se ainda os houver rastreie cada referência e

¹¹³ “A expressão *caixa-preta* é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai” (LATOUR:1997:14)

procure comprovar até que ponto elas correspondem à tese do autor” (LATOIR:1997:59)

Através da mobilização de referências é possível legitimar ou deslegitimar um estudo prévio que possa servir de ameaça ou suporte ao estudo do autor. Isso é enxergado através do contexto da citação. O presente capítulo desta dissertação é o resultado de seguir em direção à controvérsia, no sentido de Latour (1997), através do rastreamento das fontes dos Pease, com o intuito de esclarecer de que modo são mobilizadas no contexto da obra de autoajuda deles.

As referências dos Pease compartilham aspectos em comum, por exemplo: os artigos aqui analisados podem ser separados em dois grupos de acordo com a abordagem. O primeiro grupo seria de trabalhos que tratam da organização cerebral e outros aspectos do funcionamento fisiológico dos seres humanos, nele estão: Moir, Bartels e Zeki (2000, 2004), Dorner (1983, 1987) e Ekman (1988). O outro grupo é composto pelos trabalhos que tratam do comportamento humano e inclui os trabalhos de Ellis e Symons (1990), Nettles e Pollet (2009), Buss (1989) e Hill, Nocks e Gardner (1987). Quanto ao trabalho de Singh, acredito que embora trate de um fatos fisiológico, pode ser encaixado também no segundo grupo, pois não envolve medições das reações dos organismos dos sujeitos aos estímulos, mas avaliações a partir deles, o que o aproxima dos métodos utilizados pelo segundo grupo.

Há a presença de um fator comum que une quase todos os estudos pesquisados entre si e também, à obra dos Pease, que é o pressuposto evolucionário. É através dele que é realizada a ponte que permite que o trabalho dos Pease esteja conectado às suas fontes científicas. O que está na base dessas pesquisas citadas aqui é este pressuposto evolucionário, que leva ao pressuposto darwiniano da seleção sexual. Este, por sua vez, levaria à diferença sexual cerebral/comportamental. Para explicitar essas conexões, tomo como base os próprios artigos científicos analisados aqui. Neles, encontramos como ponto de partida a teoria da evolução, proposta por Charles Darwin (1859), segundo a qual os organismos sofreriam adaptações, de modo que os mais bem adaptados teriam mais chances de sobrevivência e reprodução, transmitindo seus genes. Em se tratando da reprodução sexuada, Darwin propôs que haveria algum mecanismo biológico que regulasse a escolha de parceiros, de modo a propiciar a transmissão das melhores combinações genéticas. Assim, machos e fêmeas teriam desenvolvido mecanismos específicos de acordo com o investimento biológico de

cada um na reprodução. A este processo através do qual machos e fêmeas escolhem e são escolhidos enquanto parceiros sexuais, com base em características atrativas e vantajosas para a sobrevivência da espécie, chamou-se seleção sexual.

Na espécie humana, uma vez que homens e mulheres possuem investimento biológico distinto na reprodução, imagina-se que possuam mecanismos de seleção sexual, encontrados no cérebro, diferentes¹¹⁴. Os cérebros de homens e mulheres seriam diferentes em função de terem se especializado em seus papéis ligados às necessidades relativas ao investimento biológico na reprodução. É deste modo que Ellis e Symons (1990) podem falar sobre as bases biológicas das fantasias sexuais masculinas envolverem muitas mulheres e nenhum envolvimento emocional, pois aos homens basta fecundar o maior número possível de mulheres para transmitir seus genes. De modo análogo, Buss (1989) pode falar sobre a preferência feminina por homens com bens, uma vez que biologicamente necessitam de alguém que provenha abrigo e alimento para elas durante a gravidez e os anos iniciais de vida da criança.

Posto isso, acredito que a pergunta mais importante a se fazer, para que se possa dar por encerrada a análise desse material é: o que está em jogo? Tanto na obra de Allan e Barbara Pease, quanto nos trabalhos escolhidos por eles para servirem de suporte, estão presentes noções sobre o humano que são oriundas de processos históricos e questionamentos filosóficos que não são novos. Uma tentativa de lançar luz sobre esses fatores pode ajudar a compreender por que esse tipo de material possui tanto apelo midiático.

2.1 O ser humano é um animal

Acredito que os temas dos estudos aqui consultados podem ser desmembrados em premissas, compreendidas enquanto pensamentos sem os quais não poderiam ser concebidos. A primeira diz respeito à seguinte afirmação que pode se depreender de

¹¹⁴ Sobre esse assunto: “*sexual selection posits that females of most species are more heavily invested than males in the conception and care of offspring because of their disproportionate investment of energy in their offspring. Females are not only assumed to be disproportionately responsible for the care of live infants, but the theory extends to the gametic level, where the differences in size, and numbers produced, of eggs and sperm also seem to account for sex differences in parental investment*” (Hird:36:2005)

todos os artigos relacionados à perspectiva evolucionária: o ser humano é um animal. O que significa aqui, dizer que o ser humano é um animal?

A obra de Darwin, em especial *A origem das espécies* (1859), é considerada um marco na mudança de perspectiva que colocava o ser humano enquanto à parte da natureza, devido às suas faculdades racionais. A obra surge em um contexto onde o caráter divino da regulação do universo e dos organismos e estruturas que o compõe, vinha sendo questionado, como através das proposições de Copérnico, Kepler, Galileu e Newton. À medida que a regulação do universo passa a ser compreendida em termos de leis naturais, a necessidade de um propósito divino ou humano passa a desaparecer.

Através da observação de que seres humanos selecionavam características que desejavam manter em animais, Darwin (1859) compreendeu que esse processo já era realizado pela própria natureza. Ele reconheceu a espécie humana enquanto um galho em uma longa árvore evolutiva cujas raízes são o início da vida. A variação genética aparece enquanto uma característica bastante depende do acaso, e sua positividade ou negatividade é sempre dependente do ambiente no qual o organismo se encontra. Os organismos, portanto, são plásticos em relação ao ambiente circundante. Com a teoria da evolução, Darwin (1859) postulou que os seres humanos não só tinham sua origem na natureza, não na divindade, como que estavam sujeitos aos mesmos constrangimentos que levaram e levam os demais animais à pressões adaptativas. Os seres humanos passam a ser como os outros animais.

Alguns desdobramentos da teoria evolucionária consideraram que os postulados de Darwin (1859) sobre a evolução animal poderiam ser extrapolados para a análise dos comportamentos humanos, conforme podemos observar nos artigos científicos aqui analisados. O termo “sociobiologia” foi cunhado por Edward Wilson, em 2000, referindo-se ao estudo das bases biológicas do comportamento social (HIRD:2005:55). A sociobiologia tomou como foco questões como altruísmo, dominância, comunicação, homossexualidade, monogamia e seleção sexual, entre outras. A ênfase da sociobiologia foi a competição, ao invés da cooperação:

que estuda o foco na competição ao invés da cooperação porque isso reflete a ênfase ocidental em agressão e competição nos sistemas sociais humanos. Tais estudos claramente associam

dominação aos machos da maior parte das espécies e passividade às fêmeas. (HIRD:2005:55)¹¹⁵

A sociobiologia, conforme coloca Hird, foi alvo de críticas por parte de cientistas sociais e feministas, por prover explicações biológicas a estruturas conservadoras que corroboravam com a inequidade entre os sexos.

Embora algumas das fontes dos Pease sejam, de acordo com eles mesmo, oriundas da sociobiologia, a abordagem é, em geral, identificada enquanto pertencente à psicologia evolucionista. A psicologia evolucionista surgiu no final da década de 1980 com a proposta de:

produzir um conhecimento das faculdades mentais humanas sob a luz da seleção natural, atribuindo os comportamentos humanos a causas corporais hereditárias. De maneira geral, seu argumento básico é que os diversos comportamentos do indivíduo são fruto de seu material genético, selecionado ao longo da história evolutiva do ser humano” (DePAULA:2005)

De acordo com essa abordagem, sua diferença para com a sociobiologia seria a de que nesta, a cultura aparecia enquanto um fator negligenciado. Já a psicologia evolucionista propõe que, embora os sujeitos humanos sejam dotados de cérebro já pré-configurados a partir do processo evolutivo, essas configurações dependeriam dos estímulos culturais para serem ativadas. De Paula (2005) sustenta que, apesar desse discurso, a psicologia evolucionista enquanto paradigma afirma superar a dicotomia natureza/cultura conferindo poder absoluto à natureza.

Hird (2005) salienta que esses desdobramentos da teoria evolucionária não levam em conta fatores importantes das proposições de Darwin, como a importância da contingência na variabilidade genética, e o papel da diversidade. Essas abordagens teriam se utilizado de noções e categorias humanas para observar e classificar os comportamentos animais e outros fatores observados, como a reprodução das plantas. Assim, muitas questões acabaram por ser negligenciadas, tais como a variedade

¹¹⁵ No original “*that studies focus on competition rather than cooperation because this reflects the Western emphasis on aggression and competition in human social systems. These studies clearly associate dominance with the males of most species and passivity with females*”

sexual encontrada na natureza no tocante à estrutura reprodutiva e o comportamento agressivo de fêmeas de diversas espécies, para ficar em poucos exemplos¹¹⁶.

Nos Pease e nos artigos consultados de suas referências científicas, a animalidade humana tem seu apelo no biológico e supõe um substrato comum ao humano que deve ser encontrado na sua natureza, aqui compreendida não em sentido metafísico, mas na natureza *per se*: em sua biologia, fisiologia e no modo como esses fatores colocam o organismo em interação com o ambiente que o rodeia. Tanto os artigos científicos consultados, quanto o trabalho dos Pease, partem dessa noção do ser humano enquanto um animal, tal qual os outros, de modo que suas análises e descrições se focam na demonstração dos comportamentos e reações típicas dos indivíduos, ou seja, que podem ser averiguados em toda a espécie.

Mesmo os artigos científicos que não partem abertamente da suposição evolucionária compartilham da visão segundo a qual os seres humanos guardam semelhanças com outros animais, seja através da ideia de que o que se descobre sobre ratos pode ser extrapolado para seres humanos, seja através da assunção das diferenças fisiológicas entre os sexos, que são um tema que perpassa a perspectiva evolucionária. O trabalho de Wjingaard (1997), assim como o de Hird (2005) tecem considerações sobre os comportamentos sexuais atribuídos a roedores, de modo que o comportamento do macho seria o de “montar”, ao passo que o da fêmea seria o “lordótico”, um comportamento receptivo. As autoras afirmam que embora ambos os comportamentos pudessem ser observados em roedores de ambos os sexos, a distinção entre um comportamento ativo/masculino e passivo/feminino permaneceu, conforme já exposto nesta dissertação.

Já vimos, neste trabalho, como a diferença sexual foi significada ao longo do tempo e a passagem do modelo do sexo único para o modelo de dois sexos, de modo que nesse modelo está implicado que a diferença sexual passa a habitar todo o corpo. Vimos como essa passagem está relacionada ao iluminismo e a perspectiva de que a ciência é reveladora da verdade oculta sobre o sujeito, uma verdade que pode ser encontrada na natureza. Essa noção da verdade sobre o sujeito está em jogo na obra dos Pease e nos artigos científicos consultados.

¹¹⁶ Para mais exemplos ver Hird (2005): *Sex, gender and Science*. A autora trata de uma abordagem outra através da qual analisar a natureza sob uma perspectiva evolucionária, a saber, o novo materialismo e a biologia não linear.

2.2 A verdade do sujeito

Os Pease afirmam claramente serem capazes de falar sobre o que homens e mulheres realmente querem, ainda que esses sujeitos aleguem o contrário. As fontes de referência consultadas aqui trazem uma preocupação com o desvelamento de mecanismos inatos e/ou independentes da vontade do indivíduo. Assim, aqueles artigos que tratam do comportamento humano buscam uma verdade no passado evolutivo marcado no corpo, possivelmente no cérebro, através de evidências de comportamentos dos quais nem sempre os sujeitos tomam ciência. Já os artigos que tratam da organização cerebral ou outros reflexos fisiológicos buscam mais diretamente no corpo a manifestação dessa verdade. É sobre a busca da verdade no corpo que quero me focar aqui, pois os trabalhos que discorrem acerca dos comportamentos que dão pistas sobre uma história da evolução humana, afirmam que as consequências do processo evolucionário estão impressas nos corpos dos sujeitos.

Praticamente todos os trabalhos consultados, assim como a obra dos Pease, localizam no cérebro a verdadeira identidade do sujeito. É no cérebro que seu sexo verdadeiro se encontra definido, pois é no cérebro que atuam os hormônios responsáveis por programa-lo. É também no cérebro que estão os mecanismos que são responsáveis pelo amor romântico, com todos os seus componentes, do desejo sexual ao amor, passando pela paixão. Assim, pupilas são medidas, cérebros são escaneados, hormônios são introduzidos e retirados dos corpos para que se observe seus efeitos. É no cérebro que o sujeito é. Já foi antecipada neste trabalho a noção de sujeito neurológico, que aqui pôde ser demonstrada de maneira acurada. O sujeito neurológico é um dos resultados daquilo que Rose (2011) chama molecularização.

Rose (2011) coloca que até o século XX o corpo era compreendido enquanto “molar”, ou seja, o corpo era compreendido em uma escala que o enxergava enquanto órgãos, tecidos, hormônios e assim por diante. Esse foi o corpo que revelou a verdade à medicina do século XIX. A partir do século XXI, Rose (2011) defende que a biomedicina passa a encarar o corpo de outra forma: “A vida é entendida e sobre ela se opera no nível molecular, em termos de propriedades, dos códigos de sequências das bases de nucleotídeos e de suas variações” (ROSE:2011:14). A partir dessa noção, Rose (2011) explica como a profundidade dos sujeitos passa a se alocar cada vez mais na superfície, a saber, no cérebro, onde seus processos podem ser observados e mensurados:

Vimos a assentar nossas práticas éticas num entendimento de nós mesmos como criaturas habitadas por um profundo espaço interior, a fonte de todos os nossos desejos e a fonte secreta de todos os nossos problemas. Porém, estas relações com nós mesmos estão sendo transformadas nos jogos de verdade da biopolítica molecular. Aquele espaço profundo passou a tornar-se mais superficial, mais raso, a ser deslocado por um mapeamento direto da personalidade e de suas doenças, sobre o corpo ou cérebro, que então se torna o alvo principal para as questões éticas. Em alguns aspectos importantes, temos nos tornado ‘sujeitos neuroquímicos’ (ROSE:2011:20)

Para que o cérebro seja visto, são mobilizadas técnicas e aparelhos, encontrados em ambientes específicos, tais como a ressonância magnética. Os dados encontrados através desses artefatos não são visíveis a olho nu, assim, os dados são dependentes dos artefatos tecnológicos que os constituem, conforme discutido por Latour (1997).

2.3 O sexo do cérebro

Na obra dos Pease e em suas referências, uma questão relacionada ao cérebro é a questão do sexo do cérebro, que independe do sexo genital e cromossômico, e está intimamente relacionado à sexualidade dos sujeitos. Ao mesmo tempo em que os sexos são radicalmente diferentes, complementares, eles também são compreendidos enquanto pertencentes a um mesmo espectro. É isso que permite que o sexo cerebral seja disposto em um *continuum* que abarca as possibilidades de gradações entre masculinidade e feminilidade, inclusive com a possibilidade do cérebro bissexual. Esse *continuum* também está sugerido no trabalho de Dornier (1983, 1987) com ratos de laboratório e mulheres grávidas sob *stress*. Nesses casos, o sexo do cérebro está disposto num *continuum* determinado pela ação hormonal. Porém, uma vez que instituído na materialidade cerebral, não há possibilidade de mudança na estrutura cerebral sexuada.

Marina Nucci (2010) fala sobre a questão do sexo cerebral e as condições que possibilitaram seu surgimento. Para isso, ela recupera algumas discussões que foram trazidas no primeiro capítulo desse trabalho, tais como a visão de corpos sexuados encontrada em Laquer (2001) e Schiebinger (1987), o trabalho de Rohden (2001, 2008) sobre a ginecologia e medicalização dos corpos femininos e o surgimentos dos

hormônios sexuais, trazido por Oudshoorn (1994). Nucci (2010) evoca também o trabalho de Wijngaard (1997) para mostrar como a noção de que os hormônios são responsáveis pela diferenciação cerebral do embrião vem desde 1959, com a teoria organizacional ou teoria dos hormônios pré-natais.

Nucci (2019) tece considerações sobre como nos seres humanos, os comportamentos foram considerados masculinos ou femininos através da observação de fatores como a orientação sexual, habilidades cognitivas e escolha de carreira. Esses fatores são também os trazidos pelos Pease quando ilustram as diferenças entre homens e mulheres. A feminilidade e a masculinidade, regidas pelas ações dos hormônios, passam a ser elaboradas em termos de opostos. Por exemplo, enquanto a masculinidade tem as habilidades matemáticas entre suas marcas, a feminilidade tem as habilidades verbais; assim como a masculinidade vem acompanhada de um desejo pela carreira, a feminilidade traz um desejo pela maternidade. Esses comportamentos atribuídos a cada sexo em pesquisas científicas corroboraram as “percepções culturais tradicionais” (NUCCI:2010:37):

Ou seja, ao mesmo tempo em que reproduz estereótipos de masculinidade e feminilidade, a teoria organizacional produz a ideia de que aqueles comportamentos têm uma base biológica: a diferenciação sexual do cérebro. Assim, imagens sociais da masculinidade e feminilidade simultaneamente afetam e são afetadas pelo desenvolvimento da ciência (NUCCI:2010:38)

Nucci (2010) ressalta também que a questão do cérebro feminino X cérebro masculino é perpassada pela busca de uma base biológica que explique a diferença nas posições sociais ocupadas por homens e mulheres. Assim, buscou-se comprovar que as mulheres seriam menos inteligentes do que os homens, e determinadas características biológicas seriam a explicação de tal fato, como o lóbulo frontal cerebral. A falha nas hipóteses levantadas não fez com que outras hipóteses fossem procuradas, nem com que se abandonasse a hipótese errônea, mas sim que essa base biológica da inteligência inferior feminina continuasse sendo buscada.

Com isso, estabeleceu-se que os hormônios androgênicos tornariam os sujeitos agressivos e, conseqüentemente, a ausência deles é o que explicaria o comportamento passivo feminino. Importante atentar que aqui a testosterona é sempre vista como causa do comportamento agressivo, nunca como sua consequência. Isso pode ser verificado também nos materiais analisados nesta dissertação, que nunca cogitam as

estruturas cerebrais encontradas, ou quantidades e tipos de hormônios mobilizados enquanto consequências dos comportamentos humanos.

Em sua análise de artigos através da base de dados Pubmed, Nucci (2010) ressalta ainda a associação dos seres humanos com a natureza enquanto um recurso utilizado para alegar o caráter inato de determinados comportamentos e/ou características, conforme já colocado nessa dissertação. Também analisa o papel que se atribui, no tipo de material pesquisado por ela, aos brinquedos infantis, determinados enquanto femininos, masculinos ou neutros de acordo com o que seria típico de cada sexo. Desse modo, estabelece-se uma tensão relacionada à necessidade de se demarcar o gênero desde cedo, para que se possa, através da cultura, reforçar uma identidade de gênero já presente na criança. Por fim, Nucci (2010) afirma que:

No debate natureza X cultura, o discurso dos cientistas aqui analisado não vai em direção à negação da influência cultural, mas sim em minimizá-la, condicionando-a a um ideal de normalidade que deve ser reforçado (NUCCI:2010:54)

Parece que é justamente nessa direção que a obra dos Pease caminha, ao reconhecer determinadas características como inatas e biológicas, ao mesmo tempo em que concede um poder modificador à cultura, tanto para o bem quanto para o mal. O bem para os indivíduos seria viver num ambiente cultural que promovesse a aceitação das diferenças entre os sexos e a respeitasse, impondo constrangimentos a ela somente no tocante a algumas questões consideradas cruciais, como no impulso masculino de reproduzir com o maior número de mulheres possível, que pode levar à infidelidade e ao estupro.

Após os dois primeiros capítulos, podemos compreender que há, nos Pease, uma proposta de como os indivíduos devem agir, com relação a si mesmos e com relação aos demais, especialmente os compreendidos enquanto “sexo oposto”. Neste sentido, há uma clara proposta pedagógica de prover orientações para que os sujeitos possam viver de forma mais adequada a fim de conseguir a satisfação pessoal. Os Pease também advogam a favor de uma sociedade que prime pelo respeito às diferenças entre homens e mulheres, embora não proponham expressamente nenhuma mudança estrutural. Para que uma proposta pedagógica como a dos Pease possa existir e ser amplamente aceita, algumas condições devem ser satisfeitas. Condições

estas, relacionadas ao contexto no qual a obra se insere e o modo como visa estabelecer uma comunicação com um leitor pressuposto.

CAPÍTULO 3 - A obra dos Pease: um projeto de sociedade?

Para que uma obra possa ser produzida, são necessários fatores contextuais que possibilitem seu surgimento e seu entendimento. É disso, por exemplo, que tratam os conceitos de coletivo e estilo de pensamento em Fleck (2010). O coletivo de pensamento é o nome dado às estruturas que abrigam os fatores e normas que explicam a ciência moderna, um coletivo de pensamento trata de uma comunidade de cientistas dedicados a um tema comum. Já o estilo de pensamento é compreendido enquanto as bases sobre as quais o conhecimento é produzido. Cada área científica possui seu próprio estilo de pensamento e é através do dele que uma determinada coisa é tomada enquanto objeto de pesquisa, pois as explicações sobre este objeto só fazem sentido dentro da lógica do estilo de pensamento.

Também Latour (1997) aponta o caráter coletivo da ciência quando afirma que, para se engajar no debate científico, o leitor precisa aprofundar seus conhecimentos na área em questão, se afastando de implicações mais práticas. Ele também salienta que a cada nova contestação, a descoberta original é modificada. Assim, o destino de um produto científico é dependente dos debates que são travados após sua enunciação:

Confrontados com uma caixa-preta, tomamos uma série de decisões. Pegamos? Rejeitamos? Reabrimos? Largamos por falta de interesse? Robustecemos a caixa-preta apropriando-nos dela sem discutir? Ou vamos transformá-la de tal modo que deixará de ser reconhecível? É isso o que acontece com as afirmações dos outros em nossas mãos e com as *nossas* afirmações nas mãos dos outros. Em suma a construção de fatos e máquinas é um processo *coletivo* (LATOURE:1997:53)

Este processo não é restrito ao coletivo de pensamento, a saber, à comunidade de cientistas. Como já vimos, o pensamento científico e a comunidade científica não podem ser compreendidos de forma apartada do todo social. Os cientistas são, eles mesmos, sujeitos no mundo, com sua própria visão de mundo constituída por aquilo que compreendemos enquanto saber leigo. Há uma contínua comunicação entre os círculos esotéricos e exotéricos, onde ambos os círculos se influenciam e são dependentes um do outro. Cassidy (2006) também salienta a importância do debate

público para a ciência, por exemplo, através dos trabalhos considerados fronteiriços¹¹⁷.

No capítulo anterior, tentei demonstrar quais os pressupostos que orientam a ciência escolhida por Allan e Barbara Pease. Os Pease agem como ponte entre o saber científico e o público leigo, transmitindo pressupostos científicos à visão de mundo. A visão de mundo é compreendida enquanto a maneira através da qual o mundo é enxergado e compreendido por aqueles que nele vivem. Essa visão de mundo funciona como um substrato para o especialista, pois o próprio especialista é um sujeito no mundo antes mesmo de tornar-se especialista. Assim, os pressupostos, já modificados, trazidos do conhecimento científico e escrutinados pelo debate público, retornam ao mesmo conhecimento científico que os originou.

Gostaria de pensar as possibilidades de recepção em torno da obra analisada aqui, ou seja, do que é preciso que haja nessa visão de mundo coletiva para que uma obra como a de Allan e Barbara Pease possa ser compreendida. Em que contexto social essa é uma obra que faz sentido?

Primeiramente, um contexto onde uma obra como a dos Pease faz sentido, é um contexto social que se compreende em mudança. Um contexto social cujas bases nas quais os sujeitos tinham confiança, são compreendidas como demolidas. É, portanto, um contexto desestruturado. Da forma como é apresentado pelos Pease, trata-se de um contexto desestruturado que é normalmente apresentado em tons de tragédia: é preciso recuperar os alicerces que permitiam bons relacionamentos entre homens e mulheres, sob pena de que sejamos todos infelizes para sempre. Contudo, um contexto em que as antigas estruturas não encontram mais sustentação não é apenas um prenúncio apocalíptico, mas também uma possibilidade de que novas estruturas e novas formas de se relacionar possam se estabelecer.

Assim sendo, a questão pode ser formulada em termos de defender discursivamente a mudança ou uma espécie de permanência. Os Pease defendem que a mudança se deu de forma brusca e de acordo com os interesses de determinados setores que não visavam, necessariamente, o bem estar dos indivíduos, mas o seu próprio. Eles advogam que é preciso que haja um retorno à aceitação das diferenças entre homens e mulheres para que os sujeitos possam encontrar a felicidade em seus relacionamentos.

¹¹⁷ Trabalhos cujo objeto diz respeito à mais de uma disciplina ao mesmo tempo.

Nessa proposta, transmitem dicas e valores que apoiam a aceitação de características masculinas e femininas que estão profundamente conectadas com aquelas que são consideradas características e comportamentos estereotípicos de gênero. Nucci (2010) coloca que a ciência da diferença cerebral parte de comportamentos e características observados em homens e mulheres para postular suas origens em causas biológicas, e que essas investigações corroboram papéis tradicionais de gênero. Assim também o fazem os Pease, que não à toa utilizam fontes científicas que tratam de diferenças fisiológicas e evolutivas entre homens e mulheres.

Esse fator já encaminha duas segundas condições sem as quais o trabalho dos Pease não faria sentido. Enquanto divulgação científica, a obra dos Pease só pode ser compreendida em um contexto social onde o saber científico é considerado aquele mais correto, e onde ele adquire relevância nas questões do cotidiano. É o que Irwin e Wynne (1996) querem dizer quando falam na capacidade da ciência de estruturar discussões. Quando um debate se estabelece no campo do cotidiano, cada vez mais ele vem sendo compreendido em termos científicos. Assim, os lados de um debate como o que se dá em torno do aquecimento global, por exemplo, se utilizam de argumentos de ordem científica. Não importa de que lado do debate os sujeitos se incluam, é preciso alinhar-se com ele através dos argumentos providos pela ciência.

Relacionado a este fator, há também a assunção de que a ciência é a fonte mais confiável a qual os sujeitos podem recorrer. Assim, compreende-se que a ciência é capaz de fazer com que os sujeitos tomem decisões mais acertadas do que as que tomariam sem embasamento científico. Se encararmos as mudanças nas relações e nos papéis sociais de homens e mulheres enquanto um fator em debate, o trabalho do Pease fornece argumentos científicos a um dos lados, que advoga pela manutenção de estruturas já existentes.

Essa ciência mobilizada parte de pressupostos já expostos no capítulo anterior: de que há uma verdade a ser revelada no corpo dos sujeitos; que estes corpos são reduzidos a suas sinapses e moléculas; que a humanidade compartilha de um passado evolucionário que a aproxima dos animais e que esse passado possui uma trajetória específica, que, num dado momento, acarretou em uma divisão sexual do trabalho que se estabeleceu em função do investimento reprodutivo. A evolução de homens e mulheres se desenrolou de modo diferenciado porque as mulheres detinham a capacidade de engravidar e parir, ou porque os homens não a detinham. Desse modo, a capacidade reprodutiva feminina é um fator central para aqueles que compreendem

a necessidade de um retorno a uma maneira de relacionar-se. Outro pressuposto necessário é a heterossexualidade. Só é possível compreender a questão da importância ao respeito pelas diferenças encontradas entre homens e mulheres se as relações românticas e sexuais se dão entre homens e mulheres. Ainda que se fale em *gays* e em *lésbicas*, fala-se em termos de cérebros masculinos e femininos.

Os Pease buscam levar uma solução aos indivíduos, que têm suas vidas prejudicadas em função das dificuldades de lidar com o sexo oposto e de serem compreendidos por ele. São providos ensinamentos sobre o que torna homens e mulheres diferentes e quais são essas diferenças. São passadas informações relativas ao modo como encaram o amor, o sexo, o trabalho e a família. São também passadas orientações de como se relacionar melhor, com o oposto e consigo. No tocante à linguagem corporal, também são transmitidos ensinamentos de como identificar os sinais corporais dos outros e de como emitir aquilo que se deseja através de seu próprio corpo. Nesse sentido, a obra dos Pease apresenta uma pedagogia do eu e dos sexos, que busca reeducar os sujeitos para que possam atingir os melhores resultados, seja em seus relacionamentos, seja na busca por um bom emprego. E essa reeducação se dá através do acesso à informação, provida pelos Pease, e da própria vontade dos sujeitos.

Mas se os sujeitos aprendiam, em outros tempos, a se relacionar através da observação dos exemplos dos relacionamentos de seus parentes próximos, que papel passam a ocupar os sujeitos reeducados no contexto compreendido enquanto instável e de mudança? Os sujeitos reeducados ocupam o papel da estabilidade e dos valores que se acredita que devem ser recuperados e, a partir desse lugar, ocupam uma posição definida na dinâmica que se estabelece entre a mudança e a manutenção, uma posição em direção à ideia de manutenção.

O que pretendo, através dessa reflexão, é sustentar que há nos Pease um projeto de sociedade, ainda que seus livros se centrem em premissas do individualismo e seu discurso seja voltado majoritariamente para indivíduos e não estruturas sociais. Esses sujeitos reeducados implicam em um contexto que aceite seus valores, a saber: heterossexual, focado no estabelecimento e na manutenção de relacionamentos monogâmicos, estáveis, que gerarão descendentes e implicarão, de modo mais ou menos acentuado, em uma divisão de papéis entre homens e mulheres. Exemplos de como há um projeto de sociedade nos Pease são a defesa de uma educação diferenciada para menino e meninas, de acordo com as diferenças de sexo e

não de acordo com as diferenças individuais de cada aluno, e a sugestão de que mulheres se dediquem a carreiras que estejam ligadas às suas habilidades inatas. Essas colocações implicam na manutenção de uma estrutura conservadora no tocante aos papéis de gênero. Contudo, é importante mencionar que a ideia de uma manutenção é em si, utópica, pois a situação social tal como foi não pode ser a mesma que é entendida com o olhar moderno. O que se busca quando se advoga um retorno ao passado é um ideal de situação passada, compreendida como mais vantajosa. É nesse sentido que a ideia de manutenção se estabelece.

Talvez um dos motivos para que obras como a dos Pease tenham tanto apelo público seja que ela, sem excluir a possibilidade de pequenas mudanças (pois os sujeitos são senhores de si e podem dominar seus impulsos através da racionalidade), trata do destino da humanidade. Através das suas explicações e de sugestões, a obra dos Pease busca nos dizer quem somos, porque nos tornamos o que somos, e qual a função de nossas existências. Como coloca Salem (1992), não há espaço para a espontaneidade na autoajuda.

3.1 Como analisar os livros de autoajuda à luz de processos complexos da contemporaneidade?

Rose (2004) defende que a governança seja compreendida não enquanto conceito ou teoria, mas sim como uma perspectiva. Isso implica que uma quantidade muito maior de elementos precisam ser levados em conta nas investigações sobre formas de governar, inclusive elementos menores, no sentido de mais cotidianos, e que esses elementos estão em relação uns com os outros. O que esses estudos mostram é que o poder não possui um efeito de homogeneizar, mas que:

esses estudos mostram que o espaço de governo é sempre moldado e dividido por outros discursos, notavelmente os discursos verídicos de ciência e retóricas de mudança de moral e vocabulários éticos, que têm seus próprios históricos, aparatos e espaços problemáticos, e cuja relação com problemáticas de governo não é expressão ou causa mas tradução (ROSE:2004:22)¹¹⁸

¹¹⁸ No original: *“these studies show how the space of government is always shaped and intersected by other discourses, notably the veridical discourses of science and changing moral rhetorics and ethical vocabularies, which have their own histories, apparatuses and problem spaces, and whose relation to problematics of government is not expression or causation but translation”*

São retomadas, em seu trabalho, as definições relativas à governança, governamentalidade e disciplina, noções importantes para a compreensão do contexto onde se desenvolve uma literatura tal qual a da autoajuda científica. A disciplina aparece associada ao surgimento e transformação de novos conhecimentos sobre a alma humana. As tecnologias da biopolítica, por sua vez, são compreendidas enquanto formas estratégicas de reconhecer e agir positivamente sobre os domínios a serem governados:

os fatores que afetam as taxas de reprodução e crescimento populacional, a formulação genética da raça e afins. Eles buscam, com algumas exceções notáveis, agir sobre esses domínios de modo a reconstruir a conduta daqueles que os habitam sem inibir sua liberdade formal de conduzir suas vidas como melhor entenderem (ROSE:2004:22-3)¹¹⁹

A governamentalidade, por sua vez, aparece em Rose como um campo geral que é realocado conjuntamente com as noções de soberania, disciplina e biopoder. Cada uma dessas noções se reorganiza no contexto das problemáticas gerais da governança, que consistem nas melhores maneiras de se fazer exercer o poder sobre as condutas, individualmente ou em massa. Não é, portanto, uma questão de uma forma suceder à outra, mas do modo como a descoberta de novos problemas e de novas formas de governança modifica as anteriores.

Nesse contexto, as tecnologias são entendidas enquanto um conjunto de formas de conhecimento destinado à produção de determinados fins. As tecnologias requerem uma forma de viver e modificam papéis, envolvem novas técnicas e requerem outras. As tecnologias de governo, especificamente,

são aquelas tecnologias repletas de aspirações para reconstrução da conduta na esperança de produzir certos efeitos desejados e evitar certos eventos indesejados (...) Uma tecnologia de governo, portanto, é uma mistura de formas de conhecimento prático, com modos de percepção, práticas de cálculo, vocabulários, tipos de autoridade, formas de julgamento, formas arquiteturais, capacidades humanas, objetos não humanos e aparelhos, técnicas de inscrição e afins, atravessados e inter-relacionados com aspirações para atingir

¹¹⁹ No original: “*the factors affecting rates of reproduction and population growth, the genetic make-up of the race and the like. They seek, with some notable exceptions, to act upon these domains by reshaping the conduct of those who inhabit them without interdicting their formal freedom to conduct their lives as they see fit*”

certos resultados em termos de conduta do governado (o que também requer certas formas de conduta de parte daqueles que governariam) (ROSE:2004:52)¹²⁰

As tecnologias não são a imposição de uma vontade maior, mas a articulação de conhecimentos, redes e tecnologias já existentes. Rose (2004) utiliza o exemplo do Taylorismo e das primeiras escolas para mostrar como esses fatores modificam os propósitos primários que eram tidos como os objetivos da tecnologia.

Uma dessas tecnologias, de acordo com o autor, é a tecnologia de governo do eu autônomo, consistindo nas especialidades “psi”:

No século XIX, a expertise psicológica produziu um *know-how* do indivíduo normal. Hoje, psicólogos elaboram técnicas emocionais, interpessoais e organizacionais complexas, pelas quais práticas da vida cotidiana podem ser organizadas de acordo com a ética de personalidade autônoma (ROSE:2004:90)¹²¹

Isso pode ser feito de duas maneiras: através da modificação das práticas daqueles que exercem autoridade sobre os sujeitos, assistentes sociais, professores e enfermeiros, por exemplo, ou através do que está sendo chamado aqui de “psicoterapias da normalidade”, que promovem novas maneiras de planejar a vida e dissemina novos procedimentos para entender a si mesmo a fim de agir sobre si para conquistar a felicidade, superar a insatisfação, realizar seu potencial e conquistar autonomia. A intervenção, aqui, é de si sobre si mesmo, implicando em uma auto inspeção, uma auto problematização, monitoramento e transformação. Através das terapêuticas, diversas instâncias da vida passam a ser objeto de um tipo de razão clínica (ROSE:2004:91):

¹²⁰ No original: “*are those technologies imbued with aspirations for the shaping of conduct in the hope of producing certain desired effects and averting certain undesired events (...) A technology of government, then, is an assemblage of forms of practical knowledge, with modes of perception, practices of calculation, vocabularies, types of authority, forms of judgment, architectural forms, human capacities, non-human objects and devices, inscription techniques and so forth, traversed and transected by aspirations to achieve certain outcomes in terms of the conduct of the governed (which also requires certain forms of conduct on the part of those who would govern)*”

¹²¹ No original: “*In the nineteenth century, psychological expertise produced a know-how of the normal individual; in the first half of this century it produced a know-how of the social person. Today, psychologists elaborate complex emotional, interpersonal and organizational techniques by which the practices of everyday life can be organized according to the ethic of autonomous selfhood*”

A relação entre expertise e seus sujeitos – clientes, pacientes ou consumidores – não é (ou não é só) de dominação, mas de subjetificação, de 'enfeitar' indivíduos cujas relações consigo mesmos são configuradas dentro de uma série de normas e conhecimentos. Os desejos, afetos e práticas corporais dos indivíduos conectam-se com maneiras “especializadas” de entender a experiência, as linguagens de julgamento, normas de conduta. Indivíduos tornam-se sujeitos no mesmo processo em que são ligadas a relações corporais e de efeito com certas verdades e autoridades. A genealogia do conhecimento especializado não é uma história repetitiva de coisas impostas “de cima” sobre uma população mais ou menos truculenta, dócil ou resistente. (ROSE:2004:92)¹²²

Considerando essas características, ainda que os livros de autoajuda não sejam uma parte instituída do conhecimento “psi”, parece legítimo considerá-los enquanto uma terapêutica, pois os objetivos visados podem ser equiparados. Também é possível ver neles, a articulação de diversas técnicas e discursos pré-existentes, como espero ter sido possível demonstrar nos dois primeiros capítulos desta dissertação.

A psicoterapia está relacionada com formas contemporâneas de governança da vida, pois a regularização das subjetividades em direção a racionalidades se encontra conectada à governamentalidade de indivíduos em termos de sua liberdade, autonomia e escolha. Uma vez que o indivíduo é considerado livre em suas escolhas, a única maneira de julgar sua conduta é basear-se no conhecimento científico sobre o eu. E aqui, embora a autoajuda não represente o conhecimento científico sobre o eu, a autoajuda científica o faz, através da mobilização de suas fontes e do próprio entendimento dos autores sobre o conhecimento científico. A norma da autonomia coloca o destino do sujeito como consequência de suas próprias escolhas. Ela exige um auto monitoramento constante e um auto melhoramento, através da prática frequente de técnicas e aplicação de conhecimentos racionais.

¹²² No Original: “*The relation between expertise and its subjects – clients, patients or customers – is not (or not only) one of domination, but one of subjectification, of ‘making up’ persons whose relations to themselves are configured within a grid of norms and knowledges. The desires, affects and bodily practices of persons get connected up with ‘expert’ ways of understanding experience, languages of judgment, norms of conduct. Persons become subjects in the same process as they are bound into corporeal and effectual relations with certain truths and authorities. The genealogy of expert knowledge is not a repetitive story of things imposed ‘from above’ upon a more or less truculent, docile or resistant population*”

No capítulo anterior falei sobre a noção de molecularização que a reflexão de Rose sobre a biopolítica no século XXI traz. Cabe trazer outras características dessa biopolítica que ajudam a compreender o fenômeno da literatura de autoajuda e complementam as colocações acima. Rose (2011) coloca que essa biopolítica se trata de uma política da própria vida, orientada para o futuro, e destaca cinco dimensões: a molecularização, a subjetivação, otimização, a expertise e a bioeconomia.

A otimização diz respeito ao melhoramento da saúde através das tecnologias da vida:

Emprego o termo ‘tecnologias’, aqui, para referir o agenciamento de relações sociais e humanas, híbridos de conhecimento, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamento, edificações e espaços estruturados por uma racionalidade prática governada por uma meta mais ou menos consciente e sustentada por certos pressupostos sobre os seres humanos (ROSE:2011:16)

Posto isso, a autoajuda científica pode ser entendida enquanto uma tecnologia da vida através da qual os sujeitos buscam sua otimização. Ou seja, os livros de autoajuda científica seriam tecnologias de uma biopolítica do século XXI.

Considerando o processo de subjetivação, através do qual os sujeitos introjetam a responsabilidade por seus futuros, considero legítimo que a ideia de autoajuda se encaixe, pois os sujeitos a buscariam visando à melhora de suas situações atuais, a fim de que seus futuros possam ser mais prósperos. De uma boa capacidade de se relacionar com o sexo oposto depende a reprodução humana, fim último para o qual toda a espécie está orientada. Não é possível afirmar que os leitores desse tipo de obra a procurem realmente por esse motivo, ou que sejam por ela convencidos durante e após a leitura. Porém, o leitor presumido que se pode depreender da narrativa dos livros é o sujeito que não consegue se relacionar satisfatoriamente e está buscando uma forma de minimizar essas dificuldades.

Ainda sob essa perspectiva, se faz necessário considerar o surgimento de novas autoridades nesse contexto das políticas de como devemos nos relacionar com nós mesmos. Os *somatic experts* são os atores que encarnam essa autoridade, não estando restringidos apenas à figura médica, mas abarcando enfermeiros, nutricionistas, experts em *fitness*, terapeutas de toda sorte, conselheiros amorosos, sexuais, entre outros, de modo que os autores de autoajuda científica podem ser compreendidos enquanto *somatic experts*.

Ao realizar o esforço de compreender a autoajuda científica dentro dos processos complexos que se desenrolam ao longo da modernidade e da contemporaneidade, espera-se ser possível compreender melhor a amplitude do apelo que ela possui, que se traduz na grande quantidade de livros vendidos e no interesse das editoras por eles.

3.2 Quem é a pessoa da autoajuda? Discussão sobre o ‘eu’ e considerações finais

Ao fim desse trabalho, gostaria de tecer algumas considerações sobre a noção de pessoa que se encontra imbricada nos livros de Allan e Barbara Pease e, com isso, contribuir para a discussão mais ampla sobre quem é a pessoa de quem se fala nos livros de autoajuda científica e para quem se fala. Primeiramente, cabe ressaltar que existem poucas pesquisas sobre o público que consome a autoajuda. Questões tais como o modo pelo qual a mensagem é recebida, como o público enxerga a autoajuda, quais seus motivos para seguir consumindo esse tipo de literatura, entre outras, permanecem sem resposta, embora seja possível levantar hipóteses. As hipóteses levam em conta as informações providas por Eva Illouz (2009) sobre o consumo de discursos relacionados ao amor em revistas femininas e livros de autoajuda ser proveniente principalmente da de classe média. A afirmação encontrada em um dos livros dos Pease, de que os leitores de autoajuda são majoritariamente mulheres, a afirmação de Heloísa Buarque de Almeida (2002) de que o universo da intimidade e do familiar é comumente associado às mulheres e a consideração do papel da Avon na revenda de livros da Editora Sextante, uma vez que a Avon é uma marca conhecida por vender produtos de beleza a mulheres, parece corroborar a hipótese de que seu público seja majoritariamente feminino.

Acredito que a ausência de pesquisas sobre os consumidores de autoajuda é decorrente da dificuldade de se precisar uma maneira de abordar esse público, que parece tão amplo e disperso. Ou seja, de efetuar um corte na rede, por assim dizer. Quando possíveis, essas pesquisas certamente ajudarão a problematizar e compreender melhor o papel que a autoajuda exerce na contemporaneidade e quais seus efeitos no mundo do cotidiano das pessoas. Dadas essas limitações, a breve discussão aqui gira em torno do que pode ser apreendido dos textos dos livros analisados, não de quem são de fato os consumidores desse tipo de publicação.

O assunto já foi adiantado e pode-se dizer que ele percorre todo este trabalho. Se toda obra possui um leitor presumido, aquele para quem se fala, cabe indagar quem é esse leitor aqui. A descrição do homem e da mulher apresentada por Allan e Barbara Pease nos informa sobre aquele de quem a obra trata. Considerando o teor da obra conforme já exposto no primeiro capítulo desta dissertação, torna-se é possível compreender que o sujeito para quem se escreve é o sujeito que se identifica com os valores e características do sujeito sobre quem se escreve. Essa afirmação se sustenta especialmente através das narrativas dos Pease de cenas cotidianas, passíveis de serem ou já terem sido experienciadas pelo leitor ou leitora em algum momento de sua vida.

O eu da autoajuda científica é um eu em estado de crise, que busca sua essência verdadeira para que possa encontrar alicerces. Essa concepção de eu está alinhada a uma ideia de pós-modernidade que considera que a alta velocidade das transformações e as novas exigências da sociedade acarretaram na perda de referenciais para os sujeitos. A autoajuda aparece enquanto proposta de alicerce.

Mas de que propostas tratam os livros dos Pease? Assume-se, primeiro, a existência de um passado provedor de bases e modos legitimados de estar no mundo, e, posteriormente, um presente onde esses modos perderam sua legitimidade em função das mudanças sociais que infligem sofrimento aos sujeitos que acabam não sabendo mais como lidar com questões outrora não conflitantes. Apesar da discussão acerca da existência ou não de um passado onde as questões de hoje não eram conflitantes, o mais importante é compreender qual a solução que os livros de autoajuda propõem à instabilidade. Uma vez que nos livros aqui analisados a crise não é compreendida enquanto potência geradora, mas enquanto situação a ser remediada antes que seja tarde, a resolução proposta é um retorno aos valores que alicerçaram os relacionamentos entre homens e mulheres, bem como suas formas de estar no mundo, no passado. Aqui começa a ficar claro como a discussão sobre a noção de eu na autoajuda se encontra entrelaçada na de uma possível proposta de sociedade trazida pelos livros. Isso acontece, acredito, porque a proposta de sociedade da autoajuda é passada através dos discursos do eu, através do apelo ao indivíduo e da preocupação com os modos de agir de cada sujeito individualmente, conforme busquei mostrar.

Outra característica do leitor presumido dos Pease é a sua crença na legitimidade e na autoridade da ciência enquanto reveladora de uma verdade essencial

sobre a natureza dos seres humanos. Irwin e Wynne (1996) apontam alguns pontos que aparecem comumente nesta relação entre expertise científica e público leigo e mobilizam materiais de divulgação científica. Em primeiro lugar, destacam a necessidade de que haja um público com maior conhecimento científico, uma vez que a ciência aparece permeando uma série de questões do cotidiano, de modo que as pessoas precisam se posicionar em algum dos lados dos debates estabelecidos. O que chama a atenção, para os autores, é a maneira como a ciência se encontra imbrincada nestas questões, uma vez que argumentos de ordem técnico-científica são mobilizados tanto pelo lado a favor, quanto pelo lado contrário, de uma questão polêmica (como exemplos podemos pensar no caso das usinas nucleares). É esta capacidade de estruturar (*framing*, no original) os debates cotidianos que chama a atenção. O conhecimento científico, portanto, seria portador de uma visão de mundo privilegiada e mais correta.

Deste modo, a relação entre expertise científica e público leigo se dá em torno de questões relativas à confiabilidade e credibilidade do conhecimento científico, conforme colocado por Fleck (2010), ao tratar da relação entre círculos esotéricos e exotéricos, e por Cassidy (2006), ao colocar que o engajamento no debate público pode funcionar enquanto estratégia para afirmar a legitimidade de uma ciência perante outra. Uma vez que os argumentos dos Pease são mobilizados em torno da ideia de sexos cerebrais, parece coerente supor que seu leitor presumido é um “sujeito neurológico”, a saber, um modo de compreender-se no mundo que implica que os neurônios, sinapses e neuroquímicos são explicativos de modos de agir. Um sujeito que vive sob o signo de uma neropolítica: “é em termos corporais que nossas verdades e destinos são imaginados” (ROSE:2011:20).

Conforme já discutido, o sujeito sobre quem algo é afirmado é um sujeito humano que está na natureza, e é isso que o permite ser universal. O sujeito para quem se fala é o sujeito cartesiano, alinhado com a uma verdade da natureza que pode ser controlada e sufocada pela cultura. Não há uma negação dos seres humanos enquanto seres culturais, mas há uma ideia implícita de que os contextos culturais humanos são elementos do ambiente, e essa é a forma através da qual eles atuam na natureza dos sujeitos: ativando ou não certas capacidades com as quais eles já vieram equipados. A comprovação das características naturais (e por naturais compreende-se inatas) se dá através do recurso da citação de pesquisas transculturais sobre comportamento humano. Um último ponto que deve ser frisado é que, tanto o sujeito

sobre quem algo é afirmado, quanto o sujeito para quem se afirma algo compartilham da ideia de que o principal motor da existência humana é a reprodução e perpetuação da espécie.

Se no século XIX os manuais voltados para relacionamentos afetivos falavam clara e abertamente sobre uma concepção moral de sociedade que precisava ser sustentada pelos hábitos de seus cidadãos, nos séculos XX e XXI o discurso apela diretamente para o sujeito, em sua própria autonomia e em seu mal estar individual, tomando como referência uma ciência que se pretende (ou sobre a qual é colocada essa presunção) neutra e apolítica. Disso não se depreende que não haja um projeto de sociedade nos livros de autoajuda, como espero ter sido capaz de demonstrar através da análise de sua produção dentro dos poderes que se configuram e se desenrolam na contemporaneidade. O tipo de comportamento que se espera conseguir dos sujeitos para os quais o discurso se dirige, contém em si o tipo de sociedade que se espera que esses sujeitos construam em suas vivências cotidianas. Nos Pease, as características atribuídas a esses sujeitos dizem sobre um contexto cujas condições de possibilidade se espera que continuem existindo, a saber: a confiabilidade na ciência, a concepção cartesiana do humano e a crença de que o indivíduo é ele mesmo responsável por seu desenvolvimento, aprimoramento e felicidade. Para além desses fatores, a obra dos Pease nos fala sobre uma sociedade que se pretende existir com valores pautados em uma divisão sexual do trabalho fortemente marcada e organizada em torno da capacidade reprodutiva de homens e mulheres.

Desta dissertação, muitas questões permanecem para serem pensadas, levando em conta que o campo da autoajuda e da autoajuda científica ainda permanece pouco explorado pela antropologia e demais ciências sociais. Espera-se que essa dissertação tenha ajudado a lançar luz sobre o fenômeno complexo não somente da autoajuda, mas também da divulgação científica.

REFERÊNCIAS ANALISADAS

BARTELS, Andreas , ZEKI, Semir. **The neural basis of romantic love.**
NeuroReport vol 11, n. 17, 2000.

_____. **The neural correlates of maternal and romantic love.** NeuroImage 21, 2004, pp 1115-1166

BUSS, David. *Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypothesis tested in 37 cultures.* Behavioral and Brain Sciences vol 12, 1989, pp 1-49.

DORNER, Gunter at al.. *Hormone-dependent brain development.*
Psychoneuroendocrinology, vol 8 n.2, 1983, pp 205-212.

_____. *Sexual differentiation of gonadotrophin secretion, sexual orientation and gender role behavior.* J, steroid Biochem, n. 4-6,1987, pp 1081-1087.

EKMAN, Paul e FRIESEN, Wallace e O'SULLIVAN, Maureen. *Smiles when lying.*
Journal of Personality and Social Psychology, vol 53, n. 3, 1988, pp 414-420.

ELLIS, Bruce e SYMONS, Donald. *Sex differences in sexual fantasy: an evolutionary psychological approach.* The Journal of Sex Research vol.27, n.4, 1990, pp 527-555.

HILL, Elizabeth, NOCKS, Helaine e GARDNER, Lucinda. *Physical Attractiveness: Manipulation by Physique and Status Displays.* Ethology and Sociobiology vol 8(2), 1987, pp. 143-154.

NETTLES, Daniel e POLLET, Thomas. *Partner wealth predicts self-reported orgasm frequency in a sample of Chinese women.* Evolution and Human Behavior 30(2), 2009, pp. 146-151.

_____. Correction to Pollet and Nettle (2009): “Partner wealth predicts self-reported orgasm frequency in a sample of Chinese women”. *Evolution and Human Behavior* 31, 2010, pp. 149.

PEASE, Allan e Bárbara. *A linguagem corporal do amor*. Rio de Janeiro, Sextante, 2012.

_____. *Como conquistar as pessoas*. Rio de Janeiro, Sextante, 2006

_____. *Como viver a dois*. Rio de Janeiro, Sextante, 2011

_____. *Desvendando os segredos da atração sexual*. Rio de Janeiro, Sextante, 2010.

_____. *Desvendando os segredos da linguagem, corporal*. Rio de Janeiro, Sextante, 2005.

_____. *Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* Rio de Janeiro, Sextante, 2000.

_____. *Por que os homens mentem e as mulheres choram?* Rio de Janeiro, Sextante, 2003.

_____. *Será que a gente combina?* Rio de Janeiro, Sextante, 2006.

SINGH, Devendra. *Body Weight, Waist-to-Hip Ratio, Breasts, and Hips: Role in Judgments of Female Attractiveness and Desirability for Relationships*. *Ethology and Sociobiology* 16(6), 1995, pp. 483-507.

_____. *Is thin really beautiful and good: Relationship between waist-to-hip ratio (WHR) and female attractiveness*. *Personality and Individual Differences* 16(1), 1994, pp. 123-132.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. *Melodrama comercial – reflexões sobre feminilização da telenovela*. Cadernos Pagu (19) 2002. Pp 171-194.

BRIZENDINE, Louann. *Como as mulheres pensam*. Rio de Janeiro. Campus Elsevier, 2006.

CASSIDY, Angela. *Evolutionary psychology as public science and boundary work*. Public Understand. of Sci. (15) 2006, pp. 175-205.

DARWIN, Charles. (1859) *The Origin of Species*. Ware, Hertfordshire, Wordsworth Editions Limited, 1998

De PAULA, Henrique. *Um olhar Antropológico sobre a Produção da Natureza Humana na Psicologia Evolucionista*. Monografia de conclusão de curso da Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2005

FAUSTO-STERLING, Anne. *Dualismos em duelo*. Cadernos Pagu. número 17/18, 2001/02. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>

FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Fabrefactum Belo Horizonte, 2010

HIRD, Myra. *Sex, Gender and Science*. . Houndmills, UK, Palgrave Mcmillan, 2005

ILLOUZ, Eva. *El consumo de la Utopia Romantica*. Katz Editoriales. Buenos Aires, 2009.

IRWIN, Alan and WYNNE, Brian (eds.). 1996. *Misunderstanding science? The public reconstruction of science and technology*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.1-11

JASANOFF, Sheila. 2004. *States of knowledge: the co-production of science and social order*. New York: Routledge. [Introduction: “The idiom of co-production”].

JORDANOVA, Ludmilla. *Sexual visions: images of gender in science and medicine between the Eighteen and Twentieth centuries*. The University of Wisconsin Press, 1989.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*. UNESP, São Paulo, 1997.

LORBER, J. *Believing is Seeing – Biology as Ideology*. In: WEITZ, R. **The politics of women’s Bodies** (ed), New York, Oxford University Press, 2003.

MOIR, Anne. JESSEL, David. *Brainsex: the REAL difference between MEN and WOMEN*. Londo, Michael Joseph, 1989.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2000, vol.8 (2).

NUCCI, Marina. *O sexo do cérebro: uma análise sobre gênero e ciência*. 6 Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, 2010.

OLIVEIRA, Geilson e MENDES, Marcília. *Manuais da felicidade: uma análise discursiva dos livros de autoajuda*. In XV congresso de ciências da comunicação na região nordeste – Mossoró – RN – 12 a 14/06/2013.

OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*. London: Routledge, 1994.

ROHDEN, Fabíola. *A construção da diferença sexual na medicina*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, volume 19, suplemento 2, 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800002

_____. *Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX*. Revista Horizontes Antropológicos, n17, 2002.

_____. *O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos*. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500007

_____. *O que se vê no cérebro: A pequena diferença entre os sexos ou a grande diferença entre os gêneros?* In MALUF, S. TORNQUIST, C. **Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas**. Letras contemporâneas, Florianópolis. 2010

_____. *Prescrições de gênero via autoajuda científica: manual para usar a natureza?* In Ciências na vida – Antropologia da ciência em perspectiva. Terceiro Nome. São Paulo, 2012, pp 229-251

ROSE, Nikolas. *Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital*. In SANTOS, L. RIBEIRO, P. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Instâncias e Práticas de Produção nas Políticas da Própria Vida**. FURG, Rio Grande, 2011

_____. *Powers of Freedom*. Cambridge University Press. 2004.

SALEM, T. *Manuais modernos de auto-ajuda: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro:1992.

SANTANA, Patricia. *Eu não sou de Vênus: uma análise do sexismo em livros de auto-ajuda*. Monografia de conclusão de curso da Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2007.

SCHÄFER, Lothar; SCHNELLE, Thomas. *Fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência*. In: Fleck, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte, Fabrefactum, 2010.

SCHIEBINGER, Londa. *Mamíferos, Primatologia e Sexologia*. In PORTER, , R. TEICH, M. **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade**. UNESP, São Paulo, 1997.

_____. Skeletons in the closet: The illustrations of the female skeleton in Eighteen-Century anatomy, In: GALLAGNER, C. E LAQUEUR, T. (ed) **The Making of the Modern Body**, L.A, London, University of California Press, 1987.

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos – métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Ed. Artmed: Porto Alegre, 2009.

VIANNA, Adriana. *Limites da menoridade: tutela, família e autoridade em julgamento*. Tese de doutorado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

WIJNGAARD, Marianne Van Den. *Reinventing the sexes: the biomedical construction of femininity and masculinity*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1997.

ANEXO I

Tabelas de livros mais vendidos encontradas no blog da editora Sextante, acessado através de seu *website*:

09/01/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão	21. Seja líder de si mesmo
2. A dieta dos 17 dias	22. Pais brilhantes, professores fascinantes
3. Nunca desista de seus sonhos	23. Meu pai fala cada m'rda
4. De volta à cabana	24. Não leve a vida tão a sério
5. Nietzsche para estressados	25. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
6. O monge e o executivo	26. A história
7. Os segredos da mente milionária	27. O que toda mulher inteligente deve saber
8. Por que os homens amam as mulheres poderosas?	28. Obrigado por existir
9. Não tenha medo de ser chefe	29. O poder da paciência
10. O poder do agora	30. Jesus, o maior líder que já existiu
11. 1000 lugares para conhecer antes de morrer	31. Espíritos entre nós
12. Você acredita em milagres?	32. Rafa
13. A vida quer é coragem	33. Transformando suor em ouro
14. Você é insubstituível	34. Nate volta a atacar
15. Jesus, o maior psicólogo que já existiu	35. Descubra seus pontos fortes
16. Pais inteligentes, enriquecem seus filhos	36. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
17. Dez leis para ser feliz	37. 1001 vinhos para beber antes de morrer
18. Desvendando os segredos da linguagem corporal	38. O dia em que Nate entrou para história
19. Salomão, o homem mais rico que já existiu	39. Aleph
20. Tudo sobre cinema	40. Tudo sobre arte

16/01/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão	21. A dieta dos 17 dias
2. Nunca desista de seus sonhos	22. Transformando suor em ouro
3. Nietzsche para estressados	23. Não tenha medo de ser chefe
4. De volta à cabana	24. O que toda mulher inteligente deve saber
5. O monge e o executivo	25. Pais inteligentes, enriquecem seus filhos
6. Por que os homens amam as mulheres poderosas?	26. Seja líder de si mesmo
7. Os segredos da mente milionária	27. Descubra seus pontos fortes
8. 1000 lugares para conhecer antes de morrer	28. Você acredita em milagres?
9. O poder do agora	29. Aleph
10. Pais brilhantes, professores fascinantes	30. Tudo sobre arte
11. Jesus, o maior psicólogo que já existiu	31. Quebre todas as regras
12. Você é insubstituível	32. Mil dias em Veneza
13. A história	33. O segredo de Luísa
14. Salomão, o homem mais rico que já existiu	34. Nate volta a atacar
15. Desvendando os segredos da linguagem corporal	35. O dia em que Nate entrou para história
16. Dez leis para ser feliz	36. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
17. Jesus, o homem mais sábio que já existiu	37. Obrigado por existir
18. A vida quer é coragem	38. Como se tornar um líder servidor
19. Tudo sobre cinema	39. Nietzsche para estressados
20. Não leve a vida tão a sério	40. Como fazer o amor dar certo

24/01/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. Nietzsche para estressados
3. De volta à cabana
4. O monge e o executivo
5. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
6. Os segredos da mente milionária
7. O poder do agora
8. Aleph
9. Você é insubstituível
10. Nunca desista de seus sonhos
11. Desvendando os segredos da linguagem corporal
12. Salomão, o homem mais rico que já existiu
13. A dieta dos 17 dias
14. Tudo sobre cinema
15. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
16. Pais inteligentes, enriquecem seus filhos
17. Transformando suor em ouro
18. Pais brilhantes, professores fascinantes
19. Dez leis para ser feliz
20. Rafa
21. Não tenha medo de ser chete
22. Seja líder de si mesmo
23. Tudo sobre arte
24. Descubra seus pontos fortes
25. A vida quer é coragem
26. A história
27. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
28. O que toda mulher inteligente deve saber
29. Não leve a vida tão a sério
30. A tríade do tempo
31. O dia em que Nate entrou para história
32. Nunca deixe de tentar
33. Bumerangue
34. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
35. Como se defender de ataques verbais
36. Nate volta a atacar
37. Espíritos entre nós
38. 1000 lugares para conhecer antes de morrer
39. O poder da paciência
40. O dom supremo

02/02/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. De volta à cabana
3. O monge e o executivo
4. Nunca desista de seus sonhos
5. A dieta dos 17 dias
6. Nietzsche para estressados
7. O poder da paciência
8. Você é insubstituível
9. Os segredos da mente milionária
10. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
11. A história
12. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
13. Desvendando os segredos da linguagem corporal
14. Pais brilhantes, professores fascinantes
15. Conversando com os espíritos
16. Não leve a vida tão a sério
17. Espíritos entre nós
18. Tudo sobre cinema
19. O poder do agora
20. Os segredos das mulheres inteligentes
21. Seja líder de si mesmo
22. A vida quer é coragem
23. Dez leis para ser feliz
24. Não tenha medo de ser chefe
25. Você acredita em milagres?
26. Pais inteligentes, enriquecem seus filhos
27. Veja como se faz
28. Salomão, o homem mais rico que já existiu
29. Rafa
30. 1000 lugares para conhecer antes de morrer
31. 1001 vinhos para beber antes de morrer
32. Obrigado por existir
33. Tudo sobre arte
34. Meu pai fala cada m'rdá
35. O que toda mulher inteligente deve saber
36. Como se tornar um líder servidor
37. Jesus, o maior líder que já existiu
38. Transformando suor em ouro
39. Jesus, o home mais sábio que já existiu
40. Aleph

06/02/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. Tenha um pouco de fé
3. De volta à cabana
4. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
5. Salomão, o homem mais rico que já existiu
6. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
7. O monge e o executivo
8. O que toda mulher inteligente deve saber
9. Nietzsche para estressados
10. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
11. Não leve a vida tão a sério
12. Nunca desista de seus sonhos
13. Os segredos das mulheres inteligentes
14. A história
15. Pais brilhantes, professores fascinantes
16. Os segredos da mente milionária
17. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
18. Você é insubstituível
19. Espíritos entre nós
20. O poder do agora
21. A vida quer é coragem
22. Dez leis para ser feliz
23. Seja líder de si mesmo
24. Desvendando os segredos da linguagem corporal
25. Onze minutos
26. A dieta dos 17 dias
27. Não tenha medo de ser chefe
28. O poder da paciência
29. Pais inteligentes, enriquecem seus filhos
30. Tudo sobre cinema
31. Meu pai falava cada m*rda
32. Como se tornar um líder servidor
33. Aleph
34. Tudo sobre arte
35. Descubra seus pontos fortes
36. Transformando suor em ouro
37. Rafa
38. Você acredita em milagres?
39. Obrigado por existir
40. A arte natural da sedução

13/02/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. De volta à cabana
3. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
4. O que toda mulher inteligente deve saber
5. Nietzsche para estressados
6. O monge e o executivo
7. Os segredos da mente milionária
8. Nunca desista de seus sonhos
9. Você é insubstituível
10. Pais brilhantes, professores fascinantes
11. A história
12. O poder do agora
13. A vida quer é coragem
14. Dez leis para ser feliz
15. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
16. Salomão, o homem mais rico que já existiu
17. Seja líder de si mesmo
18. Desvendando os segredos da linguagem corporal
19. Não tenha medo de ser chefe
20. Onze minutos
21. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
22. Curso intensivo sobre o amor
23. A dieta dos 17 dias
24. Como Deus cura a dor
25. Meu pai fala cada m*rda
26. Espíritos entre nós
27. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
28. Aleph
29. Como se tornar um líder servidor
30. O chamado de Jesus
31. Conversando com os espíritos
32. Tudo sobre cinema
33. Tudo sobre arte
34. Os segredos das mulheres inteligentes
35. Transformando suor em ouro
36. Você acredita em milagres?
37. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
38. Não leve a vida tão a sério
39. Descubra seus pontos fortes
40. 1001 cervejas para beber antes de morrer

23/02/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. Nietzsche para estressados
3. O monge e o executivo
4. Os segredos da mente milionária
5. Nunca desista de seus sonhos
6. A história
7. Você é insubstituível
8. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
9. O poder da paciência
10. Você pode ser feliz sem ser perfeita
11. De volta à cabana
12. Não leve a vida tão a sério
13. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
14. Desvendando os segredos da linguagem corporal
15. Pais brilhantes, professores fascinantes
16. Conversando com os espíritos
17. Os segredos das mulheres inteligentes
18. Espíritos entre nós
19. Transformando suor em ouro
20. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
21. O poder do agora
22. O chamado de Jesus
23. Salomão, o homem mais rico que já existiu
24. A tríade do tempo
25. Seja líder de si mesmo
26. A dieta dos 17 dias
27. Dez leis para ser feliz
28. Não tenha medo de ser chefe
29. Aleph
30. Como se defender de ataques verbais
31. Você acredita em milagres?
32. Como se tornar um líder servidor
33. Descubra seus pontos fortes
34. 1001 cervejas para beber antes de morrer
35. Tudo sobre cinema
36. O segredo de Luísa
37. Rafa
38. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
39. 1000 lugares para conhecer antes de morrer
40. O que toda mulher inteligente deve saber

27/02/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. Nietzsche para estressados
3. O monge e o executivo
4. Os segredos da mente milionária
5. A história
6. Nunca desista de seus sonhos
7. O poder da paciência
8. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
9. Você é insubstituível
10. Você pode ser feliz sem ser perfeita
11. Não leve a vida tão a sério
12. De volta à cabana
13. Desvendando os segredos da linguagem corporal
14. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
15. Conversando com os espíritos
16. Pais brilhantes, professores fascinantes
17. Os segredos das mulheres inteligentes
18. Espíritos entre nós
19. Transformando suor em ouro
20. O poder do agora
21. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
22. Salomão, o homem mais rico que já existiu
23. A tríade do tempo
24. Não tenha medo de ser chefe
25. A dieta dos 17 dias
26. Aleph
27. Seja líder de si mesmo
28. Como se defender de ataques verbais
29. Dez leis para ser feliz
30. Você acredita em milagres?
31. Descubra seus pontos fortes
32. Como se tornar um líder servidor
33. Tudo sobre cinema
34. O chamado de Jesus
35. O segredo de Luísa
36. Veja como se faz
37. Rafa
38. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
39. Obrigado por existir
40. 1000 lugares para conhecer antes de morrer

05/03/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O Alquimista
2. O diário de um mago
3. O X da questão
4. Como se defender de ataques verbais
5. Como viver a dois
6. Onze minutos
7. Aleph
8. O monge e o executivo
9. Nietzsche para estressados
10. De volta à cabana
11. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
12. Os segredos da mente milionária
13. A dieta dos 17 dias
14. A história
15. Nunca desista de seus sonhos
16. Desvendando os segredos da linguagem corporal
17. Salomão, o homem mais rico que já existiu
18. Você é insubstituível
19. O poder do agora
20. Uma pitada de coragem
21. Dez leis para ser feliz
22. Você acredita em milagres?
23. Pais brilhantes, professores fascinantes
24. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
25. O que toda mulher inteligente deve saber
26. Seja líder de si mesmo
27. Conversando com os espíritos
28. Um momento de meditação
29. Não leve a vida tão a sério
30. Não tenha medo de ser chefe
31. Faça o que tem de ser feito
32. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
33. Transformando suor em ouro
34. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
35. Espíritos entre nós
36. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
37. A vida quer é coragem
38. O segredo de Luísa
39. Nunca deixe de tentar
40. Tudo sobre cinema

12/03/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O Alquimista
2. O diário de um mago
3. O X da questão
4. Nietzsche para estressados
5. Como se defender de ataques verbais
6. Como viver a dois
7. O monge e o executivo
8. De volta à cabana
9. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
10. Onze minutos
11. Aleph
12. Os segredos da mente milionária
13. A história
14. A dieta dos 17 dias
15. Nunca desista de seus sonhos
16. O poder do agora
17. Você é insubstituível
18. Desvendando os segredos da linguagem corporal
19. Uma pitada de coragem
20. Salomão, o homem mais rico que já existiu
21. Dez leis para ser feliz
22. Seja líder de si mesmo
23. Você acredita em milagres?
24. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
25. Pais brilhantes, professores fascinantes
26. Nate está com tudo
27. O que toda mulher inteligente deve saber
28. Transformando suor em ouro
29. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
30. Um momento de meditação
31. Faça o que tem de ser feito
32. Não leve a vida tão a sério
33. O segredo de Luísa
34. Não tenha medo de ser chefe
35. A vida quer é coragem
36. Conversando com os espíritos
37. Nunca deixe de tentar
38. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
39. 1000 lugares para conhecer antes de morrer
40. Espíritos entre nós

26/03/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. O monge e o executivo
3. Transformando suor em ouro
4. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
5. Jesus, o homem mais rico que já existiu
6. O que toda mulher inteligente deve saber
7. Nietzsche para estressados
8. Não leve a vida tão a sério
9. Por que os homens mentem e as mulheres choram?
10. Nunca desista de seus sonhos
11. A dieta dos 17 dias
12. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
13. De volta à cabana
14. O poder da paciência
15. Os segredos da mente milionária
16. Tenha um pouco de fé
17. Pais brilhantes, professores fascinantes
18. Você é insubstituível
19. Os segredos das mulheres inteligentes
20. A história
21. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
22. O segredo de Luísa
23. O poder do agora
24. Faça o que tem de ser feito
25. Não tenha medo de ser chefe
26. Desvendando os segredos da linguagem corporal
27. Salomão, o homem mais rico que já existiu
28. Seja líder de si mesmo
29. Dez leis para ser feliz
30. Reinvente sua empresa
31. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
32. Sabor do Brasil
33. Descubra seus pontos fortes
34. O poder da adaptação
35. Uma pitada de coragem
36. Tudo sobre cinema
37. 1001 cervejas para beber antes de morrer
38. Como se defender de ataques verbais
39. Nate está com tudo
40. Checklist

02/04/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. O monge e o executivo
3. Transformando suor em ouro
4. Para e será atendido
5. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
6. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
7. Nietzsche para estressados
8. O que toda mulher inteligente deve saber
9. Não leve a vida tão a sério
10. Nunca desista de seus sonhos
11. Por que os homens mentem e as mulheres choram?
12. De volta à cabana
13. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
14. O poder da paciência
15. Homens gostam de mulheres que gostam de si mesmas
16. A dieta dos 17 dias
17. Tenha um pouco de fé
18. Pais brilhantes, professores fascinantes
19. Os segredos das mulheres inteligentes
20. Você é insubstituível
21. Os segredos da mente milionária
22. Oscar Wilde para inquietos
23. A história
24. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
25. O poder do agora
26. Dez leis para ser feliz
27. Seja líder de si mesmo
28. A doce vida na Úmbria
29. O segredo de Luísa
30. Não tenha medo de ser chefe
31. Desvendando os segredos da linguagem corporal
32. Reinvente sua empresa
33. Salomão, o homem mais rico que já existiu
34. Descubra seus pontos fortes
35. Faça o que tem de ser feito
36. 1001 cervejas para beber antes de morrer
37. O chamado de Jesus
38. Como se tornar um líder servidor
39. Uma pitada de coragem
40. Você acredita em milagres?

16/04/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O monge e o executivo	21. Faça o que tem de ser feito
2. Os segredos da mente milionária	22. Os sonhos do meu bebê
3. Por que os homens amam as mulheres poderosas?	23. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
4. O X da questão	24. Treinador
5. Nietzsche para estressados	25. Aleph
6. Não tenha medo de ser chefe	26. Você é insubstituível
7. De volta à cabana	27. Transformando suor em ouro
8. Desvendando os segredos da linguagem corporal	28. Sabor do Brasil
9. Salomão, o homem mais rico que já existiu	29. Pais brilhantes, professores fascinantes
10. Descubra seus pontos fortes	30. Assuntos pendentes
11. Nunca desista de seus sonhos	31. Seja líder de si mesmo
12. Espíritos entre nós	32. Dez leis para ser feliz
13. Pais inteligentes enriquecem seus filhos	33. A tríade do tempo
14. Consiga o que você quer	34. A doce vida de Úmbria
15. Laços de amor eterno	35. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
16. A história	36. A dieta dos 17 dias
17. O segredo de Luísa	37. Oscar Wilde para inquietos
18. O poder do agora	38. Jogando para vencer
19. Nunca deixe de tentar	39. O que toda mulher inteligente deve saber
20. A linguagem corporal do amor	40. A vida quer é coragem

23/04/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O monge e o executivo	21. Faça o que tem de ser feito
2. Os segredos da mente milionária	22. Os sonhos do meu bebê
3. Por que os homens amam as mulheres poderosas?	23. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
4. O X da questão	24. Treinador
5. Nietzsche para estressados	25. Aleph
6. Não tenha medo de ser chefe	26. Você é insubstituível
7. De volta à cabana	27. Transformando suor em ouro
8. Desvendando os segredos da linguagem corporal	28. Sabor do Brasil
9. Salomão, o homem mais rico que já existiu	29. Pais brilhantes, professores fascinantes
10. Descubra seus pontos fortes	30. Assuntos pendentes
11. Nunca desista de seus sonhos	31. Seja líder de si mesmo
12. Espíritos entre nós	32. Dez leis para ser feliz
13. Pais inteligentes enriquecem seus filhos	33. A tríade do tempo
14. Consiga o que você quer	34. A doce vida de Úmbria
15. Laços de amor eterno	35. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
16. A história	36. A dieta dos 17 dias
17. O segredo de Luísa	37. Oscar Wilde para inquietos
18. O poder do agora	38. Jogando para vencer
19. Nunca deixe de tentar	39. O que toda mulher inteligente deve saber
20. A linguagem corporal do amor	40. A vida quer é coragem

18/06/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. Nietzsche para estressados
3. O monge e o executivo
4. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
5. Consiga o que você quer
6. Nunca desista de seus sonhos
7. Oscar Wilde para inquietos
8. De volta à cabana
9. Os segredos da mente milionária
10. O poder do agora
11. Obrigado por existir
12. Os segredos dos casais inteligentes
13. Desvendando os segredos da linguagem corporal
14. Anderson Spider Silva
15. Você é insubstituível
16. Equilíbrio e resultado
17. Seja líder de si mesmo
18. A fé nos negócios
19. Como se defender de ataques verbais
20. Fazendo as pazes com a vida
21. Salomão, o homem mais rico que já existiu
22. Transformando suor em ouro
23. Dez leis para ser feliz
24. A dieta dos 17 dias
25. Laços de amor eterno
26. O segredo de Luísa
27. Verônica decide morrer
28. Faça o que tem de ser feito
29. A tríade do tempo
30. 1001 cervejas para beber antes de morrer
31. Tudo sobre arte
32. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
33. Nate está com tudo
34. Pais brilhantes, professores fascinantes
35. Tudo sobre cinema
36. A arte natural da sedução
37. Não tenha medo de gerenciar seu chefe
38. O poder da paciência
39. Descubra seus pontos fortes
40. A doce vida na Úmbria

03/07/2012

★ TOP 40 SEXTANTE

1. O X da questão
2. Nietzsche para estressados
3. O monge e o executivo
4. Nunca desista de seus sonhos
5. Você é insubstituível
6. De volta à cabana
7. Os segredos da mente milionária
8. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
9. Nate vai para o tudo ou nada
10. Dez leis para ser feliz
11. Os segredos dos casais inteligentes
12. Salomão, o homem mais rico que já existiu
13. Oscar Wilde para inquietos
14. O poder do agora
15. Pais brilhantes, professores fascinantes
16. Obrigado por existir
17. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
18. Nunca deixe de tentar
19. Anderson Spider Silva
20. Consiga o que você quer
21. Espíritos entre nós
22. Transformando suor em ouro
23. A dieta dos 17 dias
24. Seja líder de si mesmo
25. O que toda mulher inteligente deve saber
26. Não tenha medo de ser chefe
27. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
28. O poder da paciência
29. Como se defender de ataques verbais
30. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
31. Não tenha medo de gerenciar seu chefe
32. Como se defender de ataques verbais
33. 1000 lugares para conhecer antes de morrer
34. Laços de amor eterno
35. Pais inteligentes enriquecem seus filhos
36. Nate está com tudo
37. O dia em que Nate entrou para a história
38. A linguagem corporal do amor
39. Nate volta a atacar
40. Equilíbrio e resultado

★ TOP 40 SEXTANTE

11. O X da questão
2. Nietzsche para estressados
3. De volta à cabana
4. Salomão, o homem mais rico que já existiu
5. O monge e o executivo
6. Por que os homens amam as mulheres poderosas?
7. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?
8. O que toda mulher inteligente deve saber
9. Jesus, o homem mais sábio que já existiu
10. Não leve a vida tão a sério
11. Nunca desista de seus sonhos
12. Os segredos da mente milionária
13. Pais brilhantes, professores fascinantes
14. A história
15. Jesus, o maior psicólogo que já existiu
16. Os segredos das mulheres inteligentes
17. Aleph
18. Você é insubstituível
19. Espíritos entre nós
20. O poder do agora
21. Tudo sobre cinema
22. Desvendando os segredos da linguagem corporal
23. Pais inteligentes, enriquecem seus filhos
24. A dieta dos 17 dias
25. Dez leis para ser feliz
26. Rafa
27. Não tenha medo de ser chefe
28. Seja líder de si mesmo
29. Transformando suor em ouro
30. Tudo sobre arte
31. O poder da paciência
32. A vida quer é coragem
33. A tríade do tempo
34. Bumerangue
35. O dia em que Nate entrou para história
36. Nunca deixe de tentar
37. Como se defender de ataques verbais
38. O Dom supremo
39. 1000 lugares para conhecer antes de morrer
40. Obrigado por existir

ANEXO II

Lista completa de autores catalogados através da contagem do número de vezes mencionados em cada livro individualmente e em toda a obra.

1. Albert Mehrabian e Ray Birdwhistel
2. Albert Scheflen
3. Anne Moir
4. Andreas Bartels e Semir Zeki
5. Arthur Aron, Helen Fisher e Lucy Brown
6. Bruce Ellis e Donald Symons
7. Daniel Nettle e Thomas Pollet
8. David Buss
9. Desmond Morris
10. Devendra Singh
11. Eckhard Hess
12. Elizabeth Hill, Helaine Nocks e Lucinda Gardner
13. Estudo Wharton
14. Gunther Dornier
15. Paul Ekman
16. Robert Provine
17. Robert Sommer
18. Raquel e Rubem Gur